

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Leopoldo Nogueira e Silva

**TELEJORNAIS E CRIANÇAS NO BRASIL:
A PONTA DO ICEBERG**

Florianópolis
2011

Leopoldo Nogueira e Silva

**TELEJORNALIS E CRIANÇAS NO BRASIL:
A PONTA DO ICEBERG**

*Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação.
Orientadora: Profa. Dra. Monica Fantin*

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

S586t Silva, Leopoldo Nogueira e.

Telejornais e crianças no Brasil [dissertação] : a
ponta do iceberg / Leopoldo Nogueira e Silva ; orientadora,
Monica Fantin. – Florianópolis, SC, 2011.
1 v. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Telejornalismo – Crianças . 3.
Telejornalismo - Brasil. 4. Televisão e crianças. I. Fantin,
Monica. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa
de Pós-Graduação em Educação. III. Título

CDU 37

Leopoldo Nogueira e Silva

TELEJORNALISMO PARA CRIANÇAS NO BRASIL: A PONTA DO ICEBERG

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 06 de dezembro de 2011.

Profª Célia Regina Vendramini, Dra.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Monica Fantin, Dr.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Francisco José Castilhos Karam, Dr.
Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª. Inês Sílvia Vitorino Sampaio, Dra.
Examinador
Universidade Federal do Ceará

Profª. Lúcia Schneider Hardt, Dra.
Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Pier Cesare Rivoltella, Dr.
Examinador
Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano

Profª. Gilka Girardello, Dra.
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª. Telma Anita Piacentini, Dra.
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade Federal de Santa Catarina

À Elaine Tavares,

Jornalista da Libertação,

A menina mais criança que já encontrei nessa vida, a louca varrida nas poeiras de tantos caminhos, processada e terrorista marginalizadíssima nas margens, nas estradas secundárias, nas ilhas, nas minas, nas piraporas, sacipererecando nos bambuzais, animações e manifestações da vida, nas jornadas estrelares feito etéia, pobre e nojenta... a mineiríssima!

A você, Accla de Abya Yala, que me apontou com o dedo, como bússola viva, indicando que “nuestro Norte es el Sur”... andiníssima!

Não é à toa que você está em cada linha, entrelinha e hiperlinha na alma desse texto, Super-Ser-Mulher nietzscheniana... franciscaníssima!

Eu te dedico este trabalho, Sá! A você que rotularam de “só isso, jornalista?”... a gauche y gauchíssima!

Agradecimentos

À CAPES na concessão da bolsa REUNI, que me permitiu realizar o direito e o sonho de estudar...

À minha pacientíssima professora, supervisora e orientadora nesta jornada de anos e anos, Profa. Monica Fantin, que com seu zelo, apoio, crítica e dedicação extrapolando as formalidades da academia com-partiu comigo de seu “pão”, e mais ainda de seu elegante conhecimento, me instigando a transcender no aspecto, forma, conteúdo e arte desta pesquisa em busca de “utopias possíveis”, “transgressões e rupturas”. Você me inspirou mais do que imagina e, lhe atribuo com satisfação o fato de, em se fazendo tão presente em meus momentos como “divisora de águas” com a Mídia-Educação, foi também o meu “Natal” para o Outro Mundo e, deu essa Luz para seguir no Barco do meu Destino...

Aos respeitadíssimos professores de minha banca de qualificação que se dispuseram gentilmente a me co-orientar neste trabalho e nessa viagem, re-partindo mapas, roteiros e atenções para que eu não perdesse o rumo, Lúcia Schneider Hardt, Francisco Karam e Pier Cesare Rivoltella que navegou mares, montanhas e o ciberespaço para se re-unir conosco...

Aos entrevistados sujeitos, homens e mulheres que abrilhantaram a pesquisa com sua participação, Ana Carolina Temer, Célia Maria Ladeira Mota, Inês Sílvia Vitorino Sampaio, Lauren Colvara, Laurindo “Lalo” Leal Filho, Marcus Tavares, Pedrinho Guareschi, Pedro Andrade Caribe, Rosália Duarte... a gentileza de Davi Pires DEJUS/MJ ao esclarecer questões via e-mail, e ao apoio que recebi de Myckon Werico Freitas Macedo no contato com alguns entrevistados... aos convidados para a participação na pesquisa que não responderam, mas cujo silêncio me foi tão ou mais revelador que as (im)possíveis palavras...

Paula Saldanha, essa bem-aventureira que foi com suas “Expedições” percorrer o “impávido colosso” Brasil, abriu caminhos, falava às crianças, dialogava com elas. E, creio eu com a graça de uma Accla - sacerdotisa Inca guardiã da chama sagrada do Sol Inti -, com a sabedora de um Amawta - o Inca poeta/cantador/ guardador das histórias de seu povo -, com a delicadeza de uma bailarina, com o

cuidado atencioso de uma pedagoga, com a ética e profundidade de uma jornalista de vanguarda, sabedora de suas responsabilidades na relação que estabelecia com o público que lhe comparecia atento para saber “o que foi, como foi, porque foi” com toda aquela paixão e arte que fluía dela pela tela. Por sua participação na pesquisa por seus documentários, por tudo o que você repartiu conosco desde os tempos do Telejornal Globinho, e que acredita seja possível fazer agora um telejornal para crianças com temas atuais, como foi e porque foi naquela época, humildemente tiramos o chapéu, de coco, e o jogamos no ar...

Ao Dirceu Rabello, “o” Macaco Loiola, co-apresentador do Telejornal Globinho e suas macaquices telejornalísticas...

Aos autores citados e estudados que me co-orientaram nessa jornada da pesquisa...

Ao enigmático Professor e inspirador Adelmo Genro Filho (In memoriam), revirador de pirâmides não deixado no Jornalismo nas prateleiras exotéricas por seus companheiros de luta e profissão...

Aos sábios libertadores em tudo, por suas visões de, e palavras no mundo, Maurício Tragtemberg, Paulo Freire, Enrique Dussel Leonardo Boff..

Ao Rector Luiz Fernando Sarango Macas - O Amawta do Equador – que com sua nobreza simples e profunda me recebeu em caminhos novos para chegar à Casa da Sabedoria...

À Profa. Rosa Maria Torres que me inspirou a Outra Educação e Outra Política...

Eu os abraço, vocês - sábios - que tantas vezes são relegados ao mais desimportantes lugares nas pirâmides dos saberes na Pedagogia, na Educação e Comunicação...

Aos professores da UFSC, PPGE, Colégio de Aplicação e CED, em especial Abel, Jucirema, Célia, Olinda, Lucídio, Ione, Maria Hermínia, Suze, Diana, Ticiane, Rose, Clarícia, Ana Cláudia, Miro, Maria Helena, Marta, Beatriz, Lucena, Michelle, e ao Ari (In memoriam), Romeu, Lísia, Teresinha, Josiane, Isabel, Sandra, Mariano,

Aceli, Maria Elza, Cátia, Kátia e Aline, que me apoiaram a ser um excelente Pedagogo ao longo dos anos...

À Sônia, Bethânia e Patrícia da Secretaria do PPGE; Fátima, Edinete e Jorge da Secretaria do Curso de Pedagogia; Dirce no EED; Narcisa, Raquel e amigos da BU; Helô no Colégio de Aplicação e, Janaína no REUNI/UFSC pela sempre atenciosa gentileza na acolhida, carinho, palavras e gestos de ânimo e encorajamento...

Aos professores-formiga Leandro, Alessandra, Ida Mara, Wladimir dando seu voto de confiança ao postulante a mídia-navegador...

À desbravadora à frente na proa dos navios da Imaginação, verdadeira e-levadíssima “Leoa da Barca” contadora de histórias, que cutuca com sua vara á guisa de espada os céus estrelados para que seu brilho caia sobre nós inspirando... Profa. Gilka Girardello, para quem eu suavemente tiro o meu chapéu feito de jornal, estendendo minha capa à praia para que chegue pisando ao Outro Continente descoberto...

À inspirantíssima e navegantíssima barqueira, nobre dama das brincantes patrícias bonecas da história da Arte e do Museu vivo do Brinquedo, Profa. Telma Piacentini, para quem eu tiro reverentemente o chapéu de coco...

A todos os nicameleônicos indos e vindos colegas de turma, de estudos e esforços na investigação participativa que se fizeram amigos no NICA, Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte...

Aos colegas do IELA que me receberam e apoiaram, mostrando-me outros horizontes do pensamento, Nildo, Beatriz, Raquel, Rampinelli, Alvim, e à Rata que está lá embaixo e em cima, Mirela, Dilceane, Josiane, Fiorella, Pablo, Guadalupe, Edgard, Capela, Lauro... à Miriam e Jussara, Pobres & Nojentas. Aos insurgentes do Serviço Social, da Economia e do Coletivo 21, do DCE Boas Novas, e amigos do Assim Assado, além do inesquecível Presidente de Honra do “Cãoletivo 1º. de abril”, Che Catatau...

E, desde minha meninice belorizontina... Aos meus avós Heraclides e Maria da Glória (Nhazinha), Minervino e Andrezina; aos

tios-avós Cocota, Dedeia e Tio Nego (In memoriam) lendo minha mão de defensor dos povos; aos meus tios Antônio e Terezinha por todas as fitinhas que reúnem em amor; Didi e Lúcia (In memoriam), Naná (In memoriam) e a torcida do Atlético, Hélio e Nicinha, Celso (In memoriam) e Haydée, Edgard e Eunice, Eurípedes (In memoriam) e Teresinha, Odete (In memoriam), Nadir e Lurdes, Geraldo e Herondina (In memoriam), Joaquim e Enedina (In memoriam), Eder e Santinha (In memoriam), à tia Enoe e Luís Walter (In memoriam), Aparecida e Hilton, Terezinha e Renato (In memoriam), Nonô e Lea...

As Lucis/luzes de minha vida... A Mãe Lucy que me deu à Luz neste mundo, que foi e é Luz pela Jornada; a Mãe Elizabeth, Flor de Liz e Luz que me deu aos Jardins; Raimunda Luci, Yashira, que me enfranciscanizou de vez; Lucimar Bello que me com-partilhou e me vestiu com suas artes quando eu estava nu... A vocês que me deram telas, lápis, pincéis e tintas, me dando tantos Belos Outros Horizontes e carinhos... e à Lucy, Mãe Africana de todos nós...

Aos meus pais Paulo, Luciano e João (In memoriam)...

Aos meus irmãos e irmãs, Maria Cláudia, Luiz Paulo, Anderson, Luciana, Gabriela e seus filhos, Ana Paula, Gabriel, Carol, Raissa, Rafael e Gabriel; e ao meu cunhado Ricardo...

Aos primos dos quais tenho muitas saudades... Guto e Ângela, Anna, Juca e Isabela, Cleber, Luciana (In memoriam); Maucha e Luiz, Bitiza e Adair, Márcio (In memoriam); Ricardo, Marcelo, Glória e Zé, Haroldo, Tica; e aos seus filhos, primos que “cuidei”, Priscilla, Anna Tereza, Luiza, André e Henrique que eu queria cuidar mais; Luciana, Bibi, Mariana; Fernando, Marcinho, Rodrigo... e Dudu, Vanessa, Deborah, Glória, Alex, Rose Ana, Paulo Afonso, Renato Luís, Reginaldo, Patrícia, Jane, Paulo, Teleco, Neném, Tito, Vitória, June, Paulinho, José Alberto, Lúcia, Regina, Mônica, Luizinho, Valtinho, Rebecca, Bethsabá, Desirée, Nathan, Josias, Edgarzinho, Cíntia, Valéria, Simone, Elaine, Gustavo, Luiz Otávio, Darwin, Davidson, Dennis, Miriam Lúcia, Ana Lúcia, Luiz Carlos e Vera Lúcia...

Aos professores desde a minha infância e juventude em Belo Horizonte, lembrados nas pessoas de Dona Stella Barcellos Gonçalves (In memoriam), Nelly, Nancy, Leda, Beatriz, Tetê, Aparecida, Marta e Marília do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Dona Helena da

cantina; ao Prof. Bacil do Colégio Santo Agostinho; Marília e Irmã Cidinha do São Domingos de Araxá; Profa. Ana do Marista de Patos de Minas; Monsenhor Fleury e Eurípedes Novelino (In memoriam); aos Irmãos Ladislau, Aureliano, Gentil, Claudino, Sulpício e Aleixo (In memoriam) da Congregação Marista...

Aos amigos e às crianças da Cidade da Fraternidade, da OSCAL, em Alto Paraíso de Goiás e aos dedicados companheiros de Nosso Lar; aos amigos do Grupo Espírita Paulo de Tarso...

Aos saudosos colegas do Jornal Primeira Hora de Uberlândia, em especial á Valéria; e do Diário da Manhã em Goiânia...

Aos colegas da Prefeitura Municipal de Uberlândia, Gigi, Olívia Bonga, Cláudio, Marcão, Billy, Geninho, Sandra, Consuelo, Dr. Flávio, Daldy, Afonso...

Aos professores da Universidade Federal de Uberlândia, Edmar, Terezinha, João-Francisco, Mercado, Bia, Fleuri, Vera, Nestor, Liliam, Leila; e à Elza, Ângela, Edmilson e companheiros da DIRBI...

Aos colegas do CEVIC/SC, em especial ao Dr. Boaventura Prado e Daniela Silveira...

Aos amigos da BU e AGECOM/UFSC que me receberam na chegada à Ilha...

Aos meninos e meninas que conheci ora em breves, ora em profundos momentos de face a face, e pelos livros, revistas, televisão, páginas de jornais, telas do cinema e sobretudo quando me apareceram e inspiraram em sonhos... Ao Menino Francisco e à Menina Clara de Assis, Sidarta, Saulo, Gamaliel, Estêvão, Abigail, Alcione, Mark Twain, Irmãos Grimm, Rousseau, Pitágoras, Sócrates, Platão, Krishnamurti, Comenius, Freinet, Pestalozzi, Montessori, Kardec, Friedrich Nietzsche, Vivaldi, Schopenhauer, Jung, Stefan Zweig, Chopin, Vincent Van Gogh, Gauguin, Matisse, Picasso, Mondrian, Charles Chaplin, Bahá'u'lláh, Arthur C. Clarke, Stanley Kubrik, Carl Sagan, Júlio Verne, Orson Welles, Teilhard de Chardin, Steven Spielberg, Roseli von Sass, Erik von Däniken, Hess, Monteiro Lobato, Lúcia Casassanta Chico Xavier, Humberto de Campos, André Luiz, Eurípedes Barsanulfo, Lua Cheia, Ana Cristina, José Antônio, Naira, Antipaj e Wanka, Dr. Hansen, João

Nunes Maia, Miramez, Wallace Leal, Luiz Sérgio, Enoque, Sarita e os Raiozitos de Sol, Pietro Ubaldi, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Rabindranath Tagore, Gibran, Quintana, Mestre Tibetano, Alice Bailey, Helena Blavatsky, Frei Betto, Pierre Weil, Marisa Varela, Roberto e Maria Crema, Trigueirinho, e às caravanas dos Amigos/Irmãos das Estrelas Cristalinas, dos planetas encristalados...

Aos os que estiveram comigo por todo esse Doloroso, mas Amoroso Dia da Crucificação Celeste, que durou os anos necessários antes que raiasse as Alegrias do Terceiro Dia...

À Menina mais emenizada dos ajardinados e serenos lagos dos belos horizontes das Geraes, que sabe “traduzir em flores” a língua das Estrelas, Célia Laborne Tavares...

À Albertina de Castro Fernandes que me deu as mãos, histórias, pão e vinho e sua sabedoria de quem tem Olhos Que Contemplam Os Céus, que repartiu naquele momento de primeira iniciação...

Ao Alan Oken que com-partiu comigo, ao longo dos Silêncios dos anos, a sabedoria das chaves para a revelação da Alma libertada na Cruz Cardeal refulgindo no mais alto Monte da Terra...

A Flávio Venturini que me bem-aventurinou tantas vezes; Tunai, que “caiu do céu com olhos de cristal”; Milton Nascimento, Animã que “às vezes voamos juntos pedras superpreciosas”, “vento do meu sul e “semente de outra história”; Taiguara, libertando as crianças; Fernando Brant, Márcio e Lô Borges, ouro das Minas Geraes da América do Sul; Paulinho Pedra Azul e mil bem-te-vis; Zizi Possi por tanta “Paz”; Pena Branca e Xavantinho debulhando o trigo; Ivan Lins, tantas vezes “nas ruas, quebrando as algemas”; Tetê Espindola escritíssima nas estrelas; Eduardo Dusek, acordando cheio de bode, abrindo a janela e pasmado; Leila Pinheiro, “uma voz no vento”, uma voz no tempo, carinho na alma”; Elis Regina, verdadeiro brilhante; João Bosco, desequilibrando tudo; Boca Livre em todas as suas toadas; Clara Nunes chacoalhando na minha canela; Gonzaguinha, bonito, bonito, bonito; Rita Lee e suas manias bailando comigo; Vander Lee, “podando meu jardim” da “alma nua”; Donna Summer sharing her Four Seasons of Love e todos os belisquetes dos anos 70/80; Mirna

Grzich apresentando toda uma falange de extraordinários músicos; Jean Carlo e Anderson Negão com as melhores pistas de todos os tempos; Jola Eidos, and his big “Little Things”; Dinka, with songs on “road to perdition” of my soul in her music, e essa nova geração progressivamente house... Casa...

Aos saudosos amigos e amigas pelos caminhos, Pedro Américo, Márcio Trad, David de Pádua, André Viana, Cidinha dei Focolari, Rosângela, Regina, Rogério, Jerônimo, Fernando, Gustavo, Guilherme, Paula, Damarista, Wellington Lemos, Beto, André, Constantino, Eneida, Alexandre Vieira, Hélio, Nádia, Túlia, Eliane, Dona Inês, Ângela Cristina, Dona Augusta, Seo Militino, Dona Glória, Arthur e Irene, Veneranda, Dr. Nelson e Zahia, Gisela, Eider, Heloísa, Warley, Priscila, Eliane, Meire, Roberto, Ana Luíza, Sandra, Paulinho Braga, Lúcia, Paulo, Wellington Aparecido, Joel Machado, Joel Coelho, André Serra e Túlia, Nando, Alexandre Veloso, Carlos, Dino, Chico, e Giorgio Cha-cha-cha...

À família querida e saudosa da terra de Nossa Senhora da Luz, Edno, Kelly e Bruna, Neusa e Júlio, Victor e Nilceu, Dayanne, Dennis - O Extraordinário Amigo Macaco; e também à Celina e Robson, Kenji, Mateus, Marli, Altair e Gabriel...

À Beth que tantas e carinhosamente vezes tratou de meus pés cansados da jornada...

Ao Ederaldo me recompondo a coluna com sua alegria...

Ao sincero carinho recebido pelo “Seo” Ademir, Márcia, Felipe, Filippe e tantos outros sorrisos nos “buzus” apertados da vida...

Ao Rubens e José, Eron e Iram, Neuri e Adriano, me apanhando aqui e ali com atenção e cuidado quando eu mal andava de muletas em busca de consolo, tratamento, farmácias, hospitais, indo e vindo para as orientações...

Às gentis e vizinhânticas Salete, Maura, Márcia, Fátima, Angelita, Terezinha e Dona Esmeralda (In memoriam), e ao Peri...

Aos amigos e amigas de dias e noites dando “combustível” à vida, Mara, Seu Francisco e Noel e, também à Lorena, Monica, Vanessa e os guris do Nienkötter...

Aos amigos do Tiannes que repartiram comigo o pão das alegrias ao longo dos anos...

Aos abnegados amigos do Núcleo Espírita Nosso Lar e do Centro Espírita Seara do Amor que me ajudaram a caminhar de corpo, cabeça, coração e mente erguidos novamente para o Ser Superior...

Agradeço “às crianças que já o foram e já não são”, que se esqueceram de vir a ser, querendo que se re-descubram, se queiram a si mesmas, se libertem para a Criança que um dia habitou dentro de nós...

Às enigmáticas crianças do Colégio de Aplicação da UFSC, que exercem sua tele-jornalidade aos trancos e barrancos, sobem em árvores, brincam, sorriem, apesar de seus apenas 20 minutos de recreio...

Ao querido Henry, Camelo Branco, no Amor e na luta no jornalismo pelo Bem Viver... na saudade...

Ao Michael, na amizade das estrelas da Nova Atlântida emergida...

Ao Eduardo, Menino da Trombeta franciscante doido de Amor cuidando dos doidos do mundo...

Ao Nando, tradutor-porta-voz das Estrelas na Canção da Roda Celeste, Condor que se fez Águia, para ser um só neles como Colibri Dourado...

Ao Daniel DuVerney, nas belas imagens que avec votre sourire traz ao mundo...

Ao Federico, desenhador musicante das mais belas palavras e composições...

Ao Pablo, extrañado das montanhas no berço dos rios de prata aos pés dos Andes...

Ao Julio re-construindo com sonora gargalhadas novos jardins para as escolas...

Ao JotaPê passarinhando pelas lentes numa outra sensibilidade e Outro Olhar...

Ao André, médico das danças que ajuda a curar através da sua arte...

Ao Meu re-encontrado Xará, soulmoleculando por chaplinices entre Carlito e Leopoldo, pó-ético, baquetandoe unindo pontos, dedos, estrelas, chakaneando libertário, dois patinhos nadando no Porto dos Patos em Meimbipe... Salve Jorge!

Ao Gutemberg, artista amoroso comungando sorrisos em suas danças com pernas de pau muito além do agreste, pra lá com as Estrelas...

Ao 13º. Amigo que há-de- vir no final de todos os calendários e início de Outro Tempo/Espaço/Mundo do próximo Pachakuti e Ano Galático...

Àquela Criança que veio ao meu reencontro para a travessia da Ponte do Arco-Íris, e me estendeu Suas mãos, feridas, mas corajosas, cantantes e cheias de poesia em forma de asas da Paz. Secando minhas lágrimas me re-encantou por seus olhos e sorrisos cheios de ternura, firmou comigo pés, corpo, cabeça e Alma para a outra vida da mais perfeita, iluminada, brincante e simples Alegria... daquela que pula feito menino-macaco nos galhos da Árvore da Vida... Muito, muito, muito obrigado...

Eu, que estava perdido no mundo - "triste e só no meu caminho" - olhei para o céu junto Contigo, sabendo que nós somos e sempre seremos Um, voando com os astros na Música das Esferas em F Minor, na pauta do coração...

Você me sorriu com o olhar mais bonito do mundo e, com seu jeito de Menino Arteiro, curioso, chegou de mansinho tocando meu coração para curar minha Alma. Eu Criança, te espero Amor/Amigo/Irmão "à beira do lago quieto" onde "o lótus branco se

abrirá” neste tempo de belezas pra gente dançar e brincar voando de mãos dadas por sobre os galhos daquela Árvore sonhada, em Linha de Ascensão...

E, sem palavras que expressem minha gratidão aos amigos mais amados e queridos tão dentro do coração, reencontrados pelo tempo/espço... nós que “devemos um ao outro o Amor recíproco”... todos os dias morro literalmente de saudades... Izabel, Ernesto, Andrea, Aninha, Jayson, Márcia, Rodrigo...

Et, Thérèse, ma mère bien-aimée des étoiles et ses cinq petits éternels enfants ... pelo carinho infinito e incondicional no apoio em todos os segundos, minutos, horas, dias meses, anos...

A Deus na forma em que O/A/Lhe concebo, Pai/Mãe/Amigo na Luz Infinitamente Amo-rosa...

Eta, que “destino mais suave” é este!

Obrigado no agradecimento sem segredos do e-ternura-mente...

Eu, Leo, Leão amando o Camelo, querendo vir a ser Criança Extraordinariamente e-macacada, pelas bandeiras e suas faces de Paz e Liberdade... aos Portões do Grande Dia no Ano da Luz...

O Nawta

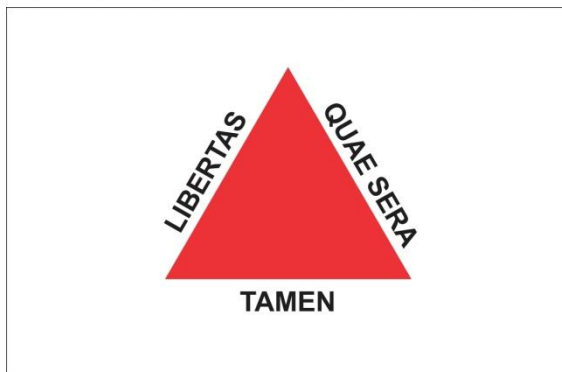


Figura 01 . A Bandeira de Minas Gerais

*... "Liberdade, essa palavra
que o sonho humano alimenta
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda..."*

Cecília Meireles

*Romanceiro da Inconfidência*¹

¹ Coletânea de poemas, 1953, dedicada aos derrotados da Inconfidência Mineira (1789), que depois vieram a ser considerados heróis da independência do Brasil. Dentre eles o Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

A bandeira dos inconfidentes foi sugerida por Alvarenga Peixoto, e aprovada por Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, o amado de Marília de Dirceu. O texto do dístico, em latim, foi inspirado na obra "Écloga" de Virgílio (70 a.C./19 a.C.), poeta romano clássico.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a relação entre crianças e telejornal. A partir da pergunta sobre porque não haver telejornal para crianças no Brasil, o trabalho tece reflexões sobre a relação entre telejornal, ética, direitos das crianças e classificação indicativa para a televisão. Teoricamente a pesquisa está fundamentada nos estudos da Comunicação (Genro Filho, Lage, Laurindo Leal Filho, Lima, Vizeu) e da Mídia-Educação (Buckingham, Rivoltella, Duarte, Belloni, Fantin). Sistematizando estudos e pesquisas sobre telejornal e sua relação com crianças (Garzel, Delorme, Girardello, Rodrigues, Ruberti, Sampaio-Ralha, Ibarra) o trabalho analisa aspectos do “Telejornal Globinho” (Rede Globo de Televisão - 1977/1983), destacando algumas questões do consumo midiático-informacional e do consumismo que estão subjacentes ao tema. Além dos estudos teóricos e documentais, a pesquisa do tipo estudo de caso envolveu um questionário respondido por jornalistas, produtores de telejornais e pesquisadores da área com a intenção de investigar o que eles pensam sobre a produção de telejornais para as crianças. Respeitando o direito as crianças têm à informação de qualidade e considerando a participação ativa delas nesse processo, a pesquisa pretende oferecer elementos para a reflexão sobre as (im)possibilidades e/ou (des)interesses na (des)construção da produção de telejornal na televisão (em redes privadas e públicas) para crianças nos dias atuais e, sugere a importância da mediação escolar nesse processo, através das perspectivas da Mídia-Educação e, também, da Filiosomídia.

Palavras-chave: Crianças; Classificação indicativa; Filiosomídia; Mídia-Educação; Notícias; Telejornais.

ABSTRACT

This research aims at investigating the relationship between children and television news. Having as its starting point why there is no news program for children in Brazil, the dissertation reflects on the relationship among television news, ethics, rights of children and television content rating. Theoretically, the research is based on studies of Communication (Genro Filho, Lage, Laurindo Leal Filho, Lima, Vizeu) and Media Education (Buckingham, Rivoltella Belloni, Duarte, Fantin). By systematizing studies and research on television news and its relationship to children (Girardello, Delorme, Garzel, Rodrigues, Ruberti, Sampaio-Ralha, Ibarra), aspects of the “Telejornal Globinho” (Globo TV Network – 1977/1983) are analyzed, highlighting some of the features of informational media consumption and consumerism that underlie this subject. In addition to theoretical and documentary studies, the research of case study type, was also applied a questionnaire to journalists, TV news producers and researchers in order to know what they think about the production of news programs for children. Taking into account the rights children have to have access to information of quality and considering the importance of their active participation in such a process, the research provides elements to think about the (im)possibilities and/or (dis)interest in (de)construction of the production of television news (in private and public networks) for children today, and it also suggests the importance of school mediation in this process, from the perspectives of Media Education, and also of Phylosomedia.

Keywords: Children; Media Education; News; Phylosomedia; Television content rating; Television news.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 . A Bandeira de Minas Gerais	19
Figura 02 . A lógica da pirâmide invertida	75
Figura 03 . O Segredo da Pirâmide	76
Figura 04 . Manual e Símbolos utilizados na Qualificação Indicativa na TV	120
Figura 05 . Manual e Símbolos utilizados na Qualificação Indicativa na TV	120
Figura 06 . As pirâmides/Torres do capitalismo	222
Figura 07 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Mídia-Educação - A	295
Figura 08 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Mídia-Educação - B	295
Figura 09 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Sabedoria - A	296
Figura 10 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Sabedoria - B	296
Figura 11 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Chakana - B	297
Figura 12 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Chakana – B	297
Figura 13 . A lógica do segredo do iceberg . A Criança Antenada	298
Figura 14 . A Bandeira da Liberdade para a Voz das Crianças	325

Lista de Quadros

Quadro 1 . Pesquisa Radiodifusão de Conteúdo Inadequado: a Classificação Indicativa e os Direitos Humanos	122
---	-----

SUMÁRIO

Dedicatória	07
Agradecimentos	09
Cecília Meireles Romanceiro da Inconfidência	19
Resumo	21
Abstract	23
Introdução	31
Memórias de meninice e infância	31
Histórias para refletir pelo caminho	42
Avistando a ponta de um iceberg de uma ilha no fim do mundo	49
Alguns mitos, ideias e verdades	53
Em busca do tema, do problema e de questões	55
Objetivos	64
Hipótese	64
Metodologia	65

SEÇÃO I – O CAMELO E O LEÃO

Capítulo 1 – Telejornal e Mídia-Educação: o Camelo e o Leão	71
Meios de comunicação, mídia, imprensa, telejornalismo, programas noticiosos e notícia	71
1.1 - Telejornalismo e notícia	72
A notícia e o lead: o quê, quem, quando, onde, como, por quê?	74
1.2 - O formato Telejornalístico	80
1.3 - O telejornalismo no conhecimento do mundo	85
Rede Globo e o Jornal Nacional no Brasil	88
O interesse privado tomado como se fosse o interesse público...	91
Os 40 anos do Jornal Nacional e sua onipresença e onipotência global	95
Princípios editoriais e éticos nas Organizações Globo	97
O lead à potência do cubo	98
1.4 - Notícias na tela da Mídia-Educação	99
1.5 - Estudos de Telejornalismo e Mídia-Educação	107
Notícias que as crianças assistem	108
Temas do iceberg que estão submersos	114
1.6 - Classificação indicativa para telejornais no Brasil	114
A criança e a classificação indicativa em outros países	127

1.7 - Publicidade para crianças e consumismo infantil	128
1.8 - Um telejornal na hora do almoço	130

SEÇÃO II – O LEÃO E A CRIANÇA

Capítulo II – Telejornalismo para crianças: o Leão e as crianças	133
2.1 - O Telejornal Globinho no Brasil	134
O Telejornal Globinho por Paula Saldanha	139
O Telejornal Globinho pelos pesquisadores	144
2.2 - “Novidades”: um telejornal para crianças em projeto-piloto	149
2.3 – O “Plantão do Tas”: telejornal para crianças?	153
2.4 - Aspectos do telejornalismo em outros programas infantis de televisão no Brasil	168
Telejornalismo em programas humorísticos: “fake news shows”	172
2.5 - Algumas experiências em outros países sobre telejornalismo para crianças	174

SEÇÃO III – O DESERTO

Capítulo III – O que os produtores e pesquisadores pensam sobre telejornalismo e crianças?	191
3.1 - Convidados/sujeitos da pesquisa	193
3.2 - Análise das respostas ao questionário	197
3.3 - Outras abordagens “radicalmente novas” sobre o que é considerado notícia	211

SEÇÃO IV – UM OÁSIS

Capítulo IV - Outros mitos, ideias e verdades	217
4.1 - Interlúdio: O Velho, o Novo e o Mesmo Mundo	217
4.2 - A velha e a nova pirâmide do sistema capitalista “Tu deves” e “Eu quero”	220 223
4.3 - Descobrir muito mais no iceberg: o mundo da fantasia e o mundo real	234
4.4 - Crianças: uma pauta esquecida pelo telejornal Des-cobrir o segredo do iceberg	240 241
4.5 - Ética jornalística	243
4.6 - Começando a Filiosmidiar	247

SEÇÃO V - A REVELAÇÃO

Capítulo V - Considerações finais	253
Fiat Lux	270

SEÇÃO VI - A ASCENSÃO

Epílogo de um Velho Novo Mundo	273
Filosomidiando: sobre possibilidades da produção de um telejornal com crianças	273
Filosomidiando: des-cobrimdo uma ponta de Abya Yala	283
O Bem viver: Sumak Kawsay	285
Reencontrando o Camelo, o Leão, a Criança e as mídias	290
As pirâmides orientando para um Outro Telejornal Filosomediante	293
A Chakana	296
Os Conselhos Escolares de Comunicação	300
Um Outro Telejornal na praça com textos e em contextos escolares: Agora,	
A Voz das Crianças do Brasil	301
A Filosofia e a Libertação das Crianças	301
The Re-beginning...	319

SEÇÃO VII - O SÉTIMO CÉU

Prólogo ou Prelúdio para o Outro Mundo com o Outro	321
“O que é, o que é”	321
“O que és, o que és”	322
Via Láctea . Olavo Bilac	325

REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas	327
Referências videográficas	342
Bibliografia complementar	345

ANEXOS

Anexo 01 - Carta de Florianópolis para a Mídia-Educação	353
Anexo 02 - Questionário Rede Globo e Paula Saldanha; Meios de Comunicação	357
Anexo 03 - Questionário Pesquisadores	358
Anexo 04 - E-mails Fale Conosco Rede Globo	359
Anexo 05 - Formulário Globo Universidade	362
Anexo 06 - Consolidado das respostas dos sujeitos da pesquisa	365
Anexo 07 - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa UFSC	379

APÊNDICE

Apêndice 1 - Declaração de Amor aos Seres Humanos	380
Apêndice 2 - Das três transformações . Friedrich Nietzsche	383
Apêndice 3 - Canção tema das jornadas Mídia e Imaginário Infantil/NICA	386
Apêndice 4 - Manifesto das Crianças . Leo Nogueira	387
O Silêncio . Célia Laborne Tavares	390

Introdução

Memórias de meninice e criancice

*“Eu sou da América do Sul,
Eu sei, vocês não vão saber,
Mas agora sou cowboy,
Sou do ouro, eu sou vocês
Sou do mundo, sou Minas Gerais”*
Fernando Brant, Márcio e Lô Borges

Quando eu era criança pequena em Belo Horizonte provavelmente poderia dizer que eu tive a sorte de estudar numa escola que, de um jeito ou outro, nos incentivava ao contato com as artes em geral. Era uma escola muito conceituada naqueles anos 60 e, certamente que eu gostava muito dela. Com aquela escola me incentivando eu fui me aprendendo, aprendendo e descobrindo o mundo que ela me apresentava.

Mas eu não percebia o mundo naquele tempo como percebo hoje. Como criança eu não tinha muita noção - ou nem tinha nenhuma - das injustiças sociais, das guerras, ditaduras e mazelas que assolavam o mundo em que eu vivia. Se eu não compreendia, perguntava, falava. Se as respostas não me convenciam, eu apertava mais, insistia e, às vezes, irritava as pessoas. Fosse com quem fosse.

Às vezes, na família, na escola ou na vida, tínhamos de ficar de bico fechado, como num silêncio obsequioso. Aí, pensava. E perguntando, falando, pensando, fui crescendo e, muitas vezes, des-aprendendo, re-aprendendo, com-preendendo, re-descobrindo o mundo. E creio que isso não acaba nunca,

Ainda me lembro, como se fosse hoje, a foto para o boletim de notas – e carteirinha de torcedor do Atlético que tenho até hoje -, o meu primeiro dia de aula no jardim de infância do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dirigido pela saudosa Dona Stella Barcellos Gonçalves. Ali, à Rua Curitiba quase chegando à Av. Álvares Cabral, entrei para a classe da Dona Nelly Maia e, sob os abacateiros do quintal da casa adaptada, havia uma televisão de madeira com um rolo de papel “passando” a historinha dos Três Porquinhos. Era 1966 e, eu agora brincava de “passar” a programação de uma televisão imaginária junto com

outros colegas. No meu primeiro dia de aula já encontrei a televisão.

Pouco tempo depois fui para a classe do 2º. Período da Dona Nancy Maia, irmã da primeira professora, e me recorro da satisfação de ter escrito meu nome pela primeira vez. No ano seguinte fui para a classe da Dona Leda e os exercícios dentro de sala de aula eram intermináveis naquele vai-e-vem de completar traçados e pontilhados imitando letras. Tínhamos as cartilhas. Fora isso, eram muitas brincadeiras, aulas de música, idas ao Teatro Marília da Av. Alfredo Balena e outras encenações na escola, cinema com a turma da classe, excursões às cidades históricas e, leituras dos livros infantis. Um nome que ficou: Lúcia Casassanta e suas “As mais belas histórias”, me abrindo para o mundo dos clássicos internacionais: Irmãos Grimm, La Fontaine, Perrault, Andersen, Dickens, Esopo. E desde sempre e muito mais, Monteiro Lobato.

Em casa, muita pintura e desenho com minha mãe e sua amiga - que também se tornou minha mãe - fazendo cursos na Escola de Belas-Artes na UFMG e eu indo junto assistir aulas. E, o convívio com muitos primos e primas artistas em história em quadrinhos, pintura e artesanato. Girassóis de Van Gogh nas predes e jardins, peixes e mulheres dançantes de Matisse, Rembrandt, Guignard, Tarsila, Yara Tupynambá, Álvaro Apocalypse², pão de queijo, café com leite, bacalhau e vinho, brigadeiros e cajuzinhos e tantos encontros e festas.

E, na escola, em casa e na biblioteca de Tio Toninho, de meu avô Heraclides, muito livros, coleções, as enciclopédias Barsa, Caldas Aulete e Mirador, como também as visitas às bibliotecas. “Aforismos para a sabedoria da vida”, de Schopenhauer... Também havia as revistinhas de Disney e, depois, a Turma da Mônica de Maurício de Sousa, Asterix, Tintin, Mafalda. Enjoava de tudo isso e pegava minha vitrolinha a pilha, e ia escutar histórias naqueles discos coloridos, ou músicas desde o Wilson Simonal, Roberto Carlos e Erasmo, Jerry Adriani, Agnaldo Rayol, Gigliola Cinquetti e Rita Pavone, até os antigos de meus pais.

“Macaco disse, macaco disse”, brincava com irmãos e primos pelos jardins da casa “avoterna”, e a gente se revezava nas

² Criador do grupo de bonecos Giramundo. Criou o boneco macaco chamado Loiola, que também apresentava o Telejornal Globinho, com Paula Saldanha.

tarefas de macaco-mandador, ora sendo “bonzinho”, ora “malvadinho” e “avacalhando” uns com os outros na correria. Às vezes até os macacos eram malvados, e me lembro muito bem disso nas correrias do filme “Planeta dos Macacos”, e do quarteto de Oz, fugindo daqueles voadores a mando da futura derretida Bruxa Malvada do Oeste. Só grandinho é que desconfie que o tal “oeste” era uma alusão ao comunismo da Rússia. E, adorava os circos e palhaços com suas macaquices, e praças com seus realejos...

Depois, crescendo e aprendendo pouco a pouco, vieram os shows, apresentações e exposições no Palácio das Artes. O Giramundo e seus bonecos, os passeios dominicais no Parque Municipal ou Museu de Arte da Pampulha e voltar pra casa correndo pra assistir o Homem-Aranha e *Scooby Doo* na TV. A Feira de Artesanato na Praça da Liberdade, diversão e piscina no PIC ou Minas Tênis Clube, nadar no sítio de amigos. Charles Chaplin, Walt Disney e tantos outros filmes nos cines Candelária, Metrôpole, Pathé e *avant première* no Cine Jacques, pra depois lanchar no *Ted's* o famoso misto- quente. Férias em Cabo Frio, Rio de Janeiro, Guarapari e Araxá, terra da Dona Beja.

Mas, meu primeiro contato com a televisão foi bem antes. Existia uma enorme RCA Victor em casa de meu avô, conjugada com um toca-disco e rádio. Ficava na sala da casa como um móvel importante, num gabinete todo em madeira trabalhada. O que mais me chamava a atenção nela, além do tamanho, era uma luzinha vermelha num botãozinho que indicava que ela estava ligada/desligada. Demoravam a esquentar as tais válvulas, e depois de ligada, os netos se amontoavam para assistir o que passasse. Gostava daquele logotipo de um cachorrinho escutando um gramofone, e tínhamos na casa de meu avô o sócia dele - Peter - da raça Pinscher e neto de minha cachorra, a Ximbica. Eu brinquei muito com válvulas velhas trocadas da TV, fazendo cenários futuristas como nos filmes de *Flash Gordon*.

E o envolvimento com programas de TV era muito grande, como espectadores ou participantes destes. A minha própria relação com a TV, sua programação e seus bastidores foi muito peculiar, que dariam outras tantas histórias. Além dos programas que chegam à mente meio enevoados, recordo-me perfeitamente dos episódios de Jornada nas Estrelas, Viagem ao fundo do mar, Batman e Super-Homem, Terra de Gigantes, O Homem de Ferro, Thor, Hulk, o Príncipe submarino,

Disneylândia, Topo Gigio com o Agildo Ribeiro e tantos outros. E, claro, o Telejornal Globinho com suas novidades. Dali ia soltar papagaio nos céus da Vila Paris. Até hoje, pela televisão ou *internet*, acompanho Os Três Patetas, A Pantera cor de rosa, A Corrida Maluca e o Muttley fazendo alguma coisa com o Dick Vigarista. Jeannie é um gênio, A feiticeira.

E participar de uma aula na TV? Era um programa de TV emitido a partir do Rio de Janeiro e se chamava Uni-Duni-Tê³. Entretanto, havia um similar (ou correspondente) em Belo Horizonte pelo canal 12 da Rede Globo. Talvez fosse uma versão mineira do mesmo programa. O(s) nome(s) da(s) apresentadora(s), no Rio e em Belo Horizonte, era(m) Tia Fernanda. Este programa ia ao ar de segunda a sexta-feira ao vivo, direcionado ao público infantil e o estúdio, em Belo Horizonte, ficava bem próximo à escola. Toda semana algumas crianças de nossa escola iam participar do referido programa, e além de todas as “atividades” daquela aula televisionada, cantávamos, brincávamos e lanchávamos. Em certos intervalos exibiam desenhos animados e eu gostava do Hércules gritando “olímpiaaaaaa” sempre no final de cada episódio. Dizem que este programa foi um dos primeiros da Rede Globo⁴.

Indo ao circo com Tia Lúcia e querer ser palhaço... Tia Cocota me ensinando a saber das horas, a comer com o dedo como faca, me enchendo as mãos com revistinhas... Dançando com Tia Dedeia pela sala... Presepando nos natais e querendo pegar da Tia Naná a bola do Atlético autografada...

Ainda pequeno nos anos 60, fui também modelo fotográfico mirim, posando para comerciais da televisão, à custa de minha semelhança física com o Guto, filho do compositor/cantor Moacir Franco. Hoje, Guto é diretor e redator da Turma do Didi, programa exibido pela Rede Globo aos domingos. Na TV Itacolomi de Belo Horizonte, Canal 4 da Rede Tupi - até então “sempre na liderança”- tínhamos programas infantis que contavam histórias e, creio ser o Jotta Barroso⁵ quem

³ O cenário do programa era uma sala de aula onde a professora Tia Fernanda dava aulas e brincava com seus alunos. A participação dos telespectadores era possível através do envio de cartas e desenhos para o programa. Acesso em 24 abr 2010.
<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249644,00.html>

⁴ Acesso em 24 abr 2010, disponível em
<http://www.museudatv.com.br/historiadasemissoras/tvglobo.htm>

⁵ Acesso em 24 abr 2010.

os criou. Um pouco mais velho participávamos do programa de Isaias Lansky, o “Seu saber é pra valer”, de perguntas e respostas sobre assuntos de conhecimentos gerais. Eu era amigo de infância das filhas da assistente do Isaias, Dalvinha, e brincamos muito juntos, e sempre visitava os bastidores dos programas de televisão no Edifício Acaiaca, e depois ao lado do meu Colégio do II Grau na Av. Assis Chateaubriand.

Havia também o programa Roda Gigante, que ia ao ar semanalmente com muita música ao vivo. E, já fazendo parte dos Pequenos Cantores de Belo Horizonte do Colégio Santo Agostinho, cantamos muitas vezes sob os aplausos das “macacas de auditório”. Foi quando, nos anos 70, participei de outros programas e conheci o Chacrinha, Bolinha, Sílvio Santos, Flávio Cavalcanti, Jô Soares, Chico Anysio, músicos e cantores como Célio Balona, Roberto Carlos, Golden Boys, Wanderley Cardoso, Agnaldo Rayol, Eliana Pitman e outros tantos artistas. Ahhhh, e a Rádio Atalaia marcando as horas com os “oferecimentos” de um para o outro daquelas músicas que ouvia por meu radinho de pilha, que infelizmente foi roubado...

Um das cenas mais marcantes na TV para mim foi a chegada do homem à lua, e mamãe nos acordando pela noite para ver a transmissão ao vivo, dia 20 de julho de 1960. E, era mania desenhar a Apollo 11 nas aulas de arte da escola. Ainda me lembro da “bronca” que um colega levou da professora por ter desenhado estrelas junto com Sol e Lua nos céus de seu desenho... Tsc, Tsc... nunca me esquecerei disso...

Outra cena que me marcou por toda a vida, através da janela pela madrugada, acima do morro entre os bairros santo Antônio e Sion bem mais atrás, um maravilhoso cometa com sua cauda gigantesca. Mas não me lembro se a TV mostrou isso...

Com a Copa do Mundo de 1970 ainda torcia em preto e branco em frente à TV, mas já era colorida quando acompanhava a novela *O Bem Amado* (1973). Já quase entrando na adolescência, vieram os programas dos *Muppets* com os queridos Sapo Caco, a Porca Miss Pig e o quadro “Porcos no espaço”. E também o Vila Sésamo, o novo Sítio do Picapau Amarelo, as novelas, seriados e inúmeros outros programas. Matei muita aula para chegar em casa mais cedo e assistir a esses programas e,

claro, quando passava um filme de meu agrado na sessão da tarde da Rede Globo: ahhh os musicais da Metro...

Na primeira vez que a televisão começou a mudar de canal sozinha eu não entendi direito o que estava acontecendo. Foi com um sorriso que uma tia me explicou o que era aquele “treco” chamado controle remoto. De repente, não precisávamos levantar para girar o botão barulhento do aparelho para ir de um canal a outro. Mas, ainda tínhamos de sair da comodidade do sofá para virar a antena pra lá ou pra cá, ou ainda ajeitar o Bombril quando aquilo não adiantava para melhorar a imagem.

E, como não recordar do primeiro gravador que ganhei do Lacy, jogador do Clube Atlético Mineiro e amigo da família? Eu entrevistava muita gente dando uma de “calunista” social como Ibrahim Sued “de leve”. E, com seus “ademãs”, como no telejornal que ele fazia uma coluna no Jornal da Noite, ou Jornal Internacional da Rede Globo.

Também imitava todas as vozes do Chico Anysio e dos personagens dos desenhos animados, inventando as minhas reportagens. Em apresentações de final de ano do Colégio Santo Agostinho, recriávamos em telejornais as notícias da escola, intermediando com shows dançados ou cantados por outros colegas. Era como no Fantástico, o Show da vida. Tendo sempre eu como apresentador, imitava o Cid Moreira, Sérgio Chapelin, Sandra Passarinho, Carlos Campbell, Sírio Boccanera, ou mais antigo ainda, o Heron Domingues do Repórter Esso.

Já “maiorzinho”, o que era mexer naquele “Transglobe” da Philco, rádio gigantesco de meu pai e escutar Ritmos de Boite à meia-noite na Rádio Mundial, imaginando o que estavam dançando na Papagaio’s e Banana Power de São Paulo, no Regine’s ou Hippopotamus de Ricardo Amaral no Rio de Janeiro? Nada que as matinês do Jambalaia, da Boite Caracol do Clube Libanês, na Pampulha, do Tom Marrom e Le Galop da Savassi não pudessem resolver. Ficava ligado nas rádios ou TV para saber o que acontecia na Era da Discoteque. E, também sumia na feira da Praça da Liberdade, Palácio das Artes com seus tantos espetáculos de música e dança...

Como esquecer e não trazer por toda a vida, na memória e nas histórias de vida tudo o que fosse *sci-fi*, passasse na TV ou estivesse nos livros e revistas falando do espaço, dos mares, dos mitos e mitologias nos seriados, filmes, documentários e desenhos-animados: Jornada nas estrelas, E.T., Guerra nas

estrelas, Contato, Cosmos, “Contatos imediatos do terceiro grau, Viagem ao fundo do mar, Nacional Kid, Ultraman, Eram os deuses astronautas, Vinte mil léguas submarinas, ou a Noviça voadora irmã Bertrille que voava. Mais tarde, os favoritos Stargate SG1, Atlantis e Universe, além de muitos outros...

Algumas vezes, minha televisão favorita era meu aquário, noutras e tantas vezes eram as paisagens sossegadas, ou as praças e jardins que sempre me encantaram, o nascer ou por do sol, o surgir da lua e estrelas, os presépios da esperada noite de Natal, os olhos das pessoas, dos amigos e dos des-conhecidos, a TV das imagens das paisagens humanas...

Histórias pessoais e muitas partes delas ligadas à TV e ao telejornalismo, passagens de minha infância, que seguem pela juventude e adultice latentes na memória. Eu ainda me recordo de muitas e muitas cenas de minha infância do que se passava na escola e em relação a ela. Estudava no período da tarde e as manhãs eram dedicadas ao “dever de casa” e às brincadeiras.

Uma constatação que faço daquele período de meninice e, também, de toda a minha vida escolar, é de que nem os pais e nem os professores sabiam o que se passava na cabeça das crianças, dos jovens, às vezes nem dos adultos, de seus medos, sonhos e indagações. Nem eu pequeno tampouco sabia o que se passava na cabeça dos adultos.

Mesmo menino pequeno eu percebia que havia problemas na família, na escola, na vida, mas na minha época criança não tinha muita voz e voto. A gente seguia as regras e, ao contrário, apanhava, era censurado, punido de alguma forma. Penso que, ainda hoje, as coisas vão bem por aí, porém de formas mais dissimuladas.

Naqueles tempos eu não sabia nada do que era escola, senão como um lugar onde eu encontrava colegas e amigos, e éramos “obrigados” a estudar muitos assuntos para passar de ano, e ir crescendo. O verbo era obedecer.

Nas escolas, estudei muitos anos em colégios católicos. Sempre ligado às artes e atividades que envolvessem “as coisas” que eram para ser colocadas nos murais, diagramação e edição dos boletins e jornais. Preparava as aulas de filosofia para as séries do II Grau, atento às injustiças sociais, aos direitos humanos. Terminando o curso científico, ingressei como postulante na congregação dos Irmãos Maristas, preocupado com as questões da educação numa ordem religiosa basicamente para

trabalhar com escolas. Atuei com comunidades carentes e crianças sem lar, internadas em educandário. Noviço rebelde, me despedi dos irmãos por discordar da realidade em que viviam em relação às necessidades de mudança que eu percebia: fui participar das greves de professores que agitavam Belo Horizonte em meados de 1979. Mas, eu já não andava na linha desde pequenininho ainda usando fraldas. Histórias...

Iniciando curso de Educação Artística, depois Artes Plásticas na UFU, Universidade Federal de Uberlândia, no início dos anos 80, comecei a trabalhar como secretário gráfico em um jornal novo na cidade de Uberlândia, coordenando as atividades desde a redação à impressora. O “Primeira Hora” foi uma publicação de “esquerda” naquela época, ligado aos históricos do PMDB e do PT recém-criado, para romper com ciclos de governo muito conservadores. “Democracia participativa” era o *slogan* daquela campanha que levou um novo prefeito ao cargo, com muitas reuniões e assembleias junto à população desde os três anos antes d

As eleições. No jornal eu fazia algumas coisas para o setor de artes, revisão dos filmes impresos do que os jornalistas escreviam, como também fazia as vezes de “pestapista”, “montando” as páginas do jornal. Nessa época também fazia artes para camisetas com o logotipo do partido “Solidarnosc” da Polônia e arrecadávamos fundos para ajudar o povo daquele país que passava por profundas transformações e, pôsteres para o DCE da UFU. Um desses está na parede da secretaria do Curso de Pedagogia da UFSC.

Passado esse período, descobri uma comunidade que cuidava de crianças abandonadas. A caminho de Alto Paraíso de Goiás trabalhei como revisor no Jornal Diário da Manhã em Goiânia. Além das atividades de revisão eram muitas conversas com o pessoal da redação, especialmente com os jornalistas Washington Novaes e Reynaldo Jardim.

Casado, e querendo pegar a guarda de uma das crianças daquela comunidade, descasei-me e me des-en-casei, fui também ser um sem lar desde então. Atuei alguns anos na parte de comunicação, educação para a saúde e prevenção/educação ao uso indevido de drogas na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Retornei aos estudos na universidade e comecei a aprofundar estudos sobre direitos humanos, e também sobre a questão indígena atuando como funcionário concursado no Museu do

Índio da UFU. Haja passeata e ocupação da reitoria para lutar pela posse do reitor eleito, expulsar o Collor do Planalto, reivindicar mudanças. Custou-me a cabeça... Junto também à Divisão de Cultura, como se fôssemos mesmo um batalhão, promovíamos as artes nas salas, no campus, nas ruas, nas praças públicas. O Grupo Galpão e suas lindas mirambolices; O Corpo com seus rodopios e rosas metálicas; *vernissages* e tantos encontros literalmente vestindo à Lucimar, belo, respirando, lavado e enxaguado nas artes...

Nessa época atuei ativamente de muitas discussões acabando por ser convidado pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP a participar na elaboração do **Programa Nacional de Direitos Humanos**, PNDH, de 1996, convocado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. Em Brasília fui aluno do Instituto Interamericano de Direitos Humanos (IIDH), com sede na Costa Rica e seus coordenadores ligados à Corte Interamericana de Justiça. Eu mesmo chamava a atenção nesses eventos - como voz quase solitária - na questão do reconhecimento da comunicação como um direito humano. E tentava ampliar a discussão com pessoas de toda a América Latina, e nesse processo de alguns anos tive contatos com muitas organizações e pessoas ligadas ao tema.

Cheguei à Florianópolis no Natal de 1997 e, atuando como servidor público federal da universidade (desde 1993) e estudante de Pedagogia (desde 1995) transferido, continuei esse trabalho na área da comunicação e direitos humanos, “emprestado” à então Secretaria Estadual de Justiça que iniciava um projeto chamado CEVIC, Centro de Atendimento às Vítimas de Crime, UFSC.

Na agência de comunicação (AGECOM) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), propus um projeto à reitoria para celebrar os **50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos** (1998) e, criamos o **I Encontro de Jornalistas para a Paz**⁶, com a participação de convidados para debater o tema.

Nessa mesma época fui um dos redatores e o relator final do **Programa Estadual de Direitos Humanos de Santa Catarina** (PEDH/SC), convidado pela Assembléia Legislativa do

⁶ Carta elaborada ao final do evento, “Declaração de Amor aos Seres Humanos”, no Apêndice 1.

Estado de Santa Catarina ALESC). Organizei o programa, convidando várias pessoas notáveis em Santa Catarina e na UFSC para discuti-lo e redigi-lo. Desde 1998 o PEDH/SC não foi aprovado pelos sucessivos governadores do Estado.

Por toda essa época era constante a minha presença nos meios de comunicação, jornais impressos, na TV e rádio dando entrevistas a colunas, programas ou telejornais sobre os vários projetos com os quais eu estava envolvido, e meio desiludido com política, e com quase tudo, mudei-me para a Escócia em busca de novos horizontes. Passeando ou trabalhando como ilegal eu visitava muitos lugares interessantes, e tentava compreender o sistema educativo deles. Conheci mais de perto o trabalho da BBC e seu telejornalismo.

Finalmente retorno ao Brasil na passagem de ano de 2003/2004, e retomo os estudos na Pedagogia depois de anos e anos na universidade desde o início dos anos 80, fazendo mil disciplinas que me eram interessantes, mas não necessariamente “contando pontos” no currículo acadêmico. O que me valia eram as experiências. Entre idas e vindas do curso, fui lutando para não abandonar a universidade novamente.

Reencontrando caros amigos em estágio no Instituto de Estudos Latino-Americanos da UFSC, IELA, aos trancos e barrancos fui percebendo mais claramente a questão do saber/conhecimento/pensamento colonizado, e me desconstruindo dia após dia, para re-nascer mais que fênix das próprias cinzas que restaram disso tudo. Fui me re-nascendo assim, como um Condor que voa junto com a Águia, em Abya Yala⁷.

Desde pequeno envolvido com desenhos e rabiscos, letras e livros, revistinhas e revistonas e também com as artes

⁷ “Abya Yala, significando “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” hoje vem sendo usado como uma auto-designação dos povos do continente como contraponto a “América”, expressão associada aos conquistadores europeus que “batizaram” as terras “descobertas” como América”. O nome Abya Yala provém do povo Kuna originário da Serra Nevada no norte da Colômbia e que habitou a região do Golfo de Urabá assim como as montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). Muito embora os diferentes povos que habitam o continente atribuíssem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anauhuac, Pindorama – a expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento.” Adaptado de Carlos Walter Porto-Gonçalves In “Abya Yala: uma outra visão da América”. Acesso em 12 out 2010, disponível em http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/carlosw.pdf

gráficas para a Educação, Cultura e Arte - e não para a “publicidade e propaganda” comercial - o menino que saiu perdido no mundo, a procurar a sua casa, na Árvore, para nela morar, finalmente foi ser cometa além da Lua a cometer loucuras para encontrar o seu Outro Mundo...

Relembrando as histórias de minha infância, juventude e de quem vai sempre indo para a maturidade, a impressão que tenho hoje é de que tínhamos tudo aquilo em relação às mídias na meninice - cinema e televisão em especial - como um passeio, como fruição pura e simples, uma parte do currículo da escola que previa essas saídas ou excursões como extensão do tipo de vida que tínhamos em casa. Aquela primeira escola era privada e, era a única que eu conhecia.

A questão é que frequentávamos muitos lugares e, por mais que eu tente e me esforce para lembrar, não consigo estabelecer uma relação daqueles eventos com o que hoje definimos, por exemplo, como ser Mídia-Educação e educar *para* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias. Não saberia dizer naquela época se em outras escolas, públicas ou privadas, faziam o mesmo, frequentavam aqueles lugares.

Em pleno tempo de ditadura militar no país, e depois em processo de “consolidação democrática” aquele era o meu mundo, o que se me apresentava, o que me apresentava, o que eu percebia com meus sentidos de então...

Até há pouco tempo atrás eu não havia atinado para muitas relações que se faziam e existiam nessa vida e, certamente que meu propósito de retornar à universidade me ajudou muito nesse processo de me reconhecer e me fazer “autônomo”, crítico, participante, a ser sujeito ativo de minha própria história, e da história de protagonistas e antagonistas...

E só hoje eu paro para pensar em como era aquela primeira escola, como ela se planejava, como as professoras planejavam suas atividades, e qual era o objetivo de nos proporcionar um contato com as artes em geral, e com as mídias em particular.

Como ficava a questão da formação da criança para a autonomia, e o contato com as mídias de maneira crítica, e não apenas o consumo puro e simples de uma atividade ou produto cultural? E as mídias hoje, em que pé estão as ações pela democratização dos meios de comunicação?

Só hoje eu paro para pensar nisso tudo de uma outra maneira. Hoje, mais especificamente, eu paro para refletir o que seja o telejornal, e a não existência deles para as crianças nesse mundo em constante ebulição de rangeres de dente em reprodução, e às vezes em sorrisos, em mãos se dando, em transformações do espírito...

Histórias para refletir pelo caminho

*Três transformações do espírito vos menciono:
como o espírito se muda em camelo,
e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.*⁸

Nietzsche

Este trabalho não tem a pretensão de ser um tratado eruditíssimo, sequer de querer se expressar numa linguagem hermética de muitos investigadores que mal se falam e nunca se ouvem uns aos outros e, me parecendo competindo pela linguagem rebuscada que expressa às vezes muito mais elucubração mental que socialização sincera de esforços no esclarecimento de um ponto/questão/linha de pensamento. Falam o mesmo para o fechado-em-si e aos mesmos, mas não falam ao Outro, nem ao Si-Mesmo. Ademais, socializar às vezes não basta, é preciso com-partilhar, comungar sempre.

Tampouco temos⁹ pretensão de esgotar um tema que necessitaria de uma vida inteira de estudos. Eu bem sei que o que fui descobrindo me levava a estradas e rotas casa vez mais obscuras, a cavernas mal iluminadas, a cemitérios querendo se passar por palácios de vida cheia de entretenimentos e prazeres deleitosos. A princípio, quero falar aos meus colegas, estudantes e professores, aqueles ali das salas de aula ao lado, para depois ouvir deles o que sentem/pensam/fazem tanto quanto eu em relação ao problema/questão que vai sendo tratado.

Mas, ainda peço compreensão e paciência pelo meu jeito de escrever não em linha reta, mas de forma espiralada, quando o

⁸ Vide bibliografia e apêndice 2, “As três transformações”, de Friederich Nietzsche em “Assim falou Zaratustra”.

⁹ A escrita do trabalho alternará o uso da primeira pessoa no singular e no plural. No primeiro caso, refere-se às experiências pessoais e ideias próprias desta autoria e no segundo caso sinaliza uma elaboração que foi construída em parceria com professores, pesquisadores e demais referências que fizeram parte desse trabalho.

que eu sou/faço/penso/sinto se dá assim. Como mineiro da gema, das montanhas vermelhas de pó de ferro e das pedras preciosas das Alterosas, fui aprendendo desde pequenino a rodear morros até chegar ao pico, e assim fui também dando os meus primeiros passos, em escritos, nas estradas das linhas tortas meio *gauche* dos cadernos e da vida. Acho que até Deus escreve assim. Perdoem o espiralismo dos meus versos que vão ao encontro do coração como expressão...

E, não é que no universo uma reta não é o menor e nem o melhor caminho entre dois pontos! No espaço tudo se move elipticamente disse Kepler e, em nossa dimensão, na curvatura tempo-espaço afirmou Einstein.

Aí, numa volta, e na outra subida ou descida, as paisagens, as letras e os escritos nos parágrafos, os pensamentos e sentimentos evocados podem até ser semelhantes pela proximidade, inter-entrelaçando-se, mas existem pequenas sutilezas que todas as gentes que “pegam” dos costumes das mineirices percebem e compreendem. Isto é meu exercício de “singularidade” no meu “lide-ar” (ou *ledear*) com as informações para compor o texto deveras pó-ético, sem perder a “coceira” dos interessados em investigar os fatos para contar um conto.

Faço também um alerta necessário: a constatação da dificuldade em encontrar a “criança” nos textos de Jornalismo e Comunicação ao mesmo tempo em que “ela” aparece com lugar de honra nos textos de Educação e Mídia-Educação, provocou imensas ondas no texto. Isso, quando no meu entender as relações e mesmo indissociabilidade entre economia, política, educação e comunicação foram percebidas amplamente abordadas num campo, e raramente no outro. Assim, viro os mares e montanhas, pirâmides e templos dos saberes, a própria terra em busca das razões disso, dessas ausências, meia-presenças e alheamentos enquanto a “criança”... bem, ela é realmente escutada? Isso certamente provocou maremotos que chegam em ondas no vai-e-vem de perguntas muitas vezes sem resposta que faço pela pesquisa e texto. Ademais, para fazer frente aos *tsunamis* das informações que chegam por todas as telas, páginas de livros e rostos encontrados pela viagem, nada melhor que fazer movimento contrário em força, e sentido, sem perder o fio da meada do mapa que se entrelaçava à medida que as des-cobertas se deram no percurso. Houve muitos terremotos também...

E, eu que nasci e cresci entre montanhas longe do oceano, fui garimpar ouro e prata nas informações sobre a relação telejornal e crianças em bibliografias tão muitas vezes desérticas no assunto, justamente a partir de uma Ilha que é “um pedacinho de terra perdido no mar”, “onde a natureza reuniu tanta beleza”¹⁰. Desertos nos lembram areia, e esta nos lembra de mar, de “Ponta de Areia“, como na canção de Milton Nascimento lindamente cantada pelo grupo Boca Livre¹¹, que fala da “estrada natural que ligava Minas ao porto, ao mar”. Então, amar assim nessa viagem/busca tinha de provocar maremotos mesmo, pelo menos de minha parte. Não teve outro jeito...

Por princípio, inicialmente "desenhei" as ideias da dissertação, ao mesmo tempo em que fazia anotações, para só depois escrevê-la. Queria apresentá-la, também nessa forma, desenhada na linguagem dos símbolos, das palavras-chave, das palavras-imagens, das imagens em palavras...

... Enquanto todos os céus têm as mesmas estrelas, neste campus em que “vos escrevo” temos guarapuvus e gaiolas onde canta o sabiá, e desterrado nessa ilha eu vejo o tanto que “as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá”¹². Ironia do destino que, perseguido, Cruz e Souza desterrou-se para morrer em Minas e, eu, acossado, exilei-me de lá para a Ilha do Desterro, para morrer de saudades...

E, que seria eu senão a síntese das poesias, de todas as cenas alegres e tristes e canções que cabem tão dentro de mim? Não carece de perguntar “como não fui eu quem fiz”. Eu as poetei, chorei, sorri, cantei, as vivi.

Lá, nas montanhas das Minas Geraes, “pertim” da Praça da Liberdade, fica aquela Biblioteca sinuosa de Niemeyer cheia de corredores “tortos” “que nem” ela, e “bem pertim tamém” da casa de meu avô onde nasci, e de sua biblioteca nos armários com porta de vidro que eu fuçava curioso. Bem “à tardinha e ao sol poente” nem me lembro de quantas vezes lia o jornal em voz alta

¹⁰ Frases do hino da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, o “Rancho de amor à Ilha”, composto por Cláudio Alvim Barbosa, o poeta Zininho. Gravação cantada por crianças do Clube XII de agosto, disponível em <http://maragato.net/um-pedacinho-de-terra-perdido-no-mar/>

¹¹ Vídeo de quadro do programa Fantástico de 1979, com o grupo interpretando a canção. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=jqyK8komEfU>

¹² Referência à “Canção do exílio” (1843) de Gonçalves Dias (1823/1864), que também inspiraram versos do Hino Nacional Brasileiro: “nossos bosques têm mais vida, nossa vida (em teu seio) mais amores”.

para o vovô e a vovó na varanda da casa, por onde se subia da rua também por uma rampa em ziguezague. Bom, está explicado meu jeito “mineirês” de ser/fazer/pensar/sentir/escrever e até de ler de trás pra frente, de cima pra baixo, de baixo pra cima, de um lado pro outro.

Eu sempre quis estudar, não só para falar apropriadamente, e com conhecimento de causa, mas era para saber do mundo e, para eu ser nele. E, ao longo da vida o fiz de um jeito ou outro, em meio às implicações de tempo, condições econômicas, físicas, intelectuais e outros meios que eventualmente me faltaram pela força das circunstâncias. E, às vezes, as piores implicações são aquelas que temos pelos bancos, e pelas cadeiras e corredores das escolas... Por isso tudo acima eu peço a compreensão de “vosmecês”, que chamo para “se ajuntar” comigo à beira de um fogão de lenha esperando pelo cafezinho passado na hora, o pão de queijo legítimo e sem nenhum conservante. E, vamos prosear, contar “causos”, contar histórias...

As informações sobre o tema abordado nessa pesquisa ora pouco existem, ora estão dispersas em infinitos lugares, livros que não se encontram em bibliotecas desatualizadas, nem se dão em banco de dados virtuais complicados e de difícil acesso, pesquisar para escrever uma dissertação em menos de dois anos encontra limites intransponíveis. Reduzem-se as apreensões, reflexões e conclusões ainda mais quando a política educacional para o ensino superior e pós-graduação privilegia uma produção acadêmica onde as razões daquilo que limita a pesquisa não entram nas considerações para que os ritos exigidos para o desenvolvimento do trabalho se cumpram no texto final. Mas, aqui re-afirmo, antes de tudo, uma palavra simples à minha orientadora, que não poderia ter sido mais compreensiva e incentivadora em todos os momentos pelos quais passei: obrigado.

E, nesse caminho árduo, os valores humanos e espirituais mais profundos se manifestaram naquelas pessoas que trilham na mesma jornada, e a força da solidariedade animou e encorajou que eu desse meus passos nesse caminho de formiguinhas. E, de macacos...

Querendo cumprir com o máximo possível de fidelidade a mim mesmo e à minha trajetória para o meu trabalho, também fui buscar razão, sentimento, inspiração, espiritualidade e forças naquela criança que eu fui, de quando criança eu sonhei e quis

descobrir e entender o mundo. Menino que sempre perguntava, e perguntava sem obter respostas aceitáveis e lógicas, que falava às vezes muito dissonante até da família, dos amigos, da escola, do trabalho, dos colegas, e do academicismo.

Este trabalho é de lembrar, de perguntar, de querer levantar questões para as quais tenho dúvidas como educador e ser humano, de escarafunchar por respostas que, se chegarem, será melhor ainda. Este trabalho é a busca de um sonho, de querer ser e realizar algo no aqui e no agora, junto com outras pessoas. É um abrir ouvidos e aguçar a percepção para a sensibilidade do outro.

Essa investigação é um diário de bordo, um contar histórias (*dissertatio*) da viagem para a qual parti tomando o *Barco do Destino*, desde o porto da Mídia-Educação a seguir pelos quatro cantos do mundo em busca do telejornal para crianças. É também um des-cobrimto de mim mesmo, do outro, de paisagens internas e cenários da diferença cultural. É a minha própria transformação do Espírito também...

A propósito dessa “contação de história”, na universidade, assim expressa o escritor e filósofo Paulo Ghiraldelli Jr.:

Os contadores da história são os que navegam num mar que todos navegamos. Todavia, eles olham os corais, sabem da temperatura da água, observam os cardumes e, enfim, sentem cheiro de ilhas longínquas. Outros não.

(...) O navegador que conta é aquele que vê as águas como quem vê o que chamamos de **imaginário social**. O imaginário social é o tesouro do pirata chamado contador de histórias.

(...) O pirata tem o dom da dissertação. A cada aventura ele conta um conto e, é claro, aumenta um ponto. Este ponto aumentado é o segredo do seu negócio, e é exatamente o que vem do imaginário social.

Quando a química chama de volta a alquimia e quando a filosofia se reconcilia com o mito, eis aí a hora do contador de história. Pois nessa hora surge sob a luz do luar, na sexta feira treze, tudo que o

imaginário social dá ao contador de história. Talvez seja importante a universidade entender que sua principal função é estar sob esse luar, para poder ser, ela também, procurada pelo cineasta. Só assim o professor universitário será um professor universitário. O homem da **dissertatio**.¹³ (Grifo do autor)

Tendo em mãos o mapa do projeto tracei roteiro e embarquei em viagem, singrando mares nunca dantes navegados. Tomei a bússola acadêmica e outros instrumentos, e com uma boa e atenta orientação, e carinhosa inspiração de meus professores e professoras para as possíveis descobertas, segui meu caminho mantendo os pés no chão. Mas o coração, ahhh... este sempre nas estrelas.

Levei uma bandeira, a da libertação. Libertação das mídias para a educação e comunicação com sabedoria, pela democratização dos meios, pela libertação da voz das crianças, “ainda que tardia”...

Descendo ou subindo por montanhas, atravessando cidades e desertos, encontrando um oásis aqui e ali, furando nuvens e querendo ir para o espaço, eu me encontrei com muitos outros mídia-navegadores nessa jornada. Encontrei, digamos, maldade também. Nesse mundo controlado por tanta gente que se diz e se faz poderosa, às vezes me senti como um daquele pirata-contador-de-histórias do filósofo. Eu me senti proscrito, maldito, perseguido. Mas, segui confiante, indo atrás mais do que de aventuras, me fiz de bem-aventurante soltando vela e bandeira ao sopro do vento, porque afinal de contas se “o vento sopra onde quer” e se ouvimos a sua voz, mas não sabemos de onde ele vem, também “assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (João 3:8).

Qual vento é que anda “preso”? Disseram, novamente, que eu não andava na linha, que eu estava no lugar errado, o que

¹³ Acesso em 02 mar 2011. Disponível em <http://filosomidia.blogspot.com/search/label/Disserta%C3%A7%C3%A3o> e a referência em <http://ghiraldelli.pro.br/2011/03/02/contacao-de-historia-o-que-e-isso/>. O autor faz abordagem interessante sobre como o filósofo utilizaria hoje as redes sociais em “Nietzsche on-line” na revista Coleções Guias de Filosofia “Nietzsche” Volume II, p.90-95, Editora escola, sem data. Também disponível em <http://ghiraldelli.pro.br/2011/03/02/contacao-de-historia-o-que-e-isso/>, Acesso em 29 abr 2011.

obviamente para mim soava mais como um elogio. Ademais diz o ditado que o trem de ferro mata quem anda assim, e quem sai dela, marginalizado que é, des-querido, sempre acaba levando na cabeça. Então, mais um dilema: andar ou não andar na linha, eis uma questão...

Assim, creio que num sopro inspirador do meu “divisor de águas“ na vida acadêmica e pessoal que foi a Mídia-Educação em 2008, fui de chapéu de coco à cabeça como “O Filho do Homem” de Magritte¹⁴, maçã verde em frente ao rosto, que caiu sem pára-quedas numa escola. Fui de cartola de repórter como Chaplin em seu primeiro filme de 1914¹⁵, e quero ir como uma criança com mil telas à volta e a TV na cabeça. Nessa viagem, creio que eu mesmo fui me transformando, muito mesmo, além de perceber a necessidade de outras profundas e radicais transformações...

¹⁴ René François Ghislain Magritte (1898/1967), artista belga, surrealista. Sua obra “O Filho do Homem” é considerada um auto-retrato, óleo sobre tela, pintada em 1964. Para ele o “homem de chapéu de coco é o Sr. Normal, no seu anonimato”, segundo Ana Izabel Albuquerque. Acesso em 21 jan 2011. <http://goo.gl/cHIwj>

¹⁵ Disponível com referências em <http://filosomidia.blogspot.com/2011/02/chaplin-foi-reporter-em-seu-primeiro.html>

Avistando a ponta de um iceberg de uma ilha no fim do mundo

*E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoe.
Infância¹⁶*

Carlos Drummond de Andrade

É da minha própria infância, juventude e depois como adulto que hoje compreendo ter nascido as minhas indagações ao tema que me propus estudar. Foi ultrapassando as cercas da escola e só muito mais tarde - desde a minha meninice - descobri o campo da Mídia-Educação e suas trilhas se entrecruzando entre montanhas a serem conhecidas em sua sabedoria. Apenas em anos recentes, em me aventurando a aceitar o “Barco do Destino”¹⁷, que percebi qual rota tomar, quais estrelas seguir, até chegar a um “pedacinho de terra perdido no mar”, com seus mistérios bruxólicos e Peabirus¹⁸, caminhos que se estendiam de Cuzco e se estendiam por toda Tawantinsuyu¹⁹, um deles chegando aqui à ilha.

Ilha de Santa Catarina, lugar de mil viajantes que aqui aportaram, de mil naufrágios e histórias desconhecidas, de histórias e notícias esquisitas, foi daqui que eu avistei a ponta de um *iceberg* que me intrigou em 2009. Por que no Jornal do

¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. Infância. 1955. Link com o poeta recitando esse poema em Memória Viva. Acesso em 21 jan 2011. <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema002.htm>

¹⁷ Termo do poema XXIII de Rabindranath Tagore no livro “Estesia”, psicografado por Divaldo Franco.

¹⁸ Os “peabiru” (na língua tupi, “pe” - caminho; “abiru” - gramado amassado) são antigos caminhos, utilizados pelos indígenas sul-americanos desde muito antes do descobrimento pelos europeus, ligando o litoral ao interior do continente. O principal destes caminhos - chamado Caminho do Peabiru - ligava Cuzco nos Andes ao oceano Atlântico, na altura da Capitania de São Vicente, o atual Estado de São Paulo. A juntavam-se ao Caminho principal outras estradas, sendo que uma delas considerase que partia do litoral catarinense (atual Palhoça/Florianópolis), atravessava a Serra do Rio do Rastro e seguia pelo interior do continente.

¹⁹ “Tawantin Suyu” na língua Quechua designa o Império Inca (pré-colombiano), cuja tradução seria “os Quatro Cantos do Mndo”. O Império estava subdividido em quatro suyos (províncias): o Chinchaysuyo (Chinchay Suyu) ao norte, o Collasuyo ao sul, o Antisuyo ao leste y Contisuyo ao oeste. A capital do Império foi a cidade de Cuzco, no atual Peru.

Almoço - telejornal²⁰ que as crianças também assistem em pleno meio-dia - os apresentadores esfregam as mãos umas nas outras quando noticiam o fato de um senhor idoso, um padre, molestando crianças no interior de Santa Catarina? Por que, depois, numa escola onde eu estagiava, uma mãe de aluna me confidencia que sua filha de sete anos lhe perguntara “o que era molestar de crianças”, e nem ela e nem na escola lhes responderam a curiosidade infantil?

Então, recordei de minhas mil perguntas desde a infância, me lembrei dos momentos descobertos pela televisão, e de um telejornal bacana de minha meninice que era feito para crianças, milhões de cenas me vieram à lembrança, e eu resolvi chegar àquele iceberg para escarafunchar o que havia abaixo da linha d'água, e tentar levantar a sua ponta. Fui re-descobrir o que a televisão me apresentava, e aquilo que ela me re-presentava.

Crianças dizem “cada uma” para as pessoas. Crianças inventam mil brincadeiras com o que têm em mãos e com aquilo que as cerca. E, se suas artes, travessuras, brincadeiras e palavras são de ingênua curiosidade, de birra, de não aceitação do que lhes é imposto, ou de decepção ou maravilhamento frente ao mundo que vão descobrindo, é a criança interna que vive dentro de nós que sempre teima em querer saber o que está por detrás do não-dito do mundo dos adultos. Ou mais além, no silêncio que se faz sobre determinados assuntos.

Olhei para trás e vi que minha história era bonita, tão bonita como a de Robinson Crusoe quase sozinho numa ilha. Minha história era também tão sofrida quanto a do poeta Cruz e Souza, desterrado da ilha e aterrado nas Minas gerais. Fiz o caminho inverso dele. Ele que se fazia de jornalista também me inspirou a escrever poemas e - de um jeito ou outro - a querer ser telejornalista.

E, o que era arte, poesia? O que era educação, comunicação, mídia-educação? O que é querer sintonizar, comunicar-se, educar-se no convívio com o outro, em um mundo cada vez mais cheio de tecnologias que nos dão acesso a informações? O que era o jornal, o telejornal?

²⁰ O referido telejornal se chama Jornal do Almoço, justamente por ser apresentado neste horário das refeições para todo o estado de Santa Catarina e também do Rio Grande do Sul com apresentadores diferentes. É transmitido pelo grupo RBS, coligado às Organizações Globo.

Entre considerar o **telejornal** como expressão/propaganda do que **devemos fazer/saber** de um mundo construído e revolvido por mil interesses em nossa sociedade, percebo no **mídia-educador** um **querer fazer/saber** que promove as novas gerações na educação *para, com e através* das mídias nas possibilidades de ouvir, respeitar e ampliar as vozes das crianças para re-construir um outro modo de **fazer/saber/ser** a escola, o mundo e a notícia em outros valores. Valores não político-econômico-financeiros que promovam a ignorância, desconhecimento de si mesmo e de si próprio no mundo, exploração ou dominação, consumismo. Mas, valores humanos espirituais e universais na diversidade sócio-cultural desse planeta que promovam a solidariedade, a criticidade, o pertencimento.

Considerando que esse mundo passou por tantas transformações no decorrer da história, não custa nada sonhar e querer ser/saber/fazer, e ter uma escola, e nas mídias, um telejornal que reflita as transformações que possam ser provocadas ao ouvirmos atentamente as crianças

Parece que há, nas profundezas do dito e do não-dito no campo da comunicação e nos telejornais, muito mais do que supomos sobre o ter ou não ter um telejornal para crianças no Brasil. E será que crianças devem assistir aos telejornais?

E assim, as minhas memórias e sonhos da infância se transformaram em meu compromisso. Depois de minha meninice e juventude, entrando na idade adulta e começando o curso superior em Educação Artística, depois Artes Plásticas, meus trabalhos em educação para a saúde e as artes gráficas, foi aos trancos e barrancos que cheguei terminei a Pedagogia e encontrei meu “divisor de águas”, a Mídia-Educação. Nesse campo de estudos encontrei novas motivações e, em um daqueles raros *insights* que temos na vida, percebi das razões e possibilidades de conciliar estudos de anos numa prática que relacionasse comunicação e educação, comprometida com crianças.

Foi no estágio de docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental e, depois, em estágio como Supervisor Escolar - focado na Mídia-Educação nas atividades de ensino-

aprendizagem com jornal escolar (Boletim da Turma²¹); e formação de professores como mídia-educadores - que me conscientizei mais profundamente dos novos caminhos que se abriam para mim mesmo. Por minha ligação com a televisão, preocupações a partir de observações e constatações na escola em relação ao telejornalismo assistido por crianças, por me lembrar de como era o telejornal para crianças no meu tempo de infância e juventude - o Telejornal Globinho – e verificar as escassas informações sobre ele, decidi querer aprofundar no assunto, pesquisar mais.

Quis compreender o que foi aquele programa e os porquês de seu término, além de constatar a não existência de telejornal para crianças no Brasil, quando tantas crianças assistem telejornais que não são feitos especialmente para elas. Se as crianças também aprendem do mundo pela televisão, como aconteceu comigo mesmo, o que seria, como e por que seriam notícias sobre esse mundo feitas para as crianças compreenderem? Há que se descobrir o que são as notícias que as crianças assistem, e como as notícias seriam preparadas e adequadas à compreensão das crianças. Assim, me fiz *Leorry Reporter*²².

Lá no tempo da infância do menino Carlos, no que parece ser a simplicidade de sua vida, das histórias de sua vida, ele retirou as belezas que o fizeram homem, poeta Drummond de Andrade. Resguardadas as devidas proporções eu me identifico com ele, porque também de minha infância é que nasceu muito ou quase tudo do que eu sou hoje.

São tantas cenas das quais me re-cordo, trago sempre e a cada dia de novo ao coração, querendo traduzir nas minhas linhas, versos, escritos e desenhos as bonitezas que também sempre quis repartir...

²¹ Jornal escolar e blog criado a partir desse estágio, com fotos e informações sobre as atividades desenvolvidas. Disponível em <http://www.boletimdaturma.blogspot.com/>

²² Personagem criado durante as celebrações dos 10 anos do Museu do Brinquedo da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis, 2009. *Reporter* (com dois “t” mesmo) fez estágio no jornal *Profeta Diário* de Hogwarts, escola onde estuda Harry Potter. Com esse jornal em mãos dos asseclas de Lord Voldemort, se alia à “resistência” na rádio pirata que luta contra as falsas informações no último livro da série de Rowling. É provável que, além de *reporter*, ele virá a ser apresentador de telejornal para crianças com veiculação do programa em escolas. Vide Capítulo 4, p. 153.

Recordações de meninice, das mineirices do “Libertas quae sera tamen”²³ das Minas Geraes, daqueles que trazem canga e ouro ao mesmo tempo, tudo junto no lado esquerdo do peito re-fazendo a existência...

Alguns mitos, ideias e verdades

*No princípio criou Deus os céus e a terra.
Gênesis 1,1*

O planeta que ora habitamos um dia foi chamado de Gaia, nome dado pelos gregos que também nos deixaram muitas outras contribuições ao pensamento, ao conhecimento, à compreensão do mundo, às ideias. Tempos atrás, não tão distantes, acreditavam que a Terra fosse plana e chata, com uma abóbada de luzes coladas como estrelas, centro do universo onde sol e lua deslizavam em torno marcando dias e noites. Único local com vida inteligente, e com poucas pessoas mais autorizadas que as outras para dizer o que deveria ser verdade, e muitas para acreditar. E, assim, à princípio, o mundo vai girando pelo céu desde o tempo de nossos ancestrais.

Tantas histórias foram contadas a nós como verdades absolutas e inarredáveis, desde a mais tenra infância, que viver é uma aventura difícil e perigosa no emaranhado de idéias que criamos. A estas histórias temos algumas perguntas iniciais: quem as contou? Daí decorrem outras como, por exemplo: quem as ouviu? E, mais além, nós também podemos perguntar: que autoridade tinham sobre nós aqueles que anunciaram ou noticiaram algo e alguma coisa como verdade a acreditar? E, seguem outras quase infinitas perguntas para as quais buscamos respostas.

Com o advento da institucionalização da escola, como a conhecemos hoje, a partir de uma visão moderna e científica do mundo, aquelas histórias antigas são sistematizadas para caber em currículos adequados às “pequenas” mentes de crianças e jovens. Isso, para sua inserção neste mundo. Histórias lhes são contadas em recortes da infinidade de assuntos e temas, num crescendo de informações adaptadas à suas capacidades de compreensão e interpretação. No decorrer do tempo e do

²³ Liberdade ainda que tardia. Frase da bandeira do Estado de Minas Gerais.

crescimento daquelas outrora crianças, vários mecanismos de averiguação da informação ministrada, e do conhecimento apreendido - avaliações -, lhes são aplicados para garantir sua sobrevivência (ou subserviência) dentro de valores e virtudes socialmente aceitos pela cultura dominante. Tarefa nem sempre fácil de “ministrar”, ou de acompanhar sem muitos questionamentos, tanto por professores como por estudantes.

Além de todo o conhecimento humano historicamente construído, legitimado pela escola e ensinado através dela, hoje outras informações chegam às crianças através de diversos meios e maneiras como o cinema, jornais, revistas, livros, televisão e, mais recentemente, através das mídias digitais, como Internet, redes sociais, *Ipods*, MP3 e outras versões mais avançadas incluindo televisão digital na palma da mão, celular, *mini-disc*, *tablets*, jogos eletrônicos e livros digitais, permitindo mil atividades e relativa interatividade com a tecnologia e interação entre as crianças. São milhões de histórias se entrecruzando e fazendo a história pessoal de cada um no turbilhão de formas e conteúdos nessa Era da Informação, Era do Conhecimento, da hipermídia, das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A mídia e os meios de comunicação, no decorrer de todas essas histórias, tornaram-se instrumentos fabulosos para a disseminação daqueles valores e virtudes, auxiliando na reprodução, na manutenção do equilíbrio dessa sociedade, mas também na sua transformação. Sobre a televisão, Alegria (2005, p. 60-61) afirma que

A TV é mágica e – ao mesmo tempo – inegavelmente realista – É verdadeira e fabulosa: como na razão infante-juvenil, a TV justapõe realidade e ficção num complexo emaranhado de conteúdos verbais e impulsos visuais que só os iniciados conseguem distinguir com perfeição (...) A TV é interativa e dispõe de controles que, quando acionados, trazem conseqüências surpreendentes e deliciosas. Ela possui cores fortes e luminosidade própria, associa imagem e som, é uma ponte de acesso virtual para tudo o que existe e até para o que não existe. Além disso, a TV está em todos os lugares: nos lares, no trabalho, nas ruas. É onipresente.

E, se é ao telejornal que, aparentemente, cabe a responsabilidade de informar às pessoas sobre o mundo que as rodeia - visto o acesso a que temos à TV em sua onipresença -, que motivos ocultos/revelados impulsionam aqueles ritos diários quando os apresentadores, de voz grave ou em tom intimista, entram nos lares, no trabalho, nas ruas para anunciar a “verdade” do que está acontecendo em nossa sociedade? Que fazem os detentores do poder de (in)formação das mídias, e os “iniciados”, para (des)cremos alienados/passivos ou críticos/ativos nos conteúdos exarados como verdades inabaláveis? Até quando a voz da TV é a tonitruante voz de Deus, que se faz a voz do povo? O povo “que não é bobo”²⁴ repete uma ladainha de uma catequese midiática?

Em busca do tema, do problema e de questões

No princípio era o Verbo.

João 1,1

A princípio, considero que o verbo mais conjugado na história da humanidade tenha sido o da dominação, baseada num conhecimento não compartilhado. Esse “dominar” é algo natural, ou foi social e culturalmente construído?

Eras se passaram desde o surgimento da espécie humana neste planeta e, paradigmas se sucedem uns aos outros na explicação do mundo, no fortalecimento ou derrocada de ideias, distanciando ou aproximando as pessoas em grupos, clãs, tribos, etnias, famílias, reinos, nações e impérios até o que, atualmente, podemos chamar de Era da Informação. E, informação, seja o que seja, é criada, manipulada, distorcida, mal-entendida ou bem-entendida na também explicação deste mundo, para Religião, Filosofia e Ciência responder questões básicas tais como: de onde viemos, quem somos nós, para onde iremos...

Civilizações se sucedem umas às outras, os fatos aparentemente mostram, e as pesquisas falam de quanto as

²⁴ Conferir o vídeo da BBC, “Além do cidadão Kane”, “um documentário produzido pela BBC de Londres - proibido no Brasil desde a estreia, em 1993, por decisão judicial - que trata das relações sombrias entre a Rede Globo de Televisão, na pessoa de Roberto Marinho, com o cenário político brasileiro”, (...) abordando a “criação de mitos culturalmente questionáveis, veiculação de notícias frívolas e alienação humana. Vídeo disponível em

<http://video.google.com/videoplay?docid=-570340003958234038#>

pessoas, hoje em dia, se mantêm informadas do que acontece ao redor do mundo através dos noticiários da televisão. Ou, pelo menos acreditamos que a maioria de nós pensa assim. É quase senso comum que a televisão pode ser considerada uma voz da verdade, ou que pelo menos detém este poder em suas mãos. Parece que os meios de comunicação e sua “porta-voz” na forma de mil telas espalhadas pelo mundo, com suas crias menores e não menos abrangentes, dominam o mundo por ideias que querem nos incutir nas mentes.

Era das informações, das revelações, momento propagado apocalíptico, fim de era, 2012, de desintegração dos cérebros ou da integração de consciências, pelo menos em relação às mídias poderíamos esperar algo revolucionário que reinstituisse entre nós uma dignidade talvez perdida/cedida através da história.

Todos os dias, como em ritual repetidamente nos lembrando o que, e em que devemos acreditar, aí estão os telejornais como vozes de dominação apascentando o rebanho mundial, numa mesma cantilena sedutora que parece sair do mesmo catecismo midiático-ideológico, manual que deve ser observado por aqueles que querem sobreviver nessa sociedade-selva, onde apenas os mais e melhores informados sobreviverão. É o telejornal quase uníssono ao redor do mundo, repetido nas páginas impressas e virtuais, nos celulares de última geração, nas telas dentro dos carros, no transporte coletivo, ao alcance dos sentidos, dos olhos e das mãos de praticamente todas as pessoas.

E como se manifestam essas vozes de dominação telejornalísticas em relação às crianças? Dos países do primeiro ao último mundo, crianças de todas as etnias, escolarizadas ou não, empanturradas de sanduíches e obesas, passando fome e mostrando os ossos à flor da pele, o que (i)responsáveis, famílias e escolas dizem a respeito do que as crianças assistem pela televisão e pelas telas? Por que os mesmos textos e falas são dirigidos indistintamente a adultos e crianças na disseminação do que acreditamos ser informação necessária para saber o que é o mundo?

E, sobre as crianças, suas vozes estão encobertas historicamente pela voz das escolas e dos conceitos que tínhamos sobre elas? São subestimadas, desconsideradas, tratadas como adultos em miniatura ou “entes” insignificantes, seres sem voz? Possuem voz, é esta é reconhecida, escutada e apreciada em seu

direito de se manifestar? Quando e quanto de seus direitos e suas vozes entram na pauta das discussões dos telejornais que elas assistem?

E, em que os sistemas de educação e de comunicação, os escolares e os da televisão se parecem, pergunta Torres (1996, p.32). Fazendo relações entre Educação e Imprensa, ressaltando que muitas das vezes a “má televisão” e o “mau sistema escolar” reproduzem-se e “vendem” subliminarmente os produtos mais variados em seus “programas, a autora afirma:

A TV é um grande maquinário informativo: acumula e dissemina dados, fatos, conteúdos, mensagens, notícias, slogans. Os repórteres cercam o personagem; o entrevistador, o entrevistado, em busca de palavras: opiniões, pronunciamentos, discursos, denúncias, seja o que for. Da perspectiva da TV, o telespectador é um saco sem fundo, sempre pronto a receber quantidades abismais de informação. Do mesmo modo como acontece no sistema escolar. (Idem, p.33)

Em que medida a TV e a escola dominam? Para estes sistemas somos mesmo “saco sem fundo”? São questões para as mais amplas reflexões...

A respeito dessa dominação, Dussel dialoga com Paulo Freire e faz reflexões sobre uma educação libertadora, especialmente em nossa sociedade latino-americana, a partir de uma visão descolonizada, não eurocêntrica na maneira de fazer e saber o mundo, numa outra possibilidade de ser na história, numa filosofia da libertação, e reflete sobre o “encobrimento” do outro pela imposição da voz do mais forte:

Dussel lembra que a ontologia pedagógica burguesa-imperial, hoje em dia, não é somente ensinada nas escolas e universidades. Os meios de comunicação de massa veiculam, de forma constante e sutil, mensagens ideológicas que transmitem valores da cultura imperante, ao mesmo tempo que ensinam a detectar os ‘inimigos’ do sistema (Boufleuer, 1991, p.84).

Na mesma linha de uma Pedagogia Libertária, Maurício Tragtenberg, fez duras críticas aos sistemas, no final dos anos 70, que ainda fazem sentido na realidade do sistema educacional brasileiro: “O sistema educacional nacional, operando por exclusão que atinge grande parte da população, é um dos aparelhos de hegemonia dos setores dominantes operando em relação ao povo não pelo ‘fazer falar’, mas pelo ‘fazer calar’” (Tragtenberg, 1982, p.62).

Se dominação implica em opressão, exclusão e certamente em ódio, isto explica o ideal na busca pela liberdade, inclusão e amor também na Educação para a realização das utopias que com-clamam por justiça em todas as suas dimensões. Isso coloca à frente, e como desafio a enfrentar nessa época de profundas transformações pela qual passamos na Era Digital que, professores que se fazem mídia-educadores refletem também nas relações que Educação e Comunicação têm com a economia e política de-terminando os rumos do mundo na sociedade e nas culturas das gentes. Nesse campo da Mídia-Educação há também uma cena de guerra sendo travada, travestida nos interesses econômicos e políticos dissimulados no jogo (sujo) das negociatas em busca de dominação. Todas as guerras parecem falar de ódio, sejam elas interiores, domésticas, na vizinhança, nas cidades, países e continentes ao redor do planeta, e elas são apresentadas em cenas que cotidianamente fazem o espetáculo na TV e obviamente nos telejornais, abordadas de forma sensacionalista, espetaculosa e dramática como se fossem o “show da vida” fantasticamente editadas para chamar e prender a atenção do telespectador.

Por isso, percebo uma imensurável lógica que transborda Paz nessas palavras gravadas ao custo de muita luta no enfrentamento e literal combate que o educador trava, muito além de suas obrigações meramente profissionais como Pedagogo... aquele que “conduz a criança” “daqui prali” e “de lá pra cá” desde o preceptor, mestre, guia ou escravo (não cidadão) que conduzia o filho das antigas elites gregas ao “paedagogium” até aos “cientistas do ensino” da atualidade:

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.(Freire, 2010, p. 104)

O corajoso autor delas, e tão mal lembrado na Educação, continua sua exposição sobre a imposição de ideias e ditados “trabalhando *sobre* o educando” e não “*com*” ele, para a acomodação do pensamento que des-propicie o “pensar autêntico” no “esforço de recriação’ e de procura” que “exige reinvenção” (Idem, p.104-105). Então, o que pensar desse esforço todo para alcançar a Paz? A Mídia-Educação vem para buscar essa Paz quando podemos perceber tantas tensões nos mundos da Educação e Comunicação? E quem viria para trazer a espada a cortar todas as amarras da opressão? Quem traria amor a este mundo? Quem o trairia?

Com o passar dos anos, os movimentos de resistência a esse estado de coisas se dá tanto na sociedade como dentro das escolas e das universidades, e na mídia alternativa, ao mesmo tempo em que o Estado brasileiro realiza amplas “reformas” no sistema educacional. Registre-se que esse mesmo Estado não é tão pródigo em fazer as reformas no campo das comunicações sociais, porque os meios, no final das contas, estão nas mãos daquelas pessoas que “dominam” os que “formam” a base dos governos. Uma alternativa a contrapor a esta situação seria a organização popular e a educação? Seria a Mídia-Educação um campo teórico-prático apropriado para provocar, o que fosse, um tipo de resistência ao *status quo*, instigando a luta pela cidadania, a luta pelo direito à informação de qualidade? No entanto, é prodigiosíssimo no “regular” cada gesto na Educação, seja nas grades, nos currículos nos cubículos das salas de aula, sempre à espreita de “vigiar e punir”...

Creio que hoje mais e mais se faz perceber a necessidade de a escola ser o espaço em que se trabalharão questões que ajudem as crianças a se educarem para a própria cidadania, e especialmente no caso das mídias, proporcionar espaço e discussão para fazer críticas a essas mesmas mídias, ou se apropriarem de técnicas – e conteúdos - que lhes permitam expressar suas percepções e vozes através das mídias.

Documentos internacionais, pesquisas e fatos apresentam as crianças sendo protegidas de conteúdos televisivos que agridam seu “bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde

física e mental”²⁵, através da classificação indicativa, ainda que isso não impeça essas crianças de se ligarem no que se passa na TV. Mas, os telejornais estão fora dessa classificação, justamente por serem considerados os seus conteúdos como jornalísticos. Por que esse interesse em não se classificar os telejornais, ainda que as cartas internacionais de direitos das crianças estabeleçam obrigações jurídicas aos estados signatários? (ANDI, 2006, p. 21)

Ainda que possamos discutir a questão das fronteiras entre crianças, adolescentes e adultos nos tempos atuais, nessa investigação a princípio entendo a infância não apenas como uma das “etapas” naturais da vida humana – uma consequência imediata dos fatores biológicos que caracterizam os indivíduos”, mas como categoria social e um conceito polissêmico que envolve múltiplas dimensões e campos (Javeau, 2005, p.379). E, a criança, entendo não apenas “numa perspectiva evolutiva e etária” ou “como um ser social determinado historicamente”, mas também como sujeito psicológico em toda sua complexidade e singularidade (idem).²⁶

Numa abordagem sociológica, Pinto (1997) nos ajuda a compreender “o modo como as ciências humanas e sociais têm contribuído para a construção das representações, atitudes e práticas sociais relacionadas com a infância” (Idem, p. 69). Na evolução desse conceito cita Locke e Rousseau, discorrendo como que em tempos remotos a criança era impunemente levada à morte, ao abandono, terror e abuso sexual (Idem, p.38). Depois, considerada tabula rasa, “onde adultos poderiam ‘escrever’ aquilo que julgavam necessário ao seu desenvolvimento” (Idem, p. 40) em casa ou na escola, detecta a decisiva “importância da atenção e intervenção dos adultos no processo de formação das crianças” (Idem, p. 41) nos séculos XVII e XVIII influenciando o trabalho de pensadores do século posterior, como Fröbel, Pestalozzi e Montessori, e além como Herbert Mead, Sigmund Freud, Piaget, Postman, Giddeens destacando a importância da socialização das crianças nos seus processos de desenvolvimento como um todo.

²⁵ Convenção sobre os direitos das crianças, Art. 17. A Assembléia Geral das Nações Unidas adotou a Convenção sobre os Direitos da Criança – Carta Magna para as crianças de todo o mundo – em 20 de novembro de 1989, e, no ano seguinte, o documento foi oficializado como lei internacional. Fonte: UNICEF. Acesso em 10 out 2009. http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm

²⁶ Vide também a contribuição da ANDI, Agência de Notícias dos Direitos da Infância ao debate sobre a conceituação de criança e infância (2006, p. 85) na bibliografia.

Quando trata do papel dos meios de comunicação nessa socialização, Pinto traz outros autores à discussão e afirma os “claros sintomas de contradições entre o discurso social e político sobre a infância e as práticas sociais relacionadas com as crianças” (Idem, p. 51). Percebemos isso ainda hoje quando, por exemplo, ele apresenta o paradoxo entre a evidente (des)proteção de seus direitos pela falta de investimentos (políticas públicas) ao mesmo tempo em que se aprova e assina a Convenção dos Direitos da Criança (1989) (Idem, p. 52). Com toda a informação explodindo a partir dos meios de comunicação tradicionais (imprensa escrita, rádio, televisão) e mais recentemente através dos meios digitais, percebo que é com certa ironia – e pesar - que o autor se refere aos meios de comunicação colocando a criança como um adulto em miniatura, ao mesmo tempo em que os adultos são infantilizados ou “juvenilizados” (Idem, p. 58), indicando Postman e o desaparecimento das fronteiras entre infância e vida adulta.

Nesse universo informativo, dentre muitas questões a serem abordadas a seguir, destaco a questão do telejornal a que as crianças assistem e estão praticamente submetidas. Se os telejornais são apresentação de representações de mundo, e se as crianças os assistem e, assim constroem suas representações, como a criança se apropria do telejornal? Ou será que é o telejornal que se apropria dela? Há domínio/submissão/transgressão nessa relação telejornal/criança?

Considerando que as crianças assistem diversos programas da TV, e não apenas os que são dirigidos ao público infantil, é interessante destacar que os telejornais acontecem nos horários em que as pessoas fazem suas refeições regulares (café da manhã, almoço, jantar) ou antes de dormir. Mas como as crianças apreendem tais informações, uma vez que o telejornal não foi feito especificamente para elas? Como elas entendem e se apropriam de suas mensagens? Elas têm a oportunidade de conversar sobre isso? Com quem, onde, como, quando? Há resistências e vozes que se juntam às das crianças para lhes proteger os direitos nos telejornais existentes? No mundo do telejornal houve algum específico dirigido a elas? Como proteger os direitos inalienáveis das crianças em relação à informação de qualidade nos telejornais?

Se o telejornalismo hoje em dia é/foi fruto da matriz daquele pensamento dominador - e pensamento que se quer “conservar” nesses tempos de globalização - e vejo uma aparente “internacionalização” da estética e conteúdo do modo de se fazer a notícia pelo mundo, também me preocupo com o aparente fato de que, pelo menos no Brasil não há uma regulamentação objetiva que restrinja teor, sentido ou conteúdo da notícia, como parece existir em outros países. Isso posto quando as crianças assistem aos telejornais que não são feitos para elas. Assim, não há classificação indicativa para telejornais, como existe para determinados programas e uma vez que não há telejornal para crianças, elas assistem ao telejornal que é feito para os adultos. Isso constitui parte do problema que me levou a desenvolver essa pesquisa.

Neste mundo em que vivemos, com as políticas neoliberais ditando as ordens na economia, na política e, conseqüentemente, na educação (Lombardi, 2001), neste planeta que em que as novas tecnologias se desenvolvem a passos largos, com tantas histórias se entrecruzando nessa sociedade “aldeia global” (McLuhan, 1969), e onde educação e informação são tratadas como mercadoria (Chomsky, Dieterich, 1999), o que há para discutir sobre a importância da educação *para, com e através* das mídias? O que há para discutir sobre o telejornal que as crianças assistem? Que cenários de mudanças em relação às mídias e às crianças poderiam ad-vir neste mundo de

“novos excluídos” das sociedades centrais e periféricas do capitalismo globalizado (...) os indivíduos definidos negativamente, por aquilo que não têm; (...) os ‘sem’ - sem-teto, sem-trabalho, sem-domicílio fixo, sem-documentos – cujos vínculos sociais e familiares foram rompidos. Fazem parte desse contingente de pessoas ‘banidas’ das sociedades contemporâneas, por inúteis e potencialmente perigosos ou ameaçadores, muitas crianças e adolescentes, frágeis soldados dessa guerra civil disfarçada, pronta a rebentar em qualquer esquina das grandes cidades da América Latina. Problema que preocupa pessoas de boa-vontade em todo o mundo, a situação da criança e do jovem pobres é um desafio não apenas para o Brasil, mas para todos (Belloni, 2010, p. 26).

Diante desse quadro, da criança submetida ao mundo das informações que são veiculadas nos telejornais, o **problema da pesquisa** tem foco nos porquês de não existir atualmente telejornal para crianças com formatos alternativos nos grandes meios de comunicação, tampouco nos canais denominados educativos. E, também nas questões que estão “submersas”, abaixo da ponta do iceberg, relacionados à relação telejornal e crianças, tais como: a questão da classificação indicativa para telejornais na proteção dos direitos das crianças, as que se referem à (des)regulação dos meios de comunicação, e a possibilidade de mediação sistematizada pela escola nas notícias que a criança vê e ouve dos telejornais.

Para discutir tais questões é necessário saber o que já foi estudado a respeito, para compreender como esses processos se dão e, no meu entender, para ir mais além. E, isso justifica a realização de uma investigação que pretende refletir sobre a (não)produção do telejornal especialmente para crianças.

Ao mesmo tempo, procurei com isso instigar os produtores de telejornais para que haja possibilidades de discussão sobre um telejornal *para* crianças, certamente com a participação da escola.

Minhas perguntas iniciais: O que é telejornal para a sociedade? O que é telejornal feito para adultos que as crianças assistem? O que foi o Telejornal Globinho? O que é telejornal específico para crianças? Por que não existe classificação indicativa para telejornais como existe para outros programas? É (im)possível fazer telejornal *para* as crianças?

E, mais além, é (im)possível fazer telejornal *com* as crianças através da mediação da escola? Onde fazer telejornalismo *para, com* ou através das crianças: na televisão, na Internet? E como é possível fazê-lo com as crianças utilizando máquina fotográfica/filmadora, celular e blogs?

A partir dessa do problema inicial me coloquei numa atitude de abertura às indagações que fiz e, me propus a criar e buscar oportunidades para a compreensão dessas questões, bem como de construção de diálogos, e junto aos pesquisadores e produtores de telejornalismo nos meios de comunicação, privados e públicos, para entender as perguntas levantadas.

Objetivos

Diante dessas perguntas e suas possíveis lacunas, o **objetivo geral da pesquisa** é analisar experiências sobre telejornalismo feito para crianças no Brasil nas últimas décadas - o Telejornal Globinho - e discutir os porquês das ausências de produções de telejornais para crianças no país atualmente.

Entre os **objetivos específicos**, pretendemos 1) sistematizar informações, estudos e pesquisas sobre a relação telejornalismo e crianças no Brasil; 2) analisar aspectos da experiência do “Telejornal Globinho” (especialmente no período de 1977 a 1983); 3) investigar o que produtores, jornalistas e pesquisadores pensam sobre telejornal para crianças; refletir sobre as relações entre telejornal, ética, direitos das crianças e educação; e 4) contribuir com estudos sobre a criança, Educação, Comunicação, Mídia-Educação e Filosofia.

Hipótese

A **hipótese** inicial é a de que a ausência de um telejornal para crianças, dos anos 80 até o presente momento, se deve à falta de patrocínio; possivelmente devido a um desinteresse das redes comerciais de televisão por fazer um programa com especificidades para as crianças e, devido à suposição de haver pouca audiência. Aliado a isso, a constatação da ausência de estudos sobre produção cultural para crianças nos cursos de Comunicação Social/Jornalismo e a falta de conhecimentos sobre criança e educação na grade curricular e nos programas de ensino que envolvem a formação de jornalistas e comunicadores.

Além disso, há dúvidas entre os pesquisadores sobre a necessidade de se ter um telejornal para crianças, uma vez que elas assistem/interagem com outras produções que não foram feitas especificamente para elas.

Diante do problema de saber por que é importante ter um telejornal para crianças e das **hipóteses** de sua não existência, havendo um telejornal de qualidade para crianças, o pressuposto é que este deveria ser para produzido dentro de critérios que evidenciassem valores humanos universais e os direitos humanos inalienáveis. O respeito às crianças seria assegurado em suas necessidades e peculiaridades conforme sua fase de formação, e o telejornal seria indissociavelmente social, política, cultural,

educacional, comunicacionalmente comprometido, não coadunado apenas com as necessidades do mercado financeiro, nem com o consumismo desenfreado. Neste caso, a **hipótese** seria que este telejornal feito para crianças poderia ser visto com bons olhos pelos adultos, que “engrossariam” sua audiência.

Metodologia

Sendo o telejornal e a criança um objeto fronteira que cruza diferentes âmbitos e campos do conhecimento, mais especificamente comunicação/educação, várias abordagens metodológicas fizeram parte dessa “pesquisa educativa sobre os meios” com área de interesse nos “estudos e funcionamento das mídias” (Rivoltella, 2009 A). Ao mesmo tempo, este trajeto investigativo para entender o que é/pode ser o telejornal para crianças, possui uma preocupação que é de fundo educativo e busca um caminho de entendimento para melhorar a intervenção pedagógica na escola que é o âmbito da “pesquisa na perspectiva da Mídia-Educação (Idem).

Para situar a relação entre telejornal, educação e crianças, realizamos estudos teóricos e uma revisão de literatura sobre o tema destacando as pesquisas no campo da educação e comunicação. Para compreender o que foi, como foi e por que foi o Telejornal Globinho, fizemos um “Estudo de Caso”, ou melhor dizendo, de aspectos de um Caso, no sentido de analisar uma experiência telejornalística como um acontecimento específico. Nos estudos de caso, o fenômeno e sua extensão exigem que analisemos diferentes situações, pois há “mais variáveis de interesse do que de pontos de dados. Em resposta, uma tática essencial é usar múltiplas fontes de evidencia, de forma que os dados converjam de modo triangular“ (Yin, 2010, p.22). Para Yin, a necessidade do estudo de caso “surge do desejo de entender os fenômenos sociais complexos (...) e permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (Idem, p.24).

Para saber o que produtores, jornalistas e pesquisadores pensam sobre telejornal para crianças, buscamos depoimentos de alguns criadores, jornalistas, pesquisadores e produtores a respeito dos referidos telejornais e analisamos suas diferentes posições a partir de análise documental e de um questionário enviado/respondido por escrito obtido por meio de contato via e-

mail. Os critérios de escolha de tais sujeitos de pesquisa serão explicitados no item que trata dessa questão.

Em síntese, a investigação envolveu quatro etapas:

1º. Estudo teórico: revisão de literatura sobre telejornal e criança, estudo e reflexão sobre relações entre e aspectos teórico-práticos de telejornalismo, criança no campo da Educação, Comunicação e Mídia-Educação²⁷;

2º. Pesquisa documental: análise de depoimentos escritos e audiovisuais sobre o “Telejornal Globinho” com sua produtora, jornalista e apresentadora, Paula Saldanha.²⁸

3º. Pesquisa empírica: questionário escrito realizado com profissionais envolvidos na produção de telejornais *para* crianças e com pesquisadores do campo da educação e comunicação, via contato por e-mail.²⁹

4. Análise dos dados, sistematização da reflexão e outras elaborações teóricas.

Dessa forma, o trabalho ficou assim estruturado. Dividi o trabalho em sete seções - ou faces de uma mesma realidade, como capítulos de uma história e passos em degraus ascendentes - para facilitar a compreensão das reflexões e relações que faço nas paráfrases, metáforas e alegorias a partir do conto “Das três transformações”, de Nietzsche em “Assim falava Zaratustra”³⁰.

Nesta estrutura os capítulos principais e foco da pesquisa são os I, II, III, IV ainda considerando o V que vai para as considerações finais. As seções VI e VII são uma proposta de estudo futuro à síntese sobre o que foi pesquisado.

Já para prevenir o leitor das “minhas mais melhores de boas” intenções, relaciono a Comunicação e o Telejornalismo com a figura do Camelo, a Mídia-Educação com o Leão e, as

²⁷ Artigos, dissertações, e teses.

²⁸ Entrevistas escritas e gravadas em vídeo disponibilizadas nos meios.

²⁹ Perguntas da entrevista e consolidado das respostas em anexo 02, 03.

³⁰ Vide bibliografia e apêndice 2, “As três transformações”, de Friederich Nietzsche em “Assim falou Zaratustra”.

crianças, de modo geral, com a potencialidade em vir a ser a Criança do conto. Tentei trazer as demais citações como “notícias” urgentes que chegam como um “plantão” ao meio e de acordo com o tema abordado no decorrer do texto.

Ao mesmo tempo faço referências a citações filosóficas, bíblicas/religiosas e de várias confissões e credos. E, vou costurando todas elas com as citações acadêmicas. Isso porque creio que, no final das contas sempre acreditamos nisso ou naquilo, selecionamos frases/sentidos/conceitos do caldo cultural em que nos formamos, das histórias que nos são (re)contadas, das histórias que (re)descobrimos, das hipóteses que vamos (des)(re)construindo.

Essas citações são retomadas nas considerações finais, embora em todo o texto fique subentendida essa “transformação” pela qual passam as funções sociais, educativas e culturais do Telejornalismo, da Comunicação, da Mídia-Educação, mas também da escola e de nós mesmos, indivíduos e sociedade, pesquisadores e grupos de estudo na re-descoberta de valores ou na re-invenção de um mundo em que vivemos em plenitude.

Ao longo do trabalho também faço citação de músicas, poemas, histórias, mitos, ideias, verdades ou consideradas meias verdades, parábolas e ícones da arte que, além de terem relação *com* e *para* o tema estudado, fazem parte de minha trajetória, e dizem respeito às minhas descobertas enquanto ser caminhante nessa vida, inclusive na vida universitária. Ademais, não conseguiria me expressar perfeitamente se eu não fosse eu mesmo em todas as instâncias sociais onde circulo, inclusive na acadêmica. E, por isso, arte e poesia se mesclam em mim e na minha maneira de me expressar, e de tentar me fazer “compreendido”.

Assim, crio, recrio metáforas, aforismos, provérbios, máximas, oráculos, chamo e re-mexo com frases “sagradas” que aprendemos ao longo de nossas vidas. Ou esse recurso de estilo ao escrever me ajudava a compreender as questões levantadas na pesquisa, ou as próprias citações justamente me ajudavam a compreender o texto/questões da pesquisa. Se me fiz um tanto pó-ético e pro-fético, de profanador das coisas sagradas à filosofia, religião e ciência, seguramente que foi bem esta a minha “mais melhor de boa” intenção...

Em tratando de telejornais nesta pesquisa, as citações propriamente ditas de autores consultados foram trazidas com a

intenção de serem “*breaking news*”, como que tentando em meio ao “contar a história” da viagem dar-lhes a palavra para que eles mesmos dessem seu depoimento como, digamos, entrevistados. Isso também como recurso para evitar ao máximo o parafraseamento, com a intenção de não “interferir” na “voz” própria deles. Prefiri entendê-los *ipsis litteris* que confundi-los, e a mim e aos possíveis leitores ao pretender querer me fazer “erudito” demais. Algumas delas podem ser longas, mas considereí colocá-las assim mesmo quando me pareceram ser relevantes ao tratar de um tema pouco estudado pelos especialistas da área, pelo menos na abordagem e nas relações com as quais vou desenvolvendo o texto. As notas são colocadas de modo a ajudar a compreender ou contextualizar certas passagens do texto, ou como “versículos” nos capítulos...

A princípio foi minha intenção escrever a dissertação como uma reportagem, um roteiro para documentário, como uma pequena “travessura” de forma e estilo, sem perder o caráter “acadêmico”. Se, no geral a dissertação não se configurou assim, creio que isto poderá ser feito num futuro próximo.

Nesta **introdução** alinhei memórias e histórias que, de uma forma ou outra, me influenciaram ao comprometimento com o estudo que busco realizar e, explícito o problema, as questões da pesquisa, os objetivos e metodologia utilizada na investigação.

O **Capítulo I** parte do entendimento do telejornal em suas finalidades e formatos, considerando a importância de produção de mídias para as crianças, e o direito que elas têm à informação de qualidade. Dessa discussão, transitamos pelo referencial teórico da Mídia-Educação, e no entrecruzamento dos estudos em Educação e Comunicação situamos algumas pesquisas feitas sobre jornalismo e crianças. Por fim, problematizamos a questão da classificação indicativa e o papel da escola nesse contexto, considerando como um dos temas submersos além da ponta propriamente dita do iceberg, que é a questão central desta pesquisa.

No **Capítulo II** apresentamos alguns estudos realizados sobre o “Telejornal Globinho”, destacando especialmente duas entrevistas em vídeo com depoimentos de sua apresentadora, Paula Saldanha. Abordamos o programa “Plantão do Tas” e o fato de esse programa “ser ou não ser” um telejornal assim como é propagandeado, além de outros programas baseados num formato telejornalístico. E, seguimos em busca de outras

experiências realizadas em diversos países sobre telejornal e criança.

No **Capítulo III** vamos em busca de perguntas e respostas sobre o que produtores, editores, jornalistas das grandes mídias, das mídias alternativas, professores e pesquisadores do campo da educação e comunicação pensam sobre **telejornal para as crianças e sobre os telejornais** que em geral as crianças assistem. Além dos porquês de não existir telejornal especialmente preparado para elas, **apresentamos outras questões sobre a especificidade de tal relação**. A análise de algumas respostas encaminha a continuidade da discussão.

No **Capítulo IV** faço um “interlúdio” na discussão telejornal-crianças com considerações sobre os mitos, ideias, verdades e pesquisas para retomar a relação entre a Comunicação e Educação com o Camelo e o Leão da “Transformação do Espírito” do qual falava Zaratustra, em Nietzsche, no contexto da sociedade capitalista em que vivemos. Então, percorro outras paisagens e notícias buscando a possibilidade de construção de um outro telejornal na perspectiva da Mídia-Educação. E, depois, des-velando o segredo do iceberg nessa relação, as considerações sobre ética jornalística e educacional apontam outras reflexões sobre mediações escolares e as (im)possibilidades e/ou (des)interesses na (des)construção da produção de telejornal na televisão (aberta/fechada) para crianças nos dias atuais. Ao destacar outra maneira analisar os telejornais e crianças na escola apresento uma introdução ao meu conceito de **Filosomídia**.

O **Capítulo V** continua no aprofundamento das reflexões, destacando numa outra perspectiva de perceber a Educação e Comunicação com propostas de ações que viabilizassem um telejornal com a participação das crianças na escola. As considerações finais traçam reflexões sobre a trajetória percorrida, considerando as perguntas feitas desde o início da pesquisa e, no “Fiat Lux”, sobre o reconhecimento da comunicação como um direito humano. Também destaca a atenção para a questão do telejornal sendo para, com e através das crianças como possibilidade concreta de dar voz a elas, bem como ouvidos às suas indagações e mensagens que nos dão através de suas falas, deixando abertas algumas pistas que direcionam para outras viagens e filosomídia-navegações.

Sentindo a necessidade de aprofundar mais determinadas questões percebidas ao longo do percurso desta pesquisa - o que

se dará posteriormente a ela - chamei de **Seção VI**, ou “**Epílogo**”, onde a partir dos pressupostos da Mídia-Educação início considerações sobre uma possibilidade de realização de telejornal com crianças. Isso, agora na perspectiva da **Filosomídia** tanto quanto da ação decorrente dela, a Filosomeiação. Traço algumas considerações que, certamente, necessitarei aprofundar com o tempo e os estudos para amadurecer no que este conceito significa em relação à práxis a que se propõe.

Na mesma linha de pensamento, na **Seção VII**, ou “**Prólogo**”, uma digressão “filosomidiante”, um *flash* poético em forma de história, extrato de um conto que sintetiza e fala da minha própria vida, da trajetória da pesquisa, e da visão na perspectiva da **Filosomídia** que considero, marcando o fechamento de um ciclo e a abertura de um outro tempo para ser e aprender-ensinar-pesquisar-extensionar em um Outro Mundo, filosomeiado com o Outro.

SEÇÃO I – O CAMELO E O LEÃO

Capítulo 1 – Telejornal e Mídia-Educação: o Camelo e o Leão

Neste capítulo parto do entendimento do telejornal em suas finalidades e formatos, considerando a importância de produção de mídias para as crianças, e o direito que elas têm à informação de qualidade. Dessa discussão, transitamos pelo referencial teórico da Mídia-Educação, e no entrecruzamento dos estudos em Educação e Comunicação situamos algumas pesquisas feitas sobre jornalismo e crianças. Por fim, problematizamos a questão da classificação indicativa e o papel da escola nesse contexto, considerando como um dos temas submersos além da ponta propriamente dita do iceberg, que é a questão central desta pesquisa.

*Escreve as coisas que tens visto, e as que são,
e as que depois destas hão de acontecer.*

Apocalipse 1, 19

Meios de comunicação, mídia, imprensa, telejornalismo, programas noticiosos e notícia

No contexto dessa investigação, consideramos meios de comunicação como os veículos com os quais se faz a comunicação com o grande público, comumente usado como sinônimo de “mídia”. Imprensa será entendida como termo que abrange veículos de comunicação que exercem a função de fornecer informação, sejam eles impressos (jornais e revistas), difundidos pelo rádio ou televisão (radiodifusão), e pela internet e outros meios digitais. Por sua vez, telejornal é entendido como um programa de notícias veiculado por um meio de comunicação/mídia, a televisão, através de empresas da área de comunicação, que por sua vez possuem concessões para tal. E, por sua vez, telejornalismo será entendido como prática profissional do jornalismo aplicada à televisão, como veremos mais adiante. Por programas noticiosos entendemos os programas não tendo a “estrutura” de um telejornal, apresentam conteúdos de teor informativo (ou noticioso), que em geral são transmitidos ao vivo.

Do ponto de vista telejornalístico, e de acordo com Sodré (1996), consideramos a notícia como “relato telejornalístico de acontecimentos tidos como relevantes para a compreensão do

cotidiano”, “forma narrativa” ou “modo específico de contar uma história”, inferindo-se que “acontecimento” (ou fato) e notícia não são a mesma coisa” e, que “do ponto de vista do *medium* (jornal, rádio e tevê), o acontecimento é uma matéria-prima para o produto notícia que, por sua vez, pode constituir-se em acontecimento para o público” (Idem, p.132-133).

1.1 - Telejornalismo e notícia

Afirmando que “o telejornalismo não tem recebido do mundo acadêmico a atenção que merece”, Vizeu apresenta “algumas questões para reflexão sobre a influência dos noticiários televisivos no dia a dia das pessoas e na forma como elas percebem o mundo” (2005, p. 83). A sua hipótese “é que os telejornais desempenham no Brasil um papel central no conhecimento do mundo. Funcionam como uma forma de conhecimento do cotidiano” (Idem).

Destacando dois pesquisadores que aprofundaram estudos nessa questão específica, ele cita Genro Filho afirmando que o jornalismo é “*uma forma social de conhecimento*” e, complementa com Meditsch argumentando

que o conhecimento do jornalismo é diferente do conhecimento da ciência. Enquanto o primeiro é o modo de conhecimento do mundo explicável, o segundo é o modo de conhecimento do mundo sensível. A Ciência trabalha com hipóteses, enquanto o Jornalismo trabalha com o universo das notícias que diz respeito às aparências do mundo (Vizeu, 2005 b, p. 85).

Para Vizeu, em um contexto onde telejornalismo é a prática do jornalismo aplicada à televisão, e que a notícia é o fato de relevância,

os noticiários televisivos ao apresentarem as notícias diariamente de uma forma sistematizada e hierarquizada constituem-se em um referente importante na construção desse mundo do cotidiano. Ao assistirem um telejornal, as pessoas também procuram sentidos para a realidade que as cerca. Elas aprendem ativamente e atribuem significados,

ressignificam o mundo do telejornalismo, na experiência do seu dia a dia (Idem, 2005 b, p. 77).

Em outro trabalho, Vizeu (2005 a, p. 62) busca autores clássicos para demonstrar que “notícia”, é então, “uma forma de ver, perceber e conceber a realidade” e, resgata um trabalho de jornalista e sociólogo, Robert Park, escrito em 1922, afirmando que

ele considera que as notícias têm como incumbência a construção da coesão social. Elas permitem às pessoas ficarem sabendo o que acontece em volta delas para tomarem atitudes e, através de suas ações, construir uma identidade comum. A função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real. Na medida em que o consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência sociedade (Idem a, p. 65).

Genro Filho também busca Robert Park para falar da notícia, mas aprofunda dizendo que aquele autor define

o conhecimento produzido pelo jornalismo com um mero reflexo empírico e necessariamente acrítico, cuja função é somente integrar os indivíduos no ‘status quo’, situá-lo e adaptá-lo na organicidade social vigente. O jornalismo teria, assim, uma função estritamente ‘positiva’ em relação à sociedade civil burguesa, tomada esta como referência universal” (Genro Filho, 1987, p. 4)³¹.

Nessa citação fica claramente exposta sua compreensão da função do jornalismo, o que me parece reforçando que no papel do leitor como mero “espectador” aceitando as notícias como expressões da verdade sobre o conhecimento do mundo. Assim, parece ter sentido considerar a imprensa, o jornalismo e o telejornalismo como “aparelho ideológico do estado”, conforme o autor situa (Genro Filho, 1987, p. 5)³².

³¹ Versão de download do capítulo III do livro para documento Word do site em [www.adelmo.com.br http://www.adelmo.com.br/bibt/t196-03.htm](http://www.adelmo.com.br/bibt/t196-03.htm)

³² Idem

Genro Filho propõe uma inversão de como a notícia é apresentada pelo jornalismo, ao considerar a possibilidade de a notícia não ser o ponto de partida para a construção daquele “conhecimento” hegemônico, mas ponto de partida para o “singular”, do saber que vai do senso-comum (com seus preconceitos e estereótipos) para, possivelmente, uma outra compreensão dos fatos noticiosos, certamente mais contextualizada, crítica, pensante. É dessa singularidade de perceber/observar/olhar/descrever/escrever que ele sugere que se parta para a construção da notícia.

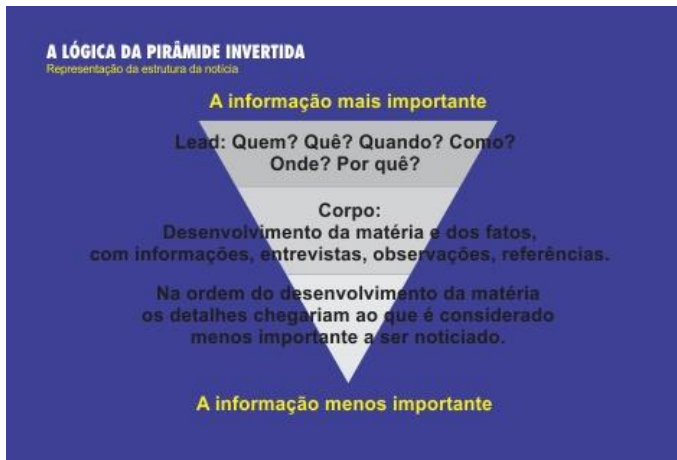
A notícia e o *lead*: o quê, quem, quando, onde, como, por quê?

Na construção da notícia, em “formato” aceito pelo Jornalismo desde meados do século XIX para apresentar ou “arranjar” um texto, parte-se de uma lógica que estabelece a disposição da informação a ser dada, de uma forma decrescente de importância. Um triângulo apontado para baixo, uma pirâmide invertida. O “grosso” da informação importante caberia nos parágrafos iniciais do texto, o chamado *lead*.

Segundo Lage (1987) “o *lead* é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso” e “corresponde à primeira proposição de uma notícia radiofônica, ao texto lido pelo apresentador ou à *cabeça* do repórter (quando ele aparece falando) no início de uma notícia em televisão” (Idem, p.26).

Ainda que segundo o autor “os manuais mencionam mais de uma dezena de tipos de *lead*” (Idem, p.36) afirma que ainda que raros todos decorrem do *lead* clássico. No jornalismo o *lead* corresponde às seis perguntas básicas a serem respondidas na elaboração da matéria/notícia: "O quê?", "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", e "Por quê?"

Figura 02 . A lógica da pirâmide invertida



Assim, deixam-se as informações menos relevantes para o final. Essa lógica se difundiu para o mundo e, parece que os produtores de notícias acreditavam, então, que a maioria dos leitores se satisfaria com as informações iniciais e, certamente, nem leriam (ou ouviriam no caso do telejornal) o texto completamente, pois estariam “saciados” e inteirados do ocorrido. Genro Filho cita Eleazar Diaz Rangel que define esse procedimento como configurando que

o leitor, assim, informa-se brevemente e não pergunta pelas circunstâncias dos fatos. Essa nova estrutura da notícia não foi planejada para chamar o leitor à reflexão, mas apenas ‘para informá-lo superficialmente, para adormecê-lo, fazê-lo indiferente e evitar que pense (Genro Filho, 1987, p. 4)³³.

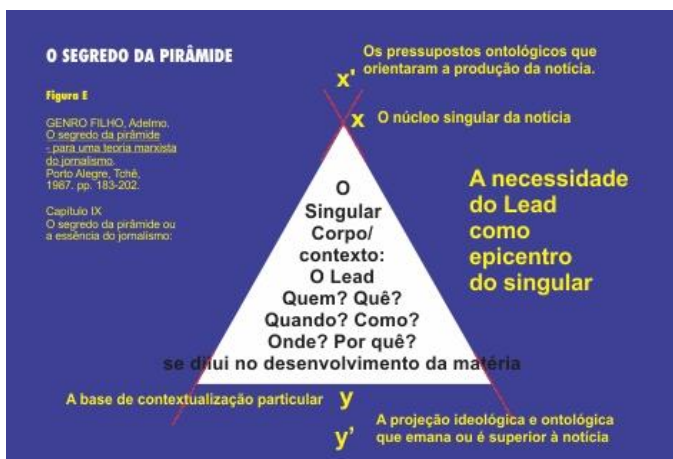
O autor inverte essa pirâmide, afirmando que nela o *lead* não estaria apenas no topo, mas como “local” da singularidade da

³³ Versão de download do capítulo IX do livro para documento Word do site em www.adelmo.com.br
<http://www.adelmo.com.br/bibt/t196-09.htm>

notícia, como epicentro da pirâmide, explicitado na figura abaixo. Entenda-se por singularidade aspectos particulares do conteúdo que anunciem outra intencionalidade do autor que escreve, outras percepções que reúnam dados que não apenas informassem ou adormecessem, ou que fizessem indiferentes e des-pensantes os leitores.

A singularidade na notícia poderia ser como um exercício quase literário, beirando o poético. Seria como se invertêssemos a figura anterior, onde o mais importante ao começar a notícia estivesse justamente na singularidade, desde o ápice se diluindo, fluindo por suas faces desde o epicentro.

Figura 03 . O Segredo da Pirâmide



Para Vizeu (2005 b, p. 92), “ao contribuírem diariamente para a construção da realidade os jornalistas acabam criando representações sociais mais cristalizadas” que ele denomina como estereótipo, no sentido de que na produção da notícia certos “entendimentos” são reforçados por uso e por circunstância, como imposição de um saber pasteurizado. Creio que, ao se inverter a pirâmide, o possível acesso ao conhecimento muda.

Em sua leitura de Genro Filho, Karam (2007) destaca que o “singular” a que ele se refere não é o “conteúdo” a ser noticiado em si, mas a forma com que são expressadas as várias dimensões percebidas pelo jornalista, apresentando aspectos

universais do fato, sem “inventar” nada que acrescente ao acontecido. Ressalta que o jornalista tem de respeitar os fatos, dá-lo a conhecer por meio de um relato singular por sua percepção individual, numa perspectiva emancipatória, sem ser panfletário.

Em se atendo aos fatos, a subjetividade do jornalista ao tratar das contradições sociais que se manifestam no fato noticiado mostra a singularidade com que percebe o fato nas situações particulares que também são universais. O jornalista contextualiza, não inventa nada além do fato, mas percebe nas especificidades do acontecido e nas relações históricas relacionadas àquele fato outras possibilidades de escrever essas conexões. Assim, constrói-se a informação (notícia) que não aliena o leitor das relações e do contexto (particular e universal) em que aquele fato se dá e, por isso mesmo, essa é uma perspectiva que permite que autores e leitores possam ser mais críticos pela leitura contextualizada do fato.

Relembramos aqui as considerações de Genro Filho (1987) a respeito da Escola de Frankfurt, que para ele

nos legou uma importante herança teórica de crítica da cultura, da comunicação e da ideologia no capitalismo desenvolvido, é denunciada em sua unilateralidade ao abordar tais questões exclusivamente sob o ângulo da ‘manipulação’ (Idem, p. , p. 5).

O autor reitera que a ideia de “manipulação” é recorrente ainda hoje quando se tenta compreender os fenômenos na área da comunicação social, e o quanto se deseja superar essa visão através da resistência a esse estado das coisas.

Ele mesmo aponta uma crítica na direção dessa “manipulação”, ou “controle social” ou “regulação social” através da informação por qualquer meio que seja. A saída, a crítica e emancipação, para ele, parecem possíveis pela organização popular criando condições, reivindicando possibilidades concretas de inserção, participação política na produção dos bens possíveis pelos meios de comunicação.

Mesmo considerando o potencial de manipulação pelos meios de comunicação, ele considera que há também potencialidades de desalienação quando temos por base de nossas

ações valores humanistas, numa perspectiva socialista (idem, p. 14)³⁴. De acordo com a Profa. Marli dos Santos, para Genro

existe uma possibilidade de libertação, uma vez que os indivíduos podem participar do fenômeno midiático através da significação da notícia que contribui para o conhecimento do mundo. De acordo com ele: ‘É possível um jornalismo anti-burguês e libertador que ultrapasse o capital, pois o jornalismo é uma forma de conhecimento do mundo.’³⁵

Ainda me parece que a inversão daquela pirâmide invertida, assentando suas bases como as famosas semelhantes em Gizé no Egito, com a “singularidade” do fato na notícia apresentada pelo jornalista sendo mais importante que o *lead* em seus parágrafos iniciais, é um caminho para esse “jornalismo revolucionário”. Revolucionário em seus sentidos e nas suas funções sociais, no protagonismo e criticidade de quem faz/recebe/recria a notícia.

Também sobre o que é e como se fazem as notícias no jornalismo, Guareschi e Biz (2005) abordam a “Teoria dos Filtros” e seus critérios de filtragem das notícias, deixando a perceber as possíveis manipulações pelas mídias e afirmando que tal teoria

retrata e se fundamenta na desigualdade de distribuição da riqueza e do poder que determina os interesses e escolhas feitas pela mídia. As notícias são ‘filtradas’ e ‘manipuladas por um grupo específico, que privilegia seus interesses políticos e individuais. O material para publicação deve passar através de sucessivos ‘filtros’, chegando ao público purificado e devidamente esterilizado contra algo que possa contaminar interesses particulares. Essa operação ocorre de forma tão sutil e natural que a própria mídia chega

³⁴ No livro, p. 89-90. Versão de download do capítulo IV do livro para documento Word do site em www.adelmo.com.br página <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196-09.htm>

³⁵ "As contribuições de Adelmo Genro para os estudos de comunicação na América Latina", V Ciclo de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2002, promovido pela UNIMEP. Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/celacom2001painel1.htm>

a se convencer de que ela está escolhendo e interpretando as notícias de forma objetiva e integral, baseada em valores “profissionais”. (Idem, 2005, p. 157),

Abordando sobre a teoria e a história do jornalismo, Sousa (2000) explica “por que é que as notícias são como são’ e ‘por que é que temos umas notícias e não outras’ entrando no domínio da ‘teoria’ da Notícia e sugerindo um modelo explicativo para as mesmas” (Idem, p. 11). Ele explica a interação de cinco forças em um modelo explicativo para a notícia: ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural e ação tecnológica, todas elas modeladas por uma sexta força: a história.

O autor enfatiza que o acesso à informação é mais que um direito, mas pode também ser entendido como uma “necessidade que emana dos próprios fundamentos do sistema” (Idem, p. 207), o que sugere uma necessidade criada para saturar a sociedade com um saber/informação que legitime certo poder como hegemônico.

As crianças “cochicham” entre si, e em sala de aula, as notícias assistidas pelos telejornais, afirma Montezano (2002, p.63), e que as notícias são produzidas/editadas e “manipuladas” para causar impressões à audiência (Idem,p.67). E, se a escola faz de conta que “o mundo de fora’ pouca importa ao ‘mundo de dentro”, questiona Citelli (2002, p. 19), apontando a necessidade da mediação do professor e como ele pode fazer isso.

Se nesse mundo contemporâneo as empresas de comunicação estão nas mãos de investidores capitalistas que visam o lucro, até que ponto as notícias não seriam meramente “propaganda” de algo ou alguma coisa, para que a sociedade consumidora - de produtos e de bens, inclusive de informação – se guiasse dentro de nossas democracias? Nesse sentido, algum dia os leitores/consumidores serão criadores de fatos novos, protagonistas de sua história e, assim se mudará o sentido do jornalismo como o conhecemos até então? As notícias são manipuladas, escolhe-se o que será noticiado, ou não, a partir de uma ideologia, de um pensamento do mundo, de uma maneira a pressionar o entendimento desse mundo a partir de um pensamento hegemônico?

Os critérios de noticiabilidade - aquilo que se decide ser ou não notícia - parecem mudar com o tempo e retratam o que

está em voga na sociedade. Pesquisadores entendem que mesmo assim certos critérios se mantêm constantes e, os listados e descritos por Lage (2001, p. 93) são: a proximidade, a atualidade, a identificação, a intensidade, o ineditismo e a oportunidade. Para o autor, essa “seleção e ordenação das informações (...) envolve a consideração de importância e interesse” (Idem, p.92) e que

na realidade das empresas de comunicação, esses fatores influem segundo a ordem de interesse de classe ou grupo dominante; secundariamente, operam ainda gostos individuais de pessoas que dispõem momentaneamente de algum poder, ou estratégias fundadas em avaliações prévias quanto a efeitos, consequências ou desdobramentos de um fato noticiado (Idem, p. 94).

Entretanto, há que considerar também as mídias não apenas na perspectiva da **produção** e suas dimensões de “influência” ou “manipulação”, mas também na perspectiva da **recepção** e suas formas de apropriação histórica e contextualizada, como propõem alguns autores dos Estudos Culturais, como Silverstone e Buckingham, que veremos nos capítulos adiante.

1.2 - O formato Telejornalístico

Se considerarmos que telejornalismo é a prática profissional do jornalismo aplicada à televisão, Rezende (2000, p. 156-159) busca detectar em qual direção pende mais a informação telejornalística no país e, propõe dois gêneros jornalísticos tomados de José Marques de Melo, em “A opinião no jornalismo brasileiro” (1985). Para o autor os gêneros que se aplicam ao telejornal são: o **gênero informativo** e o **gênero opinativo**, sendo este segundo mais peculiar ao telejornal. Também reconhece a existência dos gêneros, *interpretativo* e *diversional*, presentes em outras modalidades de programas jornalísticos na TV como os documentários (Globo Repórter, SBT Repórter), e nas revistas televisivas (Fantástico, Domingo Espetacular), quando há alternância da notícia com números músicas e dramatizações, por exemplo. Ainda de acordo com Rezende,

os telejornais em horário nobre (...) atêm-se em verdade mais ao **factual**, buscando ser uma síntese dos acontecimentos do dia. E, mesmo que, vez ou outra, transpareça algum sentido **diversional** ou, mais raramente, interpretativo nas matérias divulgadas, a exceção não basta para desfigurar a natureza do noticiário (Idem, p. 156-157). (Grifos meus)

Ao **gênero informativo** o autor apresenta cinco formatos e suas definições, que transcrevemos a saber:

1) **Nota** - é o relato mais sintético e objetivo de um fato, que, no telejornalismo, pode assumir duas formas, a **nota simples**, formada apenas pelo texto falado, lido pelo apresentador, sem imagens e a **nota coberta**, com imagens do acontecimento e narração em off do apresentador.

2) **Notícia** – é o relato de um fato mais completo do que a nota, por combinar a apresentação ao vivo e a narração em off coberta por imagens³⁶.

3) **Reportagem** – é a matéria jornalística que fornece um relato ampliado de um acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões. Em sua estrutura completa, constitui-se de cinco partes: **cabeça, off, boletim, sonoras (entrevistas)** e **pé**, mas pode configurar-se também sem uma ou mais dessas partes. De modo algum, porém, deve prescindir da intervenção – direta ou em off – do repórter. Quanto ao assunto tratado, divide-se em dois tipos: **factual**, relativa a acontecimentos do dia a dia, chamada de matéria quente, que requer divulgação imediata, sob pena de perder a atualidade e necessário impacto sobre o público; e o **feature**, referente a assuntos de interesse permanente que não necessitam do atributo da atualidade, denominada de matéria fria ou de gaveta, quando produzida para divulgação em dias de poucos acontecimentos.

³⁶ Ver conceito de Sodré sobre notícia no início deste capítulo.

4) Entrevista – é o diálogo que o jornalista mantém com o entrevistado, pelo sistema de perguntas e respostas, com o objetivo de extrair informações, ideias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ou de aspectos da vida pessoal do entrevistado. De todos os gêneros jornalísticos, a entrevista é a que mais se utiliza do estilo coloquial, mais próximo da linguagem popular. O caráter espontâneo e improvisado de sua produção, fortalecido pela circunstância dialógica com que se manifesta, é típico do estado de oralidade da língua.

5) Indicador – são matérias que se baseiam em dados objetivos que indicam tendências ou resultados de natureza diversa, de utilidade para o telespectador em eventuais tomadas de decisões, o que lhes dá sentido de um jornalismo de serviço. Esses indicadores podem ter um caráter permanente, caso das previsões meteorológicas, números do mercado financeiro e informações de condição de trânsito ou temporário, a exemplo dos resultados de pesquisas eleitorais. Esse tipo de matéria segue um modelo mais ou menos uniforme de elaboração, que as torna aparentemente repetitivas na forma como se resultassem, de certa maneira, do preenchimento de um mero formulário (Idem, p. 157-158).

Ao **gênero opinativo** o autor apresenta três formatos e suas definições:

Editorial – texto lido geralmente pelo apresentador, que expressa a opinião da emissora sobre uma determinada questão. Em casos excepcionais, pode representar também a opinião dos editores do telejornal. Nessas situações, a opinião deixa de ser anônima e se confunde com a avaliação pessoal do editor.

Comentário – matéria jornalística em que um jornalista especializado em um determinado assunto (economia, esportes, política nacional etc.) faz uma análise, uma interpretação de fatos do

cotidiano. Em sua apreciação, o comentarista, muitas vezes, além de explicar os acontecimentos e problemas, orienta o público, que pode conferir ao seu trabalho uma conotação de jornalismo de serviço.

Crônica – no limite entre a informação jornalística e produção literária, a crônica é um gênero opinativo que, mesmo que remeta a um acontecimento da realidade, vai além da simples avaliação jornalística do real. Mediante um estilo mais livre, de uma visão pessoal, o cronista projeta para a audiência a visão lírica ou irônica que tem do detalhe de algum acontecimento ou questão que passa despercebido ou pouco valorizado no noticiário objetivo. Na linguagem da TV, a crônica conta com outros recursos expressivos além da palavra, as imagens e a música.

Entre os termos utilizados no telejornalismo, além de **Jornalista**, que é a atividade profissional exercida na comunicação, que lida com informações, notícias, é necessário destacar outras funções desenvolvidas no processo de produção de um telejornal e outros termos utilizados que, segundo Veiga (2000, p. 118-129), podem ser assim resumidos:

. **Âncora** - editor que produz e apresenta o telejornal e por isso é capaz de interpretar notícias e eventualmente emitir opiniões sobre elas.

. **Apresentador** - profissional responsável pela condução do programa. A tendência dos telejornais é colocar jornalistas na apresentação dos jornais. O conhecimento das notícias e do processo de produção dão mais segurança ao apresentador.

. **Crédito** - assinatura do repórter, editor e repórter cinematográfico que fizeram a matéria. Identificação do entrevistado e do local.

. **Entrevista** - diálogo do repórter com as fontes a fim de receber informações jornalísticas.

. **Editor-chefe** - o jornalista responsável pelo telejornal.

. **Editor de arte** - geralmente um designer, responsável pelos selos, gráficos e mapas que serão utilizados durante a edição.

. **Editor de imagens** - técnico responsável pela montagem das imagens a partir de um roteiro elaborado pelo editor de texto ou pelo repórter.

. **Editor de texto** - jornalista responsável pela edição final das matérias.

. **Fonte** - pessoa, organização instituição ou documentos com informações necessárias para a produção de notícias ou reportagens.

. **Lead** - abertura das matérias jornalísticas. No telejornalismo chama de cabeça de matéria.

. **Manchete** - texto curto com uma informação capaz de despertar a atenção do telespectador do conteúdo do telejornal.

. **Matéria** - nome usado para identificar material jornalístico produzido para publicação.

. **Pauta** - roteiro dos assuntos de interesse jornalístico com sugestão de abordagens e informações capazes de orientar a equipe de produção.

. **Produção** - trabalho anterior à realização de reportagens ou programas. Inclui entre outras tarefas pesquisa de imagens de arquivo, realização de contato com as fontes e marcação de entrevista.

. **Redação** - local onde trabalham os jornalistas de veículos de comunicação.

. **Reportagem** é o “tema genérico para designar as produções jornalísticas ou a equipe de profissionais”.

. **Repórter** - jornalista que apura e redige notícias e reportagens.

. **Repórter cinematográfico** - conhecido por cinegrafista é o profissional responsável pela captação das imagens da matéria jornalística.

. **Script** - roteiro do telejornal.

. **Selo** - ilustração produzida pela editoria de arte para identificar um assunto ou uma notícia.

. **Teleprompter** - equipamento ótico acoplado à câmera para permitir a reprodução do script diante da lente e facilitar a leitura do apresentador sem tirar os olhos do telespectador.

. **Vinheta** - recurso gráfico ou sonoro utilizado para indicar a abertura ou intervalo de programas.

1.3 - O telejornalismo no conhecimento do mundo

Boa noite.

*Abertura ou encerramento
do Jornal Nacional*

É a partir da II Guerra Mundial que o telejornal ganha essa expressão, com a difusão do uso da televisão firmando esse papel que atualmente se credita a ele em nossa sociedade.

Ao mencionar o papel dos meios jornalísticos em nossa sociedade, Souza considera que eles são “o principal veículo de comunicação através dos quais a estrutura de poder comunica com a sociedade” e, que, aliás, “tomam parte de uma estrutura política dessa sociedade tanto quanto tomam parte da estrutura social, econômica, histórica e cultural da comunidade em que se inserem, e na qual se desenvolveram” (2000. p. 127-128). Ele ainda afirma que se os meios nos dão a reconhecer uma realidade que é mediatizada por eles mesmos, acabam por nos propor interpretações para essa mesma realidade, e “moldam o nosso horizonte de conhecimento sobre um determinado número de realidades, especialmente de realidades atuais” (Idem).

Por não ter “espaço para tudo”, continua Souza, certas interpretações do jornalismo valorizam determinados

acontecimentos em detrimento dos outros. Interessante o autor abordar o motivo de os meios jornalísticos não disponibilizarem teses ou dissertações (Idem, p. 129), e não terem tanto espaço para a ciência como têm para a economia, política ou desportos. Ainda que os meios jornalísticos façam abordagem de ciências em editorias específicas e, na televisão existam programas especializados, o grande público não chega a “consumir” essas informações.

Vizeu (2005) considera que “os telejornais desempenham no Brasil um papel central no conhecimento do mundo”, e “funcionam como uma forma de conhecimento do cotidiano”. Vários estudiosos concordam com ele e não falta bibliografia sobre o poderio dos meios de comunicação influenciando esse conhecimento, notadamente a Rede Globo no Brasil. Em 1984 o próprio Doutor Roberto Marinho (1904/2003), presidente das organizações Globo, assina a introdução do livro “15 anos de história: o mais completo depoimento sobre televisão e telejornalismo no Brasil”, declarando que

Hoje em dia, mais do que qualquer período dos nossos tempos, os conceitos de história e de jornalismo mantêm uma total afinidade. Convivem tão intimamente que tentar separá-los resultará em grave erro de avaliação histórica ou em imperdoável falha de compreensão do fenômeno jornalístico” (Marinho apud Mello e Souza, 1984, p.5).

Marinho relembra os esforços envolvidos de cada um na missão de fazer o Jornal Nacional, resgatando histórias da Grécia Antiga e dos monges medievais na produção de suas crônicas, como jornalismo nascido há muitos anos e ao mesmo tempo que a História:

(...) Fazemos, hoje, com os meios eletrônicos, um trabalho semelhante aos dos monges de antigamente, no silêncio das abadias: o registro factual da história. Festejamos esses quinze anos com a alegria de quem pôde alcançar dois objetivos importantes: manter o telespectador perfeitamente informado e preservar-lhe a

insubstituível liberdade de analisar e julgar (Idem, 1984, p.6).

Nessas declarações acima – feitas há quase 30 anos - podemos constatar a importância e o esmero com que os telejornais são tratados por seus produtores. E ainda hoje o são. Hoje temos vários telejornais de alcance nacional, estadual ou regional, nas televisões privadas e públicas, fornecendo a informação sobre o que acontece a nível internacional, nacional ou local.

Das principais redes de televisão brasileiras abaixo (as duas últimas sendo públicas) podemos considerar que as crianças assistem telejornais nos mais diferentes horários, na programação aberta em língua portuguesa:

. **Rede Globo:** Bom Dia Brasil; Fantástico; Globo Notícia; Jornal Nacional; Jornal da Globo; Jornal Hoje; Globo Rural; Globo Repórter; Profissão Repórter; Plantão da Globo; Globo News (Canal por assinatura de notícias 24 horas no ar, com o slogan “nunca desliga”).

. **Record:** Fala Brasil; Tudo a Ver; Jornal da Record; Fala Brasil – Especial; Domingo Espetacular; Câmera Record; Record News (canal com 24 horas de notícias).

. **SBT:** SBT Brasil; Jornal do SBT – Noite; Jornal do SBT – Manhã; SBT Repórter; Conexão Repórter; Boletim de Ocorrências.

. **Bandeirantes:** Canal Livre; Primeiro Jornal; Jornal da Band; Jornal da Noite; Brasil Urgente; Band News (canal a cabo, com 24 horas de notícias).

. **RedeTV!:** Leitura Dinâmica - 1ª Edição; Good News; RedeTV! News; Leitura Dinâmica - 2ª Edição.

. **TV Cultura:** Jornal da Cultura; Jornal da Cultura Informa; Revista Coreia; Roda Viva; Repórter Eco.

. **TV Brasil:** Repórter Brasil – Manhã; Jornal Visual; Repórter Brasil – Noite; Caminhos da Reportagem; Frente a Frente; Observatório da Imprensa.

Na TV a cabo esse número aumenta enormemente, mais ainda com os canais internacionais dedicados exclusivamente às notícias em inglês, como BBC World News, Fox News, CNN International, Bloomberg.

Além disso, temos os noticiários dos canais chamados “étnicos” pelas operadoras, na língua de seus países como a RAI (Itália), TV5 Monde (França), TVE Internacional (Espanha), SIC Internacional e RTP (Portugal), DW-TV (Alemanha), ART (Países árabes) e ATC (Argentina).

No Brasil temos os telejornais dos canais Futura, TV Câmara, TV Senado, TV Justiça, Record News e Band News, NBR/Empresa Brasil de Comunicação e TV Brasil, canais regionais e locais e, eventualmente nos canais universitários feitos também a partir de laboratórios de telejornalismo.

Rede Globo e o Jornal Nacional no Brasil

No ar desde 1969, o Jornal Nacional é considerado o telejornal mais assistido no Brasil. Nota-se naquela fala do Dr. Marinho que seus objetivos foram alcançados, qual seja o de informar o telespectador e deixá-lo livre para analisar e julgar se aquelas notícias são, de fato, “a história como ela é”. Credita-se também ao Jornal Nacional ter sido, desde sua criação, um elemento para criar uma identidade nacional ao povo brasileiro, uma só voz falando a esse povo, no mesmo horário, todos os dias.

Não entraremos aqui nos méritos e nas firulas político-econômicas de como a Rede Globo se construiu e se firmou como esse império das comunicações, intimamente ligada aos poderes públicos constituídos no país no período do golpe militar, com apoio de capital estrangeiro, leia-se, americano. Americano inclusive no manual de telejornalismo que ganhou força através dos anos como modelo copiado ao redor do mundo (Rezende, 2000, p. 90-91). Diversos autores já analisaram isso, e destacamos no estudo de Daniel Herz uma afirmação do Dr. Marinho, e a que ele veio com a Rede Globo: “Sim, eu uso o poder” (Herz, 1987, p. 27). Admissão pública do então presidente das Organizações Globo, se revela em 1987 quando ele se associa

ao “banqueiro Amador Aguiar³⁷, dono do maior banco privado nacional” e, com esse gesto, “pretende passar a controlar telecomunicações via satélite no Brasil” (Idem, p. 27). Assim com o telejornalismo criando história juntos, o poder político-econômico andou de mãos dadas com essa empresa de comunicação.

Herz situa a Rede Globo como uma das das empresas que são as “forças sociais que controlam os meios de comunicação de massa no Brasil” (Idem, p. 16). As Organizações Globo são um dos maiores conglomerado de mídia do mundo, e sua atuação vai muito mais além do que a televisão.

Barbosa e Ribeiro analisam sobre a hegemonia da Rede Globo, defendem que ao telejornalismo global coube

constituir, simbolicamente, a atualidade imediata, fazendo com que temas dominantes na discussão cotidiana fossem os transmitidos em rede para todo o país. Toda a programação da Rede Globo de Televisão, incluindo o formato narrativo de seus telejornais, tinha por objetivo ‘falar diretamente ao povo’, inserindo-o numa ampla rede simbólica, com fortes doses de emoção ou apelo aos valores patrióticos’, isso ‘sob um regime de repressão como o implantado em 1964, a TV passou ser a voz, o espaço, a liberdade possível naquele momento (2005, p. 210).

As autoras defendem que a transmissão de notícias da atualidade em rede teria uma “função claramente política” e, mais ainda, o sentido de criar uma identidade nacional em uma sociedade consumidora de notícias, de ideias/pensamentos e, quem sabe, conhecimento. Aos espectadores dos telejornais caberiam esperar “todos os dias e à mesma hora, as imagens do que acontecia no Brasil e no mundo” (Idem, p. 211). Isso parece remeter à ideia de rebanho reunido, de um pensamento hegemônico que aquela empresa de comunicação assumia a tarefa de consolidar através de sua programação e, de seus telejornais. E, desde 1965 a Rede Globo vem fazendo isso, e muito bem.

³⁷ Amador Aguiar (1904/1991), então dono do Bradesco. O Bradesco atualmente patrocina desde 2010 o Jornal Nacional.

Sobre o mesmo tema exposto acima, Mota (2010, p. 157-178) traz ao debate aspectos da linguagem televisiva na construção de identidades, e nos fala sobre um discurso reiteradamente feito pela televisão ao longo de seus 60 anos de história construindo a ideia de Brasil, e de como isso “impõe uma visão hegemônica sobre o país e seu destino” (Idem, p. 160). Segundo a autora, esse discurso também é reiterado pelos códigos do telejornalismo, que também como “forma de organização da linguagem, que tem origem num sujeito emissor e nos posiciona como sujeitos receptores das mensagens”, “lugares de fala de discursos sobre o país que nos colocam no papel de intérpretes dos significados das imagens” que certamente configuram a(s) realidade(s) que se constituem em “convenção sociocultural” aonde vamos “construindo uma ideia do que é nossa nação”, ou “nossa comunidade imaginada” (Idem, p.176).

Mota também relembra Paulo Freire apontando para a “tarefa de humanização” passando pela “educação libertadora” a fim de superar conflitos e desigualdades sociais na sociedade brasileira “desumanizante e desumanizada” (Idem, p. 177).

Vitor Secchin (2007) faz uma extensa análise de quatro telejornais da Rede Globo (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo) baseado nos “estudos discursivos críticos de Norman Fairclough (1989)³⁸, que investiga a importância da linguagem na vida social como mecanismo para sustentar e/ou transformar as relações de poder existentes. O seu foco são as práticas sociais e discursivas, que servirão de base na busca pela desnaturalização de ações ditas universais e naturais, inseridas nas relações de dominância”. Feito isso, traça o perfil destes programas.

Com foco nos perfis do Jornal Hoje e Jornal Nacional, os que o autor considera serem assistidos por um público mais eclético, incluindo aí as crianças, e os de maior audiência no país, nas suas conclusões afirma que

Se no Jornal Hoje o objetivo é prender a atenção do telespectador que está à espera do Vídeo Show, no Jornal Nacional é “agradar” a toda família que assiste junta ao programa.

³⁸ Citação do autor abordado. Ele se refere a FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

(...) o Jornal Hoje quanto o Jornal Nacional, recorrentemente, o verbo na voz passiva, além do futuro do pretérito, **imprimindo em suas reportagens um tom mais ameno, de suspeição dos casos apresentados, praticamente sem a apreciação dos fatos.** Essa característica pode estar associada ao público desses telejornais. **O objetivo é não promover o choque de idéias e não levantar discussão entre os telespectadores, parecendo, assim, impedir o debate público.**

(...) Motivada pela ideologia do entreter para conquistar maior audiência e, conseqüentemente, maior faturamento, **a Rede Globo privilegia no seu telejornalismo a forma do espetáculo. Este por sua vez promove uma íntima e constante ligação entre emissor e receptor. Nesta relação passa-se para o telespectador a sensação de que sempre tem alguém conversando com ele.**

(...) Valendo-se do discurso jornalístico, de que o profissional de imprensa é o operador, baseado na premissa de que os eventos se sucedem independentemente da presença ou do olhar do observador, **os telejornais da emissora selecionam e hierarquizam as notícias de acordo com aquilo que o jornalismo delineia como sendo importante para a sociedade.** Assim, em nenhum momento a Globo contesta as ordens instituídas. Ao contrário, a emissora as tomam como fato consumado, atribuindo certa naturalidade à realidade do mundo (Secchin, 2007, p. 76-78). (Grifos meus)

Ao discutir os conteúdos dos telejornais da Rede Globo, Temer (2002) afirma que estes, ao fornecer informação rapidamente, incorporam o “espírito de modernidade” que se reflete em “modelos, padrões de comportamento e preconceitos desse tempo” e dessa sociedade. Ela destaca que no ritmo frenético do telejornal deve-se manter os assuntos em pauta, não permitindo espaços para a reflexão sobre o material exibido:

Lembrar, relembrar algo já mostrado é penoso para o jornalista. Além de não identificar nessa ação uma função da imprensa, os jornalistas têm dificuldades

em assumir que a informação anteriormente veiculada foi ignorada ou esquecida. (...) Na maior parte das vezes não transparece uma reflexão sobre o material exibido na reelaboração das matérias. **O tempo para reflexão é preenchido com dados irrelevantes e imagens bens construídas e sorrateiramente negado ao receptor** (Idem, p. 131). (Grifo meu)

Por fim, ela destaca questões relevantes a respeito das funções sociais da comunicação:

O telejornalismo da Rede Globo tem uma evidente intenção de informar e formar. Mas os limites de sua própria estrutura o colocam a serviço da sociedade (e não do social) e limitam os caminhos para o qual deve direcionar essa formação e a própria eficiência dessa intencionalidade.(...) Com pouco espaço para a análise e discussão dessa informação, não colabora na construção dos sentidos do acontecimento social. **Prisioneiro de seus compromissos, o telejornalismo da Rede Globo não encontra condições para priorizar as funções sociais da comunicação. Como jornalismo, está entre o retrocesso e a vanguarda, entre o medo de ser ultrapassado e a obrigação de ser o mais rápido, entre a necessidade da ação e o medo da reflexão** (Idem, 2002, Pág. 132). (Grifo meu)

É de perceber que as notícias – não apenas na Rede Globo - são selecionadas, escolhidas e que se utiliza toda uma técnica de persuasão em que os apresentadores estão dizendo ao público qual é o mundo na visão de seus editores, geralmente comprometida com a visão de seus donos...

O interesse privado tomado como se fosse o interesse público...

Em publicação da UNESCO centrada no que os jornalistas pensam sobre a Educação, há um farto exemplo da missão “educadora” em que vários profissionais da área pautam suas condutas refletidas na produção da notícia e dos reflexos dela junto ao povo e à sociedade. Num de seus artigos podemos traçar várias reflexões (do ponto de vista de um educador) sobre o

que um reconhecido comunicador (jornalista) pensa sobre o assunto, em particular sobre o interesse público por detrás da produção da notícia.

Considerando que o país apresenta significativos problemas em relação à Educação em geral, especificando as falhas da formação do estudante e a desvalorização do magistério e, o jornalista ressalta a falta de informação e cultura que os estudantes têm no Brasil:

O papel que se espera dos meios de comunicação em geral – e da televisão, em especial – é o de mostrar esses problemas ao público. Fazer com que os cidadãos se deparem com a realidade. E esse trabalho exige comprometimento com uma convicção: a de que não há caminho para o desenvolvimento de um país sem educação.(...) É preciso mesmo estar convicto disso – e da própria responsabilidade social inerente às atividades de comunicação. Porque sem convicção, sem comprometimento, o tema “educação” não ocupará o espaço digno que merece no cardápio de assuntos tratados pela mídia.(...) O público, em geral, e o telespectador da televisão aberta, em particular, costuma ser refratário ao tema. Primeiro porque a maior parte da nossa população não estudou suficientemente. Quando teve acesso à escola, abandonou-a depois de reprovações frustrantes, ou diante da necessidade odiável e real de ingressar precocemente no mercado de trabalho. (Bonner, 2004, p. 232-233).

Bonner não só é Jornalista, mas também Publicitário, com uma trajetória que começou dentro da USP. Depois, afirmou-se como apresentador de telejornal e editor da Rede Globo, passando pelo programa Fantástico, Jornal Hoje, Jornal da Globo e, desde 1996, como apresentador do Jornal Nacional juntamente com sua esposa Fátima Bernardes, cuja editoria-chefe assume em 1998. É na condição de Jornalista e apresentador consagrado que ele assina esse texto.

Há que se concordar com Bonner no que diz a respeito da televisão trazer esses dados ao público. Em relação ao público “refratável ao tema” consideramos que se ele fala de uma realidade, tampouco aprofunda o

contexto de como historicamente aquela realidade se configurou, nem da responsabilidade que os meios televisivos têm na contribuição de uma “alienação” aos problemas brasileiros. Sobre o aparente desinteresse do público pelo assunto da educação formal, ele continua seu raciocínio, afirmando que

O tema Educação aparece na lista de preferências dos telespectadores. Mas não a Educação formal: a qualidade do ensino, a infra-estrutura escolar e acadêmica. **O que verdadeiramente desperta interesse no público é a educação dentro de casa. O que ele espera é receber, via televisão, orientação para lidar com suas crianças e seus adolescentes. A mídia aposta nessa seara** – e o faz com frequência nos programas pseudojornalísticos da TV e do rádio, nas revistas semanais de informação, nos cadernos de jornais voltados para a família. Mas é pouco.

A despeito da utilidade desse material, as carências da Educação no Brasil exigem um tratamento menos mercadológico e mais social. Um cardápio de assuntos menos populista e mais cívico. Ou, como repetia o jornalista Evandro Carlos de Andrade, **é preciso que o jornalismo se dedique mais ao interesse público do que ao interesse do público. Menos aquilo que as pessoas gostam de ver. E mais aquilo que elas precisam ver para que formem uma opinião, para que exerçam seu papel de cidadão na plenitud** (Idem, p. 233-234). (Grifos meus)

É no tipo de abordagem e tratamento dessas questões que o autor exemplifica o que pode ser feito, como por exemplo, o jornalista compreender a importância do tema a tratar; ilustrar tal fato com um “personagem” exemplificador; trazer à abordagem especialistas que tratem do assunto, inclusive de forma contraditória. Mas, é na complexidade que o tema exige que ele afirma que o papel do jornalista “dos repórteres e editores é acrescentar informações que sirvam como apoio de compreensão às falas dos educadores” (Idem, p. 235). Acrescenta que eles mesmos, os profissionais de comunicação sabem lidar com isso, e

fala de um telejornalismo que alcança a maioria da população, indistintamente adultos, jovens e crianças.

Mas, ficam no ar algumas questões não menos importantes, quando ele parece considerar que, na escola, esses temas não são tratados com o devido preparo e, que os educadores não são comunicadores que auxiliam na formação da opinião, na geração de um conhecimento que certifique o exercício da cidadania “na sua plenitude” para os estudantes.

O autor parece afirmar que o público não se interessa pela Educação, mas também não entra nas questões de como aqueles problemas se formaram para configurar essa “falta” de Educação e desinteresse, às vezes até pela escola. Bonner defende, junto com Evandro Carlos de Andrade, que é papel do jornalismo se dedicar ao que deve interessar ao público, e não se ater apenas àquilo que o público se interessa. Ao fazer tal afirmação, sugere nas entrelinhas que cabe à televisão suprir um papel que a educação formal não dá conta.

Os 40 anos do Jornal Nacional e sua onipresença e onipotência global

Dos anos 60/70/80 até hoje o “salto” não foi apenas tecnológico, mas a sociedade se transformou intensamente. O país da ditadura militar vive em “plena” democracia, com temas antes proibidos sendo debatidos por todos os meios, com problemas aumentados e soluções apresentadas ao diálogo, notadamente com o aumento da participação da sociedade civil presente a debates. O que não mudou tanto assim em nosso país foi o desrespeito à Constituição Federal, além do fortalecimento dos monopólios nos meios de comunicação, agora inclusive com a participação de capital estrangeiro.

Depois do livro de 1984 que comemora os 15 anos no ar do Jornal Nacional, as mesmas ideias de Roberto Marinho vistas anteriormente a respeito da informação/notícia são reafirmadas por William Bonner, em recente livro de sua autoria, “Jornal Nacional: modo de fazer” (2009). No prefácio da jornalista Fátima Bernardes fala-se também das (não)mudanças na então celebração de mais um aniversário do famoso telejornal:

Nesses 40 anos, quanta coisa mudou! Tecnicamente, os avanços forma enormes. Estamos

incomparavelmente mais ágeis, presentes em todos os cantos do Brasil. Podemos gravar reportagens em qualquer estado brasileiro e falar ao vivo de todos eles. Mostrar o fato no momento em que ele acontece. Estamos com nossos olhos também fora do Brasil. Hoje transmitimos imagens e som via internet. Mas o que sentimos, todos nós que fazemos parte da atual equipe do JN, quando, às 20h15, a vinheta do jornal entra no ar e no estúdio – logo abaixo das câmaras – se acende o letreiro ‘On air’, é o mesmo de 40 anos atrás: decolamos, estamos voando (Idem, 2009, p.7).

O “decolar/voar” a que ela se referia foi a expressão que Armando Nogueira³⁹ escreveu no “script” (pauta) daquele dia 1º de setembro de 1969 quando o primeiro telejornal de alcance nacional no país foi ao ar: “... e o Boeing decolou”. Há que se reconhecer a avançadíssima tecnologia que a Rede Globo detém desde então, sofisticando-se cada vez mais. Mais adiante Bonner apresenta o que é o JN:

O Jornal Nacional é um programa jornalístico de televisão. Por ser jornalístico, apresenta temas comuns aos jornais impressos, aos programas jornalísticos de rádio, aos sites de internet voltados para as notícias e, em parte, às revistas semanais de informação. Por ser um programa de televisão, procura apresentar esses temas com a linguagem apropriada ao veículo: com um texto claro, para ser compreendido ao ser ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles – mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato (Idem, p. 13).

Além do fato que as Organizações Globo têm propriedade de todos esses meios de informação citados por Bonner acima - dos gibis para crianças, revistas que são folheadas nos salões de beleza, diversas outras publicações e conteúdos nas rádios e internet, e até nos monitores presentes no interior de ônibus de transporte coletivo -, em seu livro ao longo de suas 247 páginas o que parece ressaltar dessas falas é que se a tecnologia se modificou enormemente, no “modo de fazer” e de “ver” o

³⁹ “O então diretor de Jornalismo da TV Globo” naquele tempo. Bonner, 2009, p. 7.

telespectador não mudou nesses anos todos. A receita do bolo é a mesma, mas a iguaria é feita com utensílios de última geração. O telejornal hoje em dia pode ser acessado até pelo telefone celular e pelos *tablets* da moda, e outras notícias também.

Princípios editoriais e éticos nas Organizações Globo

Recentemente, em meados de 2011 e, beirando os 80 anos de existência do que se configurou como as Organizações Globo, a empresa apresenta em carta aos acionistas, e divulga à sociedade em horário nobre de domingo seus “Princípios Editoriais”⁴⁰ assinada por seus proprietários. Segundo consta, tais princípios foram motivados por circunstâncias que a “Era Digital” exige.

Documento inédito na empresa que até então parecia praticar tais princípios “por gerações e gerações de maneira intuitiva” ele foi tanto aplaudido quanto ironizado por vários setores da sociedade, e certamente parece que será objeto de vários estudos posteriores⁴¹. Da carta destacamos os seguintes termos que se referem aos “princípios” para a prática jornalística:

(...) É possível que, para a maioria, ele não traga novidades. Se isso acontecer, será algo positivo: um sinal de que a maior parte das pessoas reconhece uma informação de qualidade, mesmo neste mundo em que basta ter um computador conectado à internet para se comunicar.

Desde logo, é preciso esclarecer que não se tratou de elaborar um manual de redação. O que se pretendeu foi explicitar o que é imprescindível ao exercício, com integridade, da prática jornalística, para que, a partir dessa base, os veículos das Organizações Globo possam atualizar ou construir os seus manuais, consideradas as especificidades de cada um. O trabalho tem o preâmbulo “Breve definição de

⁴⁰ Texto integral na página G1, “o portal de notícias da globo” disponível desde 06 ago 2011 em <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacaoes-globo.html#principios-editoriais>

⁴¹ Postagem em blog com artigos sobre o texto disponibilizada em 08 ago 2011 e posteriormente atualizado: <http://filosomidia.blogspot.com/2011/08/globo-e-voce-tudo-verprincipios.html>

jornalismo” e três seções: a) Os atributos da informação de qualidade; b) Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha; c) Os valores cuja defesa é um imperativo ao jornalismo.

O documento resultou de muita reflexão, e sua matéria-prima foi a nossa experiência cotidiana de quase nove décadas. Levou em conta os nossos acertos, para que sejam reiterados, mas também os nossos erros, para que seja possível evitá-los. O que nele está escrito é um compromisso com o público, que agora assinamos em nosso nome e de nossos filhos e netos.

O lead à potência do cubo

Enquanto isso, as notícias chegam pelo *lead* à potência do cubo, ou seja, três vezes multiplicadas em si mesmas. Tudo ao mesmo tempo nas telas e, o apresentador fala algo enquanto as imagens e outros textos falam mais do que apenas suas palavras. Os caracteres aparecendo abaixo da figura do apresentador já são em si outro *lead* e, aqueles que ficam “correndo” da direita para a esquerda como se fossem as notícias em alta na cotação da bolsa do mercado informacional, também querem se informar, nos informar.

Exposto isso acima, parece-me que há que se questionar mais amplamente sobre quais os princípios éticos entranhados pelos meios de comunicação, privados ou públicos e no telejornalismo assistidos pelas crianças ao longo da história da televisão.

E, também há que se questionar sobre quais princípios a escola se baseia para o cumprimento de seu papel educativo. Talvez coubesse aqui um momento de reflexão sobre que ética existe nisso tudo, e se está se dando o cumprimento do papel social da educação e da comunicação expressados na Constituição Federal.

1.4 - Notícias na tela da Mídia-Educação

Se considerarmos que Educação e Comunicação andam de mãos dadas, quem estabeleceria essa “ponte” entre o conhecimento historicamente construído, e legitimado pela escola, e o material informativo veiculado pela televisão?

Na confluência dos campos da Educação e Comunicação nesta pesquisa entendemos a Mídia-Educação⁴² como “educação *para* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias” (Rivoltella, 2002; Fantin, 2006) e, seus objetivos dizem respeito “à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação” (Belloni, 2001, p. 12).

Se os meios de comunicação e os telejornais parecem ser monopólio das classes dominantes e parecem falar uma língua internacional que denota relações de poder, como a educação poderia intervir nessa aparente realidade? Onde haveria e se faria a “resistência” a esse tipo de dominação?

A respeito dessa contradição entre dominação/resistência, Martín-Barbero (2009) desloca o foco dos meios de comunicação às mediações em relação a eles. Ele enfatiza a não absolutização da intencionalidade dos meios e ressalta que aquilo que é massivo não anula a contribuição do popular na produção de cultura, que pode se opor pela diversidade. E, a escola pode tornar-se um espaço propício para se tomar conhecimento dessa diversidade cultural.

Na realização da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada na cidade do Rio de Janeiro em 2004, estiveram presentes renomados educadores e pesquisadores para debater a questão da mídia de qualidade para crianças e adolescentes. Destaco dois trechos de entrevistas realizadas naquele período que defendem ações que, a meu ver, enfatizam o papel da escola na mediação pela busca desse objetivo.

Em entrevista nesta Cúpula do Rio de Janeiro, Roger Silverstone justifica a importância de estudar a mídia no sentido de buscarmos uma compreensão da “sutileza, da profundidade e dos efeitos a médio e longo prazos da mídia e da sua capacidade

⁴² Não aprofundarei aqui nos aspectos históricos e conceituais a respeito da Mídia-Educação no plano nacional e internacional, já abordado por Fantin (2006, p.25-100), e também em Fantin (2011 b) no que tomo por pressupostos.

de construir cultura”, O autor trabalha este tema em seu livro “Por que estudar a Mídia?” (2002) e, no espírito de compreensão e de dar vozes ao historicamente “encobertos”, Silverstone ainda afirma na entrevista que

a expectativa de que todos devemos ter uma voz na mídia é necessária, embora com certeza não devemos subestimar a luta que isto nos implicaria e as obrigações que a nós se imporiam por ganharmos esta voz. (...) Com certeza, existe uma grande luta a ser feita contra o crescente controle que poucas corporações dominantes da mídia têm sobre as mídias locais, regionais e nacionais, incluindo a comunicação na internet. Como um chamado político, este seria um grande tema para ser discutido por toda a sociedade.⁴³

Por sua vez, o pesquisador Guillermo Orozco defende que

um programa de qualidade seria aquele que levasse em conta o momento, o contexto, o ritmo e os hábitos de comunicação das crianças. Sou contra uma programação que bombardeie as crianças com sons e imagens e que atrapalhe a atenção delas. Defendo uma programação que vá envolvendo os telespectadores de uma forma lúdica, divertindo e entretendo, respeitando as emoções e os ritmos cognitivos.⁴⁴

Ora, até o perfil dos consumidores de mídias, incluindo-se aí os telespectadores adultos ou crianças, parece que muda com o surgimento de novas tecnologias, na maneira de relacionar com elas, e nas diferentes possibilidades de fruição/consumo/participação cultural. Ou seja, as competências

⁴³ Entrevista concedida a Marcus Tavares, disponível no Programa Jornal e Educação da ANJ/Associação Nacional de Jornais. Acesso em 16 set 2009.
<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/professor-roger-silverstone-explica-porque-devemos-estudar-a-midia>

⁴⁴ Entrevista concedida a Cristiana Parente, disponível no Programa Jornal e Educação da ANJ/Associação Nacional de Jornais. Acesso em 16 set 2009.
<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/pesquisador-guillermo-orozco-fala-sobre-midia-de-qualidade-para-criancas-e-adolescentes>

de cada um para lidar com as mídias, e consumi-las, mudaram drasticamente nos últimos tempos.

Assim, contribuindo com o desenvolvimento de reflexões sobre as possibilidades de os sujeitos se relacionarem criticamente com os meios, focalizando numa questão que considera fundamental - a competência midiática - Rivoltella (2005) ressalta a importância da formação do mídia-educador e a do consumidor de mídias. Considerando que pelo menos na realidade italiana alguns dados indicam mudança de consumo, mais multimidiático e menos televisivo que “evidenciam um sujeito, sobretudo juvenil, mais autônomo, capaz de compor os seus consumos culturais numa dieta equilibrada”, o autor destaca que

a necessidade é de imaginar conteúdos novos para a mídia educação. Estes novos conteúdos são individualizados no âmbito das metacompetências. Trata-se de um saber do saber que desloca a atenção educativa do foco sobre as tecnologias de produção e de sistemas de signos para uma atenção sobre as tecnologias em si (Idem, p.2).

Continuando essa discussão, diversos professores e pesquisadores que estiveram presentes no **I Seminário de Pesquisa em Mídia-Educação** na Universidade Federal de Santa Catarina, em novembro de 2006, redigiram um documento que ficou conhecido como a **“Carta de Florianópolis para a Mídia-Educação”** (2007)⁴⁵. Entre outras questões, essa carta também reconhece o monopólio dos meios de comunicação e oferece outras perspectivas para superar algumas questões:

No contexto de uma sociedade que ainda não disponibiliza as condições de sobrevivência digna e garantia dos direitos sociais à maioria da população, **os meios de comunicação estão entre os protagonistas: ao mesmo tempo em que promovem relações de dependência que consideram mais o consumidor que o cidadão, podem oportunizar acesso a outras formas de cultura e possibilidade de conhecimento.** Para que os meios atuem como canal para a diversidade de opiniões, idéias, culturas, precisam estar nas mãos de

⁴⁵ Anexo 1

muitos. Nesse sentido, não só a ampliação dos canais, como a limitação do tamanho dos conglomerados e da propriedade cruzada, bem como a criação e fomento à radiodifusão pública são fundamentais. Só **democratizando o acesso aos canais de expressão pública** poderemos pensar o país pelos olhos dos que hoje não são vistos pelas lentes e microfones das poucas empresas de mídia. A mediação educativa é condição fundamental para isso, e portanto **a Mídia-Educação deve estar presente na formação de crianças, jovens, adultos e educadores**, como parte do sistema de ensino, na atividade dos produtores de mídia, nas empresas de comunicação, e nas organizações da sociedade civil. A educação, assim, justifica-se como instrumento de defesa dos direitos civis e de construção da cidadania. (Grifos dos autores da Carta)

Ressalta-se que é na educação e no espaço escolar que algumas frentes de luta pelos direitos acontecem, inclusive pelo reconhecimento do direito à comunicação como um direito humano. E, também destaco proposta de ações na Carta como encaminhamentos, que também justificam a importância da presente investigação:

- estimular as diferentes formas de inserção da Mídia-Educação na **escola** e na **comunidade** fortalecer as **redes de observação** da produção cultural de mídia para a infância e a juventude e das experiências escolares;

- apoiar a criação e manutenção de **espaços de exibição** das produções de mídias das escolas, comunidades e universidades. (Grifos dos autores da Carta)

Essas proposições da “Carta de Florianópolis” também haviam sido declaradas de uma maneira diferente por professores reunidos no **Seminário Imagem, Educação e Cultura** (UFRJ, 1998) delineadas na **Carta para o Século XXI** (Ministério da Educação, 1999). Nessas “declarações” percebemos a preocupação de educadores frente aos desafios colocados nessa era em que vivemos no desenvolvimento de ações “em programas

e projetos voltados para a formação do professor e do comunicador, numa perspectiva de **educação para a imagem e para a mídia**” (Idem). (Grifos dos autores da Carta)

Mais recentemente, A Câmara Municipal de Florianópolis aprovou e a Prefeitura decretou a lei 8.623 de 02 de junho de 2011, que “dispõe sobre a implantação do conteúdo Educação para a Mídia nas Escolas Municipais de Florianópolis” e, dá outras providências no sentido de “orientar e estimular o sendo crítico das crianças e dos jovens” aos impactos de “conteúdos violentos”, “violência grupal e o aumento da agressividade”, “consumo de drogas lícitas e ilícitas”, “desenvolvimento de sexualidade precoce (,,) e “comportamento de risco”, consumismo, “padrões estéticos e sociais que podem afetar a relação positiva dos jovens com seu próprio corpo”, e discriminação em suas formas (Artigo 2º). Em relação aos conteúdo de programas informativos e entretenimento a lei alerta para as visões de mundo que são transmitidas pelos meios, que devem ser analisados com cautela.

Destaco do documento o Artigo 3º. Que diz respeito a conteúdos jornalísticos:

Art. 3º A Educação para Mídia integrará de forma complementar ações que tenham como objetivo:

I - incentivar a prática da leitura, por meio do acompanhamento pelos estudantes de notícias em jornais impressos, revistas e páginas da internet
por educadores especificados;

II - estimular o interesse dos jovens pelas notícias e atualidades, através do uso de reportagens jornalísticas em sala de aula, contextualizadas aos conteúdos;

III - incentivar a produção e veiculação de conteúdos pelos próprios alunos, através de ferramentas e projetos já existentes dentro da Rede Municipal de Ensino para esse fim; e

IV - criação de novos projetos de práticas comunicacionais no âmbito escolar, como produção de jornal escolar, blogs informativos na internet e oficinas de rádio e vídeo. (Grifos meus)

Considerando que em seu artigo 6º. a lei diz que fica o “Poder Executivo autorizado a estabelecer parcerias com instituições de ensino superior, profissionais da iniciativa privada e organizações não-governamentais que atuem neste âmbito”, o que vem sendo feito ao longo destes anos através de parcerias entre o Núcleo de Tecnologia Municipal⁴⁶ (NTM), com a Universidade Federal de Santa Catarina⁴⁷ dentre outros.

Diversos estudos e autores, no plano internacional e nacional, como Bazalgette (1991), Buckingham (2007), Rivoltella (2002, 2005, 2009), Belloni (2001), Fischer (2002), Fantin (2006), Alegria (2008), dentre outros que veremos mais adiante, têm enfatizado a respeito da importância da mídia-educação e do mídia-educador cumprir um papel de mediador entre a escola e os meios de comunicação, e da importância em “alfabetizar” para as mídias:

a educação deva ficar frente a frente com a mídia (...)
A aprendizagem na época contemporânea implica não apenas na contribuição de domínios científicos diversificados, como também em interação com novas especialidades que podem contribuir com os educadores, dando vitalidade aos modos de aprender e de conhecer.(...) O consumo social da mídia e dos audiovisuais se tornou uma constante, sendo preciso intervir nesse domínio. A fala, a escrita e a leitura não nasceram na escola, nasceram no tecido social. A instituição escolar, que já alfabetiza para a escrita e a leitura, precisa também alfabetizar no domínio da mídia e dos audiovisuais (Alegria, 2008).

Fantin (2006, p. 25-100), fundamentada em Rivoltella (2002), tece amplas considerações a respeito da Mídia-Educação como campo, disciplina e prática social, e discute a formação do mídia-educador e suas possibilidades de atuação nas diversas práticas educativas e culturais.

⁴⁶ Página em
<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=ntm+florianopolis>

⁴⁷ Ver comentário sobre a referida lei em:
<http://monicafantin.blogspot.com/2011/11/educar-para-midia-na-escola-segundo-lei.html>

Ante a constatação de que vivemos em um tempo “em que a estruturação da vida está plena de informação” e que o “acesso a ela é altamente fragmentado e vai-se tornando uma característica que determina a qualidade das interações sujeito-informação”, seja qual camada da sociedade se olhe, Fantin pergunta “em que medida as informações estão sendo trabalhadas na escola a fim de contribuir para a interpretação do mundo” (2006, p. 25-26). A autora afirma que

sendo a necessidade de construir significados o que nos permite situar e organizar o mundo à nossa volta, a visão desarticulada dos acontecimentos nas mídias unidas à fragmentação dos saberes escolares dificulta tal construção. Isso requer uma reflexão sobre a relação entre as mídias, a escola e as políticas sócio-econômicas mais amplas. Discutir o papel das mídias neste contexto implica pensar a necessidade de transparência informativa, a representatividade social e cultural que possam impulsionar outros tipos de produção midiática, favorecendo o desenvolvimento de alternativas aos mercados globalizados em função dos interesses públicos e dos processos educativos e formativos (Idem, p. 27).

Essas afirmações vêm ao encontro de nossas mesmas indagações, mais ainda quando o saber escolar e o saber da vida não caminham juntos na reflexão e na instrumentalização para a mudança de nós mesmos, e do mundo. Não é em nossas experiências na cultura, individuais e coletivas, que nossa capacidade de reflexão permite recriarmos conhecimentos e saberes para lutarmos em busca de uma vida plena, em justiça, liberdade, solidariedade e paz? A construção da cidadania passa por aí e as crianças percebem, fazem, falam e brincam isso de uma maneira mais simples que não conseguimos entrever, e por vezes as cerceamos.

Para viabilizar uma educação sobre os meios de comunicação, Bazalquette (1991, p. 13), defende uma proposta curricular para acontecer no âmbito das escolas, articulando as informações que as crianças têm fora dela e estimulando a produção de experiências com aqueles meios. Nesse exercício é que se desenvolverão os “três eixos que sustentam esta perspectiva da comunicação e da mídia-educação: **cultura**

(ampliação e possibilidades de diversos repertórios culturais), **crítica** (capacidade de análise, reflexão e avaliação) e **criação** (capacidade criativa de expressão, de comunicação e de construção de conhecimentos)” Bazalgette (Apud. Fantin, 2006, p. 100). A esses três eixos, Fantin (2006, p. 100) acrescenta em seus estudos o quarto eixo, “**C de cidadania**, enfatizando que a mediação da escola na alfabetização midiática propicia a construção da cidadania das crianças, “fazendo uma analogia com os “**3 P**”⁴⁸ dos direitos das crianças em relação às mídias: **Proteção, Provisão e Participação**” (Idem, p.100).

Tais aspectos se aplicam e se relacionam à questão da abordagem do telejornal com as crianças na escola, discutindo conteúdos e aspectos técnicos para a compreensão de como ele é feito na TV, seja para saber, seja para experimentar e fazer um noticiário, assim como é feito nas oficinas de jornal escolar desenvolvidos por Freinet (1974 e 1977).

Belloni também já enfatizava a mediação escolar como sendo indispensável para a cidadania, perguntando “se uma escola não ensina a assistir à televisão, para que mundo está educando?”. Menciona imensos desafios na sociedade atual colocados para o campo da Educação, para a “preparação dos cidadãos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade”, as “grandes massas de analfabetos na imagem” (2001, p.9).

Somam-se a essas preocupações Feilitzen e Buch (2002, p. 9) em extensa obra da UNESCO tratando desse tema, “dispensando especial atenção aos efeitos da mídia nos processos de socialização das crianças e adolescentes”, reiterando também a importância e “o direito das crianças de exercer influências e de participar da mídia” como condição “fundamental para construirmos, nesse novo milênio, uma mídia pautada por valores éticos.” Elas também destacam a preocupação com a questão auto-regulação e regulação dos meios de comunicação, reiterando que “nós, os adultos, precisamos ouvir as vozes das crianças e dar atenção a elas” (Idem, p. 232).

⁴⁸ Bob e Annie Franklin in Buckingham, 2000 (Apud. Fantin, 2007, p.100).

1.5 - Estudos de Telejornalismo e Mídia-Educação

Dos autores/pesquisadores consagrados que estudam o telejornalismo em seu próprio campo de ação, não me admiro de não haver praticamente nenhuma (pre)ocupação com essa questão relacionada às crianças. Parece que o tema foi relegado ao esquecimento, deixado aos professores. Nos últimos anos é que essa preocupação parece ter tomado corpo e, foi na confluência dos estudos de Comunicação e Educação que o tema começou a ser investigado. Neste quadro, diversas pesquisas sobre jornalismo, telejornalismo e educação têm sido realizadas nos últimos anos. Vejamos algumas.

Em estudo sobre jornalismo para crianças nos EUA, Girardello (1990) apresenta algumas “pistas de como as crianças nesta sociedade estão sendo ensinadas a ver a política mundial e a cultura”, e discute a prática do “jornalismo educacional”⁴⁹ das empresas de comunicação junto a escolas naquele país. A autora cita o caso do *Channel One* e destaca que, ao tornar a linguagem mais apropriada às crianças, no caminho dessa simplificação “as questões sócio-políticas são frequentemente achatadas em narrativas que não ajudam os alunos a ter uma compreensão pluralista e mais rica do mundo de hoje” (Idem, 1990, p. 58). Também analisa a mesma prática com o canal *CNN Newsroom*, a cabo, e para ambos destaca que a relação entre o programa e a audiência seria muito parecida com a sala de aula e a relação professor/aluno não parece ser muito rica em debate. Ela enfatiza que a narração nesses programas se dava naquela tonalidade usual de locutores de notícias da TV com apresentação da notícia na mesma linguagem que a do telejornal para adultos (Idem, p. 73-74).

Ao discutir a relação entre jornalismo e crianças, Garzel (2004) focaliza no jornalismo seu estudo sobre práticas culturais e consumo de mídias junto a crianças, e em sua pesquisa, mostra que “70% das crianças consideram a televisão o meio de comunicação através do qual mais ficam sabendo das notícias (idem, p. 52). Em segundo lugar aparecem os parentes (10%) e no terceiro lugar um empate entre impressos e internet (ambos com

⁴⁹ **Jornalismo Educacional:** Prática de jornalismo, cobrindo basicamente notícias sobre educação. Há também uma vertente que trabalha sobre temas que são discutidos em sala de aula a partir dos jornais. Não confundir com **Jornalismo Educativo**, que teria a pretensão de “fazer ensino” ou ser “instrutivo” ao leitor.

7%). E, por fim, os amigos, assinalados por 6% das crianças. Em suas conclusões ela destaca a importância dos jornalistas ousarem novas formas de veicular informação, para que esta seja mais atraente e faça mais sentido às crianças e, que “o equilíbrio entre o interesse por entretenimento e a veiculação de fatos relevantes para a sociedade como um todo só poderá ser encontrado na prática, e dificilmente se realizará sem o auxílio das crianças” (Idem, p. 103).

Também discutindo o papel da mediação do professor entre as crianças e os meios de comunicação, Azevedo (2003) destaca uma experiência de parceria entre uma escola pública, uma emissora de TV e a universidade (ECA/USP). A autora destaca que “ao experimentar a possibilidade de pensar sobre a TV, os professores perceberam como o seu papel social se ampliou em relação à educação de seus alunos para a cidadania”, deixa uma pergunta no ar: “seria possível pensar uma estratégia de aproximação entre as escolas e uma emissora de TV comercial?” (Idem, p. 11).

Outros estudos como os de Delorme (2008), Ruberti; Sampaio-Ralha; Ibarra (2006); Rodrigues (2006) e Colvara (2007) fazem importantes reflexões sobre as práticas do consumo de mídia (telejornais) e crianças, que veremos mais adiante no decorrer do trabalho.

Notícias que as crianças assistem

Sabemos que boa parte do que acontece no Brasil e no mundo é apreendido ou aprendido pela programação da televisão, e também pelo que informa o telejornal⁵⁰. Alguns estudos feitos em escolas, como o de Garzel (2004), demonstram que uma maioria de crianças na idade escolar se mantém informada do que

⁵⁰ Afirma-se que falta tudo ao brasileiro, mas que a televisão não pode faltar nas casas e, que nove entre dez lares possuem aparelhos televisores ligados na televisão aberta. Notícias na TV apontam que apenas pouco mais de 8% dos lares brasileiros possuem a televisão paga, ou TV a cabo. Essa televisão paga é atualmente monopólio de apenas uma empresa com seus conglomerados (NET e SKY), pertencente ao magnata das comunicações, Rupert Murdoch, de origem australiana e naturalizado estadunidense. Noticiado em 19 de julho de 2010. Acessado em 28 jul 2010.

<http://www.band.com.br/jornalismo/economia/conteudo.asp?ID=331422>

acontece no mundo através dos telejornais, o que aparece de modo geral nos demais trabalhos consultados. A pesquisadora traz farto material sobre o que as crianças pensam do jornalismo/telejornalismo.

Na pesquisa realizada por Migliora, Rodrigo dos Santos e Néri (2008, p 153), nas falas de crianças sobre os telejornais que assistem elas citam os “lados bons (da tevê)”, mas também afirmam que os “jornais são muito chatos e representam aquilo que não gostam de ver”, ou seja, “as coisas tristes e as notícias ruins”. Neste estudo as crianças percebem os telejornais como “necessários”, e que a TV não serviria apenas “para diversão, mas também para a educação e a informação”.

Os autores acima verificam que a “necessidade” de as crianças se manterem informadas é recorrente entre elas, mas sugerem que podem estar repetindo uma opinião generalizada. Afirmam que esses “saberes” passam a ser uma “exigência social” apesar de as notícias as fazerem sofrer, provocando “tristeza e ansiedade”.

Essa “tristeza” se refere ao que as crianças distinguem como violência real - aquela do noticiário - e as da ficção, como por exemplo, os seriados violentos e agressivos. Os autores evidenciam um impasse das crianças diante do telejornal, pois percebem em suas falas um “permanente conflito entre a necessidade de saber ‘o que está acontecendo em nossa sociedade e em outros países’, e o mal-estar que esse saber provoca, pois a percepção que elas têm do mundo, através do que é veiculado pelos telejornais, é quase sempre de um lugar onde é impossível de viver” (Idem, p. 162).

Instigante perceber que eles mencionam a preocupação dos professores com a violência dos desenhos animados e da possibilidade disso ser “prejudicial para a construção da visão de mundo delas e de seus projetos de futuro” (Idem, p. 162-163), mas não mencionam a mesma preocupação com o noticiário da TV, enquanto as crianças declaram assistir aos telejornais na presença da família (Idem, p. 161).

Nesse caso, faz-se necessário verificar se o telejornal, hoje, seria a única ou preponderante possibilidade de grande parte da população, inclusive de as crianças se manterem informados do que se passa no mundo. Se há uma “escolha” dos meios de comunicação apenas informar, mas não discutir o que faz que o

mundo seja assim, caberia ao telejornal contextualizar os acontecidos que geram uma notícia?

Como vimos anteriormente, Machado (2005) ressalta que o pressuposto generalizado e aceito da “função básica” do telejornal de informar o que acontece promove

desmontagem dos discursos a respeito dos acontecimentos. Isso é, se os depoimentos e as fontes seguem-se na notícia numa sequência de combinação de signos e significados, não se consegue ao final das contas dar conta de se constituir um discurso suficientemente unitário, lógico ou organizado a ponto de ser considerado ‘legível’ como alguma coisa “verdadeira” ou “falsa” (Idem, p. 110).

Ou seja, quais as causas daquilo que acontece e por que acontece dessa e não de outra maneira? Ele considera que a maioria das pessoas assiste ao telejornal de forma a não questionar a informação enunciada. Nesse entendimento, não é a “verdade” do acontecido que está em pauta, mas apenas a sua enunciação, e o autor considera, então, que “a questão da verdade está, portanto afastada do sistema significante do telejornal” (Idem, p. 111). Parece que, no fundo, é uma questão de os produtores apenas apresentar versões sobre os fatos, e cada empresa faz isso a partir de sua linha editorial.

O contexto mais amplo, as circunstâncias historicamente construídas que envolvem pessoas e histórias que desembocam num fato noticiado parece não ser a matéria prima do telejornal. É neste sentido que parece ser importante ir além do *lead* e suas seis perguntas a serem respondidas sobre o fato. Parece ser necessária uma singularidade na abordagem, que de criativa ou única, faça essa ou aquela versão ao menos, mais aprofundada, contextualizada, sobretudo por considerar o público infantil.

Mas não é só de “contexto” que o telejornal parece carecer. Falta a mediação de alguém para discutir aquelas notícias com as crianças, ainda que os estudos afirmem que elas assistem telejornal em casa, com sua família ou responsáveis.

A esse respeito, Tavares (2009 b) pergunta *se* “as crianças devem assistir aos telejornais”, e num diálogo com outros pesquisadores e educadores, obtém como resposta que “não se deve ocultar das crianças a realidade que se vive. É

importante que elas tenham consciência do mundo no qual estão inseridas até mesmo para que possam se defender” (Tânia Zagury apud Tavares 2009 b), e que “o mais interessante seria que as emissoras produzissem telejornais específicos para o público infantil, nos quais as informações fossem veiculadas com a objetividade e seriedade de um telejornal, mas sem o componente violento característico dos atuais” (Duarte Apud Tavares, 2009 b).

Isso corrobora a necessidade da mediação, dos pais ou da escola, posto que também “não podemos nos esquecer de que aquilo que a mídia apresenta já passou por inúmeros filtros, olhares, atendendo a vários interesses e pontos de vista” (Delorme Apud Tavares, 2009 b).

Aparentemente, o telejornal noticia, mas não aprofunda os contextos em que se dão esses mesmos fatos que ela informa através de seus editores, jornalistas, produtores e proprietários dos meios de comunicação. E nem mesmo as reportagens mais amplas dão conta desse aprofundamento. É interessante, também, perceber que os telejornais acontecem na televisão aberta, aparentemente e insistentemente, nos horários em que as pessoas tomam suas refeições regulares (café da manhã, almoço, jantar) ou antes de dormirem.

Assim, as notícias parecem ser “engolidas” naturalmente, ou inspiram nossos sonhos, como se não pudéssemos desfazer ou rejeitar esse prato diário que alimenta nossa necessidade de nos mantermos informados. Que “dieta informacional” seria essa e, qual o objetivo de os meios de comunicação nos manter “alimentados e saciados” de notícias que eles escolhem?

E, desses acontecimentos ao redor do mundo, quais notícias específicas é que chegam a ser assistidas pelas crianças? Essas notícias são problematizadas na escola? Os professores discutem temas ou aspectos das notícias que as crianças vêem? A quem interessa que esses acontecimentos sejam noticiados assim? Deixaremos as crianças à sua própria mercê e aos cuidados da televisão e seus telejornais, enquanto ela continua a ser considerada como “a escola paralela, a sala de aula sem paredes, a aula eletrônica, a caixa sábia, a caixa tola, a caixa mágica, a babá eletrônica, o terceiro pai?” (Ferrés, 1996, p. 8).

Fazendo considerações sobre os “telediários infantis”, Carrero (2008) afirma que em alguns países europeus estes

programas se posicionam entre os preferidos por este tipo de telespectador, ou seja, crianças, e que

indagar en el origen de los primeros telediarios y mostrar algunas de sus utilidades es el objeto de este trabajo. Así se concluye que el formato ofrece una ventaja a padres y maestros interesados en enseñar a sus hijos y alumnos cuestiones importantes sobre el medio televisivo: por su corta duración se puede aprender a ver y analizar conjuntamente con la infancia. Se trata, sin duda, de una oportunidad para conocer las noticias y descubrir cómo están construidas a través de un diálogo lúdico y entretenido entre adultos y nuevas generaciones (Idem, p. 1).

Para que tais programas se convertam em oportunidade de mediação de pais e professores em que se transmitam certos conhecimentos sobre o próprio meio televisivo e, sobre como a notícia é produzida, é necessário

saber desestructurarlo y analizarlo, puesto que se trata de un espacio de no ficción con características propias destinado al telespectador infantil. Un programa de estas características puede contribuir al entendimiento de muchos de los asuntos que acontecen en el mundo. Son variados los recursos que ofrece, entre ellos el aporte de una selección de informaciones diarias de interés para el niño al mismo tiempo que abre una ventana para descifrar el modo en que se produce la noticia y cómo es recogida por los profesionales de la comunicación (Idem, p. 2).

Assim, sabendo que as crianças se apropriam das produções culturais ativamente, podemos ajudá-las a serem mais críticas e enfrentarem as notícias do telejornal com um outro tipo de sentimento, que não seja o medo de que viver neste mundo é impossível, e ajudá-las a entenderem como e por que essas notícias são produzidas?

E, nunca é desnecessário lembrar: como acreditar num estado que deve proteger os cidadãos dá concessão pública para se fazer o que bem entendem pela televisão? Como deixar nas mãos dos proprietários privados uma auto-regulação que parece

descomprometida com o direito à informação de qualidade, ao menos para as crianças?

Sobre a adequação das notícias às crianças, Girardello (1990, p.62) menciona o tom paternalista, enfadonho, maçante, “em favor de valores conservadores” de uma peça de telejornal para crianças nos Estados Unidos do “*Channel’s One*”. Isso pode até mesmo confirmar aquelas suspeitas de Bonner, que vimos anteriormente, sobre a incapacidade de se fazer telejornal, digamos, educativo.

O que pensar do aparente grau de intimidade com que os apresentadores do Jornal Hoje se fazem parecer tão íntimos e sorridentes ao telespectador? E do tom solene e pomposo dos apresentadores do Jornal Nacional? E ainda, dos tons eruditos e seríssimos dos apresentadores do Jornal da Globo, nos dando a impressão de que o telejornalismo é detentor de uma verdade praticamente absoluta diante dos fatos? E o que dizer dos telejornais em tom sensacionalista que exploram as notícias de temas ligados à violência, polícia, acidentes etc. em tom dramático, teatral, quando temos notícias de telespectadores que “dialogam” com o apresentador?

Enfim, quanto de entretenimento tem o telejornal hoje em dia, e quanto se confunde com revista eletrônica, novela, programas de entrevistas? Isso é gênero, é técnica, é proposital para deixar as pessoas sintonizadas numa onda de pensamento comum?

Mas se os donos dos meios de comunicação chegam até nós por várias maneiras hoje em dia, quem defende, protege ou dialoga com as crianças sobre os acontecimentos do mundo, violentos ou não, que nos rodeiam de maneira quase impossível de se fugir, de se desligar?

Se o telejornal tem um “papel” a ser desempenhado para a sociedade, qual “*script*” as empresas de comunicação com seus telejornais representam/apresentam para as crianças? O telejornal tem bastado para suprir a “necessidade de informação” sobre o que acontece no mundo? Este “recorte” da realidade através da notícia telejornalística seria problematizado nas escolas com a mediação do professor?

O problema de como a criança se relaciona com a informação do telejornal é algo que diz respeito a todos os que trabalham no campo da Educação e da Comunicação. Faz-se necessário compreender como esses processos se dão para

refletirmos sobre uma possível produção do telejornal para crianças e, sobre a possível mediação da escola na problematização do que o telejornal informa.

É aí que entra a Mídia-Educação e o papel específico do mídia-educador, no sentido de atuar na educação **para** os meios, **com** os meios e, **através** dos meios de comunicação. Tanto na perspectiva de proteger e defender os direitos humanos das crianças e adolescentes, mais vulneráveis às agressões, inclusive as causados pelas mídias, quanto na perspectiva de empoderá-las para uma prática mais ativa nesta recepção (Buckingham, 2007). E para além da mencionada **recepção**, poderíamos acrescentar a necessidade de empoderá-las também numa ativa **produção**, uma vez que as crianças estão se tornando cada vez mais produtoras de conteúdo que compartilham nas diversas redes (Fantin e Rivoltella, 2010).

Neste quadro da notícia, telejornal e educação produzindo fatos, versões, fazendo/desfazendo, reconstruindo a história e o mundo vamos também discutindo sobre a classificação indicativa, tema imerso sob as águas profundas onde esse iceberg se localiza.

Temas do iceberg que estão submersos

Entre tantos temas submersos nesse mar que envolve o iceberg telejornal e crianças, como a programação infantil, indústria do brinquedo, publicidade direcionada ao público infantil, monopólio dos meios de comunicação e violência, neste momento destacamos o tema da classificação indicativa, da erotização precoce e do consumismo infantil, por considerá-los extremamente ligados aos direitos das crianças e des-ligados na relação ética televisão-telejornal.

1.6 - Classificação indicativa para telejornais no Brasil

Em trabalho sobre os direitos das crianças e a questão de proteção à infância em relação à TV em oito países (França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Canadá, Estados Unidos, Brasil e Argentina), Capparelli (2010) destaca os temas sobre sexo, racismo, discriminação, pornografia, violência, publicidade, educação para a televisão e legislação ou sua ausência.

A respeito da legislação sobre conteúdos no Brasil, Capparelli (2010) afirma que

as possibilidades de se legislar sobre os conteúdos nos meios de comunicação sempre estiveram relacionados com os processos econômicos (a conformação dos grupos multimeios e as sucessivas crises econômicas) e fatores políticos específicos: por um lado, a falta de capacidade dos partidos políticos no governo para legislar sobre meios de comunicação ou sua cumplicidade com os pretensões dos empresários de meios de comunicação, as agências de publicidade e os produtores de conteúdos.

No Brasil, tanto as leis em vigor como o projeto da nova Lei Eletrônica de Massa que terminou recentemente seu período de audiência pública parecem indicar que a programação infantil e a programação em geral da televisão são questões de mercado e, no máximo, os empresários das indústrias audiovisuais devem ser incentivados a classificar seus programas e exibí-los em determinados horários.

Não se pode dizer que no Brasil exista um sistema de televisão dual, devido à importância reduzida das televisões educativas diante do sistema de televisão como um todo. No modelo brasileiro – e dos Estados Unidos – as televisões educativas têm pouca audiência, sendo inexato se dizer que o modelo seja dual em termos práticos. Mesmo assim, canais brasileiros, como o da Televisão Cultura, de São Paulo, são exemplos de televisão que tem uma política cultural clara dirigida ao público infantil e não ao mercado onde circula esse público (Idem, p. 103).

Na direção deste embate entre mercado *versus* regulação, nem mesmo a Conferência Nacional de Comunicação⁵¹, de dezembro de 2009, deu conta de resolver essa questão da classificação e auto-regulação para si mesma, e muito menos para

⁵¹ Vídeo do Exmo. Ministro das Comunicações Hélio Costa vaiado na I CONFECOM (Brasília, entre os dias 14 e 17 de dezembro de 2009): Youtube <http://goo.gl/FVghQ>

a maioria da população. As pressões dos donos das mídias parecem ser grandes⁵², e desde então os resultados da conferência se fizeram perceber nas mobilizações acontecidas pela democratização dos meios de comunicação.

Já divulgadas as propostas trabalhadas naquele evento, bem como de abertura de consulta pública sobre a classificação indicativa, atualmente o Governo Federal se prepara para apresentar à discussão e “negociação” a sua proposta de regulação⁵³, além dos esforços da recém-formada Frente Parlamentar pela Liberdade de Expressão e o Direito à Comunicação com Participação Popular, e amplo apoio de várias organizações, jornalistas e outros profissionais, e da população já mais atenta à questão.

No debate quase interminável entre o que seja **classificação indicativa** e o que seja **censura**⁵⁴, considera-se que

Classificação Indicativa é informação contextualizada para a decisão familiar sobre o acesso de crianças e adolescentes, empoderando pais e filhos frente à mídia e garantindo o direito à infância e adolescência sadias e completas. Censura é se auto-intular o ‘protetor da pátria e da família’, restringindo o acesso à informação e/ou infantilizando as famílias,

⁵² Globo reage à Confecom – Segundo o Jornal Nacional, “todos consideraram as propostas de estabelecer um controle social da mídia uma forma de censurar os órgãos de imprensa, cerceando a liberdade de expressão, o direito à informação e a livre iniciativa, todos previstos na Constituição.” A Bandeirantes foi a única grande emissora de televisão a furar o bloqueio e ir à Confecom. Disponível em <http://www.lucianacapiberibe.com/2009/12/14/globo-reage-a-confecom/>

A Rede Globo e a Folha não apoiaram a conferência: “CONFECOM para quê? Existe uma pedagogia da Confecom para os amantes da sociedade aberta. Essa pedagogia ensina que não mais os valores tradicionais poderão viver de sua inércia. Eles terão agora que ser defendidos nos mesmos termos e no terreno em que são atacados, no campo da mobilização política”. Disponível em <http://www.midiasem mascara.org/confecom/10615-confecom-para-que.html>

⁵³ Acesso em 11 jun 2010. Disponível em <http://www.mc.gov.br/noticias-do-site/22628-governo-divulga-caderno-eletronico-com-propostas-aprovadas-na-confecom>

⁵⁴ Em fins de novembro de 2011 o Superior Tribunal Federal (STF) está a julgar a constitucionalidade da classificação indicativa por uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) movida pelo PDT, no que parece ser movida também pelos interesses das empresas emissoras de rádio e televisão. Ver <http://filosomidia.blogspot.com/2011/12/abra-o-olho-para-classificacao.html>

considerando-as incapazes de exercer seu direito à decisão sobre conteúdos ‘moralmente relevantes

Cabe ao Estado Democrático de Direito garantir a pluralidade de expressões e informações, assim como assegurar à infância e adolescência seus direitos a uma formação plena e à convivência familiar saudável. O novo regime democrático passa a reconhecer o papel central e imprescindível dos pais na educação de seus filhos para a vida e cidadania – e a Classificação Indicativa deve ser informação qualificada, acessível e imediatamente reconhecível para que qualquer decisão parental sobre a adequação de conteúdo ao desenvolvimento infanto-juvenil seja rápida, segura e crítica (Pires, 2008, p. 4). (Grifos meus)

Isso quer dizer que **são os responsáveis legais que decidem o que os filhos/crianças/jovens devem assistir**, cabendo ao Ministério/Governo apenas a classificação de programas televisivos⁵⁵. Ao acatar a pressão dos donos das mídias, como “garantir a pluralidade de expressões e informações” a partir dos interesses dos órgãos da mídia, sem a censura do governo ou da sociedade?

Na Portaria 1220 de 11 de julho de 2007⁵⁶ do Ministério da Justiça do Brasil⁵⁷, em vigência atualmente, o então Ministro assina que

⁵⁵ A ANDI e a Rede ANDI Brasil lançam a cartilha “Infância e Comunicação: uma agenda para o Brasil” defendendo a regulação do setor por parte do Estado, entendendo que a participação das empresas de comunicação e da sociedade civil é tida como instrumento fundamental na garantia da qualidade da informação disponível a crianças e adolescentes. A política de classificação indicativa, as ações de educação para a mídia, o incentivo à programação instrutiva e diversificada e a influência da publicidade também estão entre os assuntos abordados. Acesso em 10 dez 2009, disponível em <http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/pauta/cartilha-infancia-e-comunicacao-destaca-10-pontos-a-serem-discutidos-pela>

A Missão da ANDI: Associação civil de direito privado sem fins lucrativos, cuja missão é contribuir para a construção, nos meios de comunicação, de uma cultura que priorize a promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, considerando que democratizar o acesso a estes direitos é condição fundamental para a equidade social e para o desenvolvimento humano. Disponível em <http://www.andi.org.br/>

⁵⁶ Portaria é um ato editado pelo chefe máximo da administração pública ou quem a lei autorize. A portaria por ser ato administrativo só tem força de lei se editada para regulamentar lei ou decreto. PORTARIA MJ Nº 1.220, DE 11 DE JULHO 2007 (DOU 12.07.2007) Regulamenta as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de

Art. 5º. Não estão sujeitas à análise prévia de conteúdo no âmbito do Ministério da Justiça as seguintes obras audiovisuais:

I – Programas jornalísticos ou noticiosos;

II – Programas esportivos;

III – Programas ou propaganda eleitoral

IV – Propagandas comerciais ou publicitárias em geral, incluídas as propagandas veiculadas à programação.

V – Outros programas veiculados ao vivo.

§1º. Os programas exibidos ao vivo poderão ser classificados, com base na atividade de monitoramento, constatada a presença reiterada de inadequações.

§2º. A não atribuição de classificação indicativa aos programas de que trata este artigo não isenta o responsável pelos abusos cometidos, cabendo ao DEJUS/SNJ encaminhar seu parecer aos órgãos competentes, exceto quanto aos programas jornalísticos ou noticiosos.⁵⁸ (Grifo meu)

Ou seja, telejornais, esportes, propaganda eleitoral ou publicidade não são analisados pelo Ministério da Justiça: “e podem ser exibidos a qualquer horário” (Pires, p. 6)⁵⁹. E assim, mesmo não isentando os responsáveis na mídia por abusos cometidos, e à sociedade civil um monitoramento, o debate não termina e está longe de se encontrar uma solução sobre o que é

1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA), da Lei nº 10.359, de 27 de dezembro de 2001, e do Decreto nº 6.061, de 15 de março de 2007, relativas ao processo de classificação indicativa de obras audiovisuais destinadas à televisão e congêneres.

⁵⁷ Secretaria Nacional de Justiça, através de departamento competente - Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação.

⁵⁸ Ministério da Justiça: <http://goo.gl/szIKA>

⁵⁹ Davi Ulisses Brasil Simões Pires, advogado, especialista em direito público, é também roteirista de produções para cinema e TV. “Classificação Indicativa – informação qualificada”, Diretor do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação desde 2007. Disponível em <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/e/ea/Pires.pdf>

liberdade de expressão, o que é censura, o que é auto-regulação e, o que é classificação indicativa e suas finalidades na exigência de uma programação com qualidade.

Parece que o interesse da não-classificação do telejornal deixa à família a decisão sobre o que as crianças e adolescentes possam ver na TV, uma vez que pelo lado das empresas parece que elas também se “esforçam” muito por se auto-regularem, ao indicar a faixa etária a que se destina tal programação.

Sugerindo interferência dos donos das empresas de mídia como um “mercado contra” o controle dos conteúdos televisivos, Cabral (2007) questiona a postura do governo e, alfineta:

A questão mercadológica baseia-se em lucro, domínio da audiência e “liberdade” para exibir o que se quer sem a supervisão do governo e da sociedade. Vende-se o lema: “se um programa tem audiência é por que o público quer e gosta”. Algo totalmente equivocado diante da realidade brasileira. Pois, é fato que a maioria da população tem TV aberta em casa e, para muitos, é a única opção de informação, educação e entretenimento. Não se pode ignorar que as pessoas não escolhem o que ver, uma vez que não têm noção do conteúdo a ser exibido, apenas vêem o que está disponível na tela.

Não levar em consideração o público, sua realidade e necessidades são erros que não poderiam ser cometidos por empresas de comunicação que pregam profissionalismo e qualidade. Mas, como justificar para a sociedade os impactos da programação televisiva na vida das crianças e dos adolescentes? E as cenas de sexo exibidas no horário em que menores ainda estão acordados?”

(...) “Deixa-se claro na Portaria que “a classificação indicativa possui natureza informativa e pedagógica” e que o horário de proteção à criança e ao adolescente compreende o período de seis às 23 horas. Evidencia-se que, com base nos critérios de sexo e violência, deve-se seguir as seguintes classificações (Art.17), levando-se em consideração os diferentes fusos horários no país:

- 1 .Especialmente recomendada para Crianças e Adolescentes
- 2 . Livre
- 3 . Não recomendada para menores de 10 (dez) anos
- 4 . Não recomendada para menores de 12 (doze) anos
- 5 . Não recomendada para menores de 14 (quatorze) anos
- 6 . Não recomendada para menores de 16 (dezesesseis) anos
- 7 . Não recomendada para menores de 18 (dezoito) anos”.

Figuras 04 e 05 . Manual e Símbolos utilizados na Qualificação Indicativa na TV.
Fonte: Revistapontocom⁶⁰



Porque a liberdade de expressão é chamada para legitimar a atitude de deixar à família o poder de ver ou não ver a TV e o telejornal? Qual interesse há por detrás disso, que parece não ser aquele “empoderamento” da sociedade?

Em 2004 houve uma polêmica a respeito dessa classificação de telejornais, noticiada pelo jornal O Estado de São Paulo⁶¹. À revelia do Ministro da Justiça e da Secretária de Justiça, o então diretor do Departamento de Classificação indicativa determinou que telejornais vespertinos fossem exibidos apenas após as 21 horas, devido a cenas de violência e tensão. A então secretária manda revogar a medida no dia seguinte e o Ministro chegou a ser pressionado por deputados “lobistas”

⁶⁰<http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-planeta-afora/classificacao-indicativa-ministerio-da-justica-divulga-resultado-de-pesquisa>

⁶¹ Horário de programas jornalísticos provoca demissão no ministério.
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=263ASP007>

ligados às empresas de comunicação. Tudo em nome da liberdade de expressão que não deve ser regulada, classificada.

Em 2006, ainda a respeito desse tema, a ANDI, Agência de Notícias dos Direitos das Crianças em parceria com o Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Justiça e Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, elabora extenso trabalho como desafio no debate para a construção de um novo instrumento para classificação indicativa na TV.

No vai-e-vem de argumentos, análises, pesquisas e discussões, novos procedimentos e métodos são propostos e pormenorizados para determinar as “adequações” (Andi, 2006, p. 179), à minuta da Ficha de Classificação (Idem, 2006, p. 194-214), a ser preenchida pelos produtores nos meios de comunicação, sob a tutela das determinações da Constituição Federal (1988), do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e da Convenção sobre os direitos das Crianças da ONU (1989).

À sociedade, às famílias e interessados, deixa-se a possibilidade de fazerem a vigilância dos meios de comunicação e denunciá-los quando se sentirem agredidas em seus direitos. Às crianças, adolescentes e suas famílias se garante o direito de se “empoderarem”, apenas lhes deixando ouvidos e olhos bem abertos, e a boca bem fechada: os telejornais não passam por aquela classificação.

Em 2008, divulga-se o *resultado* de uma pesquisa⁶² sobre a percepção de conteúdos inadequados (sexo, drogas e violência) e classificação indicativa, realizada pelo DEJUS do Ministério da Justiça em 11 regiões metropolitanas contempladas pelo Programa Nacional de Segurança com Cidadania (PRONASCI), entre 2 mil crianças e dois mil adultos.

Segundo o site da Revistapontocom

“o levantamento permitiu confrontar as respostas de crianças, adolescentes e adultos quanto à percepção da Classificação Indicativa veiculada pelas emissoras brasileiras. Cerca de quatro mil pessoas foram entrevistadas”.⁶³

⁶² Edital do Projeto da pesquisa disponível em <http://goo.gl/ZNOY2>

⁶³ Acesso em 24 abr 2010. <http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-planeta-afora/classificacao-indicativa-ministerio-da-justica-divulga-resultado-de-pesquisa>

A referida ONG reproduziu os principais resultados de tal pesquisa que geram margem a inúmeras interpretações. Os dados foram inseridos em tabela e agrupados para facilitar visualização e compreensão:

Quadro 1
Pesquisa Radiodifusão de Conteúdo Inadequado:
a Classificação Indicativa e os Direitos Humanos

<i>Significado dos Símbolos da Classificação Indicativa</i>	<i>Reconhecem o significado dos símbolos da Classificação Indicativa.</i>	70,8%
	<i>Não reconhecem os símbolos da Classificação Indicativa.</i>	21,5%
	<i>dos adultos afirmam que o conjunto de símbolos aparece muito rápido na tela da TV.</i>	15,8%
	<i>Afirmam que os símbolos não são bem compreendidos, pois falta áudio na mensagem.</i>	12,5%
	<i>Afirmam que os símbolos não são bem compreendidos, pois aparecem pequenos.</i>	8,7%
<i>Reconhecimento de Conteúdos, controle e censura</i>	<i>Das crianças e dos adolescentes reconhecem existir conteúdos impróprios na TV.</i>	75,4%
	<i>Dos adultos têm algum nível de preocupação com o que crianças/adolescentes veem.</i>	74,8%
	<i>Afirmam usar a classificação para escolher o que sua família irá assistir.</i>	51%
	<i>Dos adultos veem necessidade de controle externo.</i>	74,2%
	<i>Indicaram a classificação por faixa e horário o melhor instrumento de controle.</i>	54,4%
	<i>Manifestaram se favoráveis à censura.</i>	36,9%
	<i>Das crianças afirmam ser a mãe a pessoa responsável pelo controle da programação.</i>	42,3%
	<i>Das crianças afirmam ser o pai a pessoa responsável pelo controle da programação.</i>	19,4%

<i>Restrições e preocupação dos pais</i>	<i>Das crianças e dos adolescentes dizem obedecer às restrições dos pais.</i>	45,2%
	<i>Das crianças e dos adolescentes dizem cumprir parcialmente às restrições.</i>	47%
	<i>Das crianças e dos adolescentes afirmam desobedecer às restrições.</i>	4,3%
	<i>Dos adultos dizem que se preocupam com a influência das cenas de sexo.</i>	14,6%
	<i>Dos adultos dizem que se preocupam com a influência das cenas de violência.</i>	27,7%
	<i>Dos adultos dizem que se preocupam com a influência das cenas de droga.</i>	12,5%
	<i>Dos adultos dizem que se preocupam com o que as crianças imitam da TV</i>	15,8%

Fonte: Site Revistapontocom 04 dez 2009 (Grifos meus)

Os dados sugerem que quase metade das crianças e jovens desobedece aos pais em relação às restrições para assistir TV⁶⁴. Eu mesmo comprovei isso e, Fantin e Rivoltella (2010, p. 93) citam tal fato, que nos ajuda a refletir sobre a necessidade de desenvolver experiências de ensino-aprendizagem articulando educação, comunicação, cultura, mídia e múltiplas linguagens na escola, discutindo temas que as crianças assistem na TV. Em relação à imitação de cenas da TV em suas brincadeiras, naquela pesquisa acima do Ministério da Justiça evidencia-se o fato de que apenas pouco mais de 15% dos pais se preocupam com o que as crianças fazem a partir da TV.

Tendo em mãos a entrevista a Pires (2008) que conceituou a Classificação Indicativa anteriormente mencionada, perguntei a ele que é atualmente Diretor do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação (DEJUS) do Ministério da Justiça **“sobre como foi a ‘construção’ desse ‘consenso’ em torno da não-classificação de telejornais, como que historicamente ele se construiu, e em quais bases ele se justifica e se mantém”**, uma vez que origina as portarias isentando telejornais e programas noticiosos da classificação.

⁶⁴ Ao perceber crianças entre 7 e 8 anos saberem tudo sobre o Big Brother Brasil (veiculado às 22 horas), quando fiz estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental em escola pública de Florianópolis, em 2008. O mesmo ocorria para novelas do horário nobre (21 horas), e elas contaram a trama com minúcias. Numa ocasião, enquanto as meninas dançavam e reboavam nos postes do pavilhão das bandeiras em frente à escola, os meninos gritavam e aplaudiam, além de acompanhar cantando.

O diretor responde prontamente, via e-mail, afirmando as ”inovações” de um documento para o outro, ainda tendo por base o Art. 220 da Constituição Federal em seu parágrafo primeiro e destacando os incisos:

§ 1º - Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV. (...)” (grifo do diretor na resposta ao e-mail)

Os incisos a que se refere do Artigo 5º. são:

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

No entanto, tal resposta não esclarece como o “consenso” se deu. No meu entender é incompreensível relacionar classificação indicativa com “censura”, como percebemos nos argumentos apresentados na defesa das empresas de comunicação quando tratam deste tema. Afinal, se a própria Constituição - parágrafo terceiro do Art. 220 - esclarece sobre a regulação:

Art. 220 . A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º - Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º - É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º - Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao Poder Público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º - A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterà, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º - Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º - A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade.

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família⁶⁵. (Grifos meus)

E, o que dizer do monopólio/oligopólio, e das “dificuldades” criadas pelas grandes empresas de comunicação para participar do debate sobre o tema? Neste sentido, no debate público sobre a Regulação das Comunicações, que pode ajudar a esclarecer essa “resistência”. Venício Lima analisa as relações entre o “poder” e os “direitos” afirmando que

“Nunca será demais insistir: o que está realmente em jogo quando se trata dessas relações é o processo democrático, isto é, a democracia. Embora não se possa reduzir a realização plena dos direitos humanos às ordenações jurídico-contratuais, uma das condições para o avanço da cidadania entre nós é a implantação de políticas públicas de comunicação que garantam a consolidação do **direito à comunicação** para todos os brasileiros” (Lima, 2011, p. 227). (Grifo do autor)

É um tema que precisa ser aprofundado. E parece ser um grande desafio para a sociedade civil que está se mobilizando intensamente quanto a isso, pressionando o atual governo, para juntos fazer a regulação do Capítulo V da Constituição Federal.

⁶⁵ Constituição Federal, Artigos 220 e 221.

A criança e a classificação indicativa em outros países

Em países como Argentina, Austrália, Espanha, Estados Unidos, França, México, Portugal e Reino Unido⁶⁶ encontramos princípios gerais da classificação em uma legislação rigorosa, com maior ou menor controle sobre os excessos cometidos a respeito da classificação indicativa. Estudo recente sobre órgãos reguladores no mundo conclui da existência de

características comuns entre os órgãos reguladores da maioria dos países. A primeira delas é a busca de independência em relação ao setor regulado e aos governos. Nenhum dos países pesquisados adota estruturas de autorregulação como instrumento central para a radiodifusão. Todos eles têm participação dos Poderes Executivo e Legislativo nos processos de indicação de seus componentes, mas sempre com mecanismos de equilíbrio e contrapeso entre os poderes ou de indicações prévias por parte da sociedade, à exceção do caso uruguaio, que todavia discute mudanças no marco regulatório do setor audiovisual. A maior parte dos países proíbe que os órgãos tenham como diretores pessoas com interesses econômicos ligados direta ou indiretamente ao setor regulado.⁶⁷

Em outra pesquisa semelhante, Capparelli também apresenta estudo sobre o tema em “A proteção à infância e à televisão em oito países”⁶⁸: França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Canadá, Estados Unidos, Brasil e Argentina, citando extensa bibliografia que referenda seu trabalho. Desde aspectos da proteção à infância e à televisão, o autor traça um histórico da televisão em cada país, aborda questões específicas em relação à regulação desse meio de comunicação e mecanismos de proteção

⁶⁶ Ministério da Justiça, Classificação Indicativa no mundo, Experiências em televisão. Acesso em 22 nov 2010. <http://goo.gl/zqbwz>

⁶⁷ O Coletivo Intervezes publica pesquisa sobre órgãos reguladores de rádio e televisão em 10 países: Alemanha, Argentina, Bósnia e Herzegovina, Canadá, Catalunha, Espanha, Estados Unidos, França, Portugal, Reino Unido e Uruguai. Acesso em 12 dez 2010, Disponível em <http://www.intervezes.org.br/destaque-2>

⁶⁸ Disponível em <http://www.capparelli.com.br/direitos.php>

à infância em relação a ele. Aborda questões relacionadas como violência, pornografia, publicidade, sexo, e também no campo da educação para as mídias.

A respeito da Classificação Indicativa, em relação aos demais países abordados o Brasil apresenta-se como deficiente e, no dizer do autor, “há falta de política” para o setor, afirmando que as ações de desenvolvimento na definição dessas políticas estão em curso. Percebe-se um discurso ambíguo, com presença dos interesses do empresariado, ao mesmo tempo que menciona seus órgãos de representação e a (in)definição de políticas públicas para o setor de comunicação. O autor também alerta para a importância da participação popular nesse processo. Considerando a comunicação como um bem público e que se deva defender os direitos da criança nesse contexto, ele enfatiza que

a questão fundamental para a legislação de proteção a infância é conceber a criança como “sujeito de direito”, com capacidade para exercer os seus próprios direitos e não simplesmente considerar que estes devem ser tutelados pelo Estado, pela família, por ONG's ou por outro tipo de instituições, mesmo aquelas constituída por adultos. Não são excluídas, porém, as responsabilidades dessas instituições. O papel do Estado e dos organismos reguladores na área de radiodifusão não pode estar completo se a legislação não considera os meios de comunicação como um bem público, limitado ao estatuto de interesse público. Isso não vem ocorrendo porque, de uma forma ou de outra, os meios de comunicação vêm respondendo mais às necessidades e aos interesses comerciais.⁶⁹

1.7 - Publicidade para crianças e consumismo infantil

Outra questão submersa e não menos importante que abordaremos brevemente é a da publicidade dirigida especialmente às crianças, que no Brasil merece uma verdadeira luta contra os abusos que ferem os direitos das crianças.

⁶⁹ Capparelli. Disponível em <http://www.capparelli.com.br/brasil.php>

Como não existem telejornais preparados para crianças, e elas assistem aos telejornais que são feitos para os adultos, naturalmente que a mensagem comercial esteja voltada para o público em geral. No entanto, percebemos que na programação televisiva em geral e na infantil em particular, as crianças são constantemente bombardeadas com vistas a consumirem produtos, sejam brinquedos ou alimentos, além de outros das indústrias que têm interesse nesse “nicho de mercado”. Publicidade essa feita com requintada produção e, que eticamente questionável, se dirige diretamente às crianças, considerando que essas têm uma influência muito grande junto aos pais que financiarão seus objetos de desejo. Publicidade que também se relaciona a certa erotização precoce das crianças e ao incentivo de consumismo desenfreado de produtos que certamente poderia ser objeto de outra investigação.

Algumas organizações não-governamentais no país têm um papel muito ativo na luta de combate ao consumismo infantil, à erotização precoce, ao trabalho infantil e à pedofilia, como o Interozes (Coletivo Brasil de Comunicação Social), e o Instituto Alana, que também têm dado enorme contribuição à discussão da classificação indicativa⁷⁰.

Destacamos o Projeto Criança e Consumo do Instituto Alana que “desenvolve atividades que despertam a consciência crítica da sociedade brasileira a respeito das práticas de consumo de produtos e serviços por crianças e adolescentes”⁷¹. Tendo “como principal objetivo fomentar na sociedade discussões sobre assuntos relacionados ao consumismo na infância”, a entidade conta com a Rede de Trabalho que “por meio de uma aliança de cooperação nacional e internacional, reúne especialistas, pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento para que possam trocar informações e contatos sobre o tema”⁷². E, dentre essas atividades também produz e divulga artigos e vídeos como o documentário “Criança, a alma do negócio” (Direção de Estela Renner, 2008)⁷³, que muito tem contribuído

⁷⁰ “Contribuição ao Debate Público sobre a Classificação Indicativa”, em 11 de janeiro de 2011. Disponível em <http://goo.gl/518nM>

⁷¹ Disponível em <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Projeto.aspx>

⁷² Disponível em <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/RedeTrabalho.aspx>

⁷³ Disponível em <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Biblioteca.aspx?v=8&pid=40> em

para promover reflexões sobre a questão junto à sociedade, inclusive nas universidades.

Relacionado a essa questão do consumismo infantil, erotização precoce, ainda há algo a querer saber no campo das informações sobre como os produtores de notícias e publicidade fazem seu trabalho, e de quais possam ser as suas (pre)ocupações educativas. Será que os produtores têm em mente que as informações serão assistidas pelas crianças que assistem aos telejornais, e que estes programas (não)serão discutidos pelos professores com as crianças na escola? Os comunicadores sociais sabem disso?

Se a academia ainda não problematizou devidamente o tema da classificação indicativa sobre telejornais que as crianças assistem, é importante saber o que pensam os produtores de programas, as empresas de comunicação, os pais e/ou responsáveis, os professores e as crianças a respeito disso, questão que trataremos a seguir no decorrer do trabalho.

E, enquanto isso, os telejornais atuais continuam com suas notícias que as crianças assistem. Vamos aos fatos...

1.8 - Um telejornal na hora do almoço

No referido telejornal exibido no horário do almoço por uma grande rede de comunicação no Estado de Santa Catarina a manchete do dia anunciava a reportagem⁷⁴:

“Apresentadora: _ Um escândalo atingiu a Igreja católica em Santa Catarina neste fim de semana. Um padre de Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí, foi preso, suspeito de pedofilia.

Apresentador: _ Depois de monitorar as conversas telefônicas do religioso com a menina de 13 anos, a polícia resolveu fazer o flagrante. Encontrou o padre com a menina na cama, dentro do apartamento da casa paroquial.

⁷⁴ Conferir dois vídeos disponíveis das inúmeras inserções com esse tipo de reportagem no Jornal do Almoço. Afiliada da Rede Globo, RBS TV, Florianópolis, Santa Catarina, em de 22 jun 2009 disponível em <http://goo.gl/Sjq1r> e, 23 jun 2009 disponível em <http://goo.gl/jZGwN> com o incomparável jornalista Luiz Carlos Prates fazendo seus comentários.

E, a matéria segue com as cenas do flagrante e dos comentários da equipe policial, depoimentos da menina em questão falando do que o padre fazia com ela, do que conversavam ou trocavam mensagens pelo telefone celular, de pessoas da população “perplexas com as ações do padre”. Cenas assistidas por centenas de milhares de pessoas, e pelas crianças que chegavam ou se preparavam para ir à escola naquele dia.

Nos dias seguintes não se falava sobre outra coisa pela cidade e, no meu vai e vem de uma escola pública da cidade de Florianópolis, tenho um diálogo com mãe de criança estudante no 2º. ano do Ensino Fundamental, que diz ter ficado “engasgada” e sem saber dar uma resposta sobre o que a filha de 8 anos lhe perguntou.

- “Mãe, o que é molestar de crianças?”

...

Como esquecer de tal fato e não se preocupar sobre o que os telejornais exibem às nossas “retinas fatigadas” de adultos e crianças?⁷⁵

Como alguns disseram naquela época que “um padre fazer isso é o fim do mundo”, não seria também o “fim do mundo” aceitar como a coisa mais natural do mundo que os telejornais escrevam seus *scripts*, e falem de assuntos e temas assim, sem se preocupar que as crianças estão assistindo a tudo isso?

Se hoje há descompromisso com o respeito aos direitos das crianças à informação de qualidade adequada às suas peculiaridades infantis, há cerca de pouco mais de duas décadas houve um telejornal com tais preocupações pelas crianças. Procuraremos ver, então, como naquela estrutura do *lead* e, como diz a canção que abria o Telejornal Globinho, “o que foi, como foi e porque foi” essa experiência de telejornalismo para crianças.

⁷⁵ O padre foi condenado pela Justiça em princípios de 2010 a oito anos e nove meses de prisão por atentado violento ao pudor contra uma adolescente, e se dedica a construir jardins no presídio regional, e quer escrever um livro. Alto Vale Notícias. Acesso em 16 jun 2011, disponível em <http://www.altovalenoticias.com.br/avntv/leitura.php?id=UtmUORGmXIEUUBTP>

E, “o que é, o que é, que pela manhã anda com quatro pernas, pela tarde anda com duas pernas e pela noite anda com três pernas?”

O que é, o que é, que para as crianças pela manhã, pela tarde e pela noite parece não ter pé nem cabeça?

Qual criatura se faz de esfinge, que não te pergunta nada, que nos corta a palavra e a nossa visão de mundo, para nos dizer tudo o que devemos ser/fazer/saber pela lógica do des-amor?

... No meio do Jornal do Almoço tinha uma criança

Leo Nogueira

*No meio do Jornal do Almoço tinha uma criança
tinha uma criança no meio do almoço
tinha uma notícia
no meio do almoço tinha uma notícia*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na ida de meu estágio tão fatigado.
Nunca me esquecerei que no meio do almoço
tinha uma notícia
tinha uma criança no meio do almoço
no meio do almoço tinha uma criança
tinha uma notícia intragável*

*No meio de casa tinha uma pergunta que não foi
respondida.
No meio da escola tinha uma pergunta que não foi
respondida.
No meio da sociedade tinha uma pergunta que não foi
respondida.
Nos meios de comunicação tinha uma pergunta que não
queriam ouvir...⁷⁶*

⁷⁶ Inspirado na poesia do mineiro do mundo das Geraes. In *Revista de Antropofagia*, 1928 e incluído em *Alguma poesia*, 1930, “No meio do caminho”, de *Carlos Drummond de Andrade*: [No meio do caminho tinha uma pedra] tinha uma pedra no meio do caminho] tinha uma pedra, no meio do caminho tinha uma pedra] Nunca me esquecerei desse acontecimento, na vida de minhas retinas tão fatigadas.] Nunca me esquecerei que no meio do caminho, tinha uma pedra] tinha uma pedra no meio do caminho] no meio do caminho tinha uma pedra.

SEÇÃO II – O LEÃO E A CRIANÇA

Capítulo II – Telejornalismo para crianças: o Leão e as crianças

Neste capítulo apresentamos alguns estudos realizados sobre o “Telejornal Globinho”, destacando especialmente duas entrevistas em vídeo com depoimentos de sua apresentadora, Paula Saldanha. Abordamos o programa “Plantão do Tas” e o fato de esse programa “ser ou não ser” um telejornal assim como é propagandeado, além de outros programas baseados num formato telejornalístico. E, seguimos em busca de outras experiências realizadas em diversos países sobre telejornal e criança.

*O que é como é, por que é, Você agora vai saber
O que foi, como foi, porque foi, É fácil de aprender...
No ar, Globinho!*

Vinheta de abertura e chamada do Telejornal Globinho⁷⁷

Um das primeiras experiências de telejornal para crianças no Brasil foi veiculada pela TV Excelsior⁷⁸ em 1960 – “Repórter Caçula” – com apresentadores mirins. “A linguagem e as pautas eram preparadas para atender ao seu público-alvo, mas devido às limitações da época, o programa seguia o modelo radiofônico (texto mancheteado⁷⁹)” (2006, p. 56). Anos depois tivemos o Telejornal Globinho, que é o objeto dessa investigação.

2.1 - O Telejornal Globinho no Brasil

O Telejornal Globinho – veiculado entre os anos de 1972 a 1983 pela Rede Globo de Televisão - foi um programa infantil em formato de telejornal que noticiava fatos e assuntos do

⁷⁷ Vinheta criada por Marcos Valle (compositor, cantor, instrumentista) e Nelson Motta (Jornalista, compositor, roteirista, produtor musical, letrista).

⁷⁸ TV Excelsior, criada em São Paulo em 09 de julho de 1960 e extinta em 30 de setembro de 1970.

⁷⁹ Texto mancheteado - estrutura diferenciada para apresentação de programas noticiosos, muito utilizada por emissoras de SP e RJ. Dois ou três apresentadores apresentam notícias sob a forma de manchetes, sendo que cada uma destas não deve ter mais de cem (100) dígitos datilografados.
<http://www.espirito.org.br/porta/artigos/ednilsom-comunicacao/radio-a-noticia.html>

universo adulto, entretanto se utilizando de uma linguagem acessível a crianças e adolescentes.

Poucos estudos foram realizados sobre o Telejornal Globinho: além de sucinto material da própria Rede Globo (Memória Globo), e também de uma entrevista na TV Câmara realizada por Paulo José Cunha⁸⁰, e estes abordam pontos a partir do olhar do jornalismo ou da sociologia, faltando considerações a respeito da intenção educativa, da produção e recepção com a mediação da escola na perspectiva da Mídia-Educação.

O material da “Memória Globo”, de duas laudas, foi o único documento como fonte de informação disponível sobre o telejornal em questão durante muitos anos. Isso, desde o término do programa (meados de 1982 segundo a Rede Globo abaixo) e até que estes dados pudessem ser consultados em informativos e, posteriormente, pela internet⁸¹.

Até então os filmes em película arquivados eram as únicas fontes de registro de informação sobre o programa. Diante de tal escassez de fontes ainda hoje, preferimos transcrever, na íntegra, essa página pública da Memória da Globo, para também acentuar o fato de os telejornais merecerem pouca atenção dos pesquisadores, e o telejornal para crianças mais ainda.

GLOBINHO

Período de exibição: 25/10/1972 – 28/02/1974; 11/1974; 24/07/1982

Horário: diversos

Periodicidade: de segunda a sábado

⁸⁰ Publicitário, poeta, jornalista, professor, radialista e telenoticiariista. Foi repórter de O Globo, Jornal do Brasil e Rede Globo de Televisão. É diretor de documentários e comerciais de TV. Também escreve a coluna Telejornal em Close, parte do projeto acadêmico da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, vem sendo produzida desde agosto de 1999. Ver <http://caid.sites.uol.com.br/analisetj.htm>

⁸¹ Segundo correspondência com um usuário que postava no Youtube vídeos de programas antigos da Rede Globo, suas imagens e de outros “fãs” estão sendo retiradas da Internet pouco a pouco, à medida que as autoridades constituídas consideram que estes não são os proprietários daqueles materiais. Como estas informações, em suma, são consideradas “mercadorias” e propriedade privada dos detentores destes “produtos”, chegará o dia em que só saberemos mesmo aquilo pelo qual podemos pagar. Para certas “memórias” in-existentes ou in-disponibilizadas por estas empresas, restam apenas algumas “memórias” de pessoas, fãs, aficionados...

Coordenado por Alice-Maria⁸², editado por Theresa Walcacer⁸³ e escrito por Wilson Aguiar⁸⁴, o Globinho era um programa infantil em formato de telejornal. Noticiava fatos e assuntos do universo adulto utilizando uma linguagem mais acessível a crianças e adolescentes, estimulando seu envolvimento com as artes e atividades educativas em geral.

O Globinho estreou em 1972 com uma edição diária de segunda a sexta, às 11h45, tendo 15 minutos de duração. Em setembro de 1973, o programa deixou de ser exibido às sextas-feiras. Ficou no ar até fevereiro de 1974. Retornou à grade em novembro daquele mesmo ano, desta vez exibido em cinco edições diárias, de cinco minutos cada, espalhadas pela programação.

O telejornal chegou a apresentar filmes estrangeiros, com locução em off de Ronaldo Rosa. Em 1975, Berto Filho passou a ser o locutor do programa e Fernanda Marinho⁸⁵ assumiu o cargo de editora-chefe.

Em março de 1977, o Globinho sofreu as primeiras mudanças. O esquema anterior – com diversas edições sem horários pré-determinados – dificultava a aceitação pelo público infantil. Para mudar esse quadro, o Globinho passou a ter apenas duas edições diárias, de cinco minutos, apresentadas às 11h55 e às 17h55. A primeira edição era a reprise da segunda do dia anterior, o que dava oportunidade às crianças com horário escolar diverso de assistirem ao programa.

⁸² Alice-Maria Tavares Reiniger, Jornalista. Dentre os seus inúmeros feitos na televisão brasileira, destaca-se a participação na criação do Jornal Nacional (telejornal em que ocupou por muitos anos o cargo de editora-chefe), além da direção em diversos informativos e programas da TV Globo, tais como Hoje, Jornal da Globo, Fantástico, Globo Repórter, Globo Rural e Bom Dia Brasil. Em 1996 implantou o Globo News e foi sua diretora-geral até 2009, quando deixa o canal e passa a ser diretora de desenvolvimento e programas especiais (DDPE), subordinada a Carlos Henrique Schroder, novo diretor-geral de jornalismo e esporte. Adaptado da Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-258921,00.html>

⁸³ Jornalista.

⁸⁴ Jornalista e dramaturgo (1951/1991).

⁸⁵ Jornalista.

Outra novidade foi a entrada de Paula Saldanha⁸⁶ como apresentadora para assegurar a credibilidade do formato de telejornal. Além de comandar o programa, a jornalista produzia uma seção sobre literatura, mostrando as novidades no mercado de livros para crianças, desde as primeiras letras até a adolescência. A seção explicava a importância da leitura como elemento educativo e de lazer e informava preços e locais onde encontrar os livros.

A produção do programa era local e bastante versátil, ilustrando as notícias e reportagens com mapas e filmes educativos. A única seção fixa chamava-se Serviço infantil, com informações de utilidade pública. Às sextas-feiras, ia ao ar um roteiro de programação para o final de semana, com indicações de filmes, peças de teatro e opções de lazer. O Globinho também foi um dos primeiros programas da televisão brasileira a produzir matérias sobre problemas ecológicos. Uma série de reportagens sobre meio-ambiente foi exibida aos sábados sob o nome de Globinho repórter.

A partir de 1978, em edição nacional, Globinho voltou a ter 15 minutos de duração, dos quais cinco eram dedicados a reportagens locais. Esse novo formato abriu espaço para a apresentação de desenhos e animações, todos de grande sucesso como A Família Barbapapa, Mío e Mao, Vermelho e Azul, A linha, Areia, Dragnetto, Dr. Sinuca, Petratel, Toupeirinha e O patinho Quá-Quá. O programa também iniciou um trabalho de renovação do seu aspecto visual – realizado pela artista plástica Patrícia Gwinner, que introduziu gradativamente mais colorido e movimento aos cenários.

Buscando estreitar os laços com o público infanto-juvenil, o Globinho promoveu eventos como uma campanha de arborização e concursos de fotografia e histórias em quadrinhos. A resposta dos telespectadores foi positiva e a audiência média do Globinho no Grande Rio aumentou.

A equipe, nessa época, era dividida por estados, onde havia

⁸⁶ Jornalista, Pedagoga, formada pela (UFRJ), com formação em Música (Pro Arte), Artes Plásticas (ENBA/UFRJ), *Ballet* e com experiência em publicações na área ambiental e literatura infantil, além de atuar por 10 anos como educadora com turmas de 1º e 2º graus e formação de professores. (Ruberti, Sampaio-Ralha, Ibarra, 2006, Pág. 4).

edições locais do programa. No Rio de Janeiro, estavam Paula Saldanha (apresentação e reportagens), Fernanda Marinho (edição), Ricardo Madeira (reportagens), Vilma Gomez, Patrícia Gwinner (arte), Irlandino Silva (montagem) e Laila Andrade (assistência de produção).

Em São Paulo, a equipe contava com Sandra Elisa (apresentação), Ubirajara Mateus (arte) e Edith Elek Machado (edição). No Recife, trabalhavam Maria Anunciada (apresentação) e Letícia Dias (edição) e, em Belo Horizonte, Myriam Lúcia (apresentação) e Antonio José Nascimento (edição). Em Brasília, o programa era realizado por Tania Mara (apresentação) e Graça Amorim (editora). A editora-chefe do programa era Fernanda Marinho.

Em outubro de 1981, o Globinho passou a ser apresentado em novos dias e horário – sábados, às 10h –, com 30 minutos de duração. Dividindo a apresentação com Paula Saldanha, estreou no programa um novo personagem: o “Macaquinho”, um boneco de pouco mais de meio metro criado pelo artista Álvaro Apocalypse, do grupo Giramundo, de Belo Horizonte, um dos mais importantes do teatro de fantoches do Brasil. Uma pequena abertura na parte posterior do boneco permitia que se movimentassem a cabeça, os olhos e a boca através de uma trave de madeira. O ator Dirceu Rabello criou a voz do personagem e manipulava o boneco. O programa lançou um concurso nacional para que as crianças escolhessem um nome para o “Macaquinho”, que acabou batizado de Loiola.

Em janeiro de 1982, o Globinho comemorou 10 anos no ar com uma festa na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. O evento foi organizado pela Fundação Roberto Marinho com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado e reuniu autores de literatura infanto-juvenil (que autografaram suas obras em uma feira de livros), contadores de histórias, grupos de teatro e música, personagens do Sítio do pica-pau amarelo e atrações do Corpo de Bombeiros.

Nesse período, no Rio de Janeiro, a repórter do programa era Kiki Waissenberg e a assistente de produção era Verônica Mesquita. A direção de TV era de Alexandre Brás, e a edição de imagem era de Irlandino Silva. Em São Paulo, a editora e repórter era Vanessa Kalil, que também apresentava o programa ao lado de Carlos Henrique Corrêa. Em Brasília, a editora era Graça Amorim e a repórter e apresentadora era

Carmem Lúcia. Em Belo Horizonte, Myrian Lucia acumulava as funções de editora, repórter e apresentadora, enquanto, em Recife, Anamélia Maciel era editora e repórter e Maria Anunciada era apresentadora.

Fontes: Boletim de programação da Rede Globo, números: 74, 218, 277, 333, 374, 460 e 469; “Hoje no ar”. In O Globo, 1972 – 1974.⁸⁷

Note-se nesse breve relato, que a apresentadora Paula Saldanha entra para comandar o telejornal apenas em 1977, depois e cinco anos do programa no ar. Ela deu um *upgrade* educativo ao telejornal, criando novas dinâmicas por sua experiência não só na Rede Globo, como também por sua experiência de vida nas artes, em especial na literatura. Parece que o programa foi criado já com essa intenção e essa linha, percebida no primeiro parágrafo do texto da Memória da Globo sobre ele.

Percebe-se no texto que na primeira fase sua inserção se dava de maneira irregular na programação diária que “dificultava a aceitação pelo público infantil”. Na segunda fase, já com Paula Saldanha “*como apresentadora para assegurar a credibilidade do formato de telejornal*” definiram-se horários fixos, com duas inserções diárias. Do mesmo modo percebe-se a intencionalidade de produção de um programa de caráter noticioso especialmente para crianças. Embora curto, o texto deixa a demonstrar a trajetória que foi percorrida ao longo dos anos.

O Telejornal Globinho por Paula Saldanha

Conforme descrito anteriormente, há pouco material escrito sobre essa experiência, e a entrevista feita por Paulo José Cunha⁸⁸ no programa “Comitê de Imprensa” da TV Câmara, e debate no Programa Ver TV, comandado por Laurindo “Lalo” Leal Filho⁸⁹ configuram-se como fonte preciosa sobre o Telejornal Globinho. Os dois vídeos podem ser acessados e descarregados pela Internet e, estão indicados nas referências

⁸⁷ <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-246968,00.html>

⁸⁸ Jornalista, escritor e professor.

⁸⁹ Sociólogo e professor.

videográficas. Na sequência do texto também veremos outra entrevista de Paula Saldanha a uma pesquisadora. Por ora, analisemos alguns aspectos da entrevista e debate em vídeos com a participação de Paula Saldanha.

O primeiro vídeo é de uma entrevista que foi disponibilizada em 16/11/2006. Ao ressaltar questões que foram analisadas em estudos posteriores a diferença é o fato de a apresentadora Paula Saldanha estar falando para o entrevistador como num bate-papo informal. Nesse contexto de oralidade as entonações e inflexões de voz são importantes para destacar determinados aspectos. A chamada/introdução do programa destaca:

Imagine um telejornal infantil, com notícias escolhidas entre as que possam interessar às crianças, em linguagem de crianças, com vinhetas criadas a partir de motivos infantis; que cubra pautas, digamos, de gente grande, mas do ponto de vista das crianças. Esse telejornal já existiu. Era o "Globinho" da Rede Globo de Televisão, que foi ao ar de 1977 a 1983, em duas edições diárias, uma no final da manhã, outra no final da tarde. O Globinho tinha equipes de reportagem em cinco praças. **E um detalhe: como era o único programa que não tinha censura prévia, eles aproveitavam e levavam ao ar matérias censuradas nos outros telejornais.** Paula Saldanha, a jornalista que apresentava o Globinho, e que hoje é a responsável pelo programa "Expedições", da TVE do Rio de Janeiro, é a convidada desta edição especial do Comitê de Imprensa⁹⁰. (Grifo meu)

No seu conteúdo contestador e engajado para aquele tempo, a polêmica era criada e sugerida a partir daqueles temas que eram censurados, *tabus* na época, como exemplifica a entrevistada, ao abordar a invasão de multinacionais na Amazônia. Matérias sugeriam atos escusos de autoridades e, de certa forma eram “denunciadas” no telejornal, como no caso do incêndio do Parque Nacional da Serra da Canastra, quando uma

⁹⁰<http://www.camara.gov.br/internet/tvcamara/?lnk=PAULA-SALDANHA-JORNALISTA-BL-1&selecao=MAT&materia=43617&programa=124&velocidade=100K>

“invasão” de fazendeiros foi “autorizada” pelo presidente do IBDF. Outro destaque era a documentação das manifestações que ocorriam naqueles tempos. Em “O povo fala”, as crianças e jovens davam sua opinião, que ia ao ar.

Segundo Paula Saldanha, em sua fase à frente do telejornal, durante 15 minutos o Globinho tinha um formato que apresentava, basicamente, notícias de atualidade, uma grande reportagem, seções Serviço Infantil (SI) de literatura, meio-ambiente, música, dança, temas impactantes sobre o que acontecia na época, e ao final apresentavam um filme de animação com o que se considerava de vanguarda na área. Ela frisa que não tinha nada dos conhecidos “enlatados”.

Aos sábados era exibido o Globinho Repórter, com documentários de 5 minutos que abordavam questões ambientais, denunciando, inclusive fatos graves de degradação ambiental fora do eixo-foco de muitas reportagens (Rio, São Paulo, Brasília). Essa experiência também foi interrompida⁹¹.

O entrevistador enfatiza que até a época da entrevista – e ainda hoje, me parece – o programa seria considerado de vanguarda por seu formato, e também pela forma de apresentação da notícia às crianças e jovens, numa linguagem acessível a eles e com caráter educativo, além de toda uma agenda cultural. A pauta era “de gente grande, mas do ponto de vista das crianças”, ressalta na abertura da entrevista. Um aspecto bem destacado é o do cuidado com a linguagem para fazer com que o conteúdo fosse compreensível, e também de apresentar, nas entrevistas com crianças e jovens, a diversidade social e cultural para o público do telejornal num país imenso como o Brasil.

A diferença na exibição do telejornal na fase (1977 a 1982) de Paula Saldanha como apresentadora com a anterior na primeira fase do Globinho (1972 a 1976), é que ela estava “ali”, olho no olho com o telespectador e em gestos, o que denota quase um diálogo com o público. Anteriormente a apresentação era em *off*, na locução por onde passaram alguns outros profissionais, e inclusive Sérgio Chapelin (que não é citado no Memorial da Globo).

⁹¹ Com o programa Expedições iniciado desde 1977 com o marido Roberto Werneck, Paula Saldanha retoma a temática ambiental com documentários. http://www.paulasaldanha.org/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=11 e http://www.expedicoes.tv/historia_pgm.htm

Nessa mesma entrevista ela é perguntada sobre a programação infantil na TV, em relação a sua forma e conteúdo, em que ela afirma ter uma diversificação e ser boa para essa faixa nas televisões públicas (Educativa e Cultura). No entanto ela assevera que falta às televisões comerciais uma dedicação maior na produção das matérias, ainda mais que provoque discussão, reflexão, questionamento. **Acrescenta que a preocupação das televisões comerciais tem mais a ver com *merchandising*, que ela recusava a se comprometer quando estava à frente do Telejornal Globinho. Era o compromisso ético em relação a um telejornal.**

Em relação ao conteúdo da programação infantil, Paula Saldanha destaca o tema das TVs comerciais como concessões públicas que a seu ver desrespeitam um compromisso de apresentar uma programação diversificada e rica em conteúdos que seriam passados às novas gerações.

A esse respeito o entrevistador enfatiza o Art. 221 da Constituição Federal e sugere uma crise na questão dos conteúdos ou de pauta, demonstrando que a “vontade do público” não esteja sendo ouvida/atendida⁹². Por sua vez, Paula Saldanha afirma sobre a necessidade de apresentar a diversidade e a mistura brasileira na sua riqueza étnica. “Seria mais fácil abrir as câmeras num estúdio colorido, e “deixar rolar” sem que as pessoas pensassem”, considera a entrevistada. E ela mesma reconhece que é difícil fazer um programa diferente.

Sobre a falta de informação qualificada para a criança, o entrevistador pergunta se a Internet está conseguindo suprir as deficiências da TV comercial brasileira, e Paula Saldanha responde dizendo que os “pequenos brasileiros de uma forma geral” têm mais acesso à televisão do que à internet. A TV está em todos os rincões do país, embora seja crescente a presença da “rede mundial” na vida das crianças.

No tempo do Telejornal Globinho não existia a Internet para o público em geral como a conhecemos hoje e, na época dessa entrevista (2006), muitas crianças já “navegavam” pela

⁹² Nas celebrações dos 60 anos da televisão no Brasil, em 2010, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) afirma que os pontos desses artigos ainda não estão regulamentados. Acesso em 29 set 2010, disponível em http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=589463

rede. Entretanto, para Saldanha os conteúdos deixam a desejar no caráter **interatividade** e no quesito **educativo**.

Sobre o término do Telejornal Globinho, ela explica que argumentou sobre a importância de um programa de informação com qualidade para “milhões de brasileiros”, mas isso não sensibilizou os dirigentes da Rede Globo. E afirma que só mesmo a legislação poderia garantir isso. Ela se diz “chocada” com a falta de preocupação das grandes emissoras com a formação das novas gerações através da informação. Mesmo considerando que isso se deu em relação às novelas, para ela **“falta tato, engajamento, inteligência e compromisso com o futuro do país”**, e afirma que há espaço atualmente para vários formatos de programas informativos, visto a **“sede de informação inerente ao ser humano e principalmente às crianças e os jovens”**.

O segundo vídeo é de um debate sobre jornalismo infantil no Programa “Ver TV” da TV Câmara, disponibilizado em 13/10/2010. Comandado por Laurindo “Lalo” Leal participam dele Paula Saldanha, Ana Olmos, e Alexandre Borges. Em linhas gerais Paula Saldanha enfatiza os mesmos aspectos feitos na entrevista de 2006, entre eles sobre sua criação e término, e maneira de produzi-lo.

Destaca o fato de que crianças das mais variadas regiões do país que não tinham muito acesso às escolas, livros, bibliotecas e cursos, tinham acesso a muitas informações que naquele período só puderam ser conhecidas pela televisão, e o fato de que até hoje o programa repercute na memória das pessoas de várias gerações. Afirma que até aquele presente momento pessoas que “imploram” que se refizesse aquela experiência. Paula Saldanha pergunta: “O que é que as televisões comerciais – que são concessão, e que são obrigadas a entrar com horário educativo - estão fazendo por nossas crianças e jovens?”

Há que se destacar o aspecto levantado como o de o programa naquela época provocar e envolver as novas gerações em reflexões sobre a realidade, inclusive fazendo perguntas à autoridades públicas de então. Falando das novas tecnologias cita da importância da democratização da documentação, possível de ser feita, por exemplo, pelo celular, a fim de que as novas gerações apresentem seu olhar e sua visão de mundo para contestar e colocar o que estão pensando no ar. Lança um desafio, ao sugerir que as crianças e jovens poderiam interagir mais na produção de notícias ao enviar suas próprias produções, feitas

através dessas novas tecnologias para ser exibidas, o que desenvolverá num projeto. A entrevistada diz de duas experiências em aldeias indígenas, quando os índios estão fazendo telejornal com crianças e jovens, enquanto as televisões não o fazem.

O professor de Comunicação, Alexandre Borges, afirma do apoio que na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) se dá a um projeto de extensão, programa telejornalístico exibido na TV Universitária local em circuito fechado - *Jobe: Telejornal do Beckencamp*⁹³ - feito por crianças numa comunidade. Ressalta da importância para a auto-estima destas no processo de criação e no sentido de se representarem no programa, quando elas é que constroem e dão a notícia. Para ele as crianças passaram a ter outro olhar para os telejornais e a assisti-los com maior frequência, também levando aos pais e à comunidade a que pertencem o mesmo ânimo. Enfatiza da importância da participação dos estudantes de jornalismo envolvidos no projeto, indo à comunidade e se preparando para o exercício da profissão.

A psicóloga e terapeuta Ana Olmos, enfatiza que ao redor do mundo estas iniciativas estão cada vez mais evidentes, e problematiza o papel do jornalista na interlocução entre os fatos no mundo e o que as crianças assistem, no estímulo ao pensar, na formação de identidades das crianças e na construção da cidadania. Aborda também os encontros internacionais recentes que aconteceram na Espanha (2006 e 2010 que veremos mais adiante) e da importância que o tema recebe na Europa. Também se percebe em sua fala, a preferência das crianças por expressarem suas produções pela televisão, em detrimento da Internet. A debatedora sugere a possibilidade de haver “rios de dinheiro” para patrocínio de telejornais para crianças caso os diretores de televisão (pública ou privada) vissem nesse “ovo de Colombo” de programação infantil uma audiência garantida. Ela menciona o trabalho desenvolvido pela ONG Nueva Mirada⁹⁴ (Argentina) como uma ação promovendo a discussão da comunicação entre crianças e jovens para o exercício destes no desenvolvimento de sua capacidade de se comunicar.

⁹³ Blog do Programa em <http://telejornaljobe.blogspot.com/>

⁹⁴ Disponível em: <http://www.nuevimirada.com>

Por sua vez, Paulo José Cunha - o entrevistador visto no outro vídeo - participa neste debate com depoimento sobre a migração de jovens para a Internet (blogs principalmente) a fim de se expressarem, uma vez que existe uma ausência de produção noticiosa para eles e para crianças na TV, onde se concentra uma maior número de “consumidores de informação dentro do público infantil”. Ressaltando a importância de os adultos serem os responsáveis para a produção de notícias com pautas adaptadas ao público infantil, uma vez que estudam para isso, destaca que com esse cuidado as crianças se “preocupariam” mais com os acontecimentos. Os debatedores foram enfáticos em afirmar a inadequação de certos programas infantis.

Sobre a volta ou “**renascimento** da informação de qualidade para crianças e adolescentes” o debate se encerra e deixa no ar da importância também dos adolescentes se empoderarem das técnicas e da tecnologia (Alexandre) e, Paula Saldanha destaca da importância das informações serem dadas numa “linguagem atemporal e universal”. (Grifo meu).

O Telejornal Globinho pelos pesquisadores

Foi somente por volta de 2006/2007, logo após a entrevista veiculada na TV Câmara, que se começou a estudar o referido programa. E os trabalhos que citam o Telejornal Globinho encontrados são os Rodrigues (2006) com uma entrevista e um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) no bacharelado de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná), que propõe um projeto-piloto de telejornal para crianças; de Ruberti, Sampaio-Ralha e Ibarra (2006) que exploram o declínio da notícia educativa e, Colvara (2007) com uma brevíssima citação apenas.

Tais trabalhos apresentam aspectos que marcaram as características únicas daquele programa, ressaltando seus pontos principais e os motivos de seu término.

Na entrevista e na monografia, Rodrigues (2006 b) explora bem aspectos marcantes do Telejornal Globinho. Declara que Paula Saldanha, Pedagoga e Jornalista - que comandou o considerado único telejornal para crianças no Brasil, na década de 70 e início dos 80 - buscava uma proposta diferenciada. Em entrevista com Saldanha ela enfatiza que

O Globinho se diferenciava, basicamente, pelo formato de telejornal, com notícias, atualidade, textos informativos. Como havia censura prévia para todos os telejornais na época, o Globinho colocava no ar muitos temas polêmicos. As reportagens com jovens eram questionadoras e o programa era assistido por muitos jovens e adultos também - um verdadeiro sucesso. (...) O diferencial era dado pelos editoriais e pelas reportagens onde o foco era a criança, era o jovem – enfim, tudo era pensado para as novas gerações. A linguagem também era bem cuidada, mas nunca simplificada. Caso fosse usado um termo técnico, imediatamente era dada a explicação. Evitávamos muito bla bla blá. Utilizávamos o acervo do Centro de documentação para ilustrar as reportagens e os editoriais. O Globinho era bem rico e dinâmico – por isso mesmo, dava um trabalho muito grande para toda a equipe (Rodrigues, 2006 b, p.2-3).

Nota-se que, naquela época, os telejornais se voltavam mais para a notícia do acontecimento internacional, pois vivíamos no país uma ditadura militar. Além dessa pauta internacional, as emissoras de televisão priorizavam os programas de entretenimento, visto que, como diz a entrevistada, até mesmo os telejornais e as novelas eram censurados.

Como Saldanha considerava muito difícil e desafiador fazer um *script* para crianças, as notícias e reportagens também se davam sobre temas proibidos pela censura e apresentavam

os assuntos da atualidade (abordados nos outros telejornais) e tínhamos que conhecer os temas a fundo para trocar em miúdos. Mas o Globinho ia além. Explicávamos, por exemplo, a indústria da seca no Nordeste, anistia política e a Declaração Universal dos Direitos Humanos – temas proibidos na época da ditadura militar (Idem, p. 3).

Um fato interessante: o Telejornal Globinho nunca utilizava “repórteres-mirins”, mas as crianças também faziam perguntas a entrevistados em algumas edições do programa. O programa era feito por repórteres adultos, jornalistas.

A par disso, Paula Saldanha observa que muitas vezes a equipe tinha de “competir” com os outros telejornais, mas em posição de desvantagem técnica. No seu dizer a responsabilidade aumentava, porque tinham de fazer uma “transposição” do tema abordado para uma linguagem que as crianças entendessem, ainda que metade de seu público fosse composto por adultos. Essa “transposição” se dava de tal maneira que o público infantil entendia e se agradava tanto quanto o adulto. Era o que o *Channel One*, citado anteriormente na pesquisa de Girardello (1990), não conseguia fazer. O Telejornal Globinho era considerado um sucesso de audiência.

Colvara (2007) aborda uma trajetória dos programas televisivos infantis desde o surgimento da televisão no país, e destaca aspectos sócio-políticos dessa era como pano de fundo e contexto em que os programas se deram. Ainda que ela cite apenas em breves linhas o telejornal Globinho dentro dessa realidade (Colvara, 2007, p. 7), seu trabalho traça um panorama de programas dirigidos às crianças. Neste ponto, especifica bem a determinação da Rede Globo de produzir seus próprios programas, além de importar os considerados “enlatados” da época.

Em outro estudo, também citando a respeito do Telejornal Globinho, Ruberti, Sampaio-Ralha e Ibarra, (2006) exploram a ascensão e a queda da notícia educativa no Brasil. O trabalho enfatiza a

importância da prática da notícia educativa na TV e faz uma crítica à ausência desta notícia. Por meio de linguagem acessível e exposição didática, a notícia educativa pode oferecer informação e conhecimento para o público infantil e não apenas entretenimento de acordo com os interesses que se inserem na lógica do capital, características que não ficam evidentes para o telespectador infantil ainda muito vulnerável (Idem, p.1)

Especificamente sobre o telejornal Globinho, os autores citam que além de informar, naquela perspectiva de oferecer a notícia, as reportagens eram realizadas no sentido de “levar conhecimento mostrando as riquezas naturais, culturais e os problemas do Brasil daquela época para a garotada” (Idem, p. 2).

O trabalho também destaca na programação do telejornal a inserção de filmes de animação e desenhos infantis “escolhidos a dedo” pela apresentadora e sua equipe, considerados de vanguarda na época, e altamente positivo:

A sessão de filmes de animação e desenhos animados (de vanguarda) como o Mío e Mao, o Vermelho e Azul, a Areia, a Linha e o Barbapapa, eram um grand final de cada edição. Depois de muita informação, em formato jornalístico, era hora de um momento lúdico, mas também com qualidade e conteúdo. Os filmes não eram desenhos animados comerciais, de burrice e violência. Eram escolhidos a dedo, entre as melhores produções da Europa (Idem, p. 4).

O estudo também aborda a dificuldade de produzi-lo e editá-lo. Ainda que o público simpatizasse com o programa, por uma razão não tão explicitada parece que o telejornal não recebia nem muito tempo na televisão, nem investimentos maiores da Rede Globo no sentido de ampliá-lo. Como inovação, destacam que

Ao trabalhar com a notícia educativa e com a linguagem jornalística, o TV Globinho original pôde educar e despertar a curiosidade dos telespectadores infantis para o entendimento da linguagem de um dos gêneros televisivos, fato fundamental para capturar a atenção de um público que começava a conviver com esta nova realidade, ou seja, neste momento, a TV Globo, inova ao colocar um programa infantil no núcleo de telejornalismo, o qual é sabiamente aproveitado para formar sua audiência, utilizando-se das “brechas” da não censura (Idem, p.4).

Sobre seu término os autores afirmam que

Apesar de suas qualidades, o TV Globinho deixou de ser produzido em 1983, pois a equipe do programa recusou-se a aceitar um quadro com sorteios de brindes realizados por palhaços. O patrocinador ficaria, mesmo com a manutenção do formato original, mas a emissora cede aos encantos da indústria cultural e prefere substituí-lo e dar lugar a

novos programas com características comerciais, tais como: Balão Mágico, Show da Xuxa, TV Colosso entre outros. **O programa informativo-educativo sai de cena**, por falta de uma política cultural que orientasse a atuação televisiva (Idem, p.4). (Grifo meu)

Os autores destacam a importância e o fato daquela iniciativa pioneira ter se dedicado a aspectos educativos numa linguagem jornalística, quando há muito tempo (e depois do Telejornal Globinho mais ainda) os programas destinados às crianças valorizavam apenas o entretenimento. **Para eles, Paula Saldanha procurava equilibrar essa balança entre o informar, com doses de, digamos, entretenimento, através dos filmes de animação com forte teor educativo de qualidade. E, frisamos, sem a violência de muitos dos desenhos animados, que hoje povoam os programas infantis.** Tal equilíbrio entre informação e entretenimento se aproxima do conceito de *Edutainment* que articula entretenimento com educação, ou seja, entretenimento para educar e divertir. (Grifos meus)

Ainda sobre o término do programa, e declínio da notícia que educava, Ruberti, Sampaio-Ralha e Ibarra citam os imperativos do mundo das transações e interesses de mercado capitalista tolhendo o direito à informação com qualidade, as possibilidades de apoiar as crianças e adolescentes a descobrirem e “lerem” um mundo com a presença de educadores e jornalista:

Ao negar o direito a uma programação mais educativa automaticamente condena-se o indivíduo a reproduzir os valores de ideologias que não emancipam os grupos sociais. Não estariam assim os ícones do capital triunfando por falta de políticas culturais e educacionais que regulamentem a programação infanto-juvenil? Quer na escola, na família, na comunidade ou entre amigos, é tarefa de todos, educadores e jornalistas ajudar as crianças a "ler" o mundo e o mundo da televisão como defendia Paulo Freire. Condição essencial para atingir o pensamento crítico e a capacidade para distinguir o mundo editado do mundo real (Ruberti; Sampaio-Ralha; Ibarra, 2006, p. 8).

Há que se notar que os autores acima abordam a questão de ajudar as crianças na leitura do mundo e da televisão, mas não na onda de “reproduzir as ideologias” que não emancipam os grupos sociais. Essa frase em especial deixa transparecer que na falta de políticas no campo da comunicação e também da cultura e educação, os proprietários dos meios de comunicação e seus veículos podem fazer o que já fazem há muito tempo: produzir valores de ideologias que retiram das pessoas os seus direitos. Há que se recordar aqui o que já foi explicitado anteriormente sobre a desregulação do capítulo da comunicação social na Constituição Federal, do desrespeito de cartas e tratados nacionais e internacionais que protegem os direitos das crianças e adolescentes.

Será que o puro entretenimento e uma política televisiva em que prevalece a relação de produtos e consumidores, venceram os esforços pela notícia educativa? O que fazer em relação a isso? Onde está a mobilização, a força para a luta contra esse estado de coisas?

2.2 - “Novidades”: um telejornal para crianças em projeto-piloto

A respeito disso, Rodrigues (2006) propõe o oposto a este cenário acima. Com o projeto-piloto do Telejornal “Novidades” **são as crianças que têm um papel importante na construção da notícia educativa.** Além de serem as produtoras do programa, também são os repórteres-mirins e, dessa maneira, se fazem protagonistas de uma atividade que tem relação com o seu mundo mais próximo. Os conteúdos partiriam de temas de seu interesse pessoal e escolar, de suas vivências e experiências infantis, de sua maneira de ver o mundo e, sobretudo, de querer o mundo. Querer especialmente as notícias que compartilhariam com outras.

O próprio nome do telejornal sugere a simbologia que têm as palavras “novo”, “idades” e “novidades” como o novo. O programa seria semanal, com duração aproximada de 24 minutos, sendo possível que viesse a ser um programa diário.

Nessa proposta, Rodrigues percebe e reafirma que a criança deve ser tratada como cidadã, e ressaltando que a interação com o público infantil é indispensável. Um telejornal para elas deverá

não apenas informar, mas também fazer com que as crianças compreendam o que se passa na região onde moram, na sua cidade, no país e no mundo. Deve procurar, também, enfatizar a relevância dos valores, do respeito às diferenças e da solidariedade. (...) É preferível abordar menos notícias e com profundidade. Sempre com o objetivo de que a criança conheça melhor os fatos e assim possa compreender melhor sua realidade e ter opinião própria a respeito. (...) Não se deve subestimar a inteligência, o lado crítico e o poder de observação das crianças com qualquer assunto que não desperte o interesse delas. As pautas devem ser decididas levando em conta o critério jornalístico e as questões pedagógicas (Idem, p. 50).

Uma característica marcante do “Novidades” é seu endereçamento para crianças de 10-12 anos, que além de construírem a notícia são também apresentadoras como “*jornalistas-mirins*” e, embora tenha como modelo o telejornalismo-padrão consagrado, difere com suas oito colunas, a saber “saúde, educação, cultura e lazer, meio ambiente, esportes, ciências, política e economia”, notícias e reportagens definidas pelas crianças “e/ou por sugestão de professores e pedagogos”, segundo a pesquisa da autora. O que o diferenciaria dos demais telejornais direcionado aos adultos é que “o texto é coloquial, como se uma história estivesse sendo contada. Além de responder o lead, situa o fato e procura prever suas conseqüências” (Idem, p. 70).

No que parece ser a participação de professores e pedagogos na equipe que definiria a pauta, é interessante verificar que também se sugere a participação no grupo do “jornalista-educomunicador”. A autora cita o Prof. Ismar de Oliveira Soares⁹⁵ para justificar o profissional como “alguém preparado para colocar as crianças no centro da cultura informacional de hoje. ‘Uma pessoa com iniciativa, experiência, criatividade e

⁹⁵ Professor no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, NCE/USP, falando no 3º Fórum Mundial de Mídia para Crianças (Grécia, 23-26 de março de 2001).

habilidade para trabalhar com crianças como parte de um time” (tradução da pesquisadora) (Idem, p. 70).

Outro aspecto valorizado pela autora em sua proposta é que “a dicotomia entre notícia e entretenimento é clara. O compromisso do telejornal “Novidades” é com a notícia e não com o entretenimento (objeto de outros tipos de programa). Nesse programa o papel das crianças como consumidoras não é explorado” (Idem, p. 71). Embora o sentido de consumidor possa ser problematizado a partir de novos entendimentos, não iremos aprofundar tal aspecto neste momento⁹⁶.

Nesses dois pontos acima a pesquisadora vai ao encontro a uma questão importante: as crianças vistas como cidadãos de direitos, inclusive o direito à informação de qualidade, não são um público-alvo a quem se direcionam informações com vistas à distração, tampouco são consideradas meramente consumidoras.

A autora aponta a possível receptividade que o programa teria junto às televisões públicas para sua apresentação, quando se entende que estas não estão subordinadas aos imperativos de verbas publicitárias oriundas do mercado para se manterem no ar (Idem, p. 72).

Outra possibilidade mencionada na proposta é a da interatividade dos “telespectadores-mirins” com o programa, através da visita *in loco* ou com outros meios como Internet, telefone, carta. A criança opinaria, e certamente seria ouvida.

Na sua proposta, após inúmeras entrevistas com crianças, educadores, para elaborar um piloto de seu programa, Rodrigues conclui que na visão das crianças “um telejornal só é considerado infantil quando é construído por elas. As reportagens devem tratar de assuntos relacionados a elas” (Idem, p. 73), e que através daquela iniciativa o telejornal “Novidades” a democratização da informação poderia ampliar a criticidade das crianças e, contribuir para o exercício de sua cidadania.

Seria o comprometimento com as funções sociais e educacionais do telejornalismo no trato da notícia, considerado a partir daquela possível singularidade e de sua maneira de perceber o seu entorno mais próximo, expressado com as peculiaridades. Será que se aproximaria do que Paula Saldanha propõe ao trabalhar uma produção cuidadosa e esmerada para

⁹⁶ Canclini, Bauman, Lipovetsky e Alonso.

crianças, sem perder o foco da educação sobre as técnicas de telejornalismo?

Resta saber como ficaria a mediação do professor na escola, em que as crianças se introduziriam no mundo das técnicas do telejornalismo, apropriando-se delas no nível de seu entendimento construindo outras maneiras de exercer sua cidadania no exercício da criação e autoria de um produto?

Há que se registrar aqui um trabalho feito em 2009 pelos alunos do curso de Comunicação Social/Jornalismo (Turma 2007), da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, na disciplina Laboratório de Telejornalismo orientado pela Profa. Adelaide Oliveira, o “Meu Jornal Criança”:

Trata-se de uma proposta-experimento de alternativas de produtos culturais para crianças. Com reportagens, agenda cultural e outros quadros, o jornal tem o objetivo de ao mesmo tempo informar, educar e entreter o público a que se destina, sempre levando em consideração a opinião e a participação deste público.⁹⁷

Pelas poucas informações disponíveis e recolhidas, pode-se perceber pela descrição e conteúdo de dois vídeos disponíveis na Internet⁹⁸ por uma das alunas envolvidas – Suzana Cunha Lopes⁹⁹ -, que o telejornal foi uma proposta-experimento feita para a referida disciplina do curso, e parece ter se circunscrito àquele momento, ainda que a apresentadora se despeça do telespectador no primeiro vídeo afirmando para não se esquecer que “nosso encontro é todo sábado”.

⁹⁷ Informações do vídeo do Programa. Acesso 22 out 2010, disponível em http://www.dailymotion.com/video/xd2021_meu-jornal-crianca_school

⁹⁸ Vídeos disponíveis em http://www.dailymotion.com/video/xd2021_meu-jornal-crianca_school e http://www.dailymotion.com/video/xd207d_meu-jornal-crianca_school (Acesso 22 out 2010).

⁹⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). É integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Ciência e Meio Ambiente (Preserv-Ação), certificado pelo CNPq. Acesso em 11 ago 2011. Disponível <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4415542D6>

Elaborado dentro dos “padrões” e “técnicas” dos atuais telejornais, com equipe de produção e reportagens feitas pelos alunos e, no que também parece a apresentação também, difere dos programas que cotidianamente vemos na TV pela linguagem adequada às crianças e, especialmente pela participação destas e de pré-adolescentes, seu universo (brincadeiras, amizades e suas histórias, família, consumos culturais) como sendo “a” notícia, o que não deixa de ser um grande crédito da iniciativa.

2.3 - O “Plantão do Tas”: telejornal para crianças?

Ele já viveu nos anos 80/90 um personagem nas TVs Gazeta, SBT, Record, MTV e Manchete: Ernesto Varela¹⁰⁰, em que fazia um programa de entrevistas irreverentes a personalidades¹⁰¹. E o ator atualmente diz ser “cobrado diariamente de tirar o cara do armário”, e afirma que isso “sempre pode acontecer a qualquer momento”.

Nos quesitos telejornal, entrevistas e notícias, por absurdas que sejam, Marcelo Tas - Jornalista, comunicador e extra-terrestre¹⁰² - é um “fenômeno” que merece ser mais estudado sob o ponto de vista do Jornalismo e da Mídia-Educação num futuro próximo. No momento, apresento algumas considerações que parecem ser registros úteis para esses estudos sobre seu programa mais recente, produzido para crianças.

O programa surgiu propagandeado como telejornalismo para crianças diante de novas demandas da **indústria do entretenimento para crianças**. No início de 2010 o canal por assinatura Cartoon Network levou ao ar o “Plantão do Tas”¹⁰³ comandado por Marcelo Tas - Marcelo Tristão Athayde de Souza - “diretor, apresentador de televisão, escritor e roteirista da televisão brasileira”. Segundo seu endereço no *Facebook*¹⁰⁴ o

¹⁰⁰ Disponível em <http://marcelotas.uol.com.br/trabalho-textos-interna.php?idConteudo=116>

¹⁰¹ Vídeo do comício das Diretas Já! 1984, Disponível em <http://video.google.com/videoplay?docid=7258812135241685276#>

¹⁰² Perfil do Twitter. Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://twitter.com/#!/MarceloTas>

¹⁰³ Atração produzida pelo canal fechado em parceria com a produtora argentina Cuatro Cabezas, segundo o UOL na telinha: http://natelinha.uol.com.br/2010/05/06/not_30984.php. O roteirista-chefe do humorístico é Alex Baldin.

¹⁰⁴ Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.facebook.com/album.php?profile=1&id=239074626271>

programa é classificado em gênero como “*entertainment, news, comedy*”.

No *Twitter*¹⁰⁵, é um “telejornal de notícias absurdas”. Ao mencionar a estreia do programa “Plantão do Tas”, o *site* de O Globo, seção de Cultura, fala de “telejornal de mentirinha” e entrevista com Marcelo Tas:

Marcelo Tas estreia telejornal de mentirinha no Cartoon (...) - Na verdade, é um plantão de notícias absurdas, na verdade. São notícias falsas, absolutamente inverídicas, mas que jogam muito com universo do absurdo, de coisas meio que "isso é falso, mas talvez um dia possa acontecer". Por exemplo, tem uma matéria sobre aquecimento global que mostra pinguins no Pólo Sul morando dentro da geladeira... Esse é um projeto em que estava trabalhando há pelo menos cinco anos. **Naquela época, o Cartoon só permitia desenhos em sua programação. Mas as coisas começaram a mudar - explica Tas.** (Grifo meu)

(...) - Tive participação criativa nos textos. Assim como **acontece com o CQC¹⁰⁶, que era pra ser de adulto e tem muita criança assistindo**, as notícias do "Plantão" são engraçadas, do tipo que mexem com o imaginário infantil, mas que também agradam aos mais velhos. **E a linguagem do humor amplia muito a audiência dos programas** - avalia o apresentador.

Os adultos que hoje acompanham Tas no "CQC" certamente lembram que o humor para o público infantil sempre esteve presente no trabalho do apresentador.

(...) - **Se pudesse, faria TV para crianças o tempo todo.** Esse é um projeto que exige uma dedicação muito grande, mas antes da estreia já inventamos

¹⁰⁵ Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://twitter.com/plantaoDoTas>

¹⁰⁶ Custe o Que custar, Rede Bandeirantes, Classificação Indicativa: Não recomendável para menores de 12 anos, “programa exibido nas noites de segunda-feira faz um resumo semanal das notícias, e nessa varredura dos fatos importantes”. Página em <http://cqc.band.com.br/oprograma.asp>

moda e criamos o especial... - deixa no ar.¹⁰⁷ (Grifo meu)

Em outro *site*, a revista eletrônica de notícias “Te contei”¹⁰⁸, apresenta o programa como educativo, além de dar uma declaração de Tas sobre dois de seus filhos:

Marcelo Tas comanda educativo para crianças em canal a cabo

A facilidade em lidar com as crianças é reflexo da **intimidade que Marcelo tem com o universo infantil**. Na década de 90, ele foi diretor e roteirista do “Castelo Rá-Tim-Bum”, no qual também interpretava o divertido Professor Tibúrcio. **“A gente pretende atingir crianças que já frequentam a escola, mas, com certeza, todo mundo vai gostar”**, garantiu o pai de **Miguel**, de 8, e de **Clarice**, de 4, que já nasceram em um mundo cheio de alertas e, apesar da pouca idade, já falam com propriedade sobre assuntos que, antigamente, eram de exclusividade das rodas de adultos. (Grifo meu)

Ainda sobre entrevistas, em matéria reproduzida do Estadão¹⁰⁹, Tass diz que não tem saudade do Castelo Rá-Tim-Bum, e afirma o que o Plantão do Tas tem de realista, na forma e conteúdo:

É um plantão de notícias de última hora. **Estou em um estúdio muito realista, parece até de jornal da Globo. Só que as notícias são totalmente absurdas, então, a forma é muito realista, mas o conteúdo não. Essa é a graça.** Sou o âncora e há dois repórteres crianças, que sempre chamo em algum

¹⁰⁷ Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/mat/2009/12/24/marcelo-tas-estreaia-telejornal-de-mentirinha-no-cartoon-915354728.asp>

¹⁰⁸ Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.tecontei.com.br/noticias/noticia/64202/marcelo-tas-comanda-educativo-para-criancas-em-canal-a-cabo.html>

¹⁰⁹ Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://daquiprala.blogspot.com/2010/01/nao-tenho-saudades-do-ra-tim-bum.html>

lugar ao vivo. O bordão é dar as “notícias da hora.
(Grifo meu)

Perguntado sobre se havia alguma diferença entre as crianças de hoje e as da época do Castelo Rá-Tim-Bum (1994/1997), quando ele fazia o personagem do Prof. Tibúrcio¹¹⁰, ele responde:

Ao contrário de adulto, criança não muda muito. É sempre um público difícil, de características parecidas, que só se interessa por coisas que são importantes. Adulto que dá importância a um monte de besteira. Elas só param de fazer um negócio “memo” quando vale a pena. Nesse sentido, não mudou muito. O que mudou foi a velocidade, as crianças têm uma capacidade para assimilar linguagem que acho incrível. O jornal é bem ousado em termos de formato, assim como era o Rá-Tim-Bum. A gente via ele ficando pronto e falava “nossa”. Diziam que as crianças não iam entendê-lo... (Grifos meus)

No Canal Oi, em “Minuto em destaque: Plantão do Tas”¹¹¹, em entrevista à Adriana Alcântara, então Gerente de Programação da OI TV, - anuncia o “multimídia” Marcelo Tas “ao lado dos repórteres mirins Hugo Mascarenhas e Yolanda Violeta, **promete fisgar a atenção da criançada com notícias inventadas e absurdas**” (Grifo meu). No trecho desse “minuto em destaque” Marcelo tas explica de onde veio essa ideia do programa e, do porque dessa escolha pelo “absurdo”. Na transcrição abaixo, que preferimos apresentar quase na íntegra, Marcelo Tas declara:

Veio a ideia por várias das coisas que eu já fiz, de criar aquela notícia urgente (tan tan tan taram...), aquela notícia que interrompe o canal, e que viesse

¹¹⁰ Vídeo do Prof. Tibúrcio. Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=kagCBbyxZyo>

¹¹¹ Canal Oi. Minuto em destaque: Plantão do Tas. Acesso em 28 fev 2010 e até então disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=cZBCbl2yWtg>. Depois da breve transcrição e antes de descarregar o mesmo, o vídeo foi retirado do ar. Via e-mail foi pedido o referido vídeo ao Canal Oi, que não respondeu a solicitação.

através de um telejornal muito realista. Vocês estão vendo aqui é uma bancada que poderia ser de um qualquer tipo de telejornal aí. Só que a ideia é que a notícia seja absurda, inventada. Por quê? **Porque a criança é um ser muito mais sofisticado que nós adultos, né, que estamos acostumados a separar realidade, a ficção etc. e tal. Então, a gente acredita que com notícias absurdas e um formato realista a gente dá um tom especial pra vários assuntos que estão no noticiário, como aquecimento global, política, esportes. A gente estimula as crianças a observarem o noticiário, né, com outro jeito de olhar.** (Grifos meus)

A apresentadora do “minuto” continua:

Gabriela Mustafá, que interpreta a repórter Yolanda Violeta deste telejornal, **é a prova viva da sofisticação das crianças.** Do alto dos seus 11 anos ela dá uma aula sobre os benefícios do seu trabalho e até puxa a orelha de alguns pais. (Grifo meu)

A criança declara, a seguir:

As notícias que são feitas no Plantão do Tas são, tem sempre um fundo de verdade, são coisas críticas que ao invés dos pais ensinarem para os filhos, os filhos ensinam para os pais. Porque tem mães que não sabem o que é aquecimento global. (...) Tem uma crítica no fundo mas ele é de uma forma divertida, são coisas reais que estão acontecendo.

A apresentadora retoma:

Viu só? Pois é, o **Tas sabe bem o desafio que é trabalhar com crianças, ainda mais nos dias de hoje, com toda a parafernália eletrônica.** (Grifo meu)

Marcelo Tas depõe que

é muito difícil fazer programa pra criança, é o público mais difícil e a razão é muito simples: é o

público mais inteligente. Agora, a criança de hoje ela tem muito mais opções, ela tem muito mais telas, ela tem o celular que tem um gamezinho que ela joga no celular, ela baixa coisa na rede, ela tem o game, ela tem o DVD, tem um não-sei-o-que portátil, **blabláblá**, você entendeu? **São muitas telinhas dentro e tem até a televisão que ela assiste. Então, é a disputa pela atenção da criança é cada vez mais acirrada. É, e por isso eu acho maravilhoso.** O nosso trabalho fica mais difícil, mas fica muito mais, exige muito mais do nosso talento, você tem de correr atrás. (Grifos meus)

Por sua vez, na sequência da reportagem, Manuela Muraro, gerente de criação do Cartoon Network, diz:

A gente no Cartoon percebe bem que as crianças ultimamente, cada vez mais rápido, cada vez mais, tudo com elas funciona cada vez mais rápido. Estão com internet, com tudo o que é mídia, Twitter, é uma loucura, assim, **é difícil até você chegar num mesmo ritmo e manter eles interessados em tudo.** Você tem que estimular bastante mesmo, e também a gente tenta fazer coisas junto com a web e fazer eles mudarem de plataforma, que é o que eles estão acostumados. (Grifos meus)

Importante destacar que no “Telejornal” Plantão do Tas, as crianças repórteres mirins são atores que decoram e estudam os textos para a “encenação” do telejornal, “posando” de repórteres, tal como vemos os apresentadores nos telejornais em geral.

Ao lado de tantos outros programas que envolvem a atuação de crianças, vale perguntar se estas crianças seriam operárias, trabalhadoras assalariadas dentro de um sistema que numa observação imediata lhes permite a entrada, ainda na infância, no disputado mercado da televisão e do entretenimento? E, qual a finalidade de “manter elas (as crianças) interessadas em tudo? O que seria afirmar que as crianças não separam muito a “realidade, ficção etc. e tal”, assistindo a um programa de notícias em formato “realista” com notícias de “mentirinha”? Quem são estas crianças que assistem ao CQC - classificado como não indicado para menores de 12 anos - com a mesma desenvoltura que ao “Plantão”?

Diante do exposto e a partir do que é considerado por telejornal, não me parece que o Plantão do Tas sequer pode ser classificado como “jornalismo do absurdo”. Não é nem mesmo um CQC numa versão infantil.¹¹² A princípio, o jornalismo do absurdo em versão mirim feito quase à maneira daquele CQC, não parece ser jornalismo ou telejornalismo, e não se enquadra tampouco naqueles gêneros **informativo** ou **opinativo**, sobretudo porque é uma **encenação** de um telejornal como é feito ao modo dos demais telejornais. Ainda que noticiem alguma coisa, com apresentações tão diluídas que parecem muitas vezes passar despercebidas pelas crianças que estariam mais atentas à programação dos desenhos animados, podemos questionar a pretensão de ser um telejornal.

Neste sentido parece ser oportuno refletir e aprofundar discussões sobre o quanto – e como – estes mesmos recursos de apresentar quadros em formato telejornalístico em programas endereçados ao público infantil reforça – ou não – a ideia da credibilidade que se tem pelas notícias anunciadas pelos apresentadores.

Tal programa poderia ser classificado de paródia, e como paródia de telejornal que envolve notícias, absurdas ou não, veiculada por um canal fechado direcionado a crianças. Como tal, o Plantão do Tas merece uma investigação **mais aprofundada** sobre as finalidades a que se destina, e os possíveis aspectos educativos implícitos em sua produção no universo de programação infantil no país. Ou se é apenas uma brincadeira, um programa e entretenimento. Comédia. E, comédia entremeada de publicidade dirigida à crianças que assistem a isso possivelmente sozinhas...

No ano de 2010 a notícia da pretensão de se exibir o Plantão do Tas na Band começou a circular:

¹¹²Sobre o Programa CQC, Custe o que Custar, o site da Band diz que “*com humor inteligente, audacioso e muitas vezes ácido, o programa faz um resumo semanal das notícias, e nessa varredura dos fatos importantes, sob o olhar atento do CQC, ninguém escapa. No estúdio, quartel general do CQC, Marcelo Tas, Rafinha Bastos e Marco Luque assumem a bancada, e além de conduzir o programa ao vivo terão a missão de comentar livremente os principais assuntos da semana. (Grifo meu)* <http://www.band.com.br/cqc/oprograma.asp>

Parece que são experiências como esta que o credenciaram para que fosse convidado pela Cartoon Network a fazer o que classificam como telejornalismo para crianças, depois de anos vivendo personagens para o público infantil.

A Band está interessada em exibir o **programete** “Plantão do Tas”, veiculado atualmente no canal pago Cartoon Network. Segundo o jornal O Estado de S. Paulo, a emissora já teria iniciado as negociações com a direção do Cartoon.¹¹³ (Grifo meu)

Em meados de 2011 o Cartoon Network anuncia a estreia do blog de Marcelo Tas (Rede do Tas) nos meios de comunicação e nas redes sociais

As mais loucas notícias vão trazer muita irreverência ao fim de semana do dia 16 de julho. Marcelo Tas, Iolanda Violeta e Hugo Mascarenhas farão companhia aos fãs do canal no “Fim de Semana Plantão do Tas”¹¹⁴

dando “as dicas para você se tornar um super-repórter”¹¹⁵ segundo a atriz-repórter. Na página do CQC também temos uma “chamada” desde maio de 2011:

Marcelo Tas e os dois repórteres juvenis Iolanda Violeta e Hugo Mascarenhas usarão suas próprias trajetórias para ilustrar o segundo especial do programa PLANTÃO DO TAS, exibido pelo Cartoon Network. A edição estendida do programa, um noticiário com as manchetes mais absurdas do mundo, terá meia hora de duração e será exibida em julho (ainda sem data definida).

Os atores Gabriella Mustafá, de 12 anos, e Marcos Felipe Oliveira, de 14, acompanhados do âncora Marcelo Tas, darão dicas de como ser um bom repórter, exemplificando com situações engraçadas e

¹¹³ Acesso em 16 jul 2011, disponível em http://natelinha.uol.com.br/2010/05/06/not_30984.php

¹¹⁴ Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://marcelotas.ning.com/profiles/blog/list>

¹¹⁵ Acesso em 16 jul 2011, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=AVHIFBPvi5g&feature=player_embedded

inusitadas, além de contarem suas próprias experiências profissionais ao longo do programa.¹¹⁶

O programa anuncia inclusive um “Manual do bom repórter” - que não foi divulgado posteriormente ao anunciado -, e fazendo alusão ao “futuro super repórter”, cremos que é um material que jornalistas e mídia-educadores terão muito analisar. Entretanto, ainda não foi divulgado.

Sobre o assunto informação e criança, e em se tratando do futuro do que é ser repórter, Marcelo Tas ministrando uma palestra no “Experience Day 2010” Fortaleza, e gravado pelo programa “Coisas de Criança na TV”¹¹⁷, sugere entre outras coisas a criação do “Google Kids” a partir de uma experiência de busca na Internet com seu filho. Finalizando sua apresentação, ele declara à audiência que o aplaude, falando do palco do evento armado à moda de picadeiro sob a lona:

Neste mundo que muda tão rápido, que a gente tem acesso a tanta de informação, que a gente fica perdido no meio dessa quantidade de informação, em caso de dúvida sobre que direção tomar, se você está indo bem na sua direção, certa, observem o comportamento das crianças. (Tas, Depoimento)¹¹⁸

Na sequência do vídeo disponibilizado pelo programa no Youtube, o apresentador faz elogios ao jornalista em entrevista com Marcelo Tas antes que ele deixe um recado para os pais:

¹¹⁶ As últimas do CQC: Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://asultimasdocqc.blogspot.com/2011/05/tas-ensina-como-ser-um-bom-reporter-no.html>

¹¹⁷ Segundo informações do usuário Youtube baseado em Fortaleza, Ceará,/Brasil que disponibiliza o referido vídeo, o programa infantil “Coisas de Criança são as descobertas, a inocência, o lúdico, o brincar, o amor. è viver a época mais importante das nossas vidas onde construímos a base de que seremos um dia. E é com esse sentimento de COISAS DE CRIANÇA que criamos e desenvolvemos o nosso programa”. Transmitido pela BAND TV de Fortaleza. Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://www.youtube.com/user/coisasdecricanantv>. Segundo o Twitter do programa, é exibido todos os sábados e domingos às 13 horas. Acesso em 16 jul 2011 disponível em <http://twitter.com/#!/contatocrianca>

¹¹⁸ Vídeo. Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=rY948aectJU> e postado pelo usuário em 08 set 2010.

Apresentador (Elisandro): ao meu lado, o meu ídolo, Marcelo Tas, ele que é líder do CQC aqui na Band. Olha, Marcelo, parabéns, porque o seu programa é um dos programas mais inteligentes do Brasil, e o nosso programa se espelha muito nas suas matérias para que a gente possa comunicar para os pais. Eu queria também que você deixasse um recado pros pais que estão em casa, já que você também é pai.

Marcelo Tas, então deixa sua mensagem, apontando o dedo e gesticulando:

Vou deixar o recado, hein. Os senhores pais, a gente vive numa era que as crianças começaram a ter, né, como se comunicar não só com a gente dentro de casa, mas com o mundo. Então, nesta era digital cheia de novidades que você às vezes fica meio perdido com tanta informação, não sabe pra onde ir e tal, além de fazer aqueles cursos todos que você tem que fazer e tratar bem seus funcionários e clientes, observe o comportamento das crianças. Elas é que vão nos ajudar a nos descobrir e a nos aperfeiçoar nesta era digital, viu? **O CQC é um programa que procura ter o espírito de coisas de criança**, viu? Daí a importância desse programa aí que vocês estão vendo aqui na Band de Fortaleza.¹¹⁹ (Grifo meu)

O tema trazido por Tas - “considerado atualmente um dos mais populares apresentadores e formadores de opinião na televisão brasileira e na internet” - na forma de “palestra gratuita e aberta ao público” e “que busca aproximar a comunidade acadêmica de profissionais reconhecidos”¹²⁰, alude ao capítulo

¹¹⁹ Vídeo. Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=rY948aectJU> e postado pelo usuário em 08 set 2010.

¹²⁰ Notícia sobre o evento em Liberdade Digital: “Tas é considerado atualmente um dos mais populares apresentadores e formadores de opinião na televisão brasileira e na internet. Durante o bate-papo o público terá direito a fazer perguntas ao convidado. A palestra com Marcelo Tas faz parte da quinta edição do “Experience Day”, que já trouxe a Fortaleza para compartilhar suas trajetórias profissionais e pessoais o astronauta Marcos Pontes, os jornalistas Caco Barcellos e Zeca Camargo e o apresentador Serginho Groisman. Quem não puder comparecer ao Campus da Fanor poderá acompanhar a palestra pelo Twitter e concorrer ao livro “Nunca Antes na

dele que trata do “bom uso das novas ferramentas”, em Pretto e Silveira (2008). Considerando que o referido evento é promovido por uma faculdade que, entre outros cursos de graduação e pós-graduação, oferece o de Jornalismo, Psicologia, Publicidade e Propaganda¹²¹, estes temas merecerão sempre o aprofundamento para gerar mais reflexões na relação que as crianças têm com as novas tecnologias e, também, no quanto as grades curriculares e programas de ensino nos cursos de formação de jornalistas em especial.

Ainda com questões que às vezes parecem misturar o que é programa para adultos e crianças, em setembro de 2011 *o site* do CQC entre outros veículos da mídia, divulgam que o Plantão do Tas apresentará projeto de “educação financeira” para crianças, numa parceria do Cartoon Network e Banco Santander. Segundo a notícia

É importante que, desde pequenas, as crianças entendam as necessidades do consumo consciente nas atitudes do dia a dia. (...) Entre os assuntos dos **programetes**, que têm duração de um minuto, estão reciclagem, mesada, história do dinheiro, salário, entre outros, todos relevantes para a educação financeira infantil. (Grifo meu)

Além disso, há também um concurso cultural, no qual as crianças de todo o Brasil podem contar suas histórias incríveis de como economizar o dinheiro de suas mesadas. (...) Uma comissão julgadora irá escolher a melhor história, que irá ao ar durante o Plantão do Tas. **Tudo, é claro, encenado pela própria criança e com a participação dos repórteres-mirins do programa**, Hugo Mascarenhas e Iolanda Violeta.

“Trata-se de uma grande oportunidade para reunir duas marcas importantes no Plantão do Tas, um dos

História Deste País” autografado por Tas.”. Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://liberdade digital.com.br/2010/05/20/twitter-marcelotas-faz-palestra-nesta-quinta-em-fortaleza/>

¹²¹ Página da faculdade. Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://www.fanor.edu.br/eventos/fique-por-dentro-do-que-ja-rolou/experience-day-fanor-2010-com-marcelo-tas/19>

nossos principais programas de produção nacional do Cartoon Network, para trazer uma mensagem importante ao nosso público. **Economia infantil vai além do dinheiro dos pais, envolve também consumo consciente e ecologia, temas sensíveis para o nosso futuro**’, explica Rafael Davini, vice-presidente de vendas publicitárias e desenvolvimento de negócios da Turner Broadcasting System (TBS) Latin America, Inc.¹²² (Grifos meus)

Nem com a recente publicação de livro com entrevista a Marcelo Tas, por Dimenstein (Tas, 2011)¹²³, temos maiores elementos para perceber do envolvimento de “consultores pedagógicos”, ou pedagogos, no referido “telejornal falso em que todas as notícias são absurdas”. Tas afirma que “num momento” tiveram “sérias dúvidas se isso daria certo, se seria absorvido, se as crianças iriam gostar... Afinal, imagine um telejornal falso, para crianças de três a dez anos, contemplando todas as editorias tradicionais do jornalismo: política, meio ambiente, trânsito, esportes...” (Idem, p.101). Citando um depoimento recebido de mãe de criança que o assistiu, sugerindo uma pauta para o programa logo após ele ter sido lançado, o autor demonstra a interação com o público logo no início de sua criação.

Mas, outros elementos implícitos aos dois programas podem nos fazer pensar no que está em “jogo” nos bastidores da produção de ambos. No intervalo de três páginas e meia do revelador livro - ao mesmo tempo indo e vindo do telejornal *fake* ao Rádio-Tim-Bum – Marcelo Tas fala sobre os “verdadeiros embates com as pedagogas”. Subentende-se, porém, que este se dava no Rádio-Tim-Bum ainda que o assunto girasse em torno dos dois programas.

Antes da estreia do Professor Tibúrcio no Rádio-Tim-Bum a produção considerou a possibilidade de cortá-lo “porque alguns consultores acharam que o personagem poderia servir para ridicularizar a figura do professor; e havia ainda a questão da

¹²² Acesso em 10 set 2011, disponível em <http://cqnews.wordpress.com/2011/09/09/cartoon-network-e-santander-se-unem-em-projeto-de-educacao-financeira-para-criancas-no-plantao-do-tas/> reproduzido do Portal da Propaganda.

¹²³ Nota de esclarecimento: O entrevistado Tas é quem é o autor do livro, que às vezes entrevista o entrevistador.

agressividade, porque ele às vezes usava uma régua para bater na lente, dar bronca na classe etc.” (Idem, p.99-100). Então, ele defende o Professor Tibúrcio com um argumento:

“O Disney! Mostrei uma cena do Bambi violentíssima, você se lembra? A mãe morre na neve, sangue e tal. Eu disse: **‘Senhores, as crianças gostam de sentir medo. É uma forma de catarse. É saudável. O professor vai dar um pouco de medo, mas é uma brincadeira’**. Hoje, no Orkut, existem dezenas de comunidades ‘Eu tinha medo do Professor Tibúrcio’. No Twitter o pessoal também me conta que tinha medo dele. E era mesmo para ter um pouquinho de medo, foi de propósito. Acabou virando um personagem emblemático do projeto (Idem, p.100). (Grifo meu)

Mais umas breves linhas, depois de ressaltar que o programa é reprisado ainda hoje com sucesso, tendo empatado em audiência com o programa da Xuxa naquele tempo em que ela reinava quase absoluta nas manhãs da TV, à pergunta do entrevistador **“o que o Rá-Tim-Bum descobre em termos de educação? Que é possível fazer uma educação pela comunicação profunda e ao mesmo tempo atraente, é isso?”** (Grifo meu) Tas responde:

Para mim, o Rá-Tim-Bum diz o seguinte: não subestime a inteligência das crianças. Por mais inteligente que você pensa que é, as crianças vão dar um nó na sua cabeça, elas vão querer que você seja mais. Foi isso que o programa me ensinou. (Idem, p. 100)

O livro “É rindo que se aprende” levanta questões importantes para serem aprofundadas tanto sobre como ele aprendeu “que vale a pena esse atrito entre a televisão e a pedagogia” (Idem, p. 102), como sobre sua experiência no Telecurso quando ele acabou “quase fazendo pós-graduação...”, certamente para estudar o assunto:

Na maioria das vezes, as pedagogas têm medo de que a televisão deturpe o conteúdo, e nós temos medo de que as demandas apresentadas por elas **encaretem** a

televisão. E foi no Rá-Tim-Bum que entendi que dá para os dois ganharem: sem a pedagogia, não criaríamos nada que durasse ou que fosse eficiente em termos de educação; e sem ousadia na criação, a pedagogia não teria tanto poder de comunicação. Assim, quando estreou o Rá-Tim-Bum, após um grande suspense, pudemos comemorar: nós e a pedagogia (Idem, p. 103.) (Grifo do entrevistado/autor)

Em outra página reveladora, na observação de Dimenstein que na trajetória Tas como educador ele “ser guiado pela ideia de aprender em tudo o que é canto e lugar” em meio às velocidades com que os acontecimentos se dão neste mundo, lembrando o avô Tas ressalta da importância de que nestes momentos “tão ricos de possibilidades a sente as coisas correr pelos dedos” e por isso o que parece que lhe importa é ter “conversas de qualidade”. No que completa Dimenstein sobre estes espaços serem o “mais interativo possível”. O entrevistado retoma a palavra dizendo que “o melhor dessa história toda é uma coisa muito brega, de um ‘filósofo’ chamado Odair José, compositor popular brasileiro:

“O importante é o verdadeiro amor”. O importante é contar uma história que toque o coração do outro. E aí começamos a interagir”. Continuando o diálogo, **Dimenstein afirma que o que Tas quer dizer “é o seguinte: o que move as pessoas é a emoção, é o coração”; no que o entrevistado parece concordar ao completar que “o que cada pessoa leva para o resto de sua vida é o que lhe toca o coração** (Idem, p. 119). (Grifos meus)

O diálogo continua abordando a etimologia das palavras “emoção”, “emocionar”, que “no latim , significa ‘mover’, é o que move”, e Tas diz que entende, respeita, valoriza, admira e tem “compaixão pelo drama do professor” quando os estudantes nas salas de aula de hoje não estão se comovendo, mas certamente movendo os dedos, olhos e sentidos com a “concorrência muito forte” como “os *games*, o *Facebook*, o filme que acabou de sair, o celular”, e “o mundo inteiro potencialmente

se movendo dentro do celular dele”. E Dimenstein completa, perguntando:

Não será a escola do futuro aquela que melhor souber fazer a composição, que você fez na sua vida, entre a escola e a rua, e vice-versa? Entre o cotidiano e os conhecimentos clássicos? (...) Será que não é justamente isso a escola do futuro, que une o cotidiano com o tradicional, a rua com a escola, e exige que o cientista saiba filosofia, poesia, matemática, química... Será que não é essa escola que derruba o muro e torna a comunicação o elemento fundamental? (Idem, p. 121-122) (Grifos meus)

E, o diálogo vai finalizando a entrevista na diferenciação entre diversão e entretenimento. Para Dimenstein, “entretenimento é se divertir sem fazer força; a diversão que é estimulante e criativa é um trabalho de disciplina...” Para Tas,

“o mais legal é eleger a diversão mais sublime possível, que é conhecer a si mesmo, conhecer pessoas, conhecer o mundo. Porque o período que passamos aqui nesta vidinha é muito curto. Então, buscar uma outra dimensão para o que estamos fazendo nesse período tão curto é uma diversão muito ambiciosa e especial” (Idem, p.125). (Grifos meus)

E, completa seu pensamento:

“sempre a caminho da descoberta”. Continuando seu pensamento reafirma: “Sempre a caminho. Acho que estar na trilha já é uma maneira de me colocar para a descoberta. Às vezes acontece uma descoberta...” A entrevista se encerra, e arremata em se referindo ao futuro livro que sairia dela: “Então, já tenho uma decisão tomada: eu vou ler este livro, para tentar entender tudo isso” (Idem, p. 125)¹²⁴.

¹²⁴ O autor do livro, que é o entrevistado, lerá o seu próprio livro publicado. A nota seguinte o apresenta em seu próprio site como obra literária, dele mesmo. Mais um exemplo do humor de “vanguarda” do autor/entrevistado.

Sendo assim, o futuro próximo poderá nos dizer e mostrar *como*, e “*se*” o auto-denominado “extraterrestre” Tas realmente “está na **vanguarda** de um campo novo: a mistura da comunicação com a educação”¹²⁵ (Grifo meu) como o apresentam, e como poderemos tentar entender junto com ele isso tudo. Além disso, há que se considerar em como que, pelo humor e diversão se faz entretenimento entre as linhas tênues do informacionismo, infotainment, informação, para legitimar no formato telejornalístico o “conhecimento do mundo”.

2.4 - Aspectos do telejornalismo em outros programas infantis de televisão no Brasil

Há poucos programas de TV que apresentam aspectos do telejornalismo para crianças. Na TV Cultura, canal público de televisão, no já referido programa Rá-Tim-Bum (produzido de 1989 a 1992 e reprisado até hoje) com bonecos apresentando notícias - há um telejornal para crianças de 2 a 10 anos no quadro chamado “O Jornal das Crianças”¹²⁶. Neste programa temos a figura da repórter jornalística Penélope Barbosa Lero, seu marido Ulisses e a filha Nina no Castelo Rá-tim-Bum. Angela Dip é a atriz que a interpreta:

A Penélope é uma repórter muito bonita e bastante conhecida na televisão, onde apresenta seu próprio telejornal. Adora a cor rosa e se veste inteirinha assim, até o cabelo. Morre de medo de rato e está sempre atenda a um furo de reportagem”.¹²⁷

Uma jovem repórter, muito bonita e popular na televisão, apresentadora de seu próprio telejornal. Sempre destacando-se por sua vestimenta,

¹²⁵ “Tas vira obra literária”, acesso em 07 set 2011, disponível em <http://marcelotas.ning.com/profiles/blogs/tas-sera-tema-de-livro> incluindo vídeo com trecho da entrevista em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=-gb4w26nN6o

¹²⁶ Ver vídeos disponibilizados no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=aSorV2rnSbI>

¹²⁷ TV Rá-Tim-Bum: <http://www.tvratimbum.com.br/secoes/programas/personagem/?id=44>

maquiagem e cabelos cor-de-rosa, Penélope adora visitar o castelo e se divertir com as crianças. Nino, não muito secretamente, tem uma leve queda por ela no começo da série. Perto dos últimos episódios, Penélope se casou com o igualmente rosa Ulisses, tendo uma filha que batizaram de Nina em homenagem ao Nino. Penélope é conhecida por ser altamente escandalosa quando vê um rato ou quando descobre ou ouve algum fato chocante, soltando um berro de se ouvir no outro lado do mundo.¹²⁸

As notícias sobre este quadro do programa são escassas, e tampouco no site da TV Cultura é possível encontrar sinopses, ficha técnica etc. Entretanto, conhecemos a árvore pelos frutos: o fato de a repórter Penélope merecer um livro, escrito por Anna Muylaert¹²⁹ e ilustrado por Giroto Fernandes: “As reportagens de Penélope” da Editora Companhia das Letrinhas, ensinando às crianças como fazer um jornal caseiro. Como literatura infantil ou como incentivo à expressão da criança pela criação de um jornal reconhece-se o teor (mídia)educativo expresso no programa em geral e na mensagem da personagem e do livro. Na sinopse isso fica claro:

Se você acha que 'furo' sempre quer dizer buraco, que 'foca' é apenas um animal engraçadinho, que 'barriga' é só aquilo que sustenta o umbigo, bem, está na hora de conhecer este livro. Em 'As reportagens de Penélope' você vai aprender não só o sentido dessas e de outras palavras usadas no jornalismo, como também vai receber dicas para fazer um bom jornal caseiro. Basta seguir o exemplo do Pérola negra, o primeiro jornal caseiro do mundo, editado pela hiperfamosa Penélope Barbosa Lero quando tinha apenas dez anos. O Pérola negra trazia seção de cartas e de classificados e dava em primeira mão as notícias mais importantes da casa, como o desaparecimento da boneca Guilhermina. Fora isso, o livro traz grandes novidades e pelo menos duas reportagens

¹²⁸ Wikipedia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_R%C3%A1-Tim-Bum

¹²⁹ Anna Muylaert é uma roteirista, diretora de cinema e televisão brasileira. Participou da criação do Castelo Rá-Tim-Bum em 1995.

importantes. A primeira conta como é que o Castelo Rá-Tim-Bum foi vendido por dois quilos de chocolate. A outra é uma super entrevista com Ninotcka Stradivarius. Isso mesmo, a mãe do Nino.¹³⁰

Outros programas exibidos entre os anos 60 a 90 também haviam “cenas” em que aparecia o formato telejornal, e relembramos de passagem os Muppets, personagens criados por Jim Henson (1936/1990), que também apareciam em Vila Sésamo (apresentado e reapresentado desde 1969) com o

"Muppet News Man", o apresentador de telejornal "Muppet News Flash" (Algo como Notícias de Última Hora dos Muppets). Só dava notícias resumidas de algum desastre, que normalmente ele ainda estava escrevendo ou então com enredo estranho. Com o passar do tempo começou a fazer declarações do tipo "não há nenhuma notícia para hoje à noite", e fugia. Na primeira temporada, ele lia ocasionalmente as notícias juntamente com um artista convidado e que de alguma forma tinha envolvimento com o artigo. Muppet News Flash normalmente usava um humor absurdo, como por exemplo, numa ocasião o apresentador anunciou que o Oceano Atlântico havia sido seqüestrada.¹³¹

No programa “TV ColOsso”, exibido pela Rede Globo no período de 1993 a 1997, algumas vezes os cachorros-personagens apresentavam um noticiário no “Jornal ColOsso”, considerado uma cópia canina do Jornal Nacional¹³².

Além das revistinhas (gibis) e dos programas de televisão, os manuais da Disney foram outras publicações infantis que povoavam a cabeça das crianças nesses mesmos anos e também abordavam a questão dos meios de comunicação.

O “Manual do Peninha” (1988), jornalista atrapalhado do “A Patada”, propriedade do magnata Tio Patinhas, de Patópolis

¹³⁰<http://www.livrariacultura.com.br/scripts/cultura/resenha/resenha.asp?isbn=8585466723&sid=87652548812101544012614832>

¹³¹ Disponível em <http://sckeetter.blogspot.com/2011/01/os-muppets.html> e http://en.wikipedia.org/wiki/The_Muppet_Newsman e vídeos sugerida nas referências videográficas.

¹³² Disponível em <http://www.infantv.com.br/tvcolosso.htm>

(Duckburgh), está recheado do início ao fim de informações sobre imprensa inclusive sobre telejornais. Temos o “Manual do Gilberto” (1988), um pequeno gênio, sobrinho do Pateta, que sabe tudo, que apresenta respostas para tudo, e também para as perguntas sobre televisão.

Vale lembrar que famosos personagens das histórias em quadrinhos (que também viraram desenhos animados/cartoons e filmes ao longo dos anos) estão inseridos em histórias às voltas com o jornalismo.

O Super-Homem, da DC Comics, alter-ego de Clark Kent é jornalista no Planeta Diário (Daily Planet) desde 1939. O Homem-Aranha da Marvel Comics, por sua vez, desde 1962 é a identidade secreta de Peter Parker, fotógrafo *freelancer* do fictício Clarim Diário (Daily Bugle) em Nova Iorque.

Oportuno também recordar que é com a boneca Barbie, criada em 1959, que pela primeira vez na história da televisão americana, e mundial, uma empresa faz publicidade direcionada diretamente à criança (Roveri, 2007, p.2).

Ainda sobre Barbie, no início de 2010, através de votação internacional entre crianças, a Mattel fez escolha dos modelos 125 e 126 da série Barbie “profissões”: “engenheira da computação” e “apresentadora de telejornal” (TV News Anchor) foram escolhidas com mais de 500 mil votos¹³³.

Até nisso percebemos o quanto o computador e o telejornal estão presentes atualmente no dia a dia, valorizados pelas crianças como “profissão” no imaginário infantil.

E, colabora com essa “valorização” da profissão de “telejornalista”, âncoras e repórteres a persuadir aos “teledependentes” (Erausquin, Matilla e Vásquez, 1983), ou aos “independentes” (Pinto, 2001) do estilo de vida e “visão do mundo” cor de rosa da Barbie, mesmo que suas vidas não tenham “nada a ver” com as condições de vida das crianças, o que veremos a seguir.

¹³³ Dentre milhares de citações sobre tal votação nas mídias, apresentamos esta de um blog inteiramente dedicado à boneca. Acesso em 10 mai 2010, disponível em <http://newsbarbie.blogspot.com/2010/03/as-duas-novas-profissoes-da-barbie.html>

Telejornalismo em programas humorísticos: “fake news shows”

Na mesma linha tênue que parece muitas vezes forçada nas mídias na separação entre a infância e vida adulta, outro programa inspirado em site do mesmo nome, criado por um jornalista, faz a diluição das fronteiras entre verdade, credibilidade, ficção e vida real. Desde princípios de abril de 2011 o chamado “Sensacionalista”¹³⁴ é apresentado semanalmente como “parte do pilar Humor na programação do Multishow”, canal fechado, além de sua versão de Internet.

Na falta de informações sobre os episódios em sua página oficial, pode-se compreender que sua ideia passa por fazer as pessoas acreditarem que assistem a um telejornal de verdade, enquanto “âncoras no estúdio, repórteres pelas ruas e correspondentes” integram uma equipe de profissionais do jornalismo e atores compondo a estrutura do programa que “é fiel à de um telejornal comum, mas as notícias são completamente diferentes: isentas de verdade e carregadas em humor”. E, “por isso ninguém faz careta, não tem bordão, nada é exagerado. É humor levado a sério”¹³⁵, comenta o seu criador/redator.

Outros programas humorísticos semelhantes nessa linha “fake news shows” ou “news satire”, tão ao gosto americano¹³⁶ são o “Furo MTV” apresentado por Dani Calabresa e Bento Ribeiro, transmitido pela MTV Brasil desde março de 2009. Fora do eixo midiático “sudeste” temos desde o sul do país o “Cala a Boca Notícias”, criado por Marcos Piangers que comenta sobre o próprio programa:

jornalzinho fuleiro com as notícias da semana comentadas. Era pra ser um jornal tipo o do **SNL (Saturday Night Live)**, que não é nenhum Daily show mas tem seus momentos, mas acabou ficando

¹³⁴ Acesso em 25 out 2011, disponível em <http://multishow.globo.com/Sensacionalista/>

¹³⁵ TV Magazine. Acesso em 25 out 2011, disponível em <http://www.tvmagazine.com.br/blogs/post.asp?ID=10358>

¹³⁶ Por exemplo, The Daily Show, desde 1996 (<http://www.thedailyshow.com/>); e o quadro Weekend Update do Saturday Night Live da Rede NBC (<http://www.nbc.com/saturday-night-live/>) apresentado desde 1975.

um lance palha, tipo o Furo MTV. Enfim, é o que a casa oferece.¹³⁷ (Grifos e parêntese meus)

Talvez ainda não haja tanto “distanciamento” para analisar ou avaliar estes programas realizados aqui no Brasil, mesmo porque as informações sobre eles não são muitas, e a princípio as notícias sobre todos foram encontradas apenas em notas de Internet e nas reportagens ou vídeos citados. No entanto, preferi transcrever aquelas entrevistas, e citações da internet, por considerar relevante destacar os pontos de vista de Tas sobre as crianças, e dos objetivos que tais programas se propõem, para lançar pistas para futuras reflexões.

Considerando que estas experiências relatadas mais acima no capítulo buscam respaldo no formato telejornalístico para se endereçarem e se legitimarem como sendo verdadeiro “humor sério” ao público pretendido, possivelmente seremos mais esclarecidos sobre o que esses fenômenos - intencionais ou não - têm a ver na Educação e Comunicação. Ou, lembrando a frase do Bardo do Avon e o bordão do Velho Guerreiro, o que têm a “ser ou não ser” shakesperianamente na “estrumbicação” dos princípios, meios e fins da informação, do direito a ela e ao humor de qualidade produzidos com responsabilidade. E o telejornal para crianças, como diria o Chacrinha, “vai para o trono ou não vai?”

Como se percebe nestes parágrafos, àquela análise necessária de jornalistas, professores e mídia-educadores, juntam-se os economistas, marqueteiros e publicitários, que terão muito a aprender, e estudar sobre o *por que, quem, onde, quando, como* e o *que* o referido programa para crianças do Marcelo Tas está fazendo, e se está de acordo com o que estabelece a Constituição Federal e o ECA na garantia dos direitos das crianças...

2.5 - Algumas experiências em outros países sobre telejornalismo para crianças

Existem experiências de telejornal para crianças no cenário internacional?

¹³⁷ Retirado de “Cala a Boca Notícias”, com vídeo disponível. Acesso em 25 out 2011, disponível em <http://wp.kzuka.com.br/calaaabocapiangers/2010/04/16/cala-a-boca-noticias/>

No estudo de Rodrigues (2006, p. 58) é mencionado um encontro espanhol que abordou a questão de telejornais infantis e juvenis, organizado pelo Observatório Europeu de Televisão Infantil, OETI, e Fundação Rafael del Pino. Marcus Tavares também noticia no site do Portal Rio Mídia¹³⁸:

“Na Europa, a tendência é produzir telejornais segmentados de acordo com a faixa etária das crianças. No processo de produção, o auxílio de psicólogos e pedagogos é bastante requisitado. Estes profissionais recomendam aos pais, tutores, familiares e educadores a assistirem aos telejornais com os jovens. Desta forma – acreditam – os adultos facilitarão a compreensão das notícias emitidas, o que favorecerá conseqüentemente o diálogo e a reflexão do que foi visto e ouvido. De acordo com as conclusões do encontro, em um cenário europeu no qual a educação para a mídia não vem sendo muito desenvolvida e incentivada, a produção destes telejornais contribui decisivamente para compensar este déficit.”

Tavares esclarece que os participantes se comprometem em redigir um “Guia de Estilo de Telejornais Infantis e Juvenis da Europa”.

As conclusões derivadas deste encontro em Madrid (2006) - III Jornada “telediarios infantiles y juveniles en el mundo: reflexiones y experiencias” - podem ser conhecidas através da página da Fundación Rafael del Pino¹³⁹. Das sete principais conclusões gerais deste evento destaco o ponto 2 que enfatiza o protagonismo infanto-juvenil na produção de telejornais como importantes, ressaltando que o processo é mais importante que o produto final:

“Los telediarios para niños y jóvenes realizados por personas adultas, especialmente los del ámbito europeo-occidental, tienen una gran acogida porque consideran a los niños y a los jóvenes como grandes

¹³⁸ Portal Rio Mídia, sem data de publicação. Acesso em 03 mar 2010, disponível em http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Materias&v_nome_area=Mat%E9rias&v_id_conteudo=3883

¹³⁹ Acesso em 03 mar 2010, disponível em http://tv_mav.cnice.mec.es/pdf/RESULTADOS_oeti_06.pdf

protagonistas. Sin embargo, en estas Jornadas se han conocido otras experiencias (Australia, Brasil, EEUU, España, etc.) en las que son los propios jóvenes quienes intervienen en los procesos de producción de dichos informativos. Y, en estos casos, las discusiones del/en grupo son casi más importantes que el propio producto.”

Rodrigues (2006, p. 58-61) referencia Marcus Tavares e elenca experiências de telejornais, e programas infantis/juvenis com formatos similares e educativos na Espanha, Estados Unidos, e Holanda que transmite a outros países como Afeganistão, Suriname e África do Sul. Sinaliza também experiências no México, Cuba. Os programas mencionados são:

Espanha/Catalunha: “Info-K”

“Informatiu infantil i juvenil que s'emet en directe, de dilluns a divendres a les 19.30h pel Super3, el canal infantil de Televisió de Super 3”¹⁴⁰ Canal de informações para crianças e adolescente, exibido de segunda a sexta.¹⁴¹

Espanha/Andaluzia: “Acerca-T”

A autora cita o Canal Sur TV “que capta a atenção de outras 145 mil pessoas”. Referências posteriores sobre o Canal Sur informam do Portal “Educación TV” que “apuesta por ofrecer un servicio público de calidad, con información, entretenimiento, divulgación, formación... Pero ahora, queremos avanzar en nuestro compromiso con la comunidad educativa. (...) Una visión transversal de la educación que afectará a toda nuestra programación. Un refuerzo a la enseñanza reglada, más conocimiento, nuevas perspectivas en tu televisión y tu radio”, “Con más noticias y reportajes del ámbito educativo en la mayoría de nuestros programas”¹⁴².

¹⁴⁰ Um dos vídeos disponível em http://www.youtube.com/watch?v=CghNC5c_k3E

¹⁴¹ Página do programa disponível em <http://www.tv3.cat/infok/programa.html#>

¹⁴² Página do Portal em <http://educacion.tv/>

Holanda: “Jeugdjournaal”:

“Jornal Jovem”, Informatie over het programma. Met uitleg over de actuele nieuwsberichten.¹⁴³ Referências posteriores informam que o programa de notícias de 15 minutos diários é produzido pela televisão holandesa desde 1981, numa linguagem que seja do interesse e para a compreensão por crianças e jovens.¹⁴⁴

Holanda: “Kids News Network” (KNN)¹⁴⁵

Projeto da fundação holandesa, Free Voice, “o objetivo de colocar o conhecimento holandês na produção de noticiários juvenis à disposição de emissoras de televisão de países em desenvolvimento. A idéia é apoiar (por um ano e meio) as redes de televisão desses países na produção de seu próprio noticiário juvenil visando o contexto cultural.”(Idem, p. 59)

Criação de notícias crianças nos países em desenvolvimento desde 2004 tem um tema do programade voz grátis. Isso é chamado Kids News Network (KNN). KNN inicia e coordena uma rede global de notícias da juventude com um alcance de cerca de 20 milhões de telespectadores.

Estados Unidos: “Kids News Network”

Uma revista eletrônica produzida por crianças. O programa criado em 1991, na cidade de Nova York, por Jo Anna Levenglick difunde esportes, livros, tecnologia, estilo e saúde (Idem, p. 59).

México: “Bizbirije”

“Programa infantil mexicano. Series de dibujos animados, encuestas, juegos y libros recomendados,” também dá dicas de “como hacer tele”¹⁴⁶.

¹⁴³ Informações na página do programa: <http://static.nos.nl/jeugdjournaal/voorpagina/>

¹⁴⁴ Informação disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Jeugdjournaal> e <http://jeugdjournaal.nl/index.html>

¹⁴⁵ Página do programa em <http://www.freepressunlimited.org/>

¹⁴⁶ Página do programa em <http://www.onceninos.tv/>

México: “Mooncho al aire”

“Programa de televisión de corte infantil, transmitido en CNI canal 40, México. 2003 - 2005. Realizado en la Riviera Maya y producido por Gerardo Zardain, con los personajes Mooncho Tiliche, Berto Tiliche y Yibo Tiliche (personajes propiedad de Zardain Media Arts). Es el primer programa mexicano que hace uso de puppets contruidos con las técnicas para televisión más reconocidas a nivel mundial. Mooncho consta de 150 cápsulas informativas para niños con duración de 5 minutos cada una y 5 programas especiales de 30 minutos de duración, grabados en el paradisíaco Caribe Mexicano.”¹⁴⁷

Cuba: “Noti-tín”¹⁴⁸

“A TV estatal Yumurí exhibe o “Noti-tín”. O programa é apresentado por crianças, divulga atividades do meio estudantil e “apresenta seções de cultura e de curiosidades” (Idem, p. 61)

Outros programas esparsos que também podemos acrescentar à lista de Rodrigues, muito pequena se a comparamos com outros inúmeros telejornais voltados para o público em geral que são criados. Também enumero “centros” ou “ações” que envolvem o telejornal em suas atividades e discussões. São eles:

França/Canadá: MonQuotidien

Nos mesmos moldes de um programa com notícias do mundo dos adultos para uma linguagem que as crianças entendam, temos uma parceria entre as TV France 2 e France 3 com o MonQuotidien.tv com notícias televisivas na rede.¹⁴⁹

¹⁴⁷ Vídeo. Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=4fj-F9upv-o>

¹⁴⁸ Página da TV Estatal em <http://www.tvyumuri.co.cu/portada.html> e <http://notitin.obolog.com/> e <http://notitin.blogspot.com/>

¹⁴⁹ Dados de 2005 disponível em <http://archives.infobourg.com/sections/actualite/actualite.php?id=9523> e também em <http://www.ozap.com/actu/jt-enfants-adapter-information/115074>

França: Les Zinfos

“Le premier journal télévisé quotidien pour les enfants”¹⁵⁰, com 5 minutos que explicam às crianças o mundo dos adultos¹⁵¹.

França: Le CLEMI - Centre de Liaison de l'Enseignement et des Médias d'Information

O Clemi é responsável pela educação para as mídias em todo o sistema educativo francês desde 1983. Sua missão é ensinar aos alunos meios de cidadania. Este objectivo é baseado em parcerias dinâmicas entre professores e profissionais da informação. Todos os professores, independentemente do seu nível e disciplina podem usufruir do Clemi, tanto a nível nacional e regional, para aconselhamento, treinamento e recursos.¹⁵²

Não propriamente um telejornal, o Centro promove o debate sobre estes programas a fim de garantir o princípio dos direitos da criança e, estes em relação à informação em muitas oportunidades de se discutir os “nouvelles télévisées” ou “journal télévisée”, como por exemplo, a “história dos telejornais na França”, a “análise dos sujeitos em telejornal”, “os fabricantes da informação” e muitos outros programas sobre o tema. Como faz tradicionalmente, em 2012 desenvolverá a “23^a. Semaine de la presse et des médias dans l'école”, quando todas as instituições de ensino debatem ao mesmo tempo a temática das mídias na escola durante uma semana inteira.

Espanha: “Los secretos de la tele”

A contribuição de Jacqueline Sánchez Carrero e Enrique A. Martínez López com este manual

¹⁵⁰ Dados de 2006 disponíveis em <http://www.redac.info/?communique=39970>

¹⁵¹ Em língua francesa, em 2010 pode-se ler uma nota e comentários sobre o que as crianças assistem nos noticiários não serem convenientes à idade delas. Conferir em <http://lci.tf1.fr/redaction-lci/redaction-vous-repond/les-enfants-regardent-le-journal-televisé-par-fmm-6165461.html>

¹⁵² Página do centro disponível em <http://www.clemi.org/fr/> e informações relacionadas a telejornalismo e educação em <http://www.clemi.org/fr/recherche/?q=journal+t%C3%A9l%C3%A9vis%C3%A9&x=10&y=>

“diseñado especialmente para niños, cuenta con más de 200 ilustraciones a color y animaciones que facilitan el entendimiento del proceso real que se lleva a cabo en televisión para realizar un programa” e “Incluye el Manual del Tutor que muestra toda la gama de objetivos didácticos y creativos que constituyen el punto de partida y las herramientas para conseguirlos.”¹⁵³.

Itália: “Pennarelli, il telegionale fatto dai ragazzi”

Telegiornal feito por “meninos” (crianças e jovens).

Junto com seus professores crianças e jovens entre dez e quinze participam de uma oficina desenvolvida pelo Nuovo Laboratorio Multimediale da Provincia di Como¹⁵⁴, e têm a oportunidade de desenvolver trabalho - a partir de suas salas de aula/escolas - das etapas de produção de um informativo. O produto final – um telegiornal feito por crianças e para crianças¹⁵⁵ - é transmitido pela Expansione TV¹⁵⁶.

Itália: GT Ragazzi

Nascido direcionado aos adolescentes em meados dos anos 90 na RAI pela colaboração entre TG3 e RAI3 como Big! News, a partir dos anos 2000/2001 é apresentado como GT Ragazzi. Em 2011 passa a ser apresentado pela RAI Gulp de segunda a sexta-feira às 16:45 h preparado por uma extensa equipe de produção.¹⁵⁷

¹⁵³ Página disponível em <http://tallertelekidsmanual.blogspot.com/2008/06/manual-para-nis.html>. Ver também referência bibliográfica da autora.

¹⁵⁴ O coordenador do referido Laboratório, Franco Pandolfo, é entrevistado pela Profa. Monica Fantin (Fantin 2006, p. 174-178) que dá detalhes sobre o processo desenvolvido nas oficinas. Outras informações disponíveis em http://www.provincia.como.it/provinciacomo/home/int.jsp?_pageid=193,1668051 Acesso em 25 ago 2011.

¹⁵⁵ Um dos vídeos disponíveis em http://www.youtube.com/watch?v=SfxXBG_sZtM

¹⁵⁶ Disponível em http://www.expansionetv.it/index.php?option=com_content&task=view&id=34Itemid=111

¹⁵⁷ Disponível em <http://www.gtragazzi.rai.it/dl/portali/site/page/Page-5b968c2d-18c9-40b5-85bb-27b3048e4864.html> e vídeo do TG Ragazzi Catania em http://www.youtube.com/watch?v=SfxXBG_sZtM

Na linha de proteção dos direitos das crianças e adolescentes, a Carta de Treviso¹⁵⁸ (1990) é um documento elaborado pela Telefono Azzurro, assinado pela Ordem dos Jornalistas e da Federação Nacional de Imprensa Italiana (FNIS), que obriga os jornalistas italianos observarem regras de ética em atendimento às necessidades informacionais dos cidadãos mais jovens. E, o relatório “Rapporto tra minori e programmi televisivi di informazione e/o di approfondimento” (2002)¹⁵⁹ traz amplas considerações sobre o tema televisão e crianças, e notícias, que poderão inspirar pesquisadores, professores, produtores e os poderes públicos a debaterem mais a questão.

Nessa mesma linha dos direitos das crianças, Alessandra Mussolini - presidente da Comissão Parlamentar de Crianças e Adolescentes - faz algumas considerações e, oferece sugestões à programação e conteúdo para proteger a “sensibilidade das crianças telespectadoras durante a transmissão de notícias”, no direito que elas têm à informação de qualidade¹⁶⁰.

O Zaffiria, Centro Permanente per l’Educazione ai Mass Media, não desenvolve propriamente um telejornal, mas oferece seminários e oficinas de formação para o uso de telejornais no contexto escolar¹⁶¹.

¹⁵⁸ Acesso em 06 dez 2011, disponível em http://www.difesadellinformazione.com/leggi_e_provvedimenti/14/carta-di-treviso/

¹⁵⁹ Acesso em 06 dez 2011, disponível em http://www2.agcom.it/progettominori/dox/Rapporto_minori_programmi%20.pdf e http://www2.agcom.it/progettominori/az_ricerca_B02.htm

¹⁶⁰ Acesso em 06 dez 2011, disponível em <http://www.corriereinformazione.it/201004141537/politica/politica/mussolini-un-tg-per-bambini-e-ragazzi-senza-cronaca-nera.html>

¹⁶¹ Disponível em http://www.provincia.rimini.it/progetti/istruzione_sport/zaffiria/index.htm

Reino Unido: “BBC World News for Schools”

Com boletim internacional de 3 minutos dedicados a crianças/adolescentes entre 11-14 anos. Via Internet.¹⁶² “Newsround” da BBC, com notícias e curiosidades para crianças. “É um programa infantil da BBC news, desenvolvido continuamente desde 4 de abril de 1972, e foi uma das revistas do mundo primeira televisão notícias destinadas especificamente às crianças. Inicialmente como uma série encomendada pelo Departamento de curto BBC Children, que detinha o controle editorial, suas instalações são fornecidos pela BBC News. O programa destina-se a 6 a 12 anos.”¹⁶³ Também disponível na Internet.¹⁶⁴

Chile: 31 minutos

Boletim apresentado por bonecos. Paródia do programa internacionalmente conhecido “60 minutos”. Na página do programa afirma-se que a partir de 2004 o programa é apresentado pelo Canal a cabo Nickelodeon.¹⁶⁵

Argentina: Noti Pakapaka

O canal estatal do Ministério da Educação, Pakapaka¹⁶⁶, é inaugurado em meados de 2010 com programação voltada ao público infantil. Noti pakapaka é um quadro com informativo sobre diversos aspectos de regiões visitadas no país, onde “chicos y chicas de la ciudad visitada mostrarán aspectos geográficos, históricos y curiosidades de distintos tipos a través de sus propios relatos, de entrevistas a especialistas y a otros adultos del lugar”. “La presentación de cada uno de los materiales está a cargo de Reneta y Rodolfo, conductora y movilero de

¹⁶² Disponível em <http://www.bbc.co.uk/podcasts/series/wnc>

¹⁶³ Disponível em <http://www.facebook.com/pages/Newsround/104005366303722>

¹⁶⁴ <http://www.bbc.co.uk/newsround>

¹⁶⁵ Informação disponível em http://tviv.org/31_Minutos e vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=Ohe84yruO5w>

¹⁶⁶ Página do canal em <http://www.pakapaka.gov.ar/>

este noticiero, que en cada emisión invitan a conocer una localidad de nuestro país”¹⁶⁷.

O Projeto “Periodistas por um dia” desenvolvido por Roxana Morduchowicz, coordenadora da secretaria de Educação de Buenos Aires, acordado e assinado por todas as empresas de mídia e do Ministério da Educação da Argentina, e Governo da Cidade de Buenos Aires, que desenvolve oficinas com adolescentes no campo do jornalismo impresso, e radiodifusão, permitindo “ligar a escola com o mundo real, o mundo do trabalho”¹⁶⁸. Este projeto argentino também não é necessariamente um telejornal, mas propicia o acesso dos adolescentes às redações destes e, conseqüentemente, as possibilidades de maior contato com o meio, a linguagem jornalística e a leitura crítica destes programas.

Bolívia: Red Uno

La propuesta va los fines de semana y tiene divertidos sectores, concursos, premios y dibujos animados, con un alto nivel educativo y de orientación para los niños (...) producción de notas en exteriores, contactos “en vivo” y muchas sorpresas. 169

Também não é propriamente um telejornal, mas apresenta “notas” como notícias em sua programação.

Brasil: TV Piá

“Um programa onde o adulto não pia”, é “um programa infantil que “dá a palavra à criança” e vai ao ar todo domingo às 14h30

¹⁶⁷ Acesso em 02 jun 2011. Disponível em <http://ebookbrowse.com/notipakapaka-pdf-d127585060>

¹⁶⁸ Informações dadas pela coordenadora do projeto disponíveis em <http://www.lanacion.com.ar/330605-periodistas-por-un-dia> Acesso em 06 dez 2011

¹⁶⁹ Acesso em 02 jun 2011. Disponível em <http://televisionenbolivia.blogspot.com/2010/05/ninos-haciendo-tv-para-ninos.html>

na TV Brasil”¹⁷⁰. São debatidos “assuntos do ponto de vista das crianças.” O programa

tem como público-alvo crianças de 6 a 12 anos, além de pais e educadores. Após meses de produção, doze cidades e vários estados visitados, a TV Piá chega aos domingos à tela da emissora pública para mostrar a diversidade cultural das crianças, o que pensam, como brincam e se divertem. Os meninos e meninas, os chamados piás, assumem o controle do programa. Eles saem às ruas munidas de microfone, entrevistando, pesquisando e interagindo com a realidade de cada lugar. São crianças da chamada geração Z, que já nascem "zapeando". Para debater os assuntos do ponto de vista das crianças, o programa usará vídeos de celular, de câmeras digitais, animações, desenhos e músicas feitas pelas próprias crianças. TV Piá se propõe ainda a levar meninos e meninas de um determinado grupo para conhecerem outro, completamente diferente. Com isso, tenta romper barreiras culturais, sociais e econômicas, procurando cruzar mundos, épocas e classes sociais diferentes.

Em um dos quadros do programa, no Piá Repórter,

as crianças fazem papel de jornalistas, apresentando a realidade sob o seu ponto de vista. Uma ou mais crianças escolhem um entrevistado, um tema de seu interesse e assumem a condução do quadro. Além de empunharem o microfone, as crianças também terão à sua disposição uma câmera de simples manuseio para a realização de reportagem. (...) O programa sempre finaliza com os melhores vídeos postados no ‘**Piatube**’. Nesse quadro, serão mostrados vídeos com duração de 1 a 5 minutos realizados por crianças. Abre, assim, a possibilidade de exibição de animações, documentários e até mesmo ficções, feitas por alunos de escolas públicas ou de projetos de complementação escolar.¹⁷¹

¹⁷⁰ Programa 1 completo em <http://tevepia.blogspot.com/2010/08/programa-01-parte-01-completo.html>

¹⁷¹ <http://tvbrasil.org.br/tpia/sobre/>

A iniciativa acima, no quadro Piá Repórter, é a mais parecida com o formato telejornal feito institucionalmente. A TV Brasil não disponibiliza maiores informações sobre a produção do Piá TV, e é uma experiência que merece ser estudada mais profundamente.

Estados Unidos: CNN Student News¹⁷²

“Programa de notícias diárias para alunos do ensino fundamental e médio produzido pelos jornalistas e educadores a CNN.” Tem 10 minutos diários de segunda a sexta-feira na programação da CNN, sem intervalos comerciais, durante o ano escolar americano. Também tem seu correspondente na Internet. Apresenta questões para serem trabalhadas pelos professores nas escolas no que denominam “Media Literacy Question of the Day”.

Há um canal no Youtube (KECTV) que apresenta entrevistas a personalidades americanas realizadas por crianças estudantes da escola pública Kathryn E. Cunningham em Palm Beach, Florida/EUA. Uma delas, conhecida como “Student Reporter” ou chamada de “Child Journalist” pelo Time, é Damon Weaver. Aparentemente com 11 anos, parece fazer sua entrevista mais famosa, com o Presidente eleito Barack Obama na Casa Branca em 13 de agosto de 2009¹⁷³. Além disso, segundo o Time online¹⁷⁴, ele próprio também foi amplamente entrevistado pelas grandes redes americanas de notícias como CNN e Fox, e sonha em trabalhar no futuro como âncora na ESPN, mas também “está confuso” entre ser piloto de avião, ou jogador de futebol. KEC TV, segundo informa o Youtube, orientado pelo professor da referida escola, Brian Zimmerman é

KEC TV é um premiado programa de televisão de notícias que é transmitido para os 500 alunos no

¹⁷² Informações postadas em 2009 e disponíveis em <http://edition.cnn.com/studentnews/>

¹⁷³ Acesso em 15 nov 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=rP-695ATg-c>

¹⁷⁴ Entrevistado por Laura Fitzpatrick em 19 ago 2009. Acesso em 15 nov 2009. Disponível em <http://www.time.com/time/nation/article/0,8599,1917274,00.html>

KEC/Canal Point Elementary. O programa de notícias é totalmente produzido por um grupo selecionado de 4 e 5 estudantes da classe.¹⁷⁵

Estados Unidos: Nick News e Channel One News.

Grã-Bretanha: First Edition¹⁷⁶ e Wise Up¹⁷⁷.

Relacionando os quatro programas acima observados em pesquisas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, onde estuda a relação dos noticiários com crianças e jovens, focando na discussão das questões políticas de atualidade para esse público, Buckingham (2007) aponta a queda de audiência nos telejornais entre a juventude devido a vários fatores. Entre eles o da “rejeição dos jovens à autoridade moral dos políticos e da imprensa” que “pode ser vista como sintoma de um declínio mais geral na legitimidade do governo e de muitas instituições ‘intermediárias’ da sociedade civil”. Para ele “essa tendência reforça as queixas gerais de que parece haver um colapso das redes sociais tradicionais e da esfera pública do debate político e social que elas sustentam”, parece afirmar da falta mesmo de interesse da juventude por esse estado de coisas (Idem, p. 248).

Naquela análise feita há mais de 10 anos, o autor considera que tanto a população em geral quanto a juventude em particular estavam “destituídos” do poder de participar das decisões no campo sócio-político-econômico e, que o jornalismo convencional e conservador justamente parece fazer é noticiar esse mundo que não desperta mais o interesse, seja pela forma com que é apresentado, seja pela ideia de mundo que apresenta, e que é rejeitada. Ainda assim o telejornal era assistido, com certeza pela “força” que tinha no seu papel de “transferir informações” (Idem, p. 253) sobre o que se passa no mundo. Poderíamos atualizar tal reflexão perguntando por tal participação nas redes sociais hoje.

Nas conclusões de sua pesquisa o autor sugere que o telejornal poderia ter **“uma abordagem radicalmente nova (...)**

¹⁷⁵ Acesso em 15 nov 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/user/CanalPointKECTV>

¹⁷⁶ <http://www.cardiff.ac.uk/jomec/research/archives/firstedition/archive/index.html>

¹⁷⁷ [http://en.wikipedia.org/wiki/Wise_Up_\(TV_series\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Wise_Up_(TV_series))

de desenvolver novas estratégias formais, (...) de uma reflexão muito mais fundamental sobre o que é considerado notícia” (Idem, p. 263). Sobre essa questão veremos mais adiante nesse trabalho sobre as possibilidades de se fazer um outro tipo de telejornal para crianças e jovens. (Grifo meu)

O estudo de Carrero (2008) também relaciona algumas experiências de telejornais com crianças sem, no entanto, dar muitas referências sobre eles, mas citados anteriormente na “compilação” de Rodrigues (2006) a partir de Tavares no Portal RioMídia. Os demais citados pela autora são:

Alemania por su parte tiene tres informativos, entre ellos el llamado «Logo¹⁷⁸» que vio la luz en 1998. Bélgica emite dos, uno en francés y otro en idioma flamenco; Suecia y Croacia tienen uno; Finlandia dos también, uno de ellos es «Zona 5» que nació en el año 2006. Polonia difunde TVP únicamente los fines de semana. Francia tenía un canal completo para este tipo de programas pero los recortes financieros lo obligaron a salir de antena en 2005. (Idem, p.2)

Como se percebe, as iniciativas de telejornal para crianças no Brasil e ao redor do mundo são raras e difíceis de “rastrear” e “garimpar”, seja em bibliografia das pesquisas já desenvolvidas e publicadas, seja pela Internet¹⁷⁹. E todas essas poucas referências necessitam de um maior aprofundamento, o que não foi objetivo dessa pesquisa no momento.

Para ressaltar da relevância dos estudos e experiências descritas anteriormente no que diz respeito à relação televisão e criança - subentendo-se aí o telejornal -, resumidamente apresentamos as 10 conclusões gerais do **VIII Fórum Mundial do Observatório Europeu de Televisão Infantil** (Barcelona 2008), que garantem pontos de discussão para aprofundamento tomados participantes, e que ressaltam o papel da escola nessa mediação:

¹⁷⁸ Página disponível em <http://www.tivi.de/fernsehen/logo/start/index.html>

¹⁷⁹ A pesquisa não investigou no Canadá e nos países nórdicos, que pela tradição em respeito à criança e pelo trabalho consolidado em Mídia-Educação certamente devem ter publicações nessa temática.

Conclusões das sessões de trabalho do 6º Fórum Mundial do Observatório Europeu de Televisão Infantil (OETI) - Barcelona.

01 . Os investigadores presentes no Fórum Mundial expuseram e denunciaram o abuso de consumo televisivo que as crianças vivem diariamente. **As crianças espanholas entre 5-10 anos consomem cerca de 2000 actos de violência na televisão, ao longo de um ano.**

02 . Os participantes nos debates do Fórum denunciam o progressivo desaparecimento da franja horária televisiva dedicada às crianças. **Quase não existe nas televisões espanholas uma franja concreta de televisão infantil no espaço horário da tarde.**

03 . **Há que denunciar publicamente o abuso das imagens violentas que sem qualquer controlo são emitidas no pequeno écran durante todo o dia, sem respeitar o horário infantil.** Tem-se vindo a verificar um aumento de imagens com violência física puramente gratuita, ao mesmo tempo que cresce também a violência simbólica.

04 . **O material audiovisual criado por crianças e jovens, raparigas e rapazes,** e agora exibido no Festival Internacional de Barcelona, deveria estar presente no momento de interagir com os alunos das escolas. Este conjunto de materiais audiovisuais **pode converter-se numa ferramenta pedagógica de primeira qualidade.**

05 . **Não podemos esquecer a importância da presença dos pais e mães, quando a criança está a ver televisão em casa.** Uma explicação adequada ou um determinado comentário feito no momento exacto do visionamento pode contribuir decisivamente para que a criança melhor compreenda o que está a ver na televisão.

06 . **É preciso fomentar na escola o trabalho das crianças sobre os diferentes meios de comunicação, sobretudo sobre a televisão. Conhecendo o funcionamento e compreendendo a linguagem audiovisual, pode-se tornar a criança / o jovem em pessoa mais crítica relativamente à televisão.**

07 . **É necessária uma maior intervenção das escolas no que se refere ao trabalho com os audiovisuais. A existência de**

uma grande inter-relação entre TV/Escola é fundamental para obter resultados válidos no campo da crítica audiovisual.

08 . Os pedagogos de todo o mundo defendem a necessidade de que a sociedade civil assuma a responsabilidade de se empenhar em favor dos conteúdos éticos.

09 . Todos os estudos efectuados coincidem em dois pontos de vista: **existe um grupo de pessoas com diferentes formações académicas que afirmam que os produtos televisivos deformam a infância e um outro grupo que entende que a televisão ajuda a pessoa a crescer**, afirmando inclusivamente, alguns, que até o "telelixo" deve ser utilizado como material de análise e crítica.

10 . Afirma-se a necessidade de que os espaços televisivos das televisões públicas e privadas **edudem, formem e distraiam**. Esta exigência social implica ver, compreender e escolher. Só assim o espectador deixará de ser um mero consumidor para passar a utilizador consciente. (Grifos meus, exceto o do item 10, que são dos autores do documento)¹⁸⁰

Ao retomarmos o roteiro dessa viagem em busca do telejornal para crianças ao redor do mundo, para as mídias e a televisão em geral, e a produção de programas infantis em particular, relembramos aqui aqueles recorrentes três “C” da mídia-educação, que envolve de **cultura, crítica, criação**, e mais o “C” de **cidadania** de Fantin (2006, p.100) para reiterar a importância das questões relacionadas acima. Seja em relação aos telejornais ou qualquer outra produção cultural infantil com vistas à necessária construção das pontes entre a comunicação e educação. Isso tendo em vista o trabalho da Mídia-Educação na garantia do direito à comunicação e informação de qualidade para as crianças. É a mediação do mídia-educador, que também precisa ser “construído” como profissional/professor, formado para isso.

A esse respeito, vimos que, há poucos estudos abordando intensivamente o programa Telejornal Globinho, e que poucas

¹⁸⁰ Mantida a grafia do Português de Portugal. Associação Portuguesa de Consumidores do Media, ACMedia, Disponível em http://www.acmedia.pt/documentacao/document_20030103.html

pesquisas discutem apropriação da notícia e das informações para crianças. Com isso, falta a reflexão sobre a **específica mediação da escola ou da família de maneira planejada e continuada nas/das notícias para as crianças.**

Considerando que o papel do mídia-educador na época não era tão evidente assim e que quem comandou o Telejornal Globinho por um bom tempo foi justamente uma pedagoga/jornalista, que declara sua “paixão pela Educação”, Saldanha pode ter sido um exemplo de mídia-educadora atuando no campo da produção de mídias para crianças.

Depois do término do Telejornal Globinho (1983), chegou o Estatuto da Criança e Adolescente (1990), assim como as discussões sobre a comunicação ser um direito humano. De lá pra cá acabou a ditadura militar no país, a Rede Globo demonstrou um avanço extraordinário na sua **qualidade técnica** para a produção de seus programas, inclusive os noticiários. Mas, e em relação aos conteúdos e comprometimentos com aquele artigo 221 da constituição Federal, poderíamos perguntar se houve avanço, estagnação ou retrocesso?

Apesar dos avanços nos estudos da Mídia-Educação, em relação ao telejornal para crianças pouca coisa avançou. Afinal, como seria um telejornalismo que fosse do interesse e aspiração das crianças? Os professores da área de jornalismo e os produtores televisivos estariam preparados para encarar tal possibilidade, a de serem mestres e doutores com crianças que agora aprenderam *com, através e para* as mídias? Por sua vez, as crianças com mais autonomia poderiam ser protagonistas de um mundo de notícias com outra ética? Teriam condições, como repórteres-mirins, de dizer “cada uma”, palavras ou visões de mundo que poderiam nos (des)consertar?

Neste extenso palco e telas do universo cultural povoado de “mistérios”, é sempre complexo e desafiador perceber os tenuíssimos limites entre realidade e ficção, verdades ou mentiras, telejornais e programas de formato telejornalístico. Por aí navegamos todos, adultos e crianças ora se informando, ora se divertindo, ora se entretendo, ora ensinando, ora aprendendo.

Quais personagens estamos vivendo nessa, e para essa história de ser ou não ser, ter ou não ter telejornal para crianças? Quais personagens estamos encenando nas escolas que formam pedagogos e comunicadores, no *cyberspace* como avatares, como professores e alunos, e na vida como cidadãos?

Como derrubar muros e mover montanhas? Será que será cantando aquela música a que Tas se refere como “muito brega” que diz que “o importante é o amor”?¹⁸¹

Se considerarmos os mídia-navegadores velejando nestes espaços da cultura com suas perguntas ao mesmo tempo sendo combustível, carga, nave, pontos de partida, possíveis caminhos, portos, pontos de encontro e de chegada, quais capacetes e lunetas estamos usando para perceber com criticidade estas questões: os da comédia, tragédia, drama, ou farsa?

Não temos respostas, são apenas perguntas que fazemos.

¹⁸¹ Essa frase é de música cantada por Márcio Greyck, nos anos 70, mesmo período em que Odair José fazia sucesso. Vídeo e letra, acesso em 18 nov 2011, disponível em <http://www.cifraclub.com.br/marcio-greyck/o-mais-importante-o-verdadeiro-amor/>

SEÇÃO III – O DESERTO

Capítulo III – O que os produtores e pesquisadores pensam sobre telejornalismo e crianças?

Neste capítulo vamos em busca de perguntas e respostas sobre o que produtores, editores, jornalistas das grandes mídias, das mídias alternativas, professores e pesquisadores do campo da educação e comunicação pensam sobre telejornal para as crianças e sobre os telejornais que em geral as crianças assistem. Além dos porquês de não existir telejornal especialmente preparado para elas, apresentamos outras questões sobre a especificidade de tal relação. A análise de algumas respostas encaminha a continuidade da discussão.

*Escreve as coisas que tens visto, e as que são,
e as que depois destas não de acontecer.*
Apocalipse 1, 19

Os estudiosos das Ciências da Comunicação e da Educação recorreram aos clássicos e teóricos contemporâneos dessas mesmas áreas para falar de identidades, linguagens, significação, infância, criança, brincadeiras, cultura, política econômica, história e da vida dos seres humanos na sociedade atual. Entretanto, é difícil encontrar quem fale abertamente sobre o que pensam os produtores de notícias, os criadores, os que se dizem formadores de opinião e os proprietários dos meios de comunicação.

Afinal, pergunta continua: o que os donos das mídias, os produtores de telejornal, as empresas de comunicação, seus jornalistas ou diretores, criadores, apresentadores pensam sobre o telejornal feito para adultos assistidos por crianças? Qual o motivo de haver ou não haver, da parte deles, interesse em produzir notícias numa relação entre o informativo/opinativo e o educativo numa linguagem adequada, para o entendimento das crianças? Qual o motivo de haver ou não haver, da parte deles, interesse em produzir notícias numa relação entre o informativo, opinativo e o educativo numa linguagem adequada para o entendimento das crianças?

Para compreender o que os produtores da informação e pesquisadores do campo da Educação e Comunicação pensam

sobre essa relação telejornais-crianças buscamos conversar diretamente com algumas referências da área através de instrumentos como questionários e depoimentos.

No final de 2010 listamos diversos nomes de referências do campo para serem possíveis sujeitos da pesquisa. No início de 2011 organizamos esta listagem e as possibilidades de contato e encontro com os sujeitos da pesquisa que seriam várias, entre elas por vídeo/chat no MSN ou Skype, por e-mail ou pessoalmente. Como era grande o número de pessoas envolvidas, considerando as limitações para deslocamento e disponibilidade real da parte dos sujeitos para o encontro pessoal - uma vez que se encontravam em diferentes partes do país -, um convite à participação foi enviado por e-mail, abordando sobre um questionário que poderia ser um instrumento para fornecer as respostas de maneira mais ágil e rápida.

Também foi considerado que, na forma de um questionário aberto a ser respondido por escrito, os sujeitos da pesquisa poderiam responder com mais tempo e clareza, ao invés do encontro numa entrevista pessoal. Assim decidido, o questionário¹⁸² foi preparado com perguntas gerais sobre o *Telejornal Globinho* e a produção atual dos telejornais para crianças em 4 questões sobre:

- 1 . Criação e término do *Telejornal Globinho*;
- 2 . Relação das crianças com os atuais telejornais, se deveria existir telejornal feito especialmente para crianças e como ele seria;
- 3 . Preocupações dos telejornais quanto ao público infantil;
- 4 . Outras considerações.

Foram elaborados dois questionários distintos, mas com perguntas semelhantes. Divididos os sujeitos em quatro grupos/categorias, um questionário (A) foi dirigido aos profissionais ligados às Organizações Globo e produção do *Telejornal Globinho* e, o outro (B) dirigido aos especialistas e estudiosos de diferentes áreas de atuação.

Grupo 1: Profissionais ligados à Rede Globo e à produção do *Telejornal Globinho*;

¹⁸² Questionários em anexos 02 e 03.

Grupo 2: Profissionais ligados aos meios de comunicação/telejornais;
Grupo 3: Pesquisadores no campo da Educação e Comunicação;
Grupo 4: Jornalistas e ativistas na área dos meios de comunicação.

Ao Grupo 1 foi enviado o questionário A, e aos Grupos 2, 3 e 4 enviado o questionário B, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, solicitou-se a opção para autorização de publicação das opiniões emitidas.

Na escolha dos sujeitos da pesquisa foram considerados os seguintes critérios: a participação na produção do *Telejornal Globinho* e profissionais ligados à área telejornalística das Organizações Globo; profissionais reconhecidos em atuação na produção/ancoragem de telejornais; pesquisadores que atuam de forma significativa nos campos da Educação e Comunicação consultados e citados no decorrer da pesquisa e que investigam a relação mídia, telejornais e crianças; jornalistas e ativistas que atuam na perspectiva do reconhecimento da comunicação com um direito humano e nas frentes pela democratização dos meios de comunicação.

Decidida a escolha de nomes oriundos das mais diversas áreas de formação, foi tentado o contato via e-mail, telefônico e pelas páginas de Internet das empresas de comunicação ligadas a alguns deles, além de através dos blogs, Facebook e Twitter dos possíveis sujeitos da pesquisa.

3.1 - Convidados/sujeitos da pesquisa

Nos primeiros contatos fizemos o convite à participação aos sujeitos da pesquisa via correspondência eletrônica. Após retorno e aceite, enviamos as perguntas do questionário, juntamente com o Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC¹⁸³ e Termo de Consentimento Livre Esclarecido aos 37 (trinta e sete) convidados, sendo que apenas 10 (dez) deles responderam, representando 27% do total da amostra escolhida.

Desta forma, os sujeitos da pesquisa foram:

¹⁸³ Anexo 07

Grupo 1: Profissionais ligados à produção do Telejornal Globinho e Organizações Globo

Paula Saldanha

Jornalista e Pedagoga, apresentadora do TJ Globinho de 1977 a 1983. Autora e ilustradora de livros infantis. Atualmente atua como produtora independente juntamente com seu marido em Expedições.

Grupo 2: Profissionais ligados aos meios de comunicação/telejornais

Nenhum convidado respondeu ao questionário, sendo que a princípio dois dos convidados confirmaram a participação. Nestes casos apenas um deles apresentou justificativa por sua não participação.

Grupo 3: Pesquisadores na área dos meios de comunicação

Célia Maria Ladeira Mota

Jornalista e professora de telejornalismo por mais de duas décadas. Mestre e doutora em Comunicação pela Faculdade de Comunicação da UnB. Atualmente é professora do Departamento de Jornalismo da FAC/UnB e pesquisadora do NEMP, desenvolve pesquisa voltada para a Análise Crítica do Discurso do Telejornalismo. Foi editora de telejornais da Rede Globo e outras emissoras.

Laurindo Leal Filho

Sociólogo (Graduado em Ciências Sociais), Mestrado em Ciências Sociais e Doutorado em Ciências da Comunicação e pós-doutorado no Goldsmiths College da Universidade de Londres, e jornalista. Professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP, é professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Fundou e presidiu a ONG Tver, voltada para o acompanhamento da qualidade da televisão brasileira. Integra a Comissão de Acompanhamento da Programação de TV da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e é membro da ONG Mdiativa. Apresenta o VerTV, primeiro programa de análise de televisão brasileira, transmitido pela TV Câmara e pela TV Nacional de Brasília.

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Jornalista, com Especialização em Sociologia, Mestrado e Doutorado em Comunicação Social. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Possui doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2001). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: Teorias da Comunicação, Televisão, Telejornalismo, e Gêneros Jornalísticos.

Rosália Duarte

Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984), mestrado em Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1991) e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio e pesquisadora do CNPq. Coordena o Grupo de Pesquisas em Educação e Mídia (GRUPEM). Atualmente é professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência de pesquisa na área de Educação, com ênfase em Educação e Mídia, atuando principalmente nos seguintes temas: cinema, mídia, televisão, criança, juventude, cultura e audiovisual.

Lauren Ferreira Colvara

Psicóloga formada na Faculdade de Ciência e Letras de Assis – UNESP (2004). Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP/Bauru. Bolsista FAPESP.

Inês Vitorino Sampaio

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com participação em um programa de Doutorado Sandwiche no Institut für Publizistik- und Kommunikationswissenschaft da Westfälische Wilhelms-Universität Münster (Alemanha). É professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) e colaboradora do Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordena o GRIM - Grupo de Pesquisa das Relações Infância, Adolescência e Mídia (CNPq) e integra o

Projeto de Extensão "TVez: Educação para o uso crítico da Mídia". É autora do livro Televisão, Publicidade e Infância, além de vários artigos em revistas e periódicos nacionais e internacionais. Membro do Conselho Consultivo do Instituto Alana.

Pedrinho Arcides Guareschi

Filósofo, teólogo, consultor do Instituto Alana e pesquisador em Comunicação Social. Doutor em Psicologia Social - University Of Wisconsin At Madison. Graduação em Filosofia, Letras e Teologia, pós-graduação em Sociologia e Psicologia Social, doutorado em Psicologia Social, pós-doutorado no departamento de Ciências Sociais na Universidade de Wisconsin (1991) e pós-doutorado no departamento de Ciências Sociais na Universidade de Cambridge (2002). Atualmente é professor convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Conferencista Internacional. Atualmente trabalha como professor convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA).

Grupo 4: Jornalistas e ativistas na área dos meios de comunicação

Pedro Caribé

Jornalista. Repórter do Observatório do Direito à Comunicação, associado do Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação Social. Defensor da igualdade racial e direito à comunicação. Integra o CCDC, Centro de Comunicação Democracia e Cidadania da Facom, UFBA.

Marcos Tadeu de Souza Tavares

Jornalista, professor e especialista em educação e mídia. Editor do Rio Mídia, membro do Planetapontocom e Editor do Revistapontocom. Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Comunicação Social (FACHA). Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior e Jornalismo. Professor da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch e da UniverCidade.

Temas de interesse: mídia digital, criança, televisão, gênero e educação.

3.2 - Análise das respostas ao questionário

O quadro-síntese das perguntas e respostas obtidas por meio do questionário aos sujeitos da pesquisa encontra-se sistematizado no anexo 2. Neste momento escolhemos algumas respostas para analisar.

Pergunta 1 . Por que o Telejornal Globinho foi criado?¹⁸⁴

Um primeiro aspecto da análise é a não aceitação ao convite para participar da pesquisa dos convidados ligados à produção do Telejornal Globinho e aos telejornais de maior audiência no Brasil no grupo 1, o que parece um afastamento proposital a respeito do assunto. Sendo pessoas ligadas à grande mídia, os sujeitos deste grupos são considerados “funcionários” e uma opinião pessoal poderia não refletir a opinião oficial das empresas a que pertencem. Ao que parece, os profissionais não estão autorizados a emitir opinião em nome da empresa.

Os contatos com Grupo 1 , com alguns profissionais ligados diretamente na produção do Telejornal Globinho e de telejornais de maior audiência no país, foram tentados durante meses. Estes só podiam ser feitos através do Serviço de Atendimento ou Fale Conosco, que respondia invariavelmente num mesmo padrão automatizado:

Para que o seu projeto possa ser encaminhado e avaliado pela equipe do Globo Universidade Universidade é necessário que você seja professor universitário ou que esteja cursando um programa de pós-graduação (mestrado, doutorado ou MBA) e que a sua pesquisa tenha como objeto de estudo a TV Globo e seus programas.

Por favor, nos envie o seu projeto de pesquisa e, caso deseje entrevistar um profissional da TV Globo, também é necessário encaminhar as perguntas para avaliarmos o seu pedido¹⁸⁵ .

¹⁸⁴ Pergunta específica do questionário A enviado ao Grupo 1.

¹⁸⁵ Mensagens de e-mail Número 3 e 4 em fac-símile em anexo 04.

Mesmo enviando a proposta pelo Correio ao “Jardim Botânico” no Rio de Janeiro e Globo News em São Paulo, não fui respondido com algum aceno. Tampouco as tentativas por telefone junto à RBS TV em Florianópolis, ao deixar explicado o tema da pesquisa para que entrassem em contato, estes nunca foram feitos. Fiz tentativas de contato com as organizações Globo indiretamente através de usuários do Youtube e blogueiros que disponibilizam vídeos com as vinhetas do Telejornal Globinho em algumas postagens na Internet. Um deles me facilitou uma ponte com o setor Globo Universidade que trata de assuntos relacionados à pesquisas acadêmicas. Então, finalmente recebi uma resposta das Organizações Globo, tendo enviado o material solicitado conforme formulário que me foi enviado por e-mail. Entretanto, ultrapassados os aproximadamente 30 dias para análise da documentação por parte daquele setor (item 10 das Instruções do formulário), não houve resposta e nem justificativa passados meses após este contato.¹⁸⁶

Neste grupo obtive resposta apenas da Pedagoga e Jornalista Paula Saldanha, apresentadora do Telejornal Globinho àquela época, e no momento da pesquisa e desde muitos anos sem vínculos com as Organizações Globo.

Do Grupo 2, de profissionais das grandes empresas de comunicação que fazem telejornal nos dias de hoje, obtive poucos retornos após reiterados convites - inclusive por telefone - e nenhuma resposta. Certamente parece também se deve às mesmas razões de não se manifestarem individualmente em nome da empresa. Três dos sujeitos a princípio responderam ao convite e dois afirmaram que participariam. No entanto, apenas um deles, o jornalista Boris Casoy, comunicou sua decisão de não participação como sujeito na pesquisa, apresentando sua justificativa por escrito através de e-mail.

Tanto em relação aos grupos 1 e 2 é interessante perceber que, para tentar contatar as empresas da “grande mídia” por meio de suas páginas na Internet, somos obrigados a fazer um cadastro, fornecendo nossos dados completos de endereço, e-mail, telefone, CPF etc. Pareceu-me que os profissionais que trabalham para essas empresas estão completamente “blindados”

¹⁸⁶ Formulário do Globo Universidade anexo 05.

para que não entremos em contato diretamente com eles. Isso, apesar de estarem todos os dias em nossas casas e vidas pela televisão, revistas, jornais e outros meios.

Desse modo, minha pergunta inicial sobre o porquê do Telejornal Globinho ter sido criado, e se há preocupação da produção dos telejornais atuais considerarem que crianças estão assistindo esses programas, não foi respondida por pessoas-chaves, e com alta visibilidade no telejornalismo brasileiro. Suas respostas seriam importantes para entender como naquele momento histórico se configurou a ideia/projeto da criação de um telejornal especialmente para crianças, e se questões éticas e de respeito aos direitos das crianças e adolescentes são levados em consideração nas produções atuais dos telejornais daquelas empresas.

Em relação à criação do Telejornal Globinho o único esclarecimento que temos é o que consta na página da Memória da Globo, afirmando o que já foi citado anteriormente, de que o programa em 1977 “sofreu as primeiras mudanças” em relação ao horário de exibição, e ganhou o formato de telejornal, com a chegada de Paula Saldanha.

Se esse interesse se deu pelo fato de haver um telejornal que escapasse da censura naqueles anos de ditadura militar, ou se foi realmente uma experiência que quisesse explicitamente fazer um telejornal de teor educativo para um público diferenciado – o de crianças - necessitaríamos de respostas que só os profissionais da Rede Globo poderiam dar.

Minha expectativa de analisar as respostas que poderiam ter sido dadas pelos profissionais da Rede Globo envolvidos na sua produção e, que fizeram parte da história do telejornalismo brasileiro¹⁸⁷ foi frustrada, continuando apenas com as hipóteses.

Tendo apenas a resposta de Paula Saldanha¹⁸⁸ afirmando que o sucesso foi tamanho no período em que esteve como apresentadora que, ainda depois de décadas, muitos adultos de hoje, com mais de 35 anos, se lembram do programa, há que se

¹⁸⁷ Dentre esses profissionais da rede Globo, não sei se possivelmente responderia o questionário, mas o falecimento de Armando Nogueira em março de 2010 me frustrou um pouco. Ele certamente poderia esclarecer muitas facetas sobre a questão do pioneirismo e do sucesso da Rede Globo alcançado por esse telejornal.

¹⁸⁸ Ver Consolidado das respostas em anexo 06.

aguardar outras oportunidades no futuro para se descobrir quais as razões que levaram a Rede Globo a criar o pioneiro Telejornal Globinho.

Pergunta 1 . a) Você conheceu o Telejornal Globinho no Brasil?¹⁸⁹

A maioria dos entrevistados que participou da pesquisa afirma ter conhecido o Telejornal Globinho, apesar de percebermos que dois dos entrevistados o confundiram com o atual programa chamado “TV Globinho”¹⁹⁰, que tem características completamente diversas daquele primeiro. O “TV Globinho” começou veiculado no programa “Angel Mix” apresentado pela Angélica (1996).

Este programa, sim, “privilegia a exibição de desenhos animados”, além de seriados americanos. O “merchan” de produtos relacionados às séries exibidas, bem como de produtos destinados às crianças, parece se dar nos intervalos comerciais.

Os desenhos animados do atual “TV Globinho” não têm nenhuma relação com os apresentados no Telejornal Globinho em sua época, tampouco faz as vezes de um telejornal com conteúdo informativo-educativo. O estudo de Ruberti, Sampaio-Ralha e Ibarra (2006) expõe a relação entre os dois programas, analisando a “ascensão e declínio da notícia educativa na TV” e as diferentes fases pela qual a televisão passou na história brasileira. Eles ressaltam que desde então os programas destinados às crianças têm um caráter apenas de entretenimento.

Pergunta 1 . b) Qual sua opinião sobre ele?¹⁹¹

Os participantes que conheceram o Telejornal Globinho parecem ter uma opinião bastante favorável do programa que “tratava as crianças com seriedade e respeito” (Laurindo Lalo Leal) ora se referindo a ele como uma boa memória da infância, ou destacando aspectos positivos de sua abordagem:

¹⁸⁹ Pergunta específica no questionário B enviado aos grupos 2, 3 e 4.

¹⁹⁰ Memória da Globo, TV Globinho.
<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-252335,00.html>

¹⁹¹ Pergunta específica no questionário B enviado aos grupos 2, 3 e 4

O Globinho surgiu como uma opção inteligente e divertida para as crianças. Acredito que foi pioneiro na concepção de programa infantil informativo e que contribuía com as escolas como atividade extra-classe. (Célia Maria Ladeira Mota, em depoimento)

Era um telejornal com um formato muito próximo ao de revista, com assuntos variados de interesse da criança. Era um programa que trazia a condução cuidadosa e simpática da Paula, com uma clara preocupação em promover o enriquecimento cultural da criança, recorrendo a uma linguagem coloquial, mas sem erros grosseiros e simplificações ou qualquer traço de vulgaridade, como se tornou comum anos depois na programação infantil da emissora, com o modelo Xuxa de tratar os “baixinhos. (Inês Vitorino, em depoimento)

Pergunta 1 . c) você conhece outra experiência semelhante, no Brasil ou no mundo?¹⁹²

Quanto à existência de telejornais destinados ao público infantil no Brasil e mundo, os entrevistados desconhecem experiências nacionais ou se lembram vagamente de produções internacionais, sem citarem nenhuma concretamente. Vitorino cita o programa TV Piá¹⁹³ da TV Brasil considerando que as crianças ainda participam da produção dele e, nos parece que este programa é o que é mais elaborado a partir da perspectiva e peculiaridades e pautas elaboradas pelas crianças, inclusive tendo estas na condução das apresentações. Isso, ainda que não tenha uma apresentadora como foi Paula Saldanha no Telejornal Globinho. E, se algumas experiências pontuais já foram tratadas anteriormente neste trabalho, em nível nacional e internacional, cada uma delas merece aprofundamento no seu “modo de fazer”.

Em oposição à não existência de telejornais para crianças, constata-se atualmente a profusão de telejornais e programas noticiosos voltados ao público em geral (leia-se “adulto”), que se sofisticam cada vez mais nas grades de

¹⁹² Pergunta específica no questionário B enviado aos grupos 2, 3 e 4.

¹⁹³ Programa citado no capítulo anterior.

programação da TV aberta, e merecem outros inúmeros canais na TV a cabo/satélite exclusivamente dedicados à notícia.

Além disso, as grandes corporações de mídia têm feito investimentos substanciais para fornecer a informação via os modernos dispositivos móveis, como telefones celulares e *tablets*, uma vez que os consumidores (de notícias inclusive) também migram num ritmo assustador das mídias impressas e televisivas para as digitais também pela internet.

Pergunta 2 . Por que o Telejornal Globinho acabou?¹⁹⁴

Quanto ao término do programa a página da Memória Globo não faz nenhuma referência. Mas, percebe-se claramente que, interesses de mercado e comercialização voltados para o público infantil, juntamente ao fato do programa propiciar informações que geravam reflexões pela audiência de adultos e crianças sobre questões não abordadas em forma e conteúdo em outros telejornais, provocaram o seu encerramento.

Pergunta 2 . a) Qual a sua opinião sobre o encerramento do Telejornal Globinho?¹⁹⁵

Nos demais grupos, o jornalista e apresentador Laurindo Lalo Leal Filho também confirma essa questão do “merchan” como fator que gerou o encerramento do programa. A professora e pesquisadora Inês Vitorino também reitera tal argumento verificando a “tendência da mercantilização da infância”, apontando que de modo geral desde aquela época

A programação infantil da referida emissora regra geral, tornou-se uma espécie de vitrine para os produtos infantis a serem anunciados. A riqueza e a complexidade do universo infantil foram reduzidos drasticamente para caber nas fórmulas de programas de auditórios centrados em competições e apresentação de desenhos com muitos produtos licenciados a venda (Vitorino, em depoimento)

¹⁹⁴ Pergunta específica no questionário A ao Grupo 1.

¹⁹⁵ Pergunta específica no questionário B enviado aos grupos 2, 3 e 4.

Pergunta 2 . b) Qual a sua opinião sobre crianças assistindo telejornais que não são feitos especialmente para elas?

As respostas a esta questão giraram em torno da preocupação dos telejornais serem assistidos pelas crianças sem a mediação de alguém (professor ou pais/responsáveis) para ajudá-las a compreender e interpretar o que vêm. Por exemplo, a relação da notícia com suas nuances sensacionalistas notadamente quando exibem cenas de violência em geral, do crime organizado, do trânsito caótico, da política (des)organizada na corrupção, da impunidade dos poderosos. A jornalista e professora Célia Ladeira Mota afirma que “em absoluto, são conteúdos inadequados ao público infantil”, e Vitorino concorda com a tal inadequação.

Essas respostas me levam a mais perguntas... Como contextualizar a notícia para as crianças quando esta, em geral, não é formulada numa linguagem que entendam? Há tempo/disposição dos possíveis mediadores para isso, sejam estes a família ou a escola? Como ajudar as crianças a desenvolverem seu senso crítico senão através do exercício do diálogo a respeito de suas experiências, na mediação da escola ou com seus pais/responsáveis?

A jornalista e professora Ana Carolina Temer afirma que telejornal não é programa infantil, e o filósofo e professor Guareschi não acredita que, até o presente momento, os telejornais possam contribuir na formação de crianças. Por sua vez, a professora e pesquisadora Rosália Duarte nos lembra de sua pesquisa (Duarte, 2008), respondendo sobre o desconforto e a insegurança das crianças em relação ao que assistem pelos telejornais.

A esse respeito, os jornalistas Lalo Leal e Marcus Tavares apontam para a questão da classificação indicativa de telejornais e programas noticiosos, uma vez que estes programas estão veiculando reportagens/cenas que não são apropriadas para crianças.

Mas como conciliar as cenas/reportagens inadequadas para crianças em relação ao direito delas de acesso à informação, como pergunta Tavares na entrevista? Ele mesmo coloca que essa questão é uma faca de dois gumes, ao considerar que “**privá-las de acesso a informação, é ir contra o direito delas**”. Temer enfatiza a responsabilidade dos pais em não deixarem as crianças

sozinhas durante o telejornal. Mas, sabendo como é a realidade de grande parte das crianças e suas dinâmicas familiares, isso precisaria ser mais problematizado.

A respeito dessa questão grifada acima, creio que é a criança quem sai sempre machucada, seja quantas pontas existem naquela faca ou na briga de foice da informação a qualquer custo. De um mundo que não foram as crianças quem provocaram tanta violência, erotização precoce, consumismo etc. lhes interessaria saber de fatos que lhes deixem ainda mais confusas a respeito dessa “realidade” em que vivem?

A “realidade” em que vivem é apenas essa, ou o que o telejornal mostra é apenas um recorte, um naco, uma fatia, um pedaço selecionado com vistas a atender à receita da dieta informacional que lhes é imposta? Com pais, responsáveis ou professores na mediação da notícia, parece ser de bom senso questionar que informação – qualquer informação – que os programas estejam selecionando e transmitindo, a adultos, adolescentes e crianças.

Por outro lado, é bom lembrar que em certos casos há crianças que gostam desse tipo de programa que explora a violência, sem entrar no mérito dos condicionantes de tal gosto,

Pergunta 3 . a) Atualmente deveria existir telejornal feito especialmente para crianças? b) Por quê? c) Como deveria ser um telejornal feito especialmente para crianças?¹⁹⁶

Com exceção de um participante, o professor Guareschi, todos responderam que sim, que deveria existir um telejornal feito especialmente para crianças. Paula Saldanha nos relembra que este programa deveria ser como foi o Telejornal Globinho, asseverando que com os temas destacados na atualidade. E, mais uma vez, notamos como as respostas se dão no sentido de se fazer hoje o que foi realizado há mais de 30 anos atrás, numa iniciativa pioneira para a época.

Vitorino defende o telejornal feito para crianças, considerando um dado importante:

Crianças e adolescentes representam 1/3 da população brasileira. Se as emissoras de TV, como

¹⁹⁶ Pergunta nos dois questionários, A e B, enviada aos 4 grupos.

concessionárias públicas, têm como atribuição definida em lei prestar um serviço público, elas não podem ignorar esse segmento da população, que assim como os adultos, tem o direito a receber e produzir informação de qualidade sobre todos os assuntos que lhe dizem respeito direta ou indiretamente.

Aqui chamo a atenção para o fato das concessões públicas dadas às emissoras e o papel social que estas deveriam cumprir também na produção de conteúdos com qualidade, inclusive no caso que estudamos, no telejornal. A meu ver, um número tão expressivo de crianças e adolescentes “merecem” um telejornal feito para elas. E, resta investigar o que essas crianças e jovens gostariam de saber para se manter informadas.

Em sua pesquisa, Duarte (2008) afirma que as próprias crianças querem se manter informadas sobre o que acontece e, junto com os demais entrevistados, concorda que a linha editorial deveria privilegiar informações que interessassem às crianças, com temáticas ligadas à infância sem tratá-las como “adultos” e sequer sem “infantilizá-las” (inferiorizá-las, imbecilizá-las). Deveria estar focado em ciência, tecnologia e descobertas científicas, e que também promovessem a reflexão.

O telejornal para crianças deveria ter um formato adequado, que ajudasse as crianças a decodificar os conteúdos e dando maior contextualização àquilo que é noticiado, e ser necessariamente interativo, complementa a pesquisadora. Enquanto esse programa não vem, as crianças do século XXI acabam por emitir opiniões assim quando falam sobre o telejornal em seu formato atual:

Eu simplesmente odeio (Jornal Nacional) pois só transmitem notícias tristes, só falam de fome, guerras e mortes. Eu fico muito triste, pois eu não quero um mundo assim. Porque os adultos fazem tudo errado? Quando assisto este programa e fico triste e me dá vontade de chorar, volto para o meu mundo, um mundo melhor. Um mundo da minha imaginação (In Duarte, 2008, p.157).

O próprio termo “interatividade”, que neste trabalho implica em si mesmo na participação das crianças e jovens na

produção de noticiário para elas, precisa ser discutido. Ou seja, interatividade é contar com a participação das crianças também na produção, exibição e avaliação do mesmo, é ouvi-las nas suas preferências de temas que não lhes causem aquelas angústias ou “medo do mundo” que Duarte investigou em sua pesquisa (2008). Interatividade que vai além de acessar o *site* do telejornal e comentar suas notícias exibidas, tal como muitas emissoras o fazem.

A referida “interatividade” iria além do que existe nos telejornais atuais e não se restringiria a votar em enquetes pelo telefone/internet sobre questões expostas pelo telejornal/programas noticiosos, como muitas vezes se acontece no “infotainment”, qual seja a mudança do foco da notícia para o entretenimento¹⁹⁷. Outrossim, não seria interatividade se o telejornal contasse apenas com as crianças sendo espectadoras.

Neste sentido Fantin e Nogueira (2011 b) ressaltam da importância da família e da escola interagindo para fazer a mediação educativa, “visto que hoje as crianças que vão à escola são crianças telespectadoras e internautas que, além de possuir uma cultura da imagem diferente da que tínhamos, possuem uma cultura digital que há pouco tempo não conhecíamos” (Idem, p. 4-5), participando ativamente e interagindo por vários meios como a televisão, internet e celular influenciando suas referências.

Tavares levanta um ponto importante a respeito do telejornal para crianças: o de não ser mais um programa que veicule propaganda direcionada ao público infantil, nem incentive o consumismo. Sendo assim, quem patrocinaria o programa se não fosse o “mercado” de produtos infantis? Nos moldes atuais de “funcionamento” das emissoras, que tipo de anunciante “investiria” num programa para crianças sem a publicidade? É uma pergunta típica e a mesma questão já havia sido levantada pelo Prof. Francisco Karam na banca de qualificação, e abordaremos tal questão em análises nos capítulos seguintes.

Há um debate caloroso acontecendo nacionalmente sobre a proibição de propaganda veiculada para o público infantil que está longe do fim. Debate que provocou um estremecimento entre o Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária e o

¹⁹⁷ Em inglês, *Infotainment*. Como já foi citado anteriormente, não irei aprofundar aqui no conceito, abordado por outros autores como Silva e Belloni.

Instituto Alana que desenvolve o Projeto Criança e Consumo, na defesa dos direitos das crianças. A ANDI, Agência de Notícias dos Direitos da Infância, e o IDEC, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, saíram em apoio ao projeto Criança e Consumo.¹⁹⁸

No Brasil está em tramitação no Congresso Nacional o Projeto de Lei nº: 5921/01¹⁹⁹ que “proíbe a publicidade dirigida à criança e regulamenta a publicidade dirigida a adolescentes”. Mas será que haverá a proibição da publicidade direcionada ao público infantil, como já é feita em alguns países como Noruega, Suécia e Canadá?

Vale lembrar que foi justamente uma questão de “merchand”, com publicidade voltada para crianças que desencadeou o término do Telejornal Globinho, bem como a passagem da “Carta de Florianópolis para a Mídia-Educação”²⁰⁰ destacada no início deste trabalho, para refletir que se os meios de comunicação também promovem “relações de dependência que consideram mais o consumidor que o cidadão, podem oportunizar acesso a outras formas de cultura e possibilidade de conhecimento” sendo para que tal aconteça “precisam estar nas mãos de muitos”. Sendo assim, se não há democratização dos meios, como haverá de ser a participação da sociedade nestas mídias?

Pergunta 4 . a) Há ou deveria haver uma preocupação na produção dos telejornais atuais quanto ao público infantil que assiste aos telejornais? b) Quais?²⁰¹

A maioria dos entrevistados da pesquisa concorda que o telejornal feito atualmente não tem preocupação e nem é direcionado ao público infantil. Os sujeitos da pesquisa tocam na

¹⁹⁸ Ver Notícia em Criança e Consumismo, publicada em 05 de julho de 2011 na Internet, sobre acontecimentos nos primeiros meses de 2011. Acesso em 07 jul 2011, disponível em <http://www.consumismoeinfancia.com/2011/07/05/entidades-divulgam-apoio-ao-instituto-alana/>:

¹⁹⁹ Texto disponível em <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Legislacao.aspx?v=3&tipo=brasil&lid=4>

²⁰⁰ Ver Anexo 01.

²⁰¹ Pergunta nos dois questionários, A e B, enviada aos 4 grupos.

questão da necessidade de se dosar a violência exibida, distribuindo conteúdos específicos em diferentes horários. Isso me parece classificação indicativa.

Duarte²⁰² resume bem quais seriam as preocupações que a produção dos atuais telejornais deveriam ter:

Não se trata de “infantilizar” um produto para adultos, trata-se de tornar esse produto mais qualificado, menos sensacionalista, menos apelativo, menos narrativo e mais denso, dando valor ao conteúdo e à qualidade da informação que veicula, o que hoje não ocorre. Mesmo assim, eles não seriam adequados às crianças, pois deveriam ter os adultos como foco.

Assim, destacamos alguns aspectos levantados pelos entrevistados:

- . o telejornal atual não ser um programa destinado às crianças;
- . a responsabilidade dos pais e a necessidade da mediação de alguém quando as crianças o assistem, por sua reação ao que é e como é noticiado;
- . a oportuna a criação de um telejornal voltado ao público infantil, com diretrizes editoriais, profissionais, éticas e estéticas que respeitassem os direitos, as necessidades e especificidades do universo das crianças.

Sugere-se, que um telejornal para crianças nos dias atuais deveria ser **interativo**, no sentido de envolver a participação delas na produção, com temáticas apropriadas à infância, respeitando suas especificidades.

A percepção dos pesquisadores que participaram desta pesquisa é a que os telejornais e seus conteúdos são inadequados para as crianças e que estes deveriam se reestruturar em outras linguagens. No entanto, os telejornais continuam a ser como são e parece que isso é tomado como naturalizado pelos espectadores, e não parece haver indignação da população contra este tipo de abuso e, não se sabe a quem cabe essa tarefa de perguntar o que fazer.

²⁰² Ver Consolidado das respostas em anexo 08.

Será que as ONGs, os professores e a escola estão mobilizados a esse respeito? Cabe ao governo instituído pelo povo determinar as políticas públicas em relação aos meios de comunicação? Em que pé está essa discussão no Brasil hoje?

Alguns entrevistados deixaram claro que os telejornais atuais - para o público de maneira geral - também deveriam passar por uma transformação na sua abordagem. Vitorino²⁰³ expressa bem esse aspecto quando afirma que

A tendência de parcela expressiva do jornalismo contemporâneo à espetacularização, ao sensacionalismo, é algo lamentável. Este tipo de abordagem ainda recorre ao falso argumento de que isto seria assegurar o ‘direito a informação.

Não é apenas esse argumento que as tradicionais emissoras defendem. Elas “reconhecem” nos telespectadores o poder que eles têm de simplesmente mudar de canal. Mas, eu pergunto, mudar para onde? Para outros telejornais criados na mesma fôrma, que oferecem a mesma receita da “dieta informacional” na mesma luta pela audiência e com o olho nas verbas publicitárias, inclusive as patrocinadas pelos governos com o dinheiro público?

E, ainda: como “desprender” o telespectador do sensacionalismo na abordagem dos fatos? Como não induzir ao consumismo desenfreado nem promover a adultização precoce? Por que as grandes corporações que controlam os meios de comunicação não mudam sua fórmula e mantêm inalterados por décadas a fio o “dever” que se auto-outorgam em informar o que crêm ser um direito da sociedade? Qual ética que os produtores das notícias têm para si e para os cidadãos?

Como vimos nos capítulos anteriores, não apenas as crianças, mas todos os seres humanos merecem uma programação e telejornais com informação de qualidade. Essa é uma discussão que começa a ganhar contornos de maior participação no debate sobre a democratização dos meios de comunicação e a classificação indicativa.

A este respeito quatro entrevistados – Ana Carolina Temer, Laurindo Lalo Leal, Marcos Tavares, Rosália Duarte -

²⁰³ Ver Consolidado das respostas no anexo 06.

apontam na necessidade ou direção de classificação indicativa para telejornais e programas noticiosos, assim como existe para outros programas que a legislação e profissionais da educação reconhecem como necessários na proteção dos direitos das crianças.

Vale lembrar que o Ministério da Justiça promoveu (final de 2010 a final de abril de 2011) um debate *online*²⁰⁴, convidando a sociedade a participar da discussão sobre a classificação indicativa, inclusive para telejornais e programas noticiosos. As contribuições de diversas pessoas, instituições e ONGs estão disponíveis na página da Cultura Digital para conhecimento, e estão sob análise de equipe do Ministério. Com a intensificação desse debate reforçado pela convocação da I CONFECOM (2009)²⁰⁵, esperamos “boas notícias” para as crianças.

Em breve enquete realizada durante o mesmo período daquele debate online disponibilizei no blog Filusomídia²⁰⁶ uma pergunta aos visitantes: “telejornais e programas noticiosos deveriam ter classificação indicativa”. Com 43 votos computados, 32 foram a favor (74%), não favoráveis somaram 10 (23%) e, não sabia o que era classificação indicativa recebeu um voto (2%).

Assim como as grandes e tradicionais empresas de comunicação e informação não estiveram presentes nos debates da I CONFECOM para tratar de assuntos relevantes sobre a democratização e regulação dos meios de comunicação, tal

²⁰⁴ Disponível até 27 de abril de 2011 para contribuições, e atualmente para leitura das manifestações, nas páginas <http://culturadigital.br/classind/> e <http://culturadigital.br/classind/blog#2221>

²⁰⁵ I Conferência Nacional de Comunicação, dezembro de 2009, convocada pelo então Presidente Lula, onde se debateram temas importantes da área. Propostas aprovadas disponíveis em <http://www.mc.gov.br/noticias-do-site/22628-governo-divulga-caderno-eletronico-com-propostas-aprovadas-na-confecom>

²⁰⁶ O Blog Filusomídia foi criado em dezembro de 2009 com apenas duas postagens apresentando as palavras-chaves que me orientaram na pesquisa, e com uma citação de um livro em que estou em processo de criação, “Emídio, ou da Mídia-Educação”. As mais de 700 postagens – como clipping de notícias em português, espanhol e inglês - com temas relacionados à investigação seguintes só se deram após a aprovação do projeto de pesquisa na banca de qualificação, em 10 de novembro de 2010. Desde então, em completando um ano, o blog recebeu por volta de 43 mil visitas. Pelo Blog e Twitter foi possível estabelecer muitos contatos e diálogos com pessoas ao redor do mundo envolvidas na temática que abordam. Disponível em <http://filusomidia.blogspot.com>

ausência aliada à falta de respostas de diversas naturezas pode ser sintoma de que algo precisa mudar, transformar, democratizar.

Algo como o que foi recentemente divulgado no Dia Mundial da Democratização da Comunicação – 18 de outubro de 2011 – no lançamento da “Plataforma para um novo Marco Regulatório das Comunicações no Brasil”²⁰⁷, elaborado pela sociedade civil organizada.

Depois de uma primeira versão aberta à consulta pública - inclusive as que eu mesmo enviei - recebendo mais de 200 contribuições foram analisadas e parcialmente incorporadas neste documento. São 20 propostas na consideração de que são prioritárias na definição de um marco legal para as comunicações em nosso país, em meio ao intenso debate no tema no ano de 2011.

3.3 - Outras abordagens “radicalmente novas” sobre o que é considerado notícia

Retomamos aqui algumas considerações de Buckingham (2007, p. 262-263) sobre uma pesquisa em quatro telejornais nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Além de descrever que os jovens querem ver seus “pontos de vista” apresentados nos noticiários, o que eles pensam do tom “paternalista” e “chato” destes programas, que “desdenham especialmente os programas que parecem subestimá-los ou falar com eles e cima para baixo”, que “desejam programas que tenham a ver com suas preocupações cotidianas, largamente marginalizadas pelos grandes telejornais”, ele destaca a vontade dos jovens que “também querem ser informadas e levados a pensar” (idem, p.262).

Num contexto onde a juventude é considerada apática ou não afeita às discussões de questões políticas do seu tempo, o que eles parecem rejeitar é a maneira que as coisas estão acontecendo nessa sociedade, sem a sua participação nas decisões. Nesse estudo Buckingham constata que “as sociedades em geral atribuem cada vez menos significado à autoridade política” e que “não é de surpreender que a audiência do jornalismo esteja em

²⁰⁷ Acesso em 18 de outubro de 2011, disponível no Portal da ANDES, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior em <http://portal.andes.org.br/imprensa/noticias/imp-ult-5796010.pdf> ou na página do FNDC, Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=736321

declínio” (Idem, p. 263). Vale trazer suas exatas palavras como um “breaking news” para não perder o que o autor expressa como necessidade de medidas urgentes a serem tomadas em nível internacional:

É necessária, portanto, uma abordagem radicalmente nova. Em parte, trata-se de desenvolver novas estratégias formais, mas é necessária também, para começar, uma reflexão muito mais fundamental sobre o que é **considerado** notícia. É preciso abandonar a postura reverente encorajada pelo formato convencional dos telejornais em favor de um enfoque que estimule o ceticismo e o engajamento ativo. Precisam ser feitos esforços muito maiores não apenas para explicar as causas e o contexto dos fatos noticiados, mas também para permitir que os espectadores percebam a relevância daqueles fatos para a sua vida diária. As notícias não podem mais ficar confinadas às palavras e aos atos dos poderosos ou aos discursos estreitos e elitistas que dominam atualmente a esfera pública e o debate político.

A recusa ao ‘entretenimento’ em favor de uma insistência estreita na seriedade e na formalidade que caracterizam as formas jornalísticas dominantes aliena e exclui sistematicamente grandes setores do público. Ainda assim, como sugeri, não basta dourar a pílula. O jornalismo certamente tem muito a aprender com os gêneros que conseguem com sucesso atrair o público jovem, como os videoclipes e os programas de entrevista. Obviamente, tais enfoques podem ser uma receita de superficialidade, mas podem também oferecer novas formas para que o jornalismo cumpra sua missão tradicional de educar e informar – uma missão que hoje está muito longe de ser cumprida adequadamente (Idem, p. 263). (Grifo do autor)

Assim, um dos desafios é ajudar as crianças e jovens a se “alfabetizarem midiaticamente” para serem menos espectadores passivos ante os telejornais que assistem. Afinal, se aqueles canais americanos ou ingleses nos anos 90 - da pesquisa de Buckingham (2007) e também de Girardello (1990) - têm “dificuldades” para serem aceitos e se relacionarem com as

crianças e jovens, que dizer dos nossos, na atualidade brasileira, onde há uma despreocupação notória das grandes redes de televisão em relação ao telejornal e as crianças?

A tese de doutoramento de Delorme (2008) faz “exame de diferentes variáveis que possam contribuir para um melhor entendimento das relações que as crianças estabelecem com as notícias oriundas da televisão”. O estudo tem foco nas “crianças que se caracterizam como sujeitos ativos, participativos, que gostam de opinar e que se sentem aptas a questionar certos padrões da televisão e do mundo adulto, em situações interativas com seus pares” (Idem, p. 5).

Em sua pesquisa empírica, Delorme trabalhou com crianças que no grupo analisado “detesta jornal, que gosta mesmo de desenhos e de novelas, além de *Zorra Total* e *Big Brother*”, ou seja, parece esperando que a “televisão divirta, entretenha, informe e alegre” (Idem, p. 148) suas vidas. A autora afirma que

no caso dos telejornais e das notícias da televisão, parece não haver diversão. No horário noturno, acompanhadas de adultos, elas já não têm mais direito de escolha, e, assim, permanecer perto ou diante da televisão é a alternativa de encontro de que dispõem, ainda que pouco ou nada interativa. Talvez nessa circunstância esteja a origem e uma possível explicação para ‘o ouvir sem ver’ de que as crianças tanto falam. Elas dizem que ficam ouvindo enquanto brincam com bonecas, com jogos ou fazendo desenhos e que, apenas quando o assunto lhes interessa, elas correm ‘para ver a notícia (Idem, p.148).

Seguindo neste pensamento, Delorme aponta que esta rejeição ao mesmo tempo em que as crianças assistem aos telejornais com frequência pode ser compreendida nas expectativas que seus pais e/ou responsáveis projetam sobre elas, estimulando e incentivando “para que sejam espertos, para estarem ligados’ e, até mesmo, para saberem certas coisas que os pais desconheciam quando eram da idade delas” (Idem, p. 148-149).

Assim, as crianças passam “a ser um modelo ‘de pessoa bem informada’ que todos devem seguir, sob o risco de se sentirem excluídos da sociedade da informação” e, a autora

aponta esse caminho para a compreensão dos porquês delas acompanharem o noticiário “ainda que com medo e repulsa” (Idem, p. 149).

Esta realidade, observada também em alguns dos demais estudos consultados no decorrer dessa investigação, nos ajuda a compreender da necessidade de uma pesquisa muito mais ampla para problematizar e aprofundar a questão nos campos da Educação e Comunicação, tendo em vista o direito que as crianças têm à informação de qualidade especialmente preparada para elas, e nas possibilidades de “alfabetização midiática” promovidas no âmbito da escola junto a esta geração contemporânea de estudantes mais exigentes, ativos, participantes e culturalmente críticos, enfim.

Quando muito já foi feito a partir e através de iniciativas como as cartas internacionais, códigos, conselhos etc. na proteção dos direitos das crianças e adolescentes, percebe-se que ainda há muito por fazer. E, quando as crianças exclamam que “notícia boa, nunca, nem no papel!” (Delorme 2008, p. 81) nisso percebo pistas de que elas mesmas poderiam produzir em telejornal algo completamente novo: as notícias boas numa TV feita por elas.

Segundo vimos no decorrer da investigação, nos estudos e nas opiniões dos entrevistados e, de acordo com o que foi percebido nos acontecimentos e notícias das mídias, podemos retomar à hipótese que iniciei esse trabalho reafirmando que

havendo um telejornal de qualidade para crianças, este deveria ser para produzido dentro de critérios que evidenciassem valores humanos universais, os direitos humanos inalienáveis, e o respeito às crianças em suas necessidades e peculiaridades conforme sua fase de formação, e ser social/política/cultural/educacional/comunicacionalmente comprometido, não coadunado apenas com as necessidades do mercado financeiro, nem com o consumo desenfreado. Este telejornal feito para crianças poderia ser visto com bons olhos pelos adultos, que “engrossariam” sua audiência.

Um telejornal mais elaborado, contextualizado e não-sensacionalista *para* as crianças possivelmente agradaria aos adultos, que também acabariam por fazer parte de sua audiência, como aconteceu no caso do telejornal Globinho. No entanto, faz-

se necessário sempre considerar, seja em casa ou nas escolas, a importância da mediação em relação às notícias.

Reafirmamos também a indicação de um telejornal para crianças interativo, elaborado a partir de critérios que evidenciem o respeito pela informação de qualidade, seja em relação aos seus aspectos técnicos (qualidade de equipamento, quantidade de jornalistas envolvidos, primor de apresentação etc.), aos aspectos éticos e estéticos. Isso vai ao encontro daqueles **3P (proteção, provisão e participação) + 4C (cultura, crítica, criação cidadania)**, bem como do papel do mídia-educador citado anteriormente.

Mesmo num cenário de dos produtos midiáticos tão precários, onde os oásis com programação de qualidade destinada às crianças são tão poucos, acreditamos que diversas vozes se levantarão para defender o direito inalienável à comunicação de qualidade para crianças, jovens e adultos.

E, se a hipótese inicial se confirma, muitas perguntas não foram respondidas, ou perdidas na secura do deserto dos diálogos. E, as perguntas “quem, quê, quando, como, onde e por quê” fazer um telejornal para crianças estão no ar...

O que é que aconteceu, por que é que é assim, como é que não existem telejornais para crianças no Brasil? De que maneira se libertar dessas amarras e desse emaranhado das armadilhas sócio-político-econômicas-culturais que determinam que as mídias sejam assim?

O que interessa às crianças entre tantas falas de jornalistas-entrevistadores-comentaristas-âncoras - e como, de onde e por que eles falam, e que muitos internautas do jornalismo chamam de “colonistas” de economia, esporte, política, arte, literatura, música etc.? Como dizer às crianças sobre os reais interesses econômicos de uma empresa que transmite o esporte, produz novelas e notícias "em telejornais mais soltos e informais"²⁰⁸, para faturar nessa “intimidade” cúmplice com o telespectador mais lucros para os cofres da emissora? Telejornais estão faturando tanto quanto as novelas, diz a breve, mas reveladora nota no *cyberspace*. Isso, sem contar a invasão da publicidade nas TV Educativas...

²⁰⁸ “Telejornais faturam o mesmo que novelas na Rede Globo”. Acesso em 07 out 2011, disponível em <http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D59879%26Editoria%3D8%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D255216%26fnt%3Dfntnl&rss=on>

Será que bem mais abaixo e mais profundo que o próprio iceberg há algo que possamos saber a respeito, mas que ainda não foram revelados? Como disse Olmos naquela entrevista, há um filão com rios de dinheiro para as empresas faturarem em cima de um telejornal para crianças. Entretanto, sendo até mesmo uma hipótese a ser averiguada, não seria até demais para as atuais empresas que mercantilizam a informação fazerem isso, algo que parece o cúmulo do anti-ético?

Como fazer telejornais para crianças num cenário onde a informação nos telejornais (que mostram a vida real) e o entretenimento nas novelas (que falam da ficção inspirada na vida real) atraem a atenção das pessoas por grande parte do dia? Se parece que tudo é “show”, espetáculo, por que um não tem classificação indicativa e o outro tem? Por que não haver classificação para todos esses “shows”?

Enfim, “o que é, o que é” que podemos esperar quando parece não haver solução? E, agora?

SEÇÃO IV – UM OÁSIS

Capítulo IV - Outros mitos, ideias e verdades

Neste capítulo faço um “interlúdio” na discussão telejornal-crianças com considerações sobre os mitos, ideias, verdades e pesquisas para retomar a relação entre a Comunicação e Educação com o Camelo e o Leão da “Transformação do Espírito” do qual falava Zaratustra, em Nietzsche, no contexto da sociedade capitalista em que vivemos. Então, percorro outras paisagens e notícias buscando a possibilidade de construção de um outro telejornal na perspectiva da Mídia-Educação. E, depois, des-velando o segredo do iceberg nessa relação, as considerações sobre ética jornalística e educacional apontam outras reflexões sobre mediações escolares e as (im)possibilidades e/ou (des)interesses na (des)construção da produção de telejornal na televisão (aberta/fechada) para crianças nos dias atuais. Ao destacar outra maneira analisar os telejornais e crianças na escola apresento uma introdução ao meu conceito de FiloSomídia.

*“O Sábado foi feito por causa do homem,
e não o homem por causa do Sábado.”*

Jesus

Marcos 2, 27

4.1 - Interlúdio: O Velho, o Novo e o Mesmo Mundo

No meu entender quase todas as histórias que me contaram, desde a infância até a idade madura, vieram de um pensamento vencedor que foi tomando forma através da ação de homens brancos, que chamavam “democracia” um sistema de governo onde nem todos podiam participar. Estrangeiros, mulheres, escravos e crianças - não necessariamente nessa ordem – viviam em Atenas, mas não tinham voz, nem participação nas decisões da pólis. Esse pensamento se agiganta através dos tempos, ganha forças tomando-a da força do outro, retorce-se aqui e ali se adaptando às circunstâncias. E, as gerações seguintes no Velho Mundo forjaram impérios, cada qual com suas bandeiras, suas razões, suas conquistas.

Esse Velho Mundo que era apenas quintal, periferia de segunda classe de um outro império, o muçulmano, ao enviar navegadores a descobrirem outras rotas para o comércio de suas quinquilharias batizam de América terras que surgiram do lado de

lá do oceano que engoliu a suposta Atlântida. Um continente gigantíssimo foi descoberto, com toda uma outra história milenar, suas vidas, seus outros impérios e realidades. Mas, segundo Dussel (1993), esse mundo foi na verdade en-coberto, tornado invisível. Dominado...

E, da parte do dominador, não haveria diálogo com esse outro ser que habitava aquelas terras. Eles sequer tinham alma, dizia a igreja dominante. O que se queria eram as riquezas, as pedras, o ouro e a prata, tudo o que pudesse ser roubado. E, aqueles brancos e seus reinos que eram quintal tornaram-se metrópoles. A Europa torna-se o centro do mundo, mudam-se os mapas e, latitudes, longitudes, beatitudes, legalidades, direitos e deveres, contratos e verdades se dão a partir de convenções que esse continente central determina.

Começou assim a Era Moderna, e foi também conquistando, explorando, saqueando, com violência e morte que a África e as Américas forneceram à Europa as riquezas que construíram cidades com suas catedrais e clero, palácios e cortes, parlamentos e liberalismos. Veio o Iluminismo, o Século das Luzes e os ideais revolucionários das palavras atribuídas a Rousseau - “Liberté, Egalité, Fraternité” - que aboliram os privilégios daqueles poderosos, mas criaram outros, inspirando outra classe a configurar o que chamamos como mercado: a modernidade capitalista. Aquela que produziu toda sorte de opressão, desigualdade e guerras. E, onde ficou o “solidarité” dessa trindade moderna? Foi esquecido?

Até onde possamos esticar os olhos no que chamamos de mundo ocidental vemos, na história de todos os povos que se desenrolaram através do tempo, um cenário de dominação, de exploração e negação do outro, de saques e pilhagens de guerra, de confronto e de matança, de exclusão e discriminação, de doenças fome, de humilhações e torturas, de ódio e egoísmo, de morte. Mas, também podemos descobrir nos fragmentos da história as provas daqueles que resistiram às opressões, que enfrentaram a luta para muito mais além do que sobreviverem, viverem com dignidade e honra por ideais da mais pura solidariedade entre os povos. E essas resistências se manifestaram em todos os campos da vida e dos caminhos do conhecimento que atribuímos à filosofia, à religião e à ciência.

Lembramos aqui de tantas histórias no Brasil colônia, da exploração dos escravos, do povo submisso ao comando da Coroa

Portuguesa, dos Inconfidentes Mineiros. “Oh Minas Gerais...”, montanhas onde se lutou pela “Liberdade ainda que tardia”. Não é fato que o primeiro relato “leadiando” entre o “jornalístico” e “romance” sobre o Novo Mundo en-coberto foi a Carta de Pero Vaz de Caminha (Bianchin, 1997, p. 29) e que ali começou o aprisionamento da liberdade dos indígenas? Qual outra carta famosa aboliu a escravatura, mas não a escravização à dependência?

Portugal, França, Inglaterra, Espanha e Holanda se sucedem nas brigas “pelos direitos do mar”²⁰⁹ sem saber que este “pertence a quem sabe amar”, como diz Leila Diniz²¹⁰, simples e desnuda se banhando e cantando na orla das praias cariocas...

Quase que constantemente embalado pelas ondas dessa sociedade que criou escolas e meios de comunicação para educarem os povos e mantê-los sob estrita vigilância pelos “aparelhos ideológicos do estado” - fosse esse monárquico, parlamentar, democrático, autoritário, revolucionário -, parece que vamos todos nós, mais ainda após a Segunda Guerra Mundial e a consolidação dos Estados Unidos da América como o grande império desse tempo. Desde 1492 até os dias atuais são mais de 500 anos de forçado encobrimento, e a mesma história de pilhagens, saque, morte, para povos e nações inteiras desses continentes.

Depois dessa longa viagem, na minha percepção, o termo “Imprensa” nasce nessa e dessa modernidade. E, assim, desde então serve a grandes interesses, próprios de um projeto civilizatório, seja este em qualquer forma, regime ou sistema de governo vigente. Reinos, estados, nações e povos, a sociedade move-se na onda de quem se proclama no direito de governar. No capitalismo, comunismo, socialismo, anarquismo e todos os outros “ismos”, de um jeito ou outro, num sistema ou noutro

²⁰⁹ Poema musicado por Milton Nascimento, de Leila Diniz, a professora de jardim de infância no Rio de Janeiro, atriz, Rainha da Banda de Ipanema, entrevistada pelo Pasquim, perseguida pela ditadura militar brasileira.

²¹⁰ Segundo Carlos Drummond de Andrade “Sem discurso nem requerimento, Leila Diniz soltou as mulheres de vinte anos presas ao tronco de uma especial escravidão” citado por Joaquim Ferreira dos Santos em sua obra “Leila Diniz: uma revolução na praia. Disponível em <http://publifolha.folha.com.br/catalogo/livros/145501/> e nota em <http://bravonline.abril.com.br/materia/a-revolucao-vitoriosa-2>

querem encobrir o diferente, fazê-lo desaparecer. Não há diálogo e muitas das vezes, execuções sumárias, decide-se assim.

E, se em qualquer desses sistemas é a necessidade de fortalecer a economia concentrando o poder nas mãos de uns poucos que a controlam e dominam - o que parece prevalecer nesse mundo atual -, esse diferente passa de inimigo a cidadão, a consumidor. E, ainda como consumidores, todos somos explorados. E, a imprensa sabe disso, seja nos “prós” ou nos “contra” das relações que nessa vida se dão.

Sobre os meios de comunicação de massa e entretenimento nessa luta dos “a favor” e “dos contra” o que vem acontecendo contemporaneamente, diz-nos Petras que 80%, ou 11 de 14 das principais empresas multinacionais do setor são controladas por capital estadunidense, e que

O crescimento das grandes concentrações estadunidenses de empresas dedicadas aos meios de comunicação e entretenimento foi alcançado graças a uma favorável intervenção estatal, à desregulamentação e ao incentivo, motivo pelo qual os meios de comunicação e entretenimento têm servido como braço propagandista não oficial, aberto e encoberto, das conquistas imperiais, das guerras, da ocupação e da penetração estadunidense (2007, p.15).

Com o controle das grandes corporações dos meios de comunicação, os telejornais, suas notícias escolhidas e editadas cuidadosamente sob orientação dos patrões das grandes multinacionais que controlam/produzem a informação parecem fazer a população crer nos fragmentos da realidade do que é dito, sem aprofundar e contextualizar os assuntos abordados. No telejornal, também não há diálogo. Há quem fale e quem escute, quem decida por nós o que saber. Sumariamente, decide-se assim.

4.2 - A velha e a nova pirâmide do sistema capitalista

Na viagem e nas transformações do espírito humano, e depois dessa minha investigação, percebo aquela imprensa dos “prós” a favor dessa modernidade capitalista com seus não tão sutis assim métodos de persuasão para garantir que nada mude, e

que as formas de escravização se mantenham disfarçadas nas relações que a economia estabelece para o mercado.

Mercado controlado por uma lógica desumanizadora que mantém uma minoria que vive muito bem no topo da pirâmide capitalista, à custa de uma minoria que vive muito mal nas suas bases, servindo aos interesses de quem está acima. Mercado que faz da educação uma mercadoria, da informação e da notícia uma indústria muito lucrativa.

As pirâmides abaixo²¹¹ se referem a charges publicadas nos meios, que ao longo do tempo revelam bem essa ordem das coisas. A primeira foi desenhada em 1911²¹² e seus termos se referem ao contexto das lutas trabalhistas da época. As demais são esquematizações atualizadas inspiradas nela, e os termos com que são descritas nas publicações onde são encontradas também revelam o mesmo senso e contexto de seu tempo.

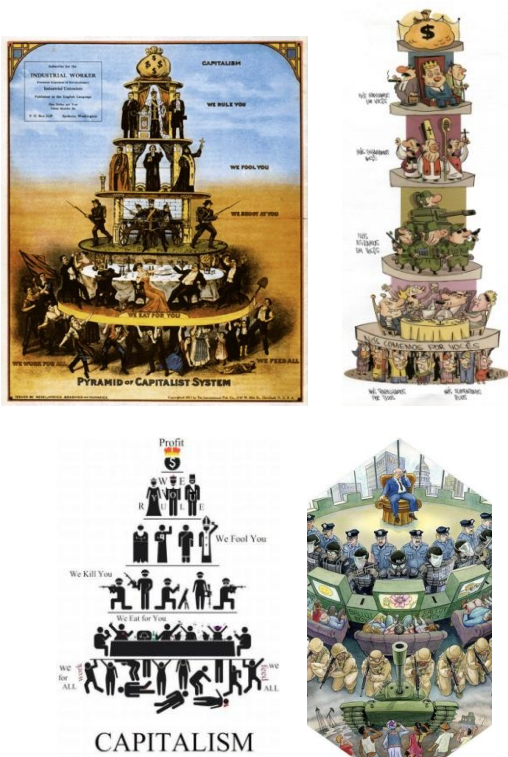
A última, digamos que pode ter sido desenhada bem recentemente. As legendas, tomadas de onde foram publicadas, podem ser aplicadas a outras épocas da história humana como temos aprendido nas escolas, e mudarão as personagens, sempre dentro do mesmo esquema e lógica de quem está no topo é o que manda.

As maiorias, demais habitantes, trabalhadores, proletariado, cidadãos estão sempre nas bases. No meu entender, em séculos passados as bases seriam a plebe, vassalos e membros das classes inferiores de todos os povos. Mitos, ideias, verdades ou mentiras?

²¹¹ Imagens reduzidas, reproduzidas e legendas condensadas de <http://www.anovaordemmundial.com/2009/06/piramide-capitalista.html> e <http://economiasocialistads.blogspot.com/2008/07/da-piramide-blindagem-do-sistema.html> e <http://economiaclara.files.wordpress.com/2010/02/diplo-como-as-coisas-funcionam1.jpg> <http://evandrocesar.posterous.com/a-piramide-do-capitalismo>. Acessos em 21 jun 2011. Para ampliá-las sugere-se acessar os links.

²¹² Atribuída ao sindicato Industrial Workers of the World —Trabalhadores Industriais do Mundo— (IWW ou os Wobblies), fundado em 1905 nos Estados Unidos da América, com presença no Canadá e com algumas representações ao redor do mundo no decorrer do Século XXI.

Figura 06 . As pirâmides/torres do capitalismo



A Velha Pirâmide Capitalista de 1911:

- 1) O dinheiro no topo
- 2) Nós mandamos em vocês (reis, aristocratas); grande burguesia, capitalistas, proprietários e monarcas
- 3) Nós enganamos vocês (religião, bispos, papas); o sustentáculo ideológico e político da igreja e do Estado (judiciário, legislativo)
- 4) Nós atiramos em vocês (militares); Como instrumento de coerção o exército
- 5) Nós comemos por vocês (burguesia); pequena burguesia
- 6) Nós trabalhamos por vocês - Nós alimentamos vocês; o proletariado

A Nova Pirâmide Capitalista:

- 1) O "rentista", "investidor da bolsa", acionista de grandes corporações
- 2) A "guarda de honra", seu exército privado
- 3) A "tropa de choque" dos exércitos nacionais que garantem a "normalidade" do sistema contra "distúrbios"
- 4) A classe média, a antiga "pequena burguesia", e o que resta do proletariado do saudoso "welfare state" **todos alienados e anestesiados pela mídia dominante**
- 5) O exército do império, combatendo os "terroristas" que ameaçam o "modo de vida ocidental"
- 6) Os povos "bárbaros" não ocidentais, aqueles que ainda vivem do seu próprio trabalho
(Grifo meu)

“Tu deves” e “Eu quero”

Essa pirâmide capitalista só tem sentido se a concebemos não como pirâmide, mas ao contrário, como torre, torre de desentendidos que falam a mesma língua no topo, e sabem como distrair sua impostura – anti-ética – aos que estão mal se comunicando abaixo. Não há sorrisos numa torre assim, a comunicação se dá por ranger de dentes. Uma característica/função de ser torre é a de barrar justamente a subida do outro, evitar a tomada e o assalto. Torre é momento de “descensão” para o outro, a lhe dizer para tirar daqui o pezinho, não meter o nariz com o que não se “deve”, apegar de seu cavalo e seguir andando na chuva.

As pirâmides, por sua vez, são indicadores de movimento de ascensão, de indicar para quem as mirem, de longe ou em suas bases, que se pode ouvir as estrelas. Pirâmide é coisa para tresloucados, para quem morre de saudade do céu. É um sinal de que se pode segui-las e encontrar caminhos.

Nos desenhos daquela torre capitalista percebe-se no meio dela, na figura que representa a nova ordem vigente, a mídia dominante que busca “anestésiar”. Entretanto, parece que hoje há um crescente debate sobre a mídia servindo não mais aos estados como aparelho ideológico deste, mas como aparelho do mercado no capitalismo renovado da globalização econômica. E, nesse

mundo atualíssimo, parece que as mídias querem ser muito mais que “o” estado, quando se compreende que deixam de ser aquele “quarto poder” crítico e exterior ao executivo, legislativo e judiciário para querer se tornar o “próprio” poder, colocando-se na defesa de causas muito próprias²¹³, no que me parece ser as do mercado. Mercado que dominam e controlam mais e mais nessa era de informação/conhecimento/comunicação/digital.

Seria coincidência que entre os homens mais ricos do mundo de hoje estão aqueles que controlam os impérios de comunicação? Seria coincidência que estas mesmas pessoas têm sido eleitas como presidentes ou primeiros-ministros? Relembremos aquela frase de Roberto Marinho (“Sim, eu uso o poder”) relacionando-a com daquela outra do absolutíssimo Rei Sol, Luis XIV (“O Estado sou eu”). E, para reflexão, vamos juntando as duas numa que me transparece ser (moeda)corrente para os donos das mídias na atualidade, os proprietários da “impren\$á”: O poder sou eu.

Nessa lógica do mercado/poder de todos os tempos, sobe-se ao “topo” do poder fazendo o mesmo jogo, tomando e tornando-se parte dele, calando-se, emudecendo-se, fazendo-se cego aos que ocupam o nível inferior, parecendo também não haver “espaço” para a lógica dos direitos humanos. E, a história comprova o quanto e como aos “antigos” e “superiores níveis” de poder ascenderam os membros dos “níveis inferiores”. É plausível pensar que na atualidade sobe-se aquela pirâmide/torre controlando os meios de produção da informação, do conhecimento, dos meios de comunicação.

No entanto, nessa lógica também há contradições, e se por um lado, o poder dos sujeitos está no seu poder de compra, de consumir a última novidade do mercado, de “dever” algo a alguém pagando uma prestação com seus juros e usuras, para diversos estudiosos há também o outro lado. Este seria o poder dos sujeitos participarem de outras formas na construção de sua cidadania como pertencimento, na perspectiva de uma contra-hegemonia, não apenas pelo viés do consumismo, mas pela

²¹³ RAMONET, Ignacio. La manipulación de los grandes medios. Acesso em 08 mai 2011, disponível em http://lapistaoculta.com.ar/index.php?option=com_k2&view=item&id=602:ignacio-ramonet-hoy-los-medios-de-comunicaci%C3%B3n-constituyen-un-poder&Itemid=164

possibilidade de práticas educativas e culturais transformadoras no interior dessa mesma lógica.

Entretanto, se a lógica do sistema (mercado/economia) é excludente, desumanizadora, alienante no sentido de provocar o des-pertencimento de si mesmo, de fragmentar a tudo e a todos, de afastar-nos uns dos outros e de nós mesmos, de evitar que tenhamos o mínimo de momento propício à reflexão visto o literal bombardeamento de apelos que chegam por todos os lados - de informação inclusive -, como os sujeitos poderiam se libertar, e se libertarem em grupos, em povos, nações ou como cidadãos habitantes de um mesmo planeta? Se os estados ditos democráticos foram conquistados a duras penas pela luta no decorrer dos séculos, como fica a questão de que seria este mesmo estado é que deveria estar adiante na defesa do interesse dos com-cidadãos?

E, se os meios de comunicação estão concentrados em mãos de oligarquias que monopolizam a atenção dos cidadãos no interesse desse mercado, bastaria que as práticas educativas e culturais pontuais transformadoras em comunicação para um Outro Mundo se circunscrevessem dentro de ações alternativas que não têm o “poder de penetração” das grandes mídias?

E, se na lógica desse capitalismo for esse o papel das mídias tradicionais, o de nos fazer esquecer nós mesmo como sujeitos críticos/ativos e de direitos, para fazer acreditar num ideário como se fosse um plano a que todos deveriam estar submetidos? E, se o papel dos telejornais fosse - sob o comando de uns poucos detentores dos meios de produção da informação – o de criar as pautas de discussão nacionais e internacionais, ou simplesmente nos des-informar? Des-informar de nossa humanidade, de nossos direitos à verdade e de nos ludibriar com versões bem trabalhadas dos fatos para nos saciar a fome de informações sobre o mundo, construída ao longo dos tempos? Os meios de comunicação nos ocultam o mundo, como afirma Serrano (2009)? ²¹⁴ Temos de aprofundar no que seja essa desinformação para querermos realmente nos informar do que

²¹⁴ Esta perspectiva pode ser levantada como uma das questões submersas na relação das mídias e telejornalismo com a sociedade. Textos e comentários sobre a obra estão disponíveis em <http://filosomidia.blogspot.com/2011/02/midia-e-ocultacao-da-verdade.html>; e em resenha na página do autor em <http://www.pascualserrano.net/noticias/resena-de-desinformacion-y-trafficantes-de-informacion>

realmente se passa? A não existência de telejornais para crianças seria uma constatação de que desde o mais cedo possível elas estão sendo des-informadas pelos programas a que assistem?

E, se naquela mesma lógica e na da não ingerência do estado na economia os interesses das oligarquias andassem atrelados e amarrados a duas questões preciosas para manter o controle da sociedade: a desregulação do mercado e a privatização? E, se nessa razão estivessem as justificativas para o movimento contrário à democratização dos meios de comunicação? E, se internacionalmente esse movimento patrocinasse que os estados perdessem sua soberania sob as exigências do mercado, fazendo *lobby* junto a congressistas para que pouco a pouco as leis de cada povo se ajustassem a uma ordem única, hegemônica, como se essa democracia capitalista fosse a única maneira e se “viver bem” nesse mundo? E, nesse sentido, qual é a diferença/lógica entre “viver bem” no mundo capitalista e “bem viver” numa outro mundo possível?

E, se o papel dos telejornais também fosse o de nos “distrair” ao “encobrir”²¹⁵ as questões centrais que engendram as desigualdades, a miséria, a fome, a pobreza, as guerras, as mortes no trânsito, a falência do sistema público de saúde, os assassinatos, a corrupção (do adversário político), a violência, as greves, os escândalos de toda ordem que são apresentados de forma espetacularizada²¹⁶ e cotidianamente pelos programas? Programas que as crianças assistem. E, por isso mesmo, parece ser preciso também criticar/produzir/ver/refazer o telejornal para além do capital, se queremos um mundo diferente para elas e para nós mesmos, além de considerar que elas próprias “reclamam” da violência nos telejornais, enquanto sentem-se “pressionadas” a assisti-los.

E, se o papel das forças armadas e policiais fosse o de garantir que essa ordem estabelecida não fosse perturbada quando alguém, ou algum grupo, saísse da “linha demarcada” pela democracia, a do livre-mercado? Num mundo assim não

²¹⁵ Ver texto de Eduardo Montes de Oca, “¿ Gran prensa? Gran encubridora”, com referência na Bibliografía.

²¹⁶ Não é proposição desta pesquisa agora aprofundar no tema da “sociedade do espetáculo”, senão o de identificar temas submersos que se relacionam com telejornal e crianças. O livro “Comunicação e sociedade do espetáculo” traz análises que poderão seguir ao encontro para essas reflexões, em especial no capítulo 3, “O espetáculo no telejornal sensacionalista”, por Jaime Carlos Patias.

poderíamos dizer que há algozes e vítimas em lados antagônicos? Seria um mundo de poucos 1% se contrapondo à realidade de outros 99% de pessoas? Um mundo desumanizador, e outro desumanizado assim existe, ou não?

No meu entender e relações que estabeleço, é num contexto de mundo entre relações desumanizadoras e de desumanizados assim que estão o poder e essa é a mídia do “Tu deves” das palavras e sentidos de Zaratustra tornando-se atuais, do peso de gerações que se curvam diante de valores milenários que não se devem mudar, inalteráveis no seu poder de dominar. Ao “Tu deves” a humanidade parece venerar e aceitar carregar por eras sem fim a carga de um velho mundo se fazendo também de camelo obediente. Esta humanidade adoradora serve ao camelo “Tu deves”, e segue em caravana ouvindo a ladainha das disfarçadas intenções: tu deves fazer isso, tu deves fazer aquilo; tu me deves, pague e siga vivendo...

O “Tu deves” como poder sempre quis governar e encontrou um meio de se fazer lá em cima da torre para sempre. Enquanto todos os outros forem “boiada” de camelo - cáfila telespectadora passiva – do alto da torre não se fará nada sobre o pranto que há lá embaixo. Apesar de saber que esse ciclo não é tão linear assim e, que por vezes, parece que a “boiada” aceita sem muitas resistências ser boiada. Alguns não! Não aceitam, e organizam movimentos e alternativas para a mudança...

A outro profeta persa - Mani - é creditado todo um entendimento de uma doutrina fundada nos princípios opostos do bem e do mal, da luz e das trevas, e suas ideias se sincretizando à outras de caráter filosófico, religioso que finalmente também influenciaram muito da maneira e da lógica do pensamento de muitos cientistas. Então, o que seriam o bem e o mal, as luzes e as trevas na luta milenária para a defesa dos direitos inalienáveis dos homens, das mulheres e das crianças? Quem é do bem ou do mal nessa lógica excludente do capitalismo e também de tantos outros sistemas? Quem é o amigo e o inimigo? Quem é o (mesmo) inimigo ou (outro) amigo que se mani-festa nos espetaculosos telejornais das TV?

No mais, se não se “pode” com um inimigo ou amigo, juntar-se a ele se dá em duas vias: de cima para baixo e vice-versa. Os donos do sistema cooptam assim, chamando das camadas inferiores da torre babilônica um ou outro para subir, e participar do movimento de desentendimento, de não falar a

mesma língua, de saber ranger os dentes em sorrisos de camaradagem tolerada. E, nossa democracia parece ser assim. Acredita-se naquele em que se votou, sem se saber se este é cooptado pelo sistema, ou não. Acredita-se naquele que dentro dos princípios meritocráticos “venceu na vida”, sem se saber se este subiu aos mais altos níveis daquela torre por troca de favores e concessões.

A democracia é algo a quem a mídia confia, serve, e propala como ideal para todos os outros. Nas eleições as mídias fazem coberturas cada vez mais fantásticas e tecnologicamente atraentes dos pleitos. Nas prisões dos homens de colarinho branco é sempre discreta e, porque existem favores a serem trocados, não se noticia isso ou aquilo nos telejornais. Quando os fatos se dão na luta pelos que querem o poder as mídias também mostram os eventos, isso ou aquilo, com cores mais fortes ou fracas dependendo do bem ou do mal que pode causar á cada grupo participante do jogo.

Desvencilhando esse amarrado em que as mídias se encontram, na atenção aos direitos que foram conquistados à custa de se querer entender e proteger a sociedade daquelas antigas e velhas ideologias, surge o “Eu quero” percebendo novas possibilidades a serem observadas. Há que se reduzir ou minimizar os impactos que as mídias têm sobre a sociedade, frear suas possíveis “más intenções” e “más influências”, ressaltar a necessidade de transparência e suas evidentes “boas intenções” e “boas influências”. E, diversos estudiosos do campo da Mídia-Educação afirmam que as coisas não são tão simples assim, pois mais do que “boas e más influências” e “boas e más intenções” da mídia, há diferentes formas de se relacionar com aquilo que a mídia oferece, sobretudo se pensarmos nas possibilidades de mediação. E, nesse caso, seria preciso a força de um leão para se voltar contra aquela força esmagadora.

E, se “criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode o poder do leão” (Souza, 2008), aí é que haverá o campo de ação da mediação defendido pela Mídia-Educação. É preciso pensar, saber e fazer, proporcionar que nos relacionemos de modo diferente *com, para e através* das mídias, e a liberdade para a “nova criação” nessas possibilidades começa justamente neste “querer” e poder fazer a diferença. A Mídia-Educação é, então, o

passo fundamental onde estaria sendo forjada a liberdade para a criação do novo.

Às vezes cooptados, há os que sendo camelos se passam por “leões rompantes”, postados imponentes à entrada de lugares importantes. Talvez, nessa analogia, sejam os contemporizadores sobre as “influências” das mídias. Mas claro, as mídias não têm vida própria, elas são apenas veículos de um pensamento, e quem os domina determina direção e sentido.

E, entre camelos e leões que se espreitam um dia surgirá a criança naquela transformação, aquela que tem o poder de “criar valores novos” (Idem). E, o homem humanizando-se, livre de tantos pesos, amarras, “deveres” e “quereres”, que nas contradições do sistema e nas resistências àquela ordem das coisas seria, enfim, aquela esperada e esperançosa transformação em criança? A mediação educativa na relação entre seres humanos e mídias possibilitaria os espaços necessários para que o gérmen da liberdade despontasse para a criação de novos valores não só para a informação de qualidade, democratização dos meios de comunicação e uma outra sociedade? Esse seria o papel da Educação, da Comunicação, da Mídia-Educação?

E, o que é a liberdade? Quem e como seria esse homem, essa criança, esse super-homem? Eu reafirmaria e perguntaria:

O homem que se tornou livre, e ainda mais o espírito que se tornou livre, calca sob os pés a desprezível espécie de bem-estar com que sonham merceeiros, cristãos, vacas, mulheres, ingleses e outros democratas? O homem livre é um guerreiro? (Nietzsche , 2000, p.35)²¹⁷

Para ser um homem livre, uma criança, é preciso lutar por algo, alguma coisa? É preciso lutar *para, com, e através* de algo, ou por algo ou alguma coisa para que o “processo” de transformação dê à luz a criança em nós? Enquanto seres humanos nesta sociedade é “querível” criar novos valores? É possível criar um outro mundo sem os “merceeiros” que inventam as nossas necessidades, até as informacionais?

²¹⁷ Crepúsculo dos ídolos: ou, como filosofar com o martelo. Versão “Sabotagem Contracultura” sem data, acessada em 26 set 2009, disponível em http://www.4shared.com/get/_KKIIMIL/CrepusculosIdolos-FriedrichN.html

No século da “eletronicanonização”, da hipermídia e digitalização elevando os meios de comunicação à categoria de santos da luz sobre as trevas, os novos oráculos com seus sagrados conhecimentos a serem também venerados, vem a Mídia-Educação estudar quem move e o que são esses processos, quando e como, onde e por que se dão, atuando nas fronteiras dos campos da educação e da comunicação, especialmente focando nas possibilidades de a escola estar fazendo a mediação com as crianças também para o des-velamento, des-encobrimento daquela ordem vigente.

Assim, creio eu que o que se pode também estudar na contemporaneidade, compreender mais e mais, são as pessoas que movem as mídias, e saber mais sobre como aquela ordem das coisas se estabelece nas paisagens das relações humanas, nas confusas e confundidas relações entre o que me parece ser a economia mandando, a política obedecendo, a educação ensinando e a comunicação reforçando a ideia daquele velho/novo mesmo mundo daquele sistema.

Penso que é preciso cada vez mais, e sempre, procurar o que seja justo e verdadeiro numa perspectiva para uma sociedade do bem viver para todas as pessoas, para uma lógica que não exclua ninguém dos direitos humanos mais fundamentais e inalienáveis, em todas as suas dimensões.

É um mito, uma ideia ou uma verdade o fato de que existe uma indústria de produção de informações que dá notícias na perspectiva de que ela é a dona da verdade? É um mito o fato de a programação da TV está recheada de valores que induzem ao consumismo? É uma ideia sensata o fato de que uma Constituição forjada na disputa de grupos pelo poder seja ainda desrespeitada após duas décadas de sua promulgação? É verdade que a democracia pede a punição exemplar daqueles que infringem a lei que é para todos? Quais tantos outros fatos temos diante dos olhos que deixam perceber que há algo errado acontecendo ao redor do mundo, que leva a população às ruas reivindicando mudanças radicalmente novas para uma sociedade em que bem viver seja possível?

Sobre o debate envolvendo os argumentos das grandes mídias invocando a liberdade de expressão (liberdade de expressão dela, selecionando o que deve ser ou não noticiado), no contraponto das vozes que se levantam ao redor do mundo exigindo aquelas tais mudanças, podemos refletir muito mais

aquém e além das armadilhas colocadas para justificar o discurso oficial, no que a jornalista Elaine Tavares explicita claramente:

E quando a sociedade organizada quer discutir sobre o que sai na TV, que é uma concessão pública, aí essa atitude "absurda" vira um grande risco de censura e de acabar com a liberdade de expressão. Bueno, ao povo que não consegue se informar pelos meios, porque estes censuram as visões diferentes das suas, basta observar quem está falando, quem é contra os conselhos. De que classe eles são. Do grupo dos dominantes, ou dos dominados?²¹⁸

E, se as mídias – as grandes corporações dos meios de comunicação – não só inoculam ideologias, por que ela não participa dos debates, dos fóruns, e não se adianta no processo de democratização dos meios cedendo voz aos sujeitos dissonantes da lógica vigente espalhados pela sociedade? Por que as vozes insurgentes não aparecem nas grandes mídias, nos tradicionais meios de comunicação, no telejornal à hora das refeições?²¹⁹

E, aí é que muitas vozes - dos sujeitos dissonantes da mesmice - se erguem para lutar, quando na resistência se organizam na sociedade (ONG), nos meios políticos (Frentecom), nos meios de comunicação alternativos (Rádios e TV comunitárias, blogues, redes sociais) e, quando necessário e possível, nas ruas, sob a saraivada de cacetes e gás lacrimogêneo, prisões, em geral tratados pelas mídias como “tumultos”, “desordens”.

²¹⁸ Liberdade de expressão: uma armadilha para pegar quem? Acesso em 13 nov 2010, disponível em <http://www.iela.ufsc.br/?page=noticia&id=1559>

²¹⁹ Franco Berardi, o Bifo, ensinando insurreição e uma escola de revolta. O filósofo trata a relação entre comunicação e resistência, e da crise atual do capitalismo e das potencialidades da crise, junto às multidões nas ruas. Disponível com indicação de vídeos e links em <http://filosomidia.blogspot.com/2011/03/franco-berardi-bifo-ensinando.html>

Episódio exemplar da pressão dos entrevistadores dos grandes meios de comunicação sobre a posição do entrevistado: Protestos na Inglaterra tratada em entrevista com Silvio Caccia Bava, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=gj4rCWorgDo>
 O discurso de Slavoj Zizek no Occupy Wall Street, em 09 out 2011, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=eu9BWlcRwPQ&feature=player_embedded
 O discurso de Naomi Klein também no Occupy Wall Street em 06 out 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ZBY2v-8wO6I>

Neste quadro a Mídia-Educação entendida na sua tridimensionalidade (1) “como um campo de conhecimento interdisciplinar na interseção das ciências da educação e comunicação, em construção; (2) como disciplina curricular ou eixo transversal; (3) como prática social e cultural em diferentes contextos escolares e extra-escolares que signifiquem um trabalho de educação midiática” (Fantin, 2011) tem também nas suas ações em ensino, pesquisa e extensão a oportunidade de desvelar fatos, verdades, ideias e mitos nessa relação entre Educação e Comunicação e sujeitos (a)críticos, (não)autônomos, (des)participantes e (in)ativos cultural e midiaticamente, bem como nessa relação (in)específica dos telejornais com as crianças.

Entretanto, ainda me parece que a Mídia-Educação sendo leão ainda tem muito de camelo dentro de si mesma e, que a seu tempo se transformará em criança. Se ela é uma definição em construção nas articulações e movimentos, se ela sabe que como leão protegerá os direitos da criança que ela “conhece”, naturalmente que neste processo ainda passará por transformações se, num dia/tempo/espço, querer se saber, se querer a ser numa postura de criança-super-homem nietzscheniana. Criança livre para se des-cobrir e des-cobrir o outro como

sujeito crítico e criativo, um usuário ativo e responsável no uso das mídias, tecnologias; democratização de oportunidades educacionais no sentido de interpretação, acesso e produção de saberes na cultura digital; educação para a cidadania instrumental e de pertencimento cultural; e ampliação dos repertórios culturais e desenvolvimento da capacidade comunicativa e expressiva com o uso de múltiplas linguagens”(Idem).

Enfim, o telejornalismo praticado atualmente parece estar nesse esquema de funcionamento das coisas: temos um pé de camelo, um pé de leão e cabeças pensantes procurando cuidar dos passos da infância e das crianças nesse labirinto/mundo de Educação e Comunicação, também inseridas no sistema. Como escapar do labirinto? Derrubando-o à marteladas? A golpe de

foices, baldes, pás e ancinhos, lápis de cor e pincéis, ou num apertar de teclas?

O que fazer para romper com essa lógica de aceitarmos a dor da exclusão de tudo como um destino cruel, que mesmo chorando devemos suportar como carga pesada própria dos explorados e excluídos de qualquer traço de dignidade humana? Além de indignar-se ou mobilizar-se ante os fatos, o que mais é possível para transformar nossas posturas, crenças, verdades? O que é possível ser/fazer para ter o poder de criar novos valores?...

Neste processo de criação e re-criação os “sábados”, mitos, ideias e verdades passarão por transformação para bem vivermos numa sociedade de justiça, ética e direitos humanos respeitados? Um outro mundo é possível numa sociedade de Amor nas bases das relações? Os meios de comunicação foram feitos por causa da necessidade de socializar e ampliar o conhecimento, o saber, a sabedoria? Como des-cobrir que as mídias foram feitas para os seres humanos e não o contrário? O que fazer para que o telejornal atenda as necessidades e especificidades das crianças?

A Mídia-Educação re-evolucionará nos conceitos, até mesmo nos seus e de si própria, desde que vem sendo discutida ao longo de um século em que a sociedade passou por profundas transformações também? O camelo e o leão se transformarão em criança e descobrirão novos valores em uma necessária postura radicalmente nova além desse destino que foi traçado ao longo dos milênios? Livre das cargas e pesos da tradição que subjagam, a postura de criança-super-homem investirá os seres humanos de um poder para a criação não só de novos, mas de outros valores para outra sociedade? Como a Educação e a Comunicação, a Mídia-Educação e os meios de comunicação enfrentarão essa onda eternamente criando e re-criando formas além do bem e do mal?

Percebe-se pelo levantado nessa investigação da extrema necessidade e importância de apoiar a educação das novas gerações nas suas relações com o mundo que as rodeia, mais ainda com o advento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em meio ao aparente caos da sociedade, dessa sociedade de produtos, de consumo, de consumidores, de mercadoria. A informação, nessa sociedade, tornou-se também mercadoria, e tem seu preço ajustado pela lei da demanda e da

oferta que os donos do mercado da mídia sabem muito bem manipular e “regular”.

Recordo-me aqui que, na educação, muito já foi debatido sobre a “educação bancária” de Paulo Freire. E, poderíamos ampliar sua discussão para a “informação bancária”. Não seria essa uma visão que poderíamos ter de uma educação e comunicação numa abordagem inoculatória em geral a ser considerada nesse mundo contemporâneo, e em particular na desregulada área da Comunicação Social e super regulado sistema de ensino no Brasil? E, diante disso, o que fazer quando o telejornal produz tanta “obesidade informacional” através da dieta midiática oferecida ao telespectador pela manhã, tarde, noite e madrugada?

4.3 - Descobrimo muito mais no iceberg: o mundo da fantasia e o mundo real

Como pudemos perceber no trajeto dessa viagem em busca das relações entre telejornal e crianças no Brasil, sob o iceberg encontram-se questões que se imbricam e se relacionam, que fazem sua forma e definem o porquê de não existir um telejornal para elas e sua inadequação para a sua percepção e compreensão de mundo.

E, aquela viagem que começou em busca de algo por aquela pontinha contida na pergunta da criança sobre “o que é molestar de crianças”²²⁰ foi descobrimo mais e mais questões. Vimos também as observações de pesquisadores e atuantes na área, que na elaboração de um telejornal para as crianças certos aspectos deveriam ser muito bem considerados para isso. Observamos alguns princípios e diretrizes editoriais, profissionais, éticas e estéticas que respeitem os direitos, as necessidades e especificidades do universo da criança.

Penso que todos, absolutamente todos os telejornais deveriam repensar seus “modos de fazer” e de falar ao público, quando a juventude dá claros sinais de que aquilo que lhes é dado como notícia poderia ser de outro jeito. Relembramos Buckingham (2007, p. 263): os jovens “desejam programas que tenham a ver com suas preocupações cotidianas, largamente

²²⁰ Vide “Um telejornal na hora do almoço”, final do Capítulo I.

marginalizadas pelos grandes telejornais”, além de querer que seus pontos de vista estejam contemplados nesses programas.

Aquelas crianças, as que têm medo do mundo que o telejornal apresenta (Duarte, 2008), e aqueles jovens dos quais nos fala Buckingham (2000), que sugere abordagens radicalmente novas, além de tantos outros depoimentos e experiências vivenciadas por outros pesquisadores tentam nos dizer algo - aos professores e educadores -, e a dizer mais alto ainda aos produtores das notícias? O que teriam a dizer? O que é necessário para estabelecer um diálogo?

Como professores, percebemos o pouco espaço para esse diálogo nas escolas, tamanha são as tarefas no cotidiano escolar. E, o que dizer das condições de trabalho desse professor que faria a mediação? Se com o tempo todos os professores um dia serão mídia-educadores, certamente deverão fazer a mediação entre os telejornais e as crianças. E, apesar de certa vulnerabilidade das crianças, delas também poderão vir soluções para as os desafios que estão colocados.

Até na ficção, com Harry Potter, na série lida e assistida por centenas de milhões, bilhões de pessoas ao redor do planeta fala-se da força das crianças e jovens protagonistas na luta contra o opressor, o que mata e quer controlar o mundo. A velha história da luta do bem e do mal. Os adultos nessas histórias são apenas coadjuvantes, quando a maior parte deles não está mesmo é do lado de Você-sabe-Quem.

Com sua famosa escola nas mãos de uma diretora autoritária e “rendida” ao sistema do Ministério da Magia eles se rebelam²²¹. Com o veículo mais importante da imprensa dos bruxos – o “videojornal” que é “O Profeta Diário” – sob suspeita de estar sob o controle do Lorde das Trevas determinando o que devia, ou não ser publicado, são as crianças e os jovens que fazem a rádio pirata ir ao ar para orientar a resistência²²².

E, no final de cada capítulo/livro, assim como no da série são os adultos que se rendem às soluções apresentadas pelas crianças que salvaram o dia. Harry Potter e todo seu universo

²²¹ Harry Potter e a Ordem da Fênix.

²²² Harry Potter e as Relíquias da Morte.

criado por J. K. Rowling podem ser uma inspiração do mundo da fantasia para nós no mundo real²²³.

Talvez o grande segredo do sucesso junto ao público, infante-juvenil e adulto, alcançado por Rowling tenha sido o de captar da visão de mundo das crianças e suas propostas de resolução de problemas colocados, a partir da realidade e de suas experiências de meninos e meninas que há pouco entraram para a escola. Na sua obra se expressam o amor à família, à escola e suas (im)posturas, ao mágico mundo dos bruxos e à sua relação com o mundo dos (adequadamente chamados) “trouxas” que ali naquela sociedade britânica até têm muito a ver com a história daquele povo. Mas, sobretudo, em sua obra vemos o valor universal da amizade, da coragem, da lealdade e da luta daquela meninada por uma vida e mundo diferente daquele que lhes queriam impor como verdadeiro. Um mundo que não só a jornalista Rita Skeeter comprou, mas ajudou a construir e vender pelo jornal dos bruxos, um mundo a que se renderam ministros, autoridades bruxólicas, professores, até algumas poucas crianças.

O jornalismo que corrompe para conseguir o “furo”, a notícia em primeira mão, que faz a notícia mercadoria valiosa a ser jogada no mercado para os consumidores ávidos, parece estar entrando em colapso não só no mundo da fantasia, mas também no mundo real. Na série de livros/filmes muita podridão foi revelada quando subiram à tona as causas e formas daquela corrupção em busca de poder. Tal qual se deu no mundo dos bruxos, o que antes era segredo oculto do grande público hoje é revelado através de várias frentes e meios que a sociedade tem em mãos. Isso se deu nos filmes de Harry Potter e, eu creio que foram bem mostradas as passagens, no livro e nas cenas dos filmes, da importância que as crianças e juventudes tiveram no transformar o mundo. A meninada deu o troco, lutou, resistiu, venceu.

E, parece que a juventude vem se levantando em torno de um ideal ao redor do mundo, haja vista as manifestações de

²²³ E, no mundo real, da mesma terra de Potter vemos o escândalo que mal começou envolvendo a indústria da informação do grampo de telefones para se obter informações privilegiadas para empresas privadas no mercado das mídias. Creio que, assim como o Lorde das Trevas, da ficção, Rupert Murdoch ainda viverá o bastante para ver muitas modificações acontecerem. Bruxaria do mal contra a bruxaria do bem, o feitiço dele pode virar-se contra o próprio feiticeiro. Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido, ação e reação oposta em sentido, olho por olho e dente por dente, quem sabe?

estudantes reivindicando maior participação nas decisões, de desempregados junto à população sem acesso à melhor qualidade de vida. Por que estes jovens insistem em querer mudar o mundo, não está bom assim? A canção revolucionária francesa “Allons enfants de la Patrie, le jour de gloire est arrivé! Contre nous de la tyrannie, l'étendard sanglant est levé”²²⁴ ecoa no ar do Velho Mundo, na selva de pedra de Wall Street. Qual seria a canção de hoje, contra o que se luta? Enquanto isso, as grandes mídias mal informam ou não noticiam sobre o que está acontecendo²²⁵.

Por falar de bruxarias... no contraponto dessas mobilizações, considerando o quanto depositamos nossas crenças naquilo que é transmitido pelos meios de comunicação, um caso famoso do passado é lembrado para ilustrar isso: Véspera do Dia das Bruxas de 1938²²⁶, e foi representada a invasão dos marcianos na forma de uma cobertura jornalística, com todos os recursos utilizados em radiojornalismo da época a que os ouvintes estavam habituados, que acreditavam absolutamente na verdade da notícia. Pânico generalizado, fuga em massa, desespero. Orson Welles foi o responsável por essa proeza, e depois disso entrou mais ainda para a história.

Esse efeito provocado pelas notícias que vêm hoje pelas mídias como porta-vozes da verdade, e os ouvintes/telespectadores acreditando piamente nas versões e histórias, eu chamaria de **“Efeito Orson Welles”**: acredite, porque eu quero, porque eu sei.

Seguindo nesse pensamento, como (distr)ação nas causas-efeitos nestes sentidos das mídias tradicionais

²²⁴ Primeira frase do Hino francês “La Marseillaise”, 1792. Avante, filhos da Pátria, o dia da Glória chegou! O estandarte ensangüentado da tirania contra nós se levanta (Tradução livre).

²²⁵ Por exemplo, o movimento estudantil e suas reivindicações na América Latina, Chile, Colômbia, Equador; o Occupy Wall Street se estendendo a outras regiões nos Estados Unidos da América; os estudantes e imigrantes em Paris, e as mobilizações nos países árabes. Há que se lembrar que existem também manifestações estudantis atualmente na China, obviamente censuradas, como foi no famoso protesto na Praça da Paz Celestial em final dos anos 80.

²²⁶ 1938, Rádio Teatro Mercury, New Jersey/EUA. Representação de adaptação da obra de H.G. Wells, “A guerra dos mundos”. Ver artigo “OK marcianos, vocês venceram!” de Gisela Svetlana Ortriwano, jornalista, doutora em Ciências da Comunicação e professora de radiojornalismo na ECA/USP. Coordena o NJMT – Núcleo de Jornalismo, Mercado e Tecnologia. Acesso em 31 mar 2011. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-marcianos.html>

criando/reproduzindo (falsas) identidades ainda consideraria que, à atração aparentemente irresistível ao apelo sedutor do telejornal como fonte segura de informações que nos sequestra a atenção eu chamaria de **“Efeito de Estocolmo”** numa alusão à famosa síndrome caracterizada por simpatia pelo e identificação emocional com o sequestrador/agressor, sofrida especialmente por vítimas de sequestro²²⁷.

E ainda, ao (d)efeito “pasteurizador” de conformação de consciências a um pensamento (des)educativo-(in)comunicacional único, que fala com a “autoridade” de eu-sei-tudo-e-você-não-sabe-de-nada-Quem, como “Príncipe” no telejornalismo, eu chamaria de “Efeito Bonner Simpson”²²⁸, intimamente associada à **“Síndrome de Clodovil”**, aquela de que tem “opinião formada sobre tudo”. Quanto ao **“Efeito Estufa”** quase todos sabemos o que seja isso. E sobre o **“Efeito Borboleta”**, quando o bater de asas de pequenina borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas, talvez provocando um tufão do outro lado do mundo? O que sabemos?

E, então, é compreensível que tudo o que parece ter sido tocado por mãos (des)humanas e desumanizantes no sentido de desfocar as pessoas dos temas submersos à lógica exploratória do capitalismo traduzido nos telejornais cria um paradoxo indicativo que classifica essa alienação. Telejornais, noticiosos, programas esportivos, ao vivo e eleitorais que ocupam extensa faixa da grade das TV na “programação” do desconhecimento das causas de tantas aflições no mundo, e que justamente não passam pela classificação indicativa, criam o “Paradoxo Neo-Globalizante” nessa “zona de eventos” que confunde as pessoas no “neo-globo e você - nada a ver”, enquanto olham para a televisão e suas notícias. Quase tudo o que as grandes mídias tocam parecem

²²⁷ O caso mais famoso da Síndrome de Estocolmo é o de Patty Hearst, ironicamente neta do magnata da comunicação americano, William Randolph Hearst, sequestrada em 1974, e que depois foi literalmente viver com seus raptos e participar como cúmplice de assaltos com eles. O termo foi cunhado pelo criminólogo e psicólogo Nils Bejerot em 1973, a partir de um caso semelhante observado neste mesmo ano, e hoje adotado por muitos psicólogos no mundo todo.

²²⁸ Vide dentre tantas referências e debate sobre o tema a que aludo o artigo “De Bonner para Homer” em <http://vsites.unb.br/ceam/nemp/bonner.htm> e artigo no Observatório da Imprensa disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/laurindo_lalo_leal_filho acesso em 26 set 2009.

perder o brilho ao se reduzirem a meras trocas de favores pelo vil metal. Enfim, esse é o paradoxo dos meios de in-comunicação...

E, bruxarias por bruxarias, o europeu Você-sabe-Quem e a Bruxa Malvada do Leste – que a gente sabe quem é - são tão anti-democráticos quanto autoritários. Na ficção e na vida real, quantas semelhanças, quantas coincidências, quantas ideologias, quantas histórias, filmes e fatos com “rabos se amarrando”, macacos voando, quantas armadilhas, quantos adultos negligentes, quantas crianças “lá embaixo” e consideradas sem importância lutando pela transformação do mundo em que vivem para o mundo que querem. Quantos segredos obscuros que foram revelados. Quantos discursos na ficção e vida real que nos remetem à liberdade de expressão enfrentando as opressões...

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. (...) Deus está dentro do homem - não de um só homem ou um grupo de homens, mas dos homens todos! Estás em vós! Vós, o povo, tendes o poder - o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela ... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto - em nome da democracia - usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo ... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.²²⁹

E, se no caminho de pedras amarelas cada um procura no mundo aquilo que não tem - cérebro, coração, coragem e um lar - algo que nem precisa da Psicanálise explicar muito para qualquer um entender “de cara” ali no “Mágico de Oz”, vamos querer descobrir mais e além dos tufões e arco-íris o que é ou não é nas mídias e seus telejornais.

Muitos não acreditam em seres do Outro Mundo, mas que eles existem, existem... E, falando em ficção e vida real, mitos, coincidências, segredos, energúmenos, íncubos e súcubos da erotização precoce e infantil, bruxas, magos, profetas, mensagens subliminares, em “metamorfozes ambulantes”, poder, causa e efeito, reviravoltas e revira-mundos, em seres de outro

²²⁹ “O Grande Ditador”, por Charles Chaplin. Transcrição e vídeo disponível em <http://filosomidia.blogspot.com/2011/10/para-libertar-o-mundo-o-melhor-discurso.html>

mundo, em estar “lá embaixo” das pirâmides, torres, ou icebergs...

4.4 - Crianças: uma pauta esquecida pelo telejornal

Vimos também o quanto é sintomático, e eu diria também estranho mas compreensível por uma ótica, o aparente descaso da praticamente inexistência da (pre)ocupação com a adolescência, infância e criança nos estudos que abordam a produção de telejornais nas décadas anteriores. E não só o telejornal em si, mas as questões envolvidas e relacionadas a ele que trouxemos em algumas linhas para colocar na pauta de possíveis e necessárias reflexões no futuro com pesquisadores da área, como a classificação indicativa, erotização precoce, consumismo infantil, legislação. Debate que também propõe práticas nas áreas de cruzamento da Educação e Comunicação.

E retomando a consideração de Vizeu (2005, p. 83) de que “o telejornalismo não tem recebido do mundo acadêmico a atenção que merece”, temos alguns pontos para reflexão e outras proposições para o estudo da relação telejornais e crianças no âmbito da Mídia-Educação. Como visto no início do capítulo I, Vizeu fala do papel do telejornalismo e trazemos “o segredo da pirâmide” de Genro Filho como nas figuras apresentadas (Figuras 1 e 2), demonstrando a singularidade como **forma** da notícia no corpo do texto.

Quando mencionamos o Telejornal Globinho na ponta de um iceberg, ao longo da pesquisa fomos percebendo que muitas outras questões relacionadas a ele se mostravam submersas, perfazendo o corpo de gelo que boiava logo abaixo da superfície. E, lá no fundo, bem abaixo, do outro lado na ponta quase invisível ao olhar aparecia a criança. Foi então que percebi que o lugar da criança no iceberg do telejornal estava invertido tal qual estão as informações menos importantes na pirâmide do *lead* tradicional. Ou seja, no telejornalismo que as crianças assistem - programa que não é feito para elas -, as crianças ocupam o lugar dos sem importância nenhuma.

Creio que para o telejornal as crianças não existem porque elas são justamente vistas apenas como um nicho nesse mundo/mercado de oferta e demanda de produtos, de consumismo, inclusive de notícias. Creio que, quanto mais cedo a criança é bombardeada de informações sobre um mundo que

existe aí à espera delas, mais felizes serão ajustadas à ordem vigente. Mundo apresentado com todas as tonalidades próprias do telejornal, que como vimos, lhes dá medo, que parece ser repudiado pelos jovens, mas é engolido por todos nós dia após dia...

Des-cobrimo o segredo do iceberg

Invertendo aquela lógica do telejornal atual de não ver a criança em suas especificidades de direitos foi des-vendado e des-coberto o segredo do iceberg nessa relação: no topo do iceberg que estava invertido anteriormente agora está a criança e sua singularidade. E, indo ao encontro das hipóteses da pesquisas, às sugestões da banca de qualificação, às entrevistas realizadas, percebo que essa mesma singularidade da criança é o que o telejornalismo atual não contempla, uma vez que ele não a vê como importante, e muito menos que seja importante produzir a notícia especialmente para ela.

Sendo assim, nessa nova lógica na consideração de um telejornal feito *para* crianças pressupõe-se que o local da singularidade da notícia estaria não apenas na **forma**, mas também no seu **conteúdo**. E, isso demanda considerações e necessidades de uma outra **ética** e **estética** na produção das notícias quando se trata de endereçá-las à criança (Fantin, Nogueira, 2011 b). Segundo minhas percepções sobre aquele estado de coisas caóticas vigentes, nem se precisaria fazer um telejornal específico para crianças porque esse mundo do qual o telejornalismo atual é porta-voz já está pronto e acabado, já estabelecido para as pessoas se adaptarem a ele, inclusive a criança.

Em nossa democracia contemporânea os valores consagrados pelos donos do poder, se expressam através dos meios de comunicação a mando dos donos das mídias, que são eles mesmos, o mesmo seletíssimo grupo de cabeças coroadas no topo da “cadeia alimentar” da informação. Os demais, ou seja, o restante da sociedade se reparte nos andares inferiores daquela pirâmide capitalista que vimos anteriormente.

Andares em que parece se situar significativa parte dos que combatem a democratização dos meios de comunicação, inclusive no meio acadêmico. Há que se ampliar esse debate sobre a regulação e democratização dos meios de comunicação

entre professores e estudantes dos cursos no campo de entrecruzamento da Educação e Comunicação. E, se não foi objetivo específico dessa pesquisa como tal questão vem sendo discutida no âmbito da academia, o alerta do Prof. Laurindo Leal Filho, como pesquisador, articulista e ativista desse movimento, inspira a muitos a se ocuparem do tema na universidade brasileira, como notícia a Carta Maior *online*:

A Universidade e as leis para a comunicação

A fundamentação existente na Ley dos Médios argentinos tem grande contribuição acadêmica e poderia servir como referência para a Universidade brasileira. Ao invés de infundáveis e insossas discussões sobre “teorias da recepção”, teríamos o pulsar da vida real das nossas sociedades.²³⁰

E, no meu entender, no decorrer do artigo, ele convoca os membros da academia, no estudo da Comunicação - na dimensão do tripé formado pelo ensino, pesquisa e extensão - a se libertarem da alienação, e fazer o diálogo entre “com o Direito e as Ciências Sociais em geral” enfatizando que isso “colocaria o aluno em contato com a disputa que se trava no continente em torno do papel social da comunicação, deixando mais claro o cenário onde se dará, no futuro, sua atuação profissional (Idem). Isso seria uma abordagem radicalmente nova, ousada e que certamente provocaria transformações pessoais, individuais, coletivas, sociais, e acadêmicas. Convocação que as novíssimas gerações de jornalistas parecem estar atentas quando percebemos no trabalho de Argolo (2010) que a criança em sua “realidade diferenciada” (Idem, p. 59) é o foco das atenções e ações para a mobilização da comunidade escolar na criação de um jornal na escola. Indicando as possibilidades de diálogo entre Jornalismo e Educação, e de conformidade com os direitos que as crianças têm em relação à informação, o autor propõe que

focando as particularidades locais, o jornal na escola pode se firmar como instrumento de ensino, percepção crítica da realidade, pesquisa, discussão e aplicação do conhecimento. Com a participação de

²³⁰ Acesso em 01 jul 2011, disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5106

toda a comunidade escolar, incluindo os pais, nos processos de seleção, produção e divulgação das notícias, acreditamos que o jornal permitirá a pluralidade de vozes e contemplará a formação global do indivíduo. A criança treinará a interpretação dos fatos, relacionará saberes e poderá exercer melhor seu papel de cidadã. (idem, p. 156)

Escrevendo para e com crianças além de professores, este estudo pode inspirar que as mesmas técnicas utilizadas no jornalismo possam se adaptar para trabalhos de telejornalismo a partir da escola. Afinal, como sugere Argolo, “as crianças são bombardeadas por propagandas, programas de televisão, sites da internet, músicas e todo tipo de manifestações da cultura midiática”, e a maioria tendo “como objetivo o consumo, não os valores que transmitem”.

E, seguindo “na contramão desta lógica de mercado” (Idem, p.12) e como ação de comunicação alternativa as crianças poderiam fazer um telejornalismo produzido co-participativamente a partir dos anseios, expectativas e percepções delas, pautadas nos valores humanos ensinados/aprendidos na escola, provocando reflexões sobre uma ética que parece tantas vezes faltar nas mídias.

4.5 - Ética jornalística

Qual ética existe num telejornalismo que se faz de porta-voz desse sistema de coisas, de fazer o mundo no que parece ser destruir o mundo? Entendendo que por toda essa viagem da investigação a questão da ética do jornalista está implícita em cada linha e entrelinha do Código de Ética da classe, destaco apenas um artigo para deixar mais uma pergunta em aberto, quando ainda espero por aquelas outras respostas da entrevista:

Capítulo IV - Das relações profissionais

Art. 13. A cláusula de consciência é um direito do jornalista, podendo o profissional se recusar a executar quaisquer tarefas em desacordo com os princípios deste Código de Ética ou que agridam as suas convicções.

Parágrafo único. Esta disposição não pode ser usada como argumento, motivo ou desculpa para que o jornalista deixe de ouvir pessoas com opiniões divergentes das suas.

Ou seja, quando algum jornalista no exercício de suas funções se submete às imposições da patronagem desse império, desse sistema, está implicado que de algum modo ele abriu mão pela “cláusula de consciência” de sua própria consciência, que ele abriu mão do que consta no código? Neste quadro, mesmo sabendo que o diploma não garante tal compromisso, eu o defendo para o exercício da profissão jornalística. A escola superior, em tese, o capacitaria para desenvolver sua atividade com responsabilidade e seriedade, como se expressa no seu código de ética. Se não fosse assim, quem nos livraria de programas, profissionais e empresas dos meios de comunicação social que não se importam se o código de ética está sendo cumprido?

Que mundo é esse em que vivemos hoje? Que telejornalismo é este que temos hoje, sem pé nem cabeça? Será o telejornal-espetáculo - show de horror - que ignora a vida em suas contradições e rupturas ao sistema e à (des)ordem democrática vigente, que inverte totalmente os valores universais e impõe a visão única de mundo tomando essa “aparência” como predominante, que mercantiliza a informação? (Szpacenkopf, 2003, p. 165-166). É o telejornal que ao que parece indica que a maioria de nós o apreciamos, apreendemos, nos identificamos passivamente, mas, que as crianças e jovens rejeitam? Um telejornal-produto elaborado com requintes nas técnicas de amedrontamento e sedução, que com temperos apelativos é servido aos famintos e sequiosos do alimento informacional como iguaria mais fina ao paladar pelos donos das mídias que, se não sabemos se servem a Deus ou a Mamom, cremos que certamente servem aos interesses do mercado?

Este é bem o deserto criado pela esterilização das (más)vontades, pela recusa ao diálogo esclarecedor. O campo da secura na garganta, o tempo de sair do mundo para pensar nele, por onde certamente passam aqueles que se propõem a reconsiderar as normas vigentes em busca de dar as boas novas. Este deserto, onde esses poucos são testados na sua determinação

de seguir na luta, ou tentados, talvez a desistir, a “vender sua alma”, a naufragar o barco... Na Educação e Comunicação nem só de informação e conhecimento vive o homem, mas também da palavra de sabedoria saída de seu coração, por sua palavra, por sua boca...

Então, que (não)ética move um telejornalismo que não ouve o Outro, que nem percebe e nem considera o Outro? Que (não)ética inspira um telejornalismo que desrespeita as identidades para impor apenas uma como única? Que (não)ética existe em um jornalismo que não tem “sotaque”? Que (não)ética existe em um telejornalismo que fala ao telespectador como se o olhasse “na cara”, mas não olha no olho, mente e desmente, e não vem ao debate, não enfrenta o Outro face a face? Que (não)ética existe num telejornalismo que silencia a diversidade de opiniões e outros pontos de vista?

E, pergunta Ribeiro (2004), “se o noticiário não nos faz pensar, quem o fará?” (Idem, p.108). Que “afeto” teríamos por um telejornal tão (não)ético assim?

Que (não)ética existe em um telejornal que apresenta o professor como aquele que não está na sala de aula ministrando pela educação os valores desse mundo democrático do capitalismo que é quem salva, por estar nos tumultos nas ruas fazendo greve por valorização da profissão e condições de trabalho? Que (não)ética existe em um telejornal, em uma Educação e um mundo em que a criança é notícia nas telas sensacionalistas do furo jornalístico com as câmeras “metralhando” todos em busca do espetáculo de sangue no circo-coliseu midiático

Que (não)ética existe na (não)autoridade das (antagônicas) afetuosas relações dos que estão em lados distintos das mesas e telas das salas de aula e televisão (não)vendo o mal, (não)ouvindo o mal, (não)falando o mal da lógica de mercantilização da educação e da informação? Como os que têm fome e sede de justiça se alimentariam dessa, digamos, comida intragável?

O que explica que invariavelmente só nas mídias alternativas vemos reflexões assim?:

Que esta tragédia²³¹ não sirva para os oportunistas de sempre pregarem mais e mais intolerância. Que possamos aprender com Hannah Arendt a lição maior da autoridade: o mundo adulto é responsável pelas gerações futuras. Não fuçamos de nossas obrigações. Isso significa que todo adulto deve ser responsável por qualquer criança. Isso significa, por exemplo, olharmos para além dos nossos umbigos, de nossas crias, de nossos alunos, isso exige de nós um compromisso maior e real com políticas públicas que sejam capazes de incluir, educar, prover de espaços culturais e de lazer, formar e amar todas as nossas crianças. Elas merecem um futuro melhor que balas na cabeça em seu espaço escolar.”²³²

Que mundo é este em que Educação, Comunicação e Mídia-Educação se debruçam para compreender? Onde é que estão as crianças neste mundo? Quais são os seus direitos e o direito a ter/ser/saber/poder/fazer/amar estes direitos? Que escola é esta aonde se faria tal mediação entre crianças e telejornal com o mundo que ele apresenta? Que telejornal é este aonde se faria tal mediação entre crianças e escola com o mundo que ela apresenta? Diga-me: com quais notícias dos telejornais você anda nesse mundo? E, assim, será possível de eu te dizer quem você é?

Aonde realmente vivemos entre o passado e o futuro das instituições totalitárias e autoritárias, e como nos libertaremos de tudo o que nos des-cidadaniza? O que é a libertação disso tudo? Em um cenário desses há quem queira viver a vida em plenitude, aquilo que como notícia poderia ser chamado de anti-telejornal? O que é isto? O que seria isso? O que é que se dá na pauta das ternuras nas vidas das pessoas aprisionadas nas gavetas da produção da notícia? Onde estão essas vidas enquanto há tantas mortes e violências ali dentro dos telejornais? O que é, o que é, que está no meio da TV que está no meio desse povo? O que se passa e o que vive nesse globo rodopiante pelo céu que

²³¹ Escola Municipal Tasso da Silveira, do Realengo no Rio de Janeiro, 7 de abril de 2011. Postagem mais visitada no blog Filiosomídia com quase 1.700 acessos de abril a novembro 2011.

²³² “A escola deve ser espaço mais sagrado que qualquer templo” no Blog da Maria Frô, acesso em 07 abr 2011, disponível em <http://mariafro.com.br/wordpress/2011/04/07/a-escola-deve-ser-espaco-mais-sagrado-do-que-qualquer-templo/comment-page-1/#comment-40091>

chamamos de casa, de Terra? Onde está o pulso que se levanta do “pulsar da vida real das nossas sociedades” para lutar pela democratização dos meios de comunicação? Onde está a mão que rodopiará e revirará o mundo feito bola, brincando de girar, mover, re-mover, re-evolucionar a Terra?

4.6 - Começando a Filiosomidiar²³³

E, se por relação dos efeitos com as causas o Grande Amawta abrisse os braços nos altiplanos andinos, contemplando em silencioso diálogo a Estrela Sagrada - a estrela mais brilhante no alto do zimbório celeste - em “comum-única-ação”, para depois dizer simplesmente isso em sua sabedoria: amor? Quem sabe, e talvez por compreender ainda as repercussões do “**Efeito Abya Yala**”, os ventos partissem desde o Coração do Mundo para os quatro cantos da Terra levando a mesma mensagem. Algo que é percebido nos corações de tantos sofridos homens, mulheres e crianças em todas as culturas que já mostram pelos sinais da “**Síndrome da Liberdade**” que a re-evolução do mundo já começou. Tempo de revelações, tempo dos poderosos tremarem em seus tronos, mas para colocar suas máquinas, prensas e telas a funcionar, descategorizando tudo isso...

A história mostra que todos os impérios têm o seu começo, ascensão e queda, que todos mais cedo ou tarde se dissolveram em poeira dos tempos, embora eu creia que o poder em muitos casos apenas tenha mudado de mãos. Quando as pessoas de nosso tempo presente, os cidadãos ou a sociedade civil verem realmente a democratização dos meios de comunicação pela democratização ir acontecendo, as mudanças certamente virão. Outras mudanças podem começar por aqueles que estão embaixo, pelos esquecidos, e também a criança começará a ser ouvida na construção de uma nova ética, por um outro telejornal para um Outro Mundo.

²³³ O autor deste filiosomidiar esclarece que certamente pulava em galhos de árvores, pintava em cavernas, mas não é grego nem troiano; que nunca veniu, viu ou viu em nada; não é profeta nem mártir, não é publicano, nem mesmo fariseu ou doutor; não é senhor de terras nem feudos, nem vassalo; não tem castelos, cavalos, espadas e nem luta com moinhos; não é monarquista, ou revolucionário, nem socialista ou bolivariano; tampouco marxista, marxiano nem marciano. Des-aprendendo de tudo e aprendendo a amar como filiosolibertário vocês irão saber que ele agora é cowboy, é do ouro do Mundo das Minas Geraes que da América do Sul saiu filoso-mídia-navegando pelo espaço sideral, de carona na cauda de um cometa colorido...

No caminhar da dissertação, ao perceber no segredo não tão oculto do iceberg telejornal/crianças creio ter passado por um daqueles momentos inexplicáveis, o *insight*, a epifania, ou o que seja, pois algo me aconteceu. Também poderia ser uma miragem depois de tantos desertos, mas... certamente era uma coisa nova e incrivelmente simples nas formas e conteúdos que se relacionavam, que me possibilitavam a visão de um outro mundo. Um Outro Mundo, e também um outro saber/poder/fazer e amar, para reconhecer nas dimensões da provisão/proteção/participação e cidadania as possibilidades de se encarar o *para, com e através* da confluência da Educação e Comunicação na relação do telejornal com as crianças.

Se desde o início do percurso uma palavra-sentimento-pensamento-sonho chave que me levava a decifrar segredos era a “libertação” das mídias e das vozes das crianças das opressões em todas as suas formas pelo filosofar no âmbito da Educação, Comunicação e Mídia-Educação, percebi certas sutilezas do **filosomidiar** que me orientavam a percepção. E, no conseqüente mediar/mediação pela sabedoria do Bem Viver que se mostravam a mim, encontrei muitas das razões de algumas resistências encontradas. Nesse meu entender, a mediação escolar dos meios de comunicação com as crianças - e o telejornal - só teria sentido se não reproduzisse as lógicas de uma antiga sociedade com seus carcomidos valores, tampouco as relações de opressão implicadas nessa visão de Velho Mundo que parece travestido de novo - a sociedade (neo)liberal contemporânea -, onde tudo e todas as informações cabem numa maquininha qualquer e a vida parece fácil, bela e linda ao alcance dos dedos, por mil tecnologias diferentes.

A lógica do **Filosomidiar** tem princípio no amor, base no caos da ordem em sintonia de harmonia, e finalidades para o Bem Viver no re-encontro com a mais profunda sabedoria milenar, outrora perdida. O **filosomidiar** se dá no movimento do amor como ação única e comum entre uns e outros: “comum-única-ação” a mover o mundo. A bandeira do **Filosomidiar** é a da Liberdade. Na **filosomediação** as linhas, rotas, estradas, caminhos e mapas se entre-cruzam nas órbitas espiraladas, e passam pelas vias da Intuição e Imaginação no concretizar ideias e ideais, no religar aquilo que é em cima com aquilo que é em baixo, no re-contatar-se consigo mesmo e com o outro, no realizar de sonhos de ser. No **filosomidiar** cada um, cada ser “É”

o meio de “comum-única-ação”, é o “médium”, o canal de compartilhamento. Cada um é o mais profundamente e apaixonadamente amigo do outro...

Não sendo um objetivo desta pesquisa a realização propriamente de um projeto-piloto, mas de refletir sobre as (im)possibilidades de realização de um telejornal se relacionando diretamente na voz e linguagem com elas, e delas, percebi ser necessário não fazer tão só apenas uma crítica aos atuais telejornais, mas oferecer primeiras palavras abertas a um diálogo sobre as possibilidades de um programa telejornalístico realizável por outras bases de compreensão e apreensão do mundo, na descompressão e des-apreensão e des-aprendimento e des-ensinamento das lógicas que reproduzem aquele sistema compreensivelmente “opressor” e “desumanizante” que vimos anteriormente.

Aqui ficam expostos essa “introdução” **filosomidiante** e, como propostas aos diálogos posteriores a este trabalho da investigação, faço outras considerações nas Seções VI e VII.²³⁴

Relembrando... nós fomos feitos para o sábado ou ele foi feito para as gentes? Nós fomos feitos para as mídias? Nós somos feitos pelos sábados e pelas mídias? “As gentes” fazem as mídias? As crianças “fazem” as mídias? Etcoeteramente falando há todo um outro mundo a descobrir, um universo e uma “univercidade” desconhecidos nesse cosmo com seus aparentes caos, ordem, beleza e harmonia...

Dizem as más línguas que Carl Sagan afirmou que o cosmo é "tudo o que já foi, tudo o que é e tudo que será"²³⁵. E,

²³⁴ O Prof. Rivoltella apresentou na banca de defesa a seguinte questão: “A ‘filosofomediação’ não é a Mídia-Educação na sua dimensão crítica?” Eu aprecio sua consideração, mas discordo de sua afirmação, uma vez que o conceito “Filosomídia” nasce numa outra ontologia, numa outra “filosofia” que é a da Libertação das Mídias pelo Bem Viver e re-conhecimento do Outro (do Oprimido, e do Oprimido Latino-Americano e em Abya Yala) numa perspectiva “analética” em Dussel (2003, 1993, 1977), pontuada pela des-colonização do saber/conhecimento, inclusive nas mídias e na pesquisa em Educação e Comunicação. E, por isso mesmo, vai muito mais além da “crítica” como “capacidade de análise, reflexão e avaliação” (Fantin, 2006, p 100) na perspectiva da Mídia-Educação. O aprofundamento a partir dessa introdução do novo conceito se dá nas Seções VI e VII e, como foi dito, será desenvolvido em trabalho de investigação posterior.

²³⁵ Seriado Cosmos, apresentado por Carl Sagan, disponível para download em <http://frangrossi.wordpress.com/2010/01/23/carl-sagan-cosmos-o-universo-em-sua-totalidade/>

relembrando disso, eu fico pensando nos porquês do por que me marcaram tanto, e de maneira tão profunda, todas as séries, filmes, documentários, reportagens, páginas de internet, folhas de revista, músicas, sonhos e até no aplicativo *Google Sky Map*²³⁶ do *smartphone* mostrando o espaço com suas histórias, mistérios a serem re-conhecidos, seus planetas e estrelas. O cosmo...

Penso, e logo existo por um outro telejornal... Como aquele que foi, como esse de hoje que não é, como aquele que será. E, que nos apontem outras direções, sentidos, contatos e porquês os e-macacados: Três Macacos Sábios; Albert, o primeiro macaco a viajar no espaço; o macaquinho Blip do desenho-animado *Space Ghost*; os macaquinhos rebelados do amestramento dos Realejos do Mundo... E, o mais mídia-educativa-filosoficamente deles, o Álvaro-Apocalíptico-Pupetíssimo Macaco Loiola, co-apresentador do Telejornal Globinho que também nos inspirou a estes pensamentos libertantes.

Quantos e tantos outros sábios aparentados e irmãos primatas revelados que se nos fizeram como amigos a querer revelar algo, e por apenas a nos dar suas mãos a ver, ouvir, falar em traquinagens e sabiamente o Bem Viver na outra lógica que reconhece o outro em sua singularidade de meninos e meninas, nas telas das salas de aula e da televisão, no telejornal. Algo que parece que, dessas esquisitices vindas pela televisão, só mesmo o inesquecível Loiola soube apontar...

Loiolas... o Ignacio santificado que criou o considerado primeiro sistema de ensino tomado mundialmente pela Companhia de Jesus criada lá pelos anos de 1534. Orde religiosa ligada diretamente ao papa que, expulsa da Velha Europa veio para o Novo Mundo forjar a *Ratio Studiorum* para os colégios jesuítas que pipocavam pelo mundo *Ad maiorem Dei gloriam*²³⁷ e a salvação das almas a conquistar para o Reino de Deus... E, Loiola, um macaquinho que do seu jeito “paulasaldanianamente” “apocalíptico forjou um telejornal para crianças que até hoje dá saudades em quantos se lembram dele... um telejornal que

²³⁶ Disponível em <http://www.google.com/mobile/skymap/> O autor também escreveu “Contato”.

²³⁷ Para a maior glória de Deus, ou abreviadamente AMDG, lema da Sociedade, ou Companhia de Jesus.

conquistava pela simpatia, pelo conteúdo e forma numa atitude de vanguarda os adultos que o assistiam também...

E, nas ondas da radiodifusão com suas notícias que agora são espetáculo, que depois já nem são mais lembradas nesse “indo e vindo infinito” de telejornais, onde “tudo muda o tempo todo no mundo, não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo”...

Agora... “agora, há tanta vida lá fora, aqui dentro, sempre como uma onda no mar”²³⁸...

Sim, há tanta vida lá fora que os telejornais não mostram, tantas crianças e jovens em sua singularidade que querem dizer, participar, comunicar...

E, “as meninas e os meninos do Brasil tão querendo falar tanto pela tela e pelo fio, tão buscando a sua cara, tão querendo se ver grandes no retrato que a TV coloriu...com a magia... com a poesia... fim, começo e meio...”²³⁹

Deixai vir à mídia as criancinhas...

Pois, parece que mais vale a vida num telejornal com as mãos delas que valia o lucro nesse velho novo decadente hipermercado da (des)informação, (des)saber, (des)conhecimento destruindo tudo. Viver e resistir, resistir e existir, reexistir é preciso...

E, se por humildade ou respeito a forças que mal conhecemos em nossa infância espiritual cósmica, façamos de nós, também, curiosos e atrevidos, cheios de porquês revelados, rebelados, e-macacados, e-desenhados como aquela criança que um dia habitou dentro e no meio de nós...

Ad majorem luminis gloriam filiorum media²⁴⁰ ...

²³⁸ “Como uma onda”, composição de Lulu Santos e Nelson Motta. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=BuO3PFE0CDs>

²³⁹ Fantin; Girardello (2008, p. 7-8) , canção tema das jornadas Mídia e Imaginário Infantil (NICA/UFSC). Apêndice 3.

²⁴⁰ Para a maior glória da luz da mídia das crianças...

SEÇÃO V – A REVELAÇÃO

Capítulo V – Considerações finais

Nós precisamos libertar a mídia – e vamos fazê-lo.
Amy Goodman

Nessa viagem que de uma maneira começou em meu primeiro dia de aula na meninice dos seis anos de idade, foi bem depois que começou a ganhar ares de crítica sob o impulso da Mídia-Educação, como estagiário em docência incorporando as artes de Magritte com seu “O Filho do Homem” junto à criançada da então 2ª. Série do Colégio de Aplicação da UFSC em 2008. Querendo porque querendo midiaeducar-me também com a gurizada, fui descobrindo naquelas formigas liga-roda-clicantes em meio ao matagal “sem mapas nem placas que garantam as direções” (Fantin; Girardello, 2008, p.8-9) as possíveis trajetórias neste mundo de tantas tecnologias para assumir estudos, compromissos e experiências junto delas, e a querer ir junto aos mirantes no meio da floresta cultural densa para enxergar trilhas. Foi desde então que vendo o tal Caminho do Peabiru dali do alto, me enchi de ânimo para transitar por ali também, ir descobrir em suas voltas, subidas e descidas outros caminhantes. E, seguindo jornadas encontrei peregrinos, mensageiros, estudiosos, sinais desconhecidos e reconhecidos de várias culturas que se intermesclavam, aqui e ali.

Nessas andanças é que finalmente me propus a desenvolver essa viagem mais planejada da pesquisa, em busca de respostas sobre a (in)existência de telejornais para crianças no Brasil. Isso, porque também da minha infância e juventude fui re-a-cordando memórias, histórias e cenas que ao longo da caminhada para a maturidade se ligavam ao tema proposto. E, depois de um pouco mais de dois anos de estradas ainda me pego sendo surpreendido com as quase infinitas possibilidades de análise, pontos e questões que se inter-relacionam, inspirando a querer saber ainda mais, aprofundar, continuar para fazer colaborar na feitura daqueles mapas que nos deslumbram pela imensidade de paisagens a serem percorridas, vividas.

Creio que esta dissertação seja uma pequena contribuição como apenas um primeiro passo, tão do meu jeito de

ser/saber/fazer e amar, para poder dialogar com companheiros de trilhas nesse mundo da Educação e Comunicação. Eu peço e a vida me pede para continuar muito mais, visto que há tantas coisas belas a serem conhecidas, bem como tristezas que devemos enfrentar e transformá-las em oportunidades para o crescimento e aprendizado.

Então, aquela primeira pergunta sobre telejornais e crianças fica assim, sendo respondida, mesmo porque num primeiro e tímido passo não se consegue abraçar o mundo com as pernas, enquanto devemos estreitar as distâncias no tempo/espaço oportuno na dedicação cotidiana, aspirando à apertância de coração com coração em cada oportunidade de aprendizado e convívio que aparecem, ou buscamos.

Posso afirmar que nesse tempo de correrias, e de pessoas sem tempo demais para quase nada nesse ritmo surpreendente da vida, é necessário sempre querer dialogar mais. E, é preciso proporcionar pelos meios possíveis aquela ajuda de um para com o outro no solidarizar-se para re-partir saberes com jeito de bagagens que carregamos na mente, nas pastas, nos laptops, nos livros. Ou em sacolas feitas como um simples pedaço de pano com os poucos pertences amarrados na ponta de uma vara ou cabo de madeira, como naquelas imagens que já vimos de um vagabundo de coração imenso e rico de sabedoria, com um andar engraçado, roupas amassadas e chapéu de coco seguindo em direção ao por do sol. No caso dos filmes de Chaplin a isso seguiria um “The End”. No caso dessa pesquisa eu sei que é “just the beginning” para outras cenas junto às crianças na mediação escolar, junto aos demais companheiros e formigas mapeânticas...

No decorrer desse meu trabalho vários comentários foram feitos em relação às descobertas pelos caminhos, e recordo aqui, quase ao final da viagem, de ter apreciado o Telejornal Globinho de uma maneira que jamais perceberia quando era adolescente, ligado nas matérias “bacanas” que Paula Saldanha trazia. Hoje, o vejo muito mais importante do que supunha naqueles tempos. O que era uma “opção” na grade de programação eu vejo hoje como uma necessidade urgentíssima a ser re-discutida e re-fletida nas escolas, e na universidade. Realmente, aos meus olhos de investigador, aquela experiência pode ser traduzida por essa expressão “bom demais da conta” em todos os aspectos na relação da notícia atendendo à singularidade da criança. Um “projeto” que merece e precisa ser re-criado nos

dias atuais pelas mídias. Um “projeto” que vindo dos meios de comunicação no atendimento de suas funções sociais e educativas seria certamente motivo de debate nas casas, nas ruas, nas praças, nas salas de aula.

Quanto ao que os produtores de notícias pensam sobre telejornal para crianças, creio que como cidadão fico indignado ao perceber a omissão destes no debate ampliado sobre a questão. Não me surpreendo que, sendo os meios de comunicação concentrados em tão poucas mãos de pulsos fortes na determinação da pauta dos debates nacionais pelo telejornal, eles justamente não querem nada que tenha a ver com o que se fale sobre democratização das mídias. Fosse apenas um caso de descumprimento dos artigos constitucionais - como foi visto - caberia aos poderes constituídos chamar às responsabilidades que a ética exige. No entanto, não é bem isso o que acontece e essa questão merece, e muito, ser ampliada e debatida pela sociedade. E, isso vem sendo feito.

A hipótese inicial de falta de patrocínio a telejornais voltados especificamente para crianças parece não se confirmar num sentido, visto que nunca na história desse país tanta publicidade e propaganda se fez dirigida à criança, em geral estimulando ao mero consumismo e desrespeitando normas vigentes. Segundo os sujeitos envolvidos na pesquisa, o próprio Telejornal Globinho terminou em meio a desentendimentos sobre a questão do merchandising inaugurado de maneira ostensiva pela Rede Globo naquele início dos anos 80, com o começo da era de princesas e rainhas dos “baixinhos” empurrando produtos televisão abaixo às crianças no palco e telespectadoras. Se a Rede Globo trouxe em suas próprias palavras - como foi visto no Memória Globo - a Paula Saldanha Jornalista e Pedagoga para legitimar o formato telejornal numa abordagem educativa, foi o não aceitar a imposição das orientações do mercado de consumo na exigência da empresa de comunicação que provocou sua saída e o término do programa.

Audiência para tal programa havia, de crianças e adultos que assistiam ao telejornal em proporção meio a meio. E, o que se constata mesmo pela pesquisa é que o que se confirma é a hipótese do desinteresse das redes comerciais de televisão por fazer um programa com especificidades para as crianças. Querendo aprofundar mais, acredito que pelas leituras e análises esse desinteresse passa não pelos custos de produção e falta de

anunciantes, mas certamente por questões ideológicas impondo a formação do consumidor desde a mais tenra idade. Como foi abordado, a notícia se faz de veículo da informação como mercadoria e, no caso estudado, constato que quanto mais cedo as crianças se adaptarem ao *fast-informational-food*²⁴¹ do cardápio das empresas monopolistas de comunicação mais informadas na sociedade de consumo estarão, e menos desinformadas de seus direitos de crianças serão. Algo que a meu ver o des-encontrado pelo caminho “Plantão do Tas” vem conseguindo fazer sob os auspícios da indústria americana de informação e entretenimento. Na lógica dessa companhia - a Turner Broadcasting System, pertencente à Time Warner - e do programa, não me admirarei em nada quando estrear, internacionalmente, na programação do Cartoon Network algo assim parecido com um “Tas Talk Show News” para ensinar as crianças a serem jornalistas. *Alea jacta est*²⁴², e adequadamente perguntando criticamente, o que será, como virá, por que será essa sorte nesse destino?

Também percebido nos fatos que os (não)dados revelaram é que, aquela imposição da censura do governo militar que existia para todos os telejornais daquela época, não existiu para o Telejornal Globinho. Não estranhamente que, nessa lógica do mercado atual a censura transferiu-se dos militares aos donos das empresas de comunicação no decorrer dos anos. E, esta censura está visivelmente estampada na não-participação dessas empresas nos debates pela democratização dos meios de comunicação, e nem nesta pesquisa. Uma censura dentro daquela lógica de um poder a manter a ordem que, de uma maneira, também se expressa nos meios da Educação.

Outra questão a ser mais aprofundada é em relação à ausência de estudos sobre produção cultural para crianças nos cursos de Comunicação Social/Jornalismo. Além disso, a da falta de conhecimentos sobre criança e educação na grade curricular e nos programas de ensino que envolvem a formação de jornalistas e comunicadores, visto que as respostas ao questionário não me deram elementos para fazer mais análises. Espero que essa pesquisa lance esse possível problema a futuras reflexões junto aos cursos da área.

²⁴¹ Palavra/conceito que anda de mãos dadas com o da dieta informacional.

²⁴² “Está lançada a sorte”, frase atribuída a Júlio César, Imperador romano, em 49 a.C. ao atravessar o Rio Rubicão na luta pelo poder.

Considerando a contribuição da Psicologia do Desenvolvimento à Pedagogia para compreender mais sobre a formação biológica-psicológica e social das crianças, percebe-se também das possibilidades ou necessidades da participação dos professores, educadores, enfim, pedagogos na equipe de produção de telejornais para o atendimento às necessidades das crianças em relação aos programas informativos.

Além disso, é importante também lembrar que já existem Psicólogos, Pedagogos e Neurocientistas que se aventuram com seus conhecimentos a respeito da criança na prestação de serviços junto às empresas de propaganda e publicidade, com vistas ao alcance dos objetivos a que se propõem os comerciais voltados ao público infantil. Ou seja, o consumo. Algo para provocar reflexões sobre questões éticas inerentes a cada profissão enunciada.

Em se tratando das dúvidas entre os pesquisadores sobre a necessidade de se ter um telejornal para crianças, uma vez que elas assistem/interagem com outras produções que não foram feitas especificamente para elas, depois dessa caminhada e da participação dos sujeitos da investigação e das leituras, creio que o que mais falta, além de programação específica para crianças, seja a mediação nas escolas. Isto, envolvendo as crianças e a comunidade escolar num debate educativo sobre o que, como e por que assistem aos telejornais, acompanhados ou não de seus pais e/ou responsáveis. É imprescindível ressaltar que, nessa lógica da mediação, os pais estejam também envolvidos nas ações de alfabetização midiática promovidas pelas escolas.

Essa responsabilidade dos pais/professores também diz respeito à outra questão levantada nas bancas de qualificação e defesa por Rivoltella (2010)²⁴³ quando as informações não

²⁴³ O Prof. Rivoltella apresentou na banca de defesa a seguinte questão: “A ‘filosofomediação’ não é a Mídia-Educação na sua dimensão crítica?” Eu aprecio sua consideração, mas discordo de sua afirmação, uma vez que o conceito “Filosomídia” nasce numa outra ontologia, numa outra “filosofia” que é a da Libertação das Mídias pelo Bem Viver e re-conhecimento do Outro (do Oprimido, e do Oprimido Latino-Americano e em Abya Yala) numa perspectiva “analética” em Dussel (2003, 1993, 1977), pontuada pela des-colonização do saber/conhecimento, inclusive nas mídias e na pesquisa em Educação e Comunicação. E, por isso mesmo, vai muito mais além da “crítica” como “capacidade de análise, reflexão e avaliação” na perspectiva da Mídia-Educação (Fantin, 2006, p 100). O aprofundamento a partir dessa introdução do novo conceito se dá nas Seções VI e VII e, como foi dito, será desenvolvido em trabalho de investigação posterior.

chegam apenas pela tela da TV, mas também pela tela do computador, e mais atualmente pelo celular. Este gigantesco desafio se coloca aos que podem fazer a mediação com as crianças, visto o debate sobre a classificação indicativa ser tão conturbado nas ações e no jogo de interesses contraditórios como os das empresas privadas dos grandes produtores das notícias, a interpretação da Justiça brasileira na “pessoa” do Supremo Tribunal Federal, as portarias do Ministério da Justiça, a proposição da regulação dos meios de comunicação pelo Ministério das Comunicações, e a sociedade civil organizada..

No parecer de Rivoltella durante a defesa da dissertação, ele alerta sobre a constatação de as crianças assistirem aos programas que não são especialmente direcionados a elas e, considerando que as crianças de hoje não dormem antes das 21 horas como faziam as crianças de 50 anos atrás, isso não isenta a sociedade, os poderes públicos e as empresas produtoras de conteúdo/notícias de se responsabilizarem pela busca da qualidade da programação vinculada aos direitos das crianças, adolescentes (como no ECA²⁴⁴), nem tampouco dos adultos em relação à comunicação de excelência. Outrossim, quando a própria Constituição Federal e as diversas cartas de direitos humanos assinadas pelo Brasil, além dos estatutos referidos, sugerem a **proteção, provisão e participação**, naquela dimensão para o exercício da **cidadania**, da **crítica** e **criação** nessa cultura, considerar que o mundo “mudou” sob o império das determinações do mercado e não “lutar” pela classificação indicativa, dentre tantas outras questões, seria uma omissão imperdoável, ou uma conivência aos ditames do consumismo a qualquer custo, discutível por parte de cada um de nós pessoalmente, e pelos poderes constituídos.

Nota-se em relação a isso tudo um perceptível alheamento do Ministério da Educação na discussão desse tema, exceto por aquelas cartas/documentos sobre a Mídia-Educação nas escolas, ou por exemplo, a lei promulgada pela Prefeitura de Florianópolis. Entretanto, essa política tomada em Florianópolis ainda não é tomada em nível nacional.

Então, se as empresas não se auto-regulam em relação aos conteúdos, se “apostam” no embaralhamento entre informações, produção de notícias, propagandas, comerciais,

²⁴⁴ ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente.

entretenimento, diversão, consumismo, erotização precoce etc. sequer na TV, como o farão pela Internet, defendendo ao modo delas a “não censura”, a “liberdade de expressão”, deixando aos pais a capacidade de decidir sobre o que os filhos assistem/acessam? Esse argumento das empresas é uma falácia, sabendo o quanto os pais têm ou não condições de acompanhar tudo o que os filhos fazem em casa, “pela vida afora”, ou na escola? Essa responsabilidade cabe ao professor que se “faz” mídia-educador?

E, a pesquisa aponta para que seja necessária, sim, a melhoria da qualidade das informações veiculadas pelo telejornal, com menos tom sensacionalista na sua forma, e critérios éticos que não firam os direitos humanos, de homens, mulheres, adolescentes e crianças. E, a pesquisa também direciona a bússola para a classificação indicativa de telejornais como sendo possível, e necessária, ante a espetacularização e excessos de violência verificados nesses programas, ainda que certos partidos políticos, a indústria da (des)informação e o alto judiciário entendam o contrário e, significativa parte da população nem saiba o que é isso.

Se os telejornais atuais, em tese, produzem a notícia naquela lógica da “distração” e da “desinformação”, é importante que desde os anos iniciais do Ensino Fundamental - a iniciar pelos professores, orientadores, supervisores, coordenadores pedagógicos e diretores – promova-se o debate sobre tais questões no âmbito da perspectiva da Mídia-Educação e a alfabetização midiática.

Retomo aqui uma consideração de Fantin (2006, p.65) sobre a não devida sistematização de muitas experiências de Mídia-Educação desenvolvidas nas possibilidades de trabalho no contexto escolar, considerando que muitas vezes sejam “práticas isoladas” dependentes mais da iniciativa dos professores que do estabelecimento de políticas públicas. No caso do telejornal em questão, percebi ao longo do percurso a dificuldade em identificar essas práticas, tanto no âmbito da escola quanto nas redes de televisão brasileiras ou no exterior.

As iniciativas existem e são poucas e, se (não)são apresentadas ou (não)debatidas nos encontros e congressos, é uma questão que não exige a todos nós de ampliar a discussão nos meios possíveis, e ao alcance de cada um, para aprofundar o debate que defina políticas públicas – na Educação,

Comunicação, no Direito e outros campos e áreas do conhecimento e das disciplinas. **Há que se discutir** a qualidade das informações veiculadas pelos telejornais, a democratização dos meios de comunicação, a formação dos professores e, de garantias que visem à qualidade na relação ensino-aprendizagem e condições de trabalho nas escolas. Isso, considerando as relações com o tema telejornal e crianças, verificados como submersos àquela ponta do iceberg, ora tratados com mais aproximação, ora apenas citados no desenvolvimento do texto deste trabalho.

Outro “apontamento” à vista diz sobre os programas religiosos cada vez mais presentes nas TV em que a fé também se tornou mercadoria. Tudo leva a crer que as redes se rendam cada vez mais à sacolinha dos dízimos recolhidos de “telefispectadores” pelos produtores desses shows com formato telejornalístico mesclados às técnicas de shows. Assim, os tênues limites entre diversão, educação, entretenimento, informação e de verdades ou falsidades, ideias, crenças, mitos, e religião no formato de telejornal dando legitimação a saberes e fazeres gerando atritos aqui e ali, mas não parecendo debates mais amplos sobre o que isso tudo implica. Basta ver no Congresso as bancadas que representam cada um desses grupos que promovem a mercantilização de tudo, junto a lobistas em peles de cordeiros. Algo que as pesquisas poderão aprofundar mais nas universidades ao redor do mundo, que também ostentam o nome de tantos santos do panteão dos deuses.

E, ironia ou não, Santa Catarina de Alexandria, segundo o mural/mosaico edificado no prédio da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, é a padroeira dos **letrados, artesão, inventores, nautas, costureiras, prisioneiros, intuitivos, jogadores**, e também das **universidades**, das **rotas, tronos e tímões...** “Salve!” E, à Clara, simples e doce menina companheira de amor do Pobrezinho de Assis, foi dada pela Igreja Católica o fardo de ser a padroeira das comunicações, ou da televisão, dividindo essa tarefa com o Arcanjo Gabriel. E, o Poverello, é o padroeiro dos animais... Com tantas bênçãos assim distribuídas pela Igreja ao longo dos 20 séculos, por que ainda há tanta confusão nos meios de comunicação?²⁴⁵

²⁴⁵ Vide Dela Cava; Monteiro (1991), “... e o Verbo se fez imagem - Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil: 1962-1989, para se tentar compreender isso.

Dizem que a atual crise mundial pela qual passamos não diz respeito à economia, mas sim à(s) política(s). Os telejornais dos impérios midiáticos insistem que a desordem, a crise e os tumultos são causados por “desocupados”, pelos “bandidos”, “pela “corrupção”, pelos “maconheiros”, pelos “traficantes” sem jamais contextualizar os porquês disso tudo. E, assim será até (des)ordem ao contrário romper essa lógica dos “traficantes da informação” como camelo-leão rompante às portas das sagradas instituições sacralizadas e intocáveis de nossa sociedade.

À medida que a sociedade, e a academia - críticas a essa razão e lógica do deus mercado, e da classe política que a ele serve -, participarem mais ativamente dos debates sobre essa definição de políticas públicas, em especial do setor de comunicações tão desregulado, certamente há que se esperar que todos ganharão com isso, exceto os poucos donos das mídias. Quando essas políticas definidas permitirem a participação popular nos meios de comunicação decerto que os pesquisadores também terão fartas referências a analisar, refletir e devolver à população as percepções geradas na forma de projetos que a envolva e estimule ao exercício da cidadania plena.

Neste percurso poderia ter aprofundado mais a análise de aspectos do caso do Telejornal Globinho. Mas, uma vez que não pude acessar os vídeos/fitas/filmes originais do programa, visto que nem fui respondido sobre essa possibilidade e tive o “acesso negado”, inclusive às informações do questionário que não foi respondido, talvez isso possa ser feito por investigações futuras. Neste sentido, o meu caso foi um estudo de “decepção” em relação aos “emissores” das empresas das mídias tradicionais, e também de “percepção” do quanto se negam à democratização do setor de comunicações no país. E, decerto que considero também um desrespeito ao direito dos “receptores” no que entendo por ser a via de mão dupla na “comum-única-ação”.

Finalmente, a pesquisa foi/é em si mesma um “grito”, um apelo, um chamamento, uma convocação aos passos e abraços para as possibilidades das crianças participarem de todo o processo de produção de telejornal para elas. É um canto à imaginação...

No início do percurso eu não tinha noção do quanto seriam fascinantes as paisagens que faria durante a viagem. E, me sinto estimulado e confiante para sempre voltar aos mesmos lugares para novas e mais profundas descobertas, estreitar laços

na amizade, com-partilhar mais histórias e ouvir mais sossegada e respeitosamente os companheiros encontrados pelos caminhos e portos, sem a pressa de quem tem que levantar velas rumo a outro destino para atender as necessidades de prazos e tantas outras atividades do cotidiano de aprendizagem de marujos recém-formados e, em primeira viagem de estudos e práticas com afinco.

O tempo, o espaço, o vento e o futuro próximo me dirão o quanto isso tudo valeu a pena, enquanto há tanto a aprender, para saber, para querer transformar... Há tanto a analisar e aprofundar nesse tema, seja pela transitoriedade das notícias ou das pesquisas, quanto pela efemeridade de quase tudo nesse mundo... mais ainda quando, como menino faceiro que espicha a cabeça fora do barco, enfiamos a cara no mar das possibilidades para tentar ver o que há lá embaixo... E, depois de melancolicamente, perceber como a criança é esquecida quando o telejornalismo não traz à tona os princípios éticos na prática de fazer a notícia para a criança, o pesar se transmuta em esforço. E, também em meta, costurando linhas que se fazem necessárias se entrecruzarem, serpentear em juntas, para querer saber das profundidades do que se mostra, ou se oculta à primeira vista.

Ainda bem que a infância não foi esquecida de tudo, e em me fazendo de formiguinha/menino levanto a cabeça lembrando tantas outras histórias, tomo ar, encho os pulmões e, escuto como se fosse uma melodia ecoando por séculos aquela mensagem que fala de coragem e ânimo para as descobertas, de meninice que pergunta os porquês. E, sorrio, lembrando e cantarolando aquelas palavras que inspiram a navegar: - Deixai vir à *mídia* as criancinhas.

Como não me entusiasmar quando há tanto a querer saber, a querer compartilhar, quando juntos podemos rabiscar nossos mapas, para querer ir de porto em porto levar a mensagem dos direitos da infância?... Transformo as asperezas e dificuldades dessa jornada em alegrias, em força para dar coragem quando um sorriso, um beijo, um simples abraço, a palavra orientadora e amiga trouxe consigo a sabedoria atenciosa que cuida do outro... Sabedoria forjada por aqueles que em anos de enfrentamento e luta pela Educação e Comunicação de qualidade, humana e espiritual, livre das tristezas que aprisionam a diversidade de vozes, e com as aspirações silenciadas que

fazem um mundo melhor e mais fraterno. E, até inimigos inspiram também, sempre a sermos mais fortes, resistentes...

Como em reflexões do trabalho acadêmico e conversas com a Profa. Monica, navegar por esses mares tão pouco d'antes navegados exige que, da precisão dos cartógrafos que nos antecederam, observemos atentamente as orientações para traçarmos roteiro seguro de viagem pelo universo da Infância, da Comunicação, da Arte pela bússola da Educação... E, coisa boa os companheiros de viagem que encontrei nos livros, nas respostas, nos e-mails, nas ligações, e espero de coração que essa companhia seja tão duradoura assim quanto é amorosa essa convivência no Barco do Destino, ou nessa frota que vai à descoberta de mundos...

O iceberg foi invertido, como naquela lógica surpreendentemente simples de Adelmo Genro, que partiu em seu barco para novas paragens, mas, antes, se fez de menino que revirou de ponta cabeça um jornalismo às vezes tão entristecido e entristecedor, sensacionalista ou descontextualizado, que passa longe de saberes e práticas que querem se repartir para o mundo...

E, vamos que vamos, e eu de coração aberto ao vento, assoprado que sou pela inspiração dos Mestres... Mestres que, desde Aquele barbudo de olhar bondoso, que às margens do lago recebia a menina em seu colo, que contava histórias para colocar sorrisos nos rostos e esperança na vida... Mestres que, como aquele outro barbudo, falava de suas visões e leituras do mundo precedendo a leitura da palavra²⁴⁶, se solidarizando com os esquecidos da dignidade humana pelos sertões do Brasil... aos Mestres e Mestras que encarapitados agora numa barca cheia de livros, em outra lagoa do tempo/espço, re-vivem cantos, canções, melodias e tantas outras histórias que trazem tanta sabedora alegria que às vezes a gente achava perdida. Mestres que muitas das vezes se tornaram eles próprios mercadorias nas mãos dos exploradores da ingênua fé od outros...

E, é preciso “dar mais linha”, voar na imaginação e percepção nessa linha onde se equilibra a Esperança. Ela que está perdida ou esquecida no meio das vidas das gentes, encerrada nas gavetas e caixas. Vamos dar linhas, soltar as Esperanças e as pandorgas. Que as ideias para esse menino que toma a mão no leme sejam reveladas, porque nos gesto de ternura repartidos pela

²⁴⁶ Freire (1982, p.11) citado na bibliografia.

viagem o meu próprio coração e meu pequeno trabalho foram honrados. Agora, é hora de rearrumar a bagagem, dizer até breve e ir ao encontro daqueles que me acenaram com roteiros e sugestões para que eu fosse desbravar regiões às vezes mais, às vezes menos conhecidas...

E, eu que caí sem paraquedas feito Filho do Homem na escola e fui notícia no “Boletim da Turma”, eu que atravessei montanhas, mares, desertos e oásis, subi e descí degraus nos caminhos, escolas, pirâmides e torres, agora... Agora me vejo como filosomídia-navegador nas possibilidades da produção de um Telejornal com crianças no contexto da escola. E, vamos fazê-lo...

A Filosofia que supostamente nos “amigaria” a alguém ou a algo, a Religião que supostamente nos “religaria” a algo ou alguém e, a Ciência que supostamente nos “conceituaria” ou “certificaria” algo ou alguma coisa parecem não ter ajudado muito a des-velarmos, sabermos, conhecermos o “*lead*” de nossa existência: quem sou eu, de onde vim e para onde vou...

Tentando descobrir esse e aquele *lead* das notícias - que, quem, onde, quando, como e porquê - saímos a navegar por muitas e muitas páginas e paisagens da vida humana, até brincando. Sabendo que brincadeira é coisa muito séria, mas divertida. Sabendo também que se todos os caminhos levavam a Roma, só mesmo com uma boa e atenciosa orientação nessa viagem é que chegaríamos a determinados portos, para ali parar por alguns momentos, aprender e apreender algo ou alguém, para depois retomar viagem em busca do desconhecido no conhecido, no que foi dito e foi escrito.

E escrito desde há tão pouco tempo, creio que pontuar temas relacionados à investigação no *blog* Filosomídia foi uma boa experiência, me proporcionando estar em conexão com outras vozes que encontram no ciberespaço um lugar fora do tempo/espaço meramente tridimensional para dialogar, lançar pistas, passear, navegar, encobrir-se também, descobrir e ser descoberto. No entanto, me parece que grande parte da comunidade acadêmica mal descobriu das possibilidades de socializarem o que quer que esteja na pauta das discussões do ensino-pesquisa-extensão através da Internet. Então, de minha parte comecei não só a descobrir das possibilidades e implicações da utilização do *blog* como ferramenta pedagógica nas séries iniciais de ensino fundamental, mas também para dialogar com

outras pessoas do ensino médio e superior. E confesso que, como um dia pensei que eu aprendia mais com a televisão do que com o professor na escola, hoje sei que se o professor da escola utilizar essas ferramentas/meios no espaço da sala de aula, as relações entre professor-informação-estudante serão não apenas mais prazerosas, mas podem criar outras condições de ensino-aprendizagem.

Além disso, também é possível inventar novas relações para discutirmos o conhecimento “como um conjunto de crenças verdadeiras”. Crenças que nos tornem seres mais humanos numa existência de relações em redes mais amorosas. Creio até que daqui a pouco não só nas salas de aula nos libertaremos todos para viver comunitariamente como investigadores, partilhantes de nossas reflexões e sabedorias, e as cidades e universidades serão todas “univercidades”.

O que à primeira vista parece impossível, e impraticável, para essas “santíssimas trindades” todas que vimos pelo caminho, pode não ser para aquele que ousar entrar pelas portas das grandezas em se fazendo simples. Porque a hora é bem a daquela “santa afirmação” no “jogo da criação”. O espírito, do tempo e do espaço, “quer agora a sua vontade” e, “o que perdeu o mundo quer alcançar o seu mundo”. Parece que as gentes que não ficam além no alto das torres, e nem em cima dos muros já tomam as ruas. Depois de tantas mesquinhezas tridimensionais que já vão tarde, que se aproxime a quarta dimensão. E, por cubo impossível se realize o praticável: liberte-se a voz das crianças.

Se o telejornalismo é a nova praça pública, então, que os até então desprezados e desconsiderados, inferiores, os que buscam a maioria, os que não falam porque não sabem, os que não têm voz (*infans*)²⁴⁷, e **para criticar o controverso e equivocado uso atribuído aos** que não têm luz (*alumni*)²⁴⁸, se encontrem, criem suas possibilidades de ser, de se darem a participar, a falar, a saber, a soltar a voz, a se expressarem na sua luz. Porque somos todos não só feitos de luz, somos luz. Talvez seja preciso restituir *às* crianças, *para* as crianças, *com* as

²⁴⁷ Maria Fausta Pereira de Castro, professora no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Acesso em 11 nov 2011, disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/12/09.shtml>

²⁴⁸ Acesso em 11 nov 2011, disponível em <http://rizomas.net/filosofia/principios-filosoficos/213-o-mito-de-que-a-palavra-qalunoq-significa-qsem-luzq.html>

crianças e *através* das crianças a sua dignidade de sujeitos membros de uma comunidade mais ampla, muito mais do que possamos perceber e compreender: a sua cidadania plena, cósmica.

Isso, apesar da Educação e da Comunicação à antiga maneira opressora. Talvez seja preciso que nos pensemos a nós mesmos, reflitamos sobre isso, para permitir às crianças construírem outras possibilidades, perguntando, participando, refletindo e criando – *sobre, para, com e através* das mídias. Que se libertem de tudo o que as oprimem, as encobrem, as transformem em receptáculos passivos de nossas sombras mal entrevistas em fundo de cavernas.

Pensando assim, creio que na nova ordem da “Idade Mídia” é que nós, aqueles que pensamos que sabemos algo, devemos acolher a infância e juventude de maneira muito amorosa para apoiá-la. E, não somente a “dominar os processos de construção de mensagens” nas mídias, mas também inspirá-las por nossa responsável atitude frente às necessidades urgentes para a alfabetização midiática, a serem também amorosamente críticos, e contribuidores com seus fazeres à libertação das mídias, intervindo muito mais do que sendo tão somente afetados por elas.

Filosomidianamente falando, atrevo-me a dizer que esse amor não só removeria a multidão de “pecados” das mídias, mas também “moveria montanhas” ou moveria as mídias ao cumprimento de suas finalidades educacionais, simbólicas e culturais. E, por que não dizer de finalidades espirituais, se quando pensamos em “amor” recordamos da máxima que é regra de ouro, na ética da reciprocidade, em tantas culturas? Não poderia/deveria valer para as mídias o fazer ao próximo o que gostaríamos que nos fizessem?

E, esse amor é saber fazer junto, numa perspectiva solidária. Quando se começa a colocar a mão na massa assim, amorosamente, o pão se multiplica com o tempo, e em cada oficina, cada sala de aula de investigação, cada programa, a seu tempo, será um passo dado subindo a montanha, onde as crianças, os jovens, as mídias, os professores e a sociedade se alimentarão mutuamente, se repartirão. E, a juventude não quer só comida, quer também, além da diversão, a arte.

Ligando, rodando, clicando em mil telas, com mil ideias na cabeça e mil teclas à mão, as mil e uma histórias de cada um

se tornarão tão numerosas quanto as estrelas do céu. E, diga-se de passagem, há mais estrelas no céu que todos os grãos de areia das praias da Terra. Sim, há também 50 bilhões de neurônios operando em nosso cérebro, quando não usamos nem 10% de sua capacidade de “operações”. Usemos, então, essa capacidade para decifrar os enigmas, des-ocultar as meias verdades, brincar com Pandora e retirar de dentro das caixas pretas uma esperança esquecida, des-velar tudo aquilo que não conhecemos por absoluta negação ao acesso.

Afinal, em qual (parte desse Velho Novo) mundo poderíamos pensar que as alegrias e as esperanças das crianças são as alegrias e esperanças das mídias, neste sentido libertador? Se navegar é preciso e, se há precisão necessária no verificar o *que, quem, quando, onde, como e por que* se dá a apropriação do discurso difundido pelas mídias às crianças, talvez mais do que nunca seja também necessário observarmos com mais precisão as questões que envolvem o discurso do telejornalismo que as afetam, e aprofundar nelas. Mais que nunca é preciso trazer à tona tais questões submersas, que passam quase invisíveis por dissimuladas em tramóias, levando-as para o esclarecimento no contexto do debate para a democratização das mídias.

Enquanto isso, “poetas, seresteiros, enamorados” e indignados com toda essa situação da (des)ordem e crise mundial correm, e seguem apanhando da polícia às ruas para o deleite dos telejornais e a degustação da notícia para os povos. Acolá no mundo e aqui, no Brasil - que tem o “lábaro estrelado”²⁴⁹ marcando o Cruzeiro do Sul como rota para as bússolas dos grandes navegadores- a caravana dos que se juntam para lutar por aquela democratização passa, enquanto os camelos ladram. Ali, Camelo e Leão terão de fazer alguma coisa caso queiram sejam respeitados os direitos das crianças, hoje, no presente momento entre o passado e o futuro e entre o bem e o mal, no aqui do mundo dos humanos, agora...

Chegou a hora de não haver mais enigmas e compreender bem a fundo o que seja aquela liberdade, “que o

²⁴⁹ Na divisa da bandeira brasileira a frase “resumida” foi inspirada na máxima sob a influência que o Positivismo teve no país: “O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”.

sonho humano alimenta”²⁵⁰ Chegou a hora de respondermos mais além de “qual criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois, e à tarde tem três” e, nem sermos devorados pelas mídias, nem devorarmos qualquer coisa que os telejornais nos enfiem pela garganta abaixo? Pensemos naquilo que “a lição não sabe fazer”, naquilo que faz quem é sábio... pensar... ser... existir... resistir... imaginar... sonhar... realizar...

Chegou a hora das revelações!

Que criaturas somos/encontramos pelos caminhos? Que criatura é Camelo em pele de Leão; Leão em pele de Camelo; Cordeiro em pele de Lobo; Lobo em pele de Cordeiro; Homem Lobo do Homem? Que criatura sob em galhos de árvore, macaca aqui e ali, balanga e voa de acolá? Qual criatura tem pela madrugada mil sonhos para sonhar, viver e ser? Qual criatura tem mil telas à sua volta e a TV na cabeça?

Chegou a hora de conjugarmos outros verbos, como o do Amor profundamente encarnado em nossas práticas? Chegou a hora de ser no mundo o ouro e o sal da terra da América do Sul? Chegou a hora das profundas transformações do Espírito? Chegou a hora de boas notícias? Chegou a hora das novas revelações? Chegou a hora das mídias serem para todos os homens, mulheres e crianças ao invés do contrário?

Chegou a hora de libertar as mídias? Chegou a hora de as crianças se apoderarem das mídias e virá-las de ponta cabeça? Chegou a hora de cada ser-pessoa-sujeito-singularidade se revirar indignado e tomar seu mundo, seu lugar no mundo, revolucionar o mundo invertendo pirâmides, icebergers, invertendo a ordem no mundo? Chegou a hora de querer e fazer este mundo? Este Outro Mundo é possível? O outro telejornal é possível? A Outra Comunicação? Outra Economia? Outra Política? A Outra Educação é possível?

Enfim, tudo respira em expansão e contração nesse universo. Tudo pulsa, tudo vibra, tudo é luz. Tudo é vida. Vida integral com as gentes na luta para “quem sabe, reformar a Terra ou talvez os Céus onde eventualmente moro ou faço estágios.

Lá em baixo desafiam-se o futebol, o rock, o desfile de modas, as novelas. Também as fraudes, os roubos, a impunidade, sobretudo o medo de todos e de tudo”, me envia um recado a

²⁵⁰ Cecília Meireles, “Romanceiro da Inconfidência”, citado na epígrafe no início do trabalho.

poetisa²⁵¹ das Minas Geraes sobre as rosas emudecidas no mundo das modernidades da globalização, sobre a necessidade de se fazer silêncio para ouvir a voz interna.

Não perco a “Alegria, Alegria”, que “caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento no sol de quase dezembro eu vou”, e ainda que “o sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas (...) o sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça, quem lê tanta notícia?”...

Com o “peito cheio de amores vãos eu vou, por que não (...) no coração do Brasil? (...) Eu vou seguir vivendo, amor, eu vou, por que não”²⁵² ir Bem Viver a vida?

Silêncio difícil de encontrar por tantos aparelhos ao nosso redor nos falando/piscando e chamando a atenção. Vida... Plenitude...

Vida poetizada, musicada, reinventada como ela é “no quintal dos corações”, que nos levanta das cadeias e cadeiras das escolas, das copas, cozinhas e salas de visita a nos chamar para dar as mãos nas ruas, jardins e praças; a vida na sua plenitude e como a TV quase nunca mostra. Vida que é o Anti-telejornal...

Antitelejornal

Skank

Composição: Samuel Rosa e Rodrigo F. Leão

*Hoje nasce meu filho,
Hoje vou me casar
Hoje dentro do espelho,
Vou poder enxergar
Pais, mães, irmãos,
Ruas, bairros, cidadelas
E o quintal dos corações,
Onde moram as coisas belas
Hoje vou namorar,
As solteiras e as casadas
As jovens, as carquebradas,
As lindas e as descuidadas
Meu amor vai se espalhar,
Pelas camas e calçadas
Nas prisões e condomínios,*

²⁵¹ Célia Laborne Tavares, “O silêncio”, enviado por e-mail, Apêndice 5.

²⁵² “Alegria, Alegria”, por Caetano Veloso, lançada em 1967 no *single* “Remeleixo”.

Nas favelas e esplanadas

*Sem farsa, conchavo, sem guerra,
Sem malta, corja ou trapaça
A vida é um drible ágil,
Entre as pernas da desgraça
Hoje eu vou inventar,
O antitelejornal
Pra passar só o que é belo,
Pra passar o essencial*

*Hoje andarei sobre as flores,
Amarelas do ipê
Espalhadas pelo chão,
Antes de anoitecer
Cantarei no meu velório,
Dançarei nos braços da vida
Dormirei com a minha ama,
Vida boa de ser vivida*

*Sem farsa, conchavo, sem guerra,
Sem malta, corja ou trapaça,
A vida é um drible ágil,
Entre as pernas da desgraça,
Hoje eu vou inventar,
O antitelejornal
Pra passar só o que é belo,
Pra passar o essencial²⁵³*

Fiat Lux

Ahhh, a vida passando nas telas da memória, re-vivendo o que é belo e essencial, visibilizando o que é essencial... Quantas histórias tão lindas como a de Robinson Crusoe e sexta-feira, dos sábados, domingos, segundas, terças, quartas e quintas, cestas, flores, dores, frutos, sementes, amores... Tempo...

Espaço... um Silêncio, muitas canções...

E, faça-se a luz sobre o reconhecimento da comunicação como um direito humano e sobre o telejornal, seja ele *para, com* e

²⁵³ Antitelejornal”, do álbum Carrocel (2006). Acesso em 12 out 2011, Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ebfeX5vjX4Q>
Note-se que um dos compositores é “rosa”, e o outro, “leão”...

através das crianças, seja ele o que as crianças e todos assistem. Faça-se a luz sobre a democratização dos meios de comunicação.

Alguma coisa precisa mudar, e drasticamente. Uma evolução.

Que as alegrias e as esperanças nas mídias sejam as alegrias e as esperanças das crianças de mãos dadas, em mil e um dedos, mil e uma histórias da vida passando no telejornal...

A mensagem para a sociedade, com a educação e a comunicação, através dos meios de comunicação e apesar de tantas vezes não percebermos a criança, sua existência, sua voz, é: a criança é o meio, ela tem a mensagem. Cada uma delas é o singular no plural de infinitas existências... E ela resiste bravamente com seus sorrisos ao descaso de muitos de nós.

Que se faça a luz da liberdade sobre as mídias. E, então, porque o Outro Mundo é possível, vamos fazê-lo. Homens e mulheres, libertem-se em super-homens e super mulheres!

Crianças, libertem suas vozes, suas ideias, vibram seus lápis de cor e suas teclas, tomem os parques, voem com suas bicicletas para passear com o Sol e a Lua, para tocar as estrelas. Ergam suas pás, baldes e ancinhos para renovar os jardins, os recreios, as salas de aula, as praças, as ruas, as mídias!

O Grande Dia está chegando!

Ergam e juntem suas mãos para o Contato com o Outro...

Crianças do mundo inteiro, uni-vos!

Que se faça luz sobre o amor que podemos amar...

The End...

SEÇÃO VI – A ASCENSÃO

Epílogo de um Velho Novo Mundo

Na necessidade de aprofundar mais determinadas questões percebidas ao longo do percurso desta pesquisa, a partir dos pressupostos da Mídia-Educação inicio considerações sobre uma possibilidade de realização de telejornal com crianças. Isso, agora, na perspectiva da Filomídia tanto quanto da ação decorrente dela, a Filomediação. Traço algumas considerações que, certamente, necessitarei aprofundar com o tempo e os estudos para amadurecer no que este conceito significa em relação à práxis a que se propõe.

“Ouviste o que foi dito aos antigos (...)

Eu, porém, vos digo (...)

Jesus

Sermão da Montanha

Mateus 5,21-22

Filosomidiando: sobre possibilidades da produção de um telejornal com crianças

Não é de se estranhar, por exemplo, que nesse novo e mundo atual se olhe com desconfiança para palavras e conceitos que se manifestam assim, falando de Luz, Espiritualidade, Amor, Amizade, Imaginação, Alegria, Diálogo, Dignidade, Solidariedade, Brincadeiras, de Bem-viver. Mas, ainda bem que existiu um menino chamado Albert, que cresceu encriançado como Einstein, e falou assim... simplesmente falou: “energia é igual à massa vezes o quadrado da velocidade da luz”. Ou seja, nós e, em primeira e última instância, tudo o que existiu e existe nesse mundo, e no universo, é luz. Matéria é luz condensada, e tudo é luz.

Na ordem do micro ao macrocosmo tudo se move por leis que nem sempre percebemos, mas fomos conhecendo através do tempo/espaço pelas “descobertas” científicas. No grande “espaço vazio” entre um núcleo e os elétrons e que existe entre as subpartículas atômicas, nos seus vai-e-vens, é que existem as possibilidades de transmutação das formas, de produção e liberação de forças que determinam outros acontecimentos, previsíveis ou não. Esses átomos é que formam, por exemplo, o

DNA e filamentos que carregam as informações que por sua vez possibilitarão a “criação” disso e daquilo na sua lógica físico-química.

Passando ao macrocosmo a lógica se amplia do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, e decerto que se tudo é luz, há uma mensagem sendo pronunciada no deslizar dos astros pelo universo explodido desde o(s) Big(s) Bang(s), uma canção estimulando novas realizações quando se dão conjunções estelares, alinhamentos cósmicos, que seguem brincando de roda e de pega-pega quando *zintilhões* de galáxias formam teias multicoloridas pela imensidão sem fim, fazendo aparecer ilhas iluminadas entre o aparente vazio do espaço, da matéria escura, das massas e da luz dançando ao silencioso e quase imperceptível som na canção da gravidade.

Enfim, tudo é luz do micro ao macrocosmo, e somos filhos e filhas de poeira de estrelas e galáxias que explodiram no passado. Dessa poeira são feitas todas as coisas, inclusive, as bruxas da Ilha de Florianópolis. E, muitos não crêem nisso tudo. Mas, para mim, que isso existe, existe.

Parece que somente no reino animal-hominal (senciente/(in)consciente) da cultura ocidental é que todo esse conhecimento sobre energia e luz se bloqueia, fazendo um nó que nega e que não se “comunique” aquilo o que é em cima e embaixo. Parece que nossa civilização em-botou, com-gestionou a ponto de entupir, e entope todo esse saber sobre esse fluxo de luz em mil e uma elucubrações pelo conhecimento filosófico, religioso e científico.

Toda essa informação, e muito de todo o conhecimento acumulado por milhares de anos em diversas culturas passa longe das escolas de ensino fundamental. E, no Brasil, por força de lei as crianças são obrigadas a serem matriculadas nas escolas, e tenta-se ensinar/aprender de tudo o que os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem na gradação de que quanto maior o pote mais se “enche”, cabendo ao professor - em suas conhecidas condições de trabalho - “ministrar” essas doses.

Quantos outros saberes e conhecimentos não estão sendo socializados e ficam hermeticamente fechados nos círculos filosóficos ou entre os iniciados das igrejas, ou circunscritos aos muros da ciência, e nem se ousa admitir nas escolas, nas universidades e nas mídias tradicionais? Quando se discutem aspectos da educação intercultural em que pé ficam saberes e

fazeres de povos distintos convivendo numa mesma realidade chamada planeta Terra?

O que cada povo sonha e realiza para si na perspectiva de que outros povos possam sonhar e realizar algo diferente? Que povo vive e ama no dia a dia a acreditar e realizar que é possível um destino diferente, sem os pesos e tradições que oprimem os homens, subjagam as mulheres, ignoram a criança e desconsidera os idosos?

E, os currículos e as mídias “enchem” - de ocupações e saberes muito bem certificados pela convenção que os sacralizaram - as vidas das crianças de nossa cultura ocidental que pouco ouvimos suas vozes diante tantos “psius”. Esses meninos e meninas que têm 20 minutos de recreio para correr pelos pátios cimentados e sem graça.

Crianças que as pesquisas demonstram passar horas e horas em frente da televisão, fazendo mil coisas ao mesmo tempo: enviando mensagens pelo celular, navegando pela internet, fazendo os “deveres” da escola, conversando, ou brincando. O que a televisão, a internet, as conversas, o “dever” de casa, os currículos, as conversas e brincadeiras (não) falam e (não) mostram?

A caminho de uma ética ecológica - já desde há muito respeitada pelos povos originários - o sábio exilado pelas guerras e autoritarismo de suas terras argentinas nos aponta a integralidade “entre princípios materiais da ética, a consensualidade formal da mútua consciência” (Dussel, 2003, p. 35), uma “Nova Lei para o novo caminhar” (Idem) ouvindo e concordando com aquela outra lógica, a de quem dá a outra face como resposta ao estapeamento. E, continua, como que querendo nos alertar que o “apocalipse” de um Velho Novo Mundo é justamente o momento da “revelação” de que o Outro Mundo está chegando:

Como no caminho do deserto, já tendo deixado para trás o Egito, é tempo e nos conscientizarmos **das novas exigências ecológicas e econômicas políticas**, ligadas material e sacramentalmente à permanência e desenvolvimento da vida: sobre-vivência da humanidade presente e futura. (Idem, grifos do autor).

Certamente que todas as guerras perpetradas pelos poderosos impérios do Velho Mundo, e do Novo Mundo, passarão a ser pó, e cairão como caem todos que no decorrer da história subestimaram a força da vida que clama por justiça e harmonia. Tudo passou, exceto as sagradas pirâmides de pedra erguidas ao redor do mundo como observatórios – e, dizem, locais de iniciação – e, talvez do alto de uma delas um dia a Criança contemple, antenadíssima, quarenta e tantos séculos de mundos, impérios, guerras e soldados vencidos...

O **Filosomidiar** enquanto “filosofar” - perguntando, descobrindo, articulando, inter-relacionando, vivenciando, “reexistindo” na concretude do aqui e do agora os princípios de uma lógica com corpo (pés-mãos-cabeça-sentir-pensar-ser) na alteridade, e sabedoria que nos re-investe o poder de seres soberanos, autônomos e críticos inspirado na Ética e Filosofia da Libertação²⁵⁴ de Enrique Dussel - falava do **Filosomediatar**. Ou seja, de uma perspectiva de descolonização do saber e de libertar as mídias das amarras colonizadoras/desumanizadoras daquela lógica capitalista excludente, fazer a **mediação** entre crianças e Educação-Comunicação/Mídia-Educação/Filosofia no âmbito escolar, na perspectiva de uma sabedoria includente, libertadora, empoderadora do ser, do outro em sua soberania e direitos inalienáveis.

A “questão de fundo”, que dá luz ao filosomidiatar passa pelo transcender da tradição filosófica na ontologia da totalidade negadora do outro como outro, ao ascender no re-conhecimento do outro - face a face – e em profunda “comum-única-ação” com ele, na sua dignidade, diferença, dinamicidade. Nas mídias, isso se reflete em perceber o outrora não-ser – pessoa/sujeito/indivíduo des-possuído de “cara” e fala – agora como “ser” que “é”, que tem sua história. À anti-lógica da totalidade, Dussel propõe a analética

isto é, tenta organizar um discurso a partir da liberdade do outro; nesta lógica o outro apresenta-se

²⁵⁴ Naturalmente que aqui apenas dou os primeiros passos em direção ao aprofundamento nessa tese que vem sendo trabalhada pelo autor ao longo de décadas. E, espero fazer isso em estudos posteriores, tendo em foco a aplicabilidade dos mesmos princípios para a libertação das mídias, ou filosomidiatar, na mediação escolar, ou filosomediatar. Creio que será um trabalho para uma vida inteira. Ver Epílogo e Prólogo.

como alteridade quando irrompe como o estranho, o diferente, o distinto, o pobre, o oprimido, aquele que está a beira do caminho, fora do sistema e mostra seu rosto sofredor e grita por justiça. A analética tem origem não na ordem estabelecida da totalidade, mas no outro. (Golfe, 2000)

Em decorrência disso, sendo “a diferença entre mundo e cosmos é que do cosmos fazem parte todas as coisas compreendidas ou não pelo homem, enquanto ‘mundo’ é a totalidade do sentido compreendida pelo homem. Sem a presença do homem não haveria "mundo" (Idem), neste sentido; somente cosmos. O cosmos é anterior”, compreendemos nosso pertencimento ao cosmo e, por isso, ainda que não saibamos percebê-lo em sua infinitude, somos cidadãos e cidadãs do cosmo.

Então, traduzindo estas questões ao “mundo” das mídias, in-formar-se seria muito mais que apenas a busca de informações como se disso decorresse que tivéssemos conhecimento de algo, ou de alguma coisa, que valesse muito e desse a cada um vantagem sobre o outro nesse mundo de competição. Seria a busca da sabedoria, de valores espirituais universais nos diálogos com o outro, e com a criança no des-cobrimento dela, e com ela, de outra possibilidade de mundo e de existir e de ser, ver e de viver, sentir e perceber, compreender e se expressar. Enfim, de se relacionar com o outro e com o mundo em outras bases, por outra visão de mundo também, em princípios de reciprocidade, convivencialidade, complementaridade, solidariedade e outros *Etcoeteras* a serem percebidos mais na sua profundidade...

Por exemplo pó-ético de *Etcoeteras* nos paradoxos e interfaces desta vida, nos caminhos cruzados entre Educação e Mídia levantando questões a ser “incluídas nas pautas de discussão” no desafio posto da “compreensão de um mundo cujo perfil se define cada vez mais pela mídia, entendida aqui como uma dimensão institucional da própria sociedade, e não como uma estrutura que lhe é exterior. Mídia que, de modo inédito na história, tem a capacidade de selecionar, agendar o que devemos conhecer e discutir no nosso cotidiano” (Marques de Mello e Tosta, 2008, p. 49-50)... e dando o que falar... perguntou T. S. Elliot em sua “Histórias do Espírito Humano”: “Onde está a vida que perdemos vivendo? Onde está a sabedoria que perdemos no

conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação?”²⁵⁵

O que fazer em relação a isso, ficar parado, ou seguir em frente “com uma desenvoltura que beira a insolência”? (Larossa, 209, p. 13). Quem é que “nos olha diretamente na cara, nos agarra pelas lapelas, nos sacode os ombros, nos faz perguntas impertinentes, nos dá ordens, nos faz sinais” e, “desavergonhadamente, interrompe nossa tranquilidade de leitores e, de um salto, coloca-se ante nós com esse olhar brincalhão de quem se sabe capaz de reconhecer imediatamente de que material somos feitos”, “interpelando-nos em nossa própria atividade, metendo-se diretamente em nosso território, atacando nosso conformismo”? (Idem, p. 13).

Essa atitude tão audaciosa não seria inaceitável para muitos de nós? E, continua o autor profanador... A “Europa está desmoralizada, desanimada, desiludida, quase desfalecida”...

Por quê? Porque lhe falta uma ideia de si própria ou uma fábula de si mesma na qual possa reconhecer-se e sustentar-se. Porque lhe abandonou o ânimo, o espírito, a ideia interior que lhe dava vida. O homem europeu está desanimado porque **perdeu o sentido de si mesmo**, porque já não encontra nenhuma ideia de liberdade em relação à qual dar sentido à sua própria vida e à sua história, **porque já não tem a si mesma como sujeito**, porque não tem mais nenhuma ideia de si mesma para realizar, porque está abandonado à pura contingência, arbitrariedade e facticidade de sua existência (Idem, 80-81). (Grifo meu)

Aí estão os **4D (desmoralizada, desanimada, desiludida, desfalecida)** de uma **pirâmide do capitalismo** em seus estertores de agonia que explicam, também, a caducidade do Velho Novo Mundo que, em matando tudo, o Outro e até a Deus, acabou por se tornar assassino de si mesmo. A Europa e as “Américas” colonizadas invisibilizaram tanto o “diferente” que se tornaram elas mesmas um “sujeito” não-ser. O que vir a ser, então, quando se fizeram o que fizeram, senão ajoelhar-se vencida à própria morte enquanto o outrora invisibilizado “não-

²⁵⁵“The Rock”, 1934, Acesso em 12 out 2011 disponível em <http://www.wisdomportal.com/Technology/TSEliot-TheRock.html>

ser” desperta na Terra Esplendorosa, anunciando o Outro Mundo? Como não crer em tantos fatos que demonstram a situação de dependência e colonização das mídias chamadas tradicionais, em especial nas Américas e no Brasil? Somos “informados” dos fatos do mundo a partir dessa lógica dependente dos que parecem ainda colonizados meios de comunicação?

O que fazer, então, enquanto os estudiosos debatem o sujeito entre o ser e o não-ser na pauta das pesquisas na relação da Educação com a Comunicação? Como com-partilhar o saber às crianças, no nível de seu entendimento, se existe ou não existe tal situação de dominação? A mídia libertadora desse, e nesse Outro Mundo, pede a “necessidade de uma liberação que passa pela consciência de tal situação, e da sua superação. É aqui que entra no jogo a filosofia latino-americana com sua dimensão prática, libertadora. Ou como diz o próprio Zea²⁵⁶, ‘uma autêntica filosofia da liberação será aquela que comece por tornar consciente a dominação. Isto feito, o passo seguinte é o que leva a dar um fim nisso’ (Vásquez, 2002, p. 487). No mesmo espírito do filósofo “latino-americanista”, o autor entende que

por essa dimensão prática e libertadora, **a filosofia latino-americana afasta-se da filosofia ocidental**, que, ao absolutizar o universal, cai em uma visão puramente contemplativa, abstrata e atemporal do mundo, **mas ao mesmo tempo aproxima-se de uma filosofia emancipatória** que, como o marxismo, **interpreta o mundo para transformá-lo ou mudá-lo** (Idem, 487). (Grifo meu)

Isso então, não quer dizer, também, que ao promover ações de mediação na relação mídias e crianças, reconhecendo estas como “sujeito” de direitos, as incentivando ao exercício de sua cidadania não estaríamos do mesmo modo contribuindo para ajudá-las a interpretar o mundo e, mudá-lo por seus sonhos invendáveis a/à lógica do mercado do mundo colonizador/colonizado, mas numa lógica de “ser”?

²⁵⁶ Leopoldo Zea (1912/2004), filósofo mexicano.

Em reconhecendo a “radical” **alteridade** das crianças, dessas “enigmáticas” crianças que ainda sorriem nas escolas, e no entender de Larossa (2006), elas e

a sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença (...) que **inquieta o que sabemos** (e inquieta a soberba da **nossa vontade de saber**), na medida em que **suspende o que podemos** (e a arrogância da **nossa vontade de poder**) e na medida em que **coloca em construção os lugares que construímos para elas** (e a presunção da **nossa vontade de abarcá-la**) (Idem, p. 185). (Grifos meus)

Como não ficar em vertigem na corda bamba de nossas pretensões de entendê-las tão somente por um viés, um entre-abrir de um olho deixando o outro fechado às realidades e fatos da dominação no mundo pelas mídias? Sobre essa “tontura” o autor afirma que “aí está a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder” (Idem, p. 185). E, continua profanador soprando nossas casinhas de palha, madeira, cimento e folhas de papel:

Na medida em que encarna o surgimento da alteridade, **a infância nunca é o que sabemos (é o outro dos nossos saberes)**, mas por outro lado, **é portadora de uma verdade à qual devemos nos colocar à disposição de escutar**; nunca é aquilo apreendido pelo nosso poder (**é o outro que não pode ser submetido**), mas ao mesmo tempo requer nossa iniciativa; nunca está no lugar que a ela reservamos (**é o outro que não pode ser abarcado**), **mas devemos abrir um lugar para recebê-la. Isso é a experiência da criança como um outro: o encontro de uma verdade que não aceita a medida do nosso poder, e com uma exigência de hospitalidade que não aceita a medida de nossa casa.** A experiência da criança como um outro é a atenção à presença enigmática da infância, a esses **seres estranhos** dos quais não se sabe e a esses seres selvagens que não entendem nossa língua (Idem, p. 186). (Grifos meus)

Então, tendo por base alguns enfoques da Mídia-Educação, ancorado nos estudos culturais na resistência, e inspirado nos estudos interculturais na reexistência, e em suas “formas”, metodologias e modos de produção e ação no mundo, de entender/decifrar a relação criança e a mídia, da Sabedoria para o Bem Viver, na contribuição dos entrevistados da pesquisa, na inspiração dos mídia-navegadores e, na proposição de novos paradigmas em educação e comunicação e, também concordando sobre o que autores trataram sobre cada sala de aula ser uma comunidade de investigação freinetiana, espaços de ação e mediação, pela não-tiranía de nada e nem delas mesmo reinando em seu espaço interno que mal compreendemos, alcei âncoras para lançar o Barco do Destino em propostas a serem aprofundadas.

E, delineadas espiraladamente, fui compreendendo outras bases para criar possibilidades de diálogos com vistas à realização de um telejornal *para, com e através* das crianças na perspectiva da filosmediação para a libertação da voz das crianças, libertando também as mídias de seus “grilhões”, ainda que tão tardiamente.

Não se pode velejar precisamente no oceano dos fatos, das relações e inter-relações no mundo das velhas mídias e seus telejornais, e das possibilidades das des-cobertas e re-criação do Outro Mundo, se as âncoras se fixam demoradamente num porto com seus confortos e prazeres, se fazendo alheio aos tufões que se armam aquém do palmo entre proa e popa e ao tráfico da informação debaixo do nariz.

Nessas paisagens visitadas, creio que dentro das contradições da (i)lógica dos sistemas, e também na Educação e Comunicação, o papel do Mídia-Educador seria o de promover ações para a “vivenciação” do ser mídia-educacionalmente crítico, consciente, atuante e, conseqüentemente, despertado e “libertado” para aprofundar mais naquilo que as notícias re(a)presentam no âmbito da Educação e Comunicação intercultural no chão da então “América Latina”, agora Abya Yala. Assim, no meu entender os processos relacionados à Educação e Comunicação seriam observados a partir daquela **sabedoria** que liberta para o Bem Viver em harmonia consigo mesmo, com o outro, nesse Outro Mundo completamente possível de realizar: mundo de justiça plena, de participação efetiva, com-vivenciando

na plenitude de direitos que não fiquem tão somente no campo dos discursos, ou do papel. E, isso a partir da compreensão/apreensão dos valores que importam, implicam e se e-volvem nessa percepção, indo e vindo, cruzando-se em vários campos e cenas.

Daí se depreende o papel do filosomidiador na mediação, certamente naqueles eixos dos **3P (proteção, provisão e participação) + 4C (cultura, crítica, criação cidadania)**, entretanto, acrescidos de **1S (sabedoria)** que se dá justamente para a libertação do saber/poder/fazer/amar na “**contra-mão**” do Velho Mundo (A Europa Encobridora), do Novo Mundo (As “Américas” Encobertadoras) e das pessoas que “**mani-pulam**”, **oprimem, exploram**, que têm **má-fé** e **má-vontade** configurada e envolvida nos “mistérios” que **pro-movem** a **des-proteção, des-provisão, des-participação**, na **des-cultura**, na **des-crítica**, na **des-criação**, na **des-cidadania (7D)**, na **negação** da **cosmocidadania**. Em suma, na “**contra-mão**” da (i)lógica que faz o **encobrimento do outro**, para a libertação de tudo e todos para o Outro Mundo (Abya Yala Des-coberta).

No meu entender, Abya Yala é um “conceito” que diz respeito aos povos ancestrais, desde os andinos e, é também, um “estado de espírito que transcende povos, sociedades, nações, países porque se dá pelas vias do infinito interno dentro das vias do infinito externo. É, então, um “estado de espírito” que expressa harmonias com um todo, onde se cada um é único, como nota singular numa melodia ampla, todos são na cantiga de luz na poeira e na música das esferas.

Destes conceitos trago ao debate as possibilidades de criação de um telejornal envolvendo a comunidade escolar a partir de suas bases engajadas e entre-laçadas num processo libertador, e da criança a e-volver-se em sua responsabilidade e capacidade pessoal, no seu direito intransferível de se re-conhecer “sujeito” ser crítico, autônomo, soberano neste mundo sem donos, mas de co-habitadores que se cuidam e cuidam do outro e de tudo com amor.

Algo que, então, me parece possível de se revelar só com os outros novíssimos valores criados por aquela criança-superhomem nietzscheniana - arquetípica - que se faz viva/vivente/sapiente na luta de todo dia, no aqui e no agora, ainda a poder vir a ser percebida/ouvida/conhecida/amada em sua

pobreza e nojence²⁵⁷, em sua meninice, em ser o ser, super-humano. Em sua sabedoria amorosa que re-cria e não destrói o mundo. Em sua voz sendo re-conhecida, a-colhida, ampliada, abraçada, comunicada *para, com, através* das mídias e, necessariamente “de través” com os meios de comunicação não concentrados nas mãos daqueles que negam a ela a sua voz. Des-toantes dessas mídias e seus informacionismos que não dialogam com o outro em seus mil-sem-pés e mil-sem-cabeças, falando em suas mil-sem-línguas na língua do des-amor...

Seguimos, então, a des-cobrir, percebendo pelo des-pontar de realidades que antes se fizeram ou foram colocadas invisíveis em nossa sociedade e nosso mundo, a existência e reistência do outro, a criança em Abya Yala.

Filosomidiando: des-cobrimo uma ponta de Abya Yala

*Meninos, eu vou dictar As regras do bem viver,
Não basta somente ler, É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber, Quem faz sabios é o pensar.*
Bárbara Heliodora²⁵⁸

Boa parte dessa criançada, em geral, não sabe nada do que seja, por exemplo, sobre a considerada primeira poetisa brasileira, lutadora pela independência do Brasil ao lado de Tiradentes, a-partada de seu marido extra-“dictado” pela Coroa Portuguesa após a insurreição, cuidando sozinha de seus filhos em meio àquele clima de repressão e medo, os inspirando à sabedoria pelo pensar... Tampouco não sabem sobre um menininho lá no alto da Cordilheira Andina, nas terras do Equador no meio do mundo, que olha para o alto e divisa a constelação do Cruzeiro do Sul, a sua Chakana do céu, e sorri,

²⁵⁷ Ver Elaine Tavares, a Pobre & Nojenta em “O super-homem solidário: um encontro amoroso com Nietzsche”, citada na bibliografia. E, também em “Todo dia é dia da criança”. Acesso em 04 out 2011, disponível em http://eteia.blogspot.com/2011_10_02_archive.html

²⁵⁸ Atribuído à Bárbara Heliodora (1758-1819), Heroína da Inconfidência Mineira, casada com Alvarenga Peixoto. Do livro: "Florilégio da Poesia Brasileira", Tomo II. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850. P.282. Versão online com fac-simile, acesso em 11 nov 2011, disponível em http://books.google.com.br/books?id=Q50CAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
Alguns autores atribuem o poema ao próprio Alvarenga Peixoto.

cantando, sentindo-se parte desse estrelado. Entre a Terra e o Céu ele, a criança, é. É em Abya Yala. Crianças resistentes à aculturação total, crianças que resistem, *apesar* das mídias...

Um outro caso ilustra também como a resistência cultural-religiosa (ou espiritual) se manifesta entre povos que mal conhecemos, tão relegados foram ao forçoso esquecimento:

O auditório repleto do Teatro Municipal de Cusco para o concerto do Coral Infantil Nacional do Peru, em setembro de 2005, surpreendeu-se logo com a entrada do grupo. Os meninos cantores vieram pelo fundo do teatro, caminhando em direção ao palco, levando velas acesas, enquanto cantavam o "Hanaq Pachap Kusikuynin", acompanhados apenas por dois tambores medievais que marcavam o ritmo.

O "Hanaq Pachap", primeira obra polifônica composta na América, soava extraordinária: a letra, na língua quéchua, incompreensível para boa parte dos presentes, articulada em melodia e harmonia tipicamente européias, medievais, formava estranho conjunto, nem por isso estrangeiro naquele lugar, um teatro cuja principal decoração é uma enorme escultura do deus Inti, o Sol, na parede de fundo do palco.

A história da língua e das tradições pré-colombianas no Peru, a história dos incas portanto, continua viva nas mentes e corações daquele povo que, especialmente na cidade de Cusco, em grande maioria prefere chamar-se inca a admitir-se apenas espanhol; assume ter sido colonizado pelo europeu mas jamais se admitiu dominado; orgulha-se das grandes construções do século XVII, templos cristãos em seu solo, mas prefere os monólitos, as pedras talhadas e agrupadas com perfeição nos lugares sagrados dos seus ancestrais; fala espanhol com os visitantes estrangeiros mas em casa quer que seus filhos se comuniquem em quéchua; comemora os feriados e dias santificados cristãos mas reconhece a autoridade

do deus Inti, compreendendo-se vassalo do Sol, prestando-lhe homenagens.²⁵⁹

Mesmo depois de séculos de tentativa dos dominadores de fazer esquecer isso às gerações em 500 anos, muitos dentre os povos andinos e suas crianças resistem, e insistem em viver sua cultura, suas tradições milenares. Uma nova geração de jovens busca no conhecimento ancestral e por sua espiritualidade outro viver, o bem viver, uma ideia que se renova e se amplia nessas curvas da elipse ascendente da vida, pela escola intercultural²⁶⁰, na universidade intercultural: o *Sumak Kawsay*.

O Bem viver: Sumak Kawsay

O “Doce Bárbaro” Caetano Veloso cantou em “Um índio”,²⁶¹ o que me parece ser uma revelação que está aí para quem tem olhos para ver, e perceber, que o que parece exótico a muitos de nós é o óbvio para outros se desocultando:

*Um índio descerá de uma estrela colorida e brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul, na América, num
claro instante*

*Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das
tecnologias*

Virá, impávido que nem Muhammed Ali, virá que eu vi

²⁵⁹ MÓDOLO, Parcival. Os incas: língua, cultura e música. Etnicidade e apropriações cultural-religiosas. Rev. USP n.72 São Paulo dez. 2006. Acesso em 17 out 2009, disponível em <http://goo.gl/9oPFt>

²⁶⁰ A Universidade Intercultural das Nacionalidades e Povos Indígenas “Amawtay Wasi” (na língua Quechua, “Casa da Sabedoria”), criada a partir das reivindicações do movimento organizado pela CONAIE, Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador, aprovada pelo Ministério da Educação daquele país, e completou 7 anos em 2011, enfrentando enormes desafios, com um modelo educacional muito próprio pautado em “Aprender en la Sabiduría y el Bien Vivir”. Página da instituição disponível em <http://www.amawtaywasi.edu.ec/web/>

²⁶¹ A Música “Um índio” é a 5ª. faixa do álbum LP “Bicho”, 1977 pela Polygram. © Editora Gapa . 600611111 BRMCA7700170. <http://www.caetanoveloso.com.br>

*Apaixonadamente como Peri, virá que eu vi
Tranqüilo e infalível como Bruce Lee, virá que eu vi
O axé do afoxé, filhos de Ghandi, virá*

*Um índio preservado em pleno corpo físico
Em todo sólido, todo gás e todo líquido
Em átomos, palavras, alma, cor, em gesto e cheiro
Em sombra, em luz, em som magnífico*

*Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto, sim, resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará, não sei dizer
Assim, de um modo explícito*

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos, não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio*

Este óbvio se desocultando e se manifestando pode ser, a meu ver, o re-despertar de uma outra consciência para o bem viver em Abya Yala, “Terra Esplendorosa”. E, de um ponto de vista filosófico, religioso e científico isso tem seus fundamentos e repercussões. O “Bem Viver” compreendido a partir desse movimento em Abya Yala é o Sumak Kawsay, termo/conceito que já vem sendo debatido na academia. Por exemplo, em artigos na Revista do Instituto Humanitas Unisinos²⁶², além de exemplo desses conceitos serem aplicados na Universidade Amawtay Wasi.

Assim como fez a relação entre a música de Caetano e esse outra visão de si mesmo, do outro e do mundo - visão inclusive planetária -, ajudando-nos a compreender a extensão desse conceito, Paulo Suess²⁶³ diz que

²⁶² Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Pora. O Bem-Viver, IHU On-Line número 340, de 23-08-2010, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=340>

²⁶³ Coordenador do Núcleo de Pós-Graduação de Missiologia na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção (São Paulo), assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e presidente da Associação Internacional de Missiologia (LAMS).

O sumak kawsay, como horizonte utópico, é um paradigma crítico e autocrítico em construção que visa a uma plataforma pluricultural e multisetorial. Ele aponta para o êxodo de uma situação escravizante e propõe um caminho transformador. Nem todos querem um novo caminho que será árduo. Uns privilegiam a situação escravizante e outros se acomodam à escravidão sendo reconciliados com a precarização da vida por medidas de mitigação.

O paradigma do bem viver com seu horizonte utópico não é um receituário nem pode ser a descrição de um programa de governo em seus detalhes. Sumak kawsay é a visão de outro mundo possível. Nesse mundo, a humanidade faz parte da natureza, mas não se dilui nela. Pelas conquistas culturais, a humanidade não se emancipou da natureza, mas acrescentou elementos essenciais a essa natureza, como liberdade e igualdade, dignidade e autonomia, solidariedade e esperança, valores e sentido. Acrescentou, porém, na história de sua evolução cultural também uma pulsão destrutiva face à natureza e à própria espécie humana. Essa pulsão ultrapassa a mera destrutividade natural, porque, ainda como barbárie, é cultural. Portanto, os acréscimos culturais da humanidade podem ser utilizados para progresso e dominação, para civilização e barbárie. Com esse saber crucial, o paradigma planetário do sumak kawsay procura traçar pistas de um novo equilíbrio, que poderíamos chamar de reconciliação entre humanidade e natureza, ou aliança das vítimas da barbárie humana.

Por sua natureza reparadora e seu horizonte utópico, a proposta do sumak kawsay não foi impulsionado por superpotências do mundo globalizado. Irrompeu da memória histórica e cultural de países pequenos e setores explorados, da Bolívia e do Equador, países e setores marcadamente indígenas, considerados periféricos no que se refere à economia e ao prestígio internacionais. Na história humana, o radicalmente

novo, revolucionário e messiânico é sempre gestado na periferia e nas fronteiras dos impérios".²⁶⁴

Abordando dos conflitos que se criam na Educação “importada” trazida para uma população que vive numa outra dimensão de lógicas, Pérez Morales (2008) apresenta muitas reflexões sobre escolas do Equador e

o momento de abertura para olhar, não só com os olhos da razão e sim também com os olhos da sensibilidade, outras formas de educação, que tempos atrás e à sombra do conhecimento ocidental, vem desenvolvendo uma proposta epistemológica que até hoje não tinha importância, e era desconhecida, mas que agora, vem sendo colocada no cenário do novo paradigma, para que estabeleça um diálogo (Idem, p. 190).

Um paradigma para o Bem Viver. E, as crianças existem...

Em outro desses momentos inexplicáveis que nos acontecem, senão pelas leis da sincronicidade - da “coincidência significativa” que só Jung mesmo é quem explica -, assim ao acaso encontro um livro novinho em folha, não-querido pelos transeuntes nas prateleiras do projeto “Floripa Letrada”²⁶⁵ da Prefeitura Municipal de Florianópolis, no Terminal Central de transporte coletivo da cidade (TICEN), nas idas e vindas entre uma orientação e outra da dissertação. E, na contracapa do livro avermelhado está escrito, maktubinianamente, o que eu também encontro em mim, o que eu me identifico:

"Resistir, diferentemente, não é permanecer nas possibilidades dadas, não é render-se a um estado de coisas já estabelecido. É criar possibilidades inéditas, ações fora das medidas; é inventar valores novos, diferentes dos constituídos; é ir além desses valores dados: é transvalorar, como nos ensina Nietzsche. É, portanto, a afirmação vigorosa do novo, da imanência

²⁶⁴ Virá que eu vi: Contornos de um projeto em construção. Acesso em 11 mar 2011. <http://goo.gl/aZGz4>

²⁶⁵ Site com notícia do projeto No Portal da Prefeitura em <http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/?pagina=notpagina&menu=3¬i=2293>

da criação. Não a aposta em um outro mundo futuro, em uma possível transcendência, mas sua afirmação no aqui e no agora, na criação/experimentação de caminhos que se fazem no próprio ato de caminhar". Cecília Maria Bouças Coimbra.²⁶⁶

Os deserdados latino-americanos, colonizados, os que foram conhecidos até então como quintal das metrópoles européias, as terras repartidas por Tordesilhas ao oeste de Greenwich, os países periféricos em relação ao império vigente com seus poucos emergentes, são também as terras das crianças esquecidas pelo telejornal, mas muito bem lembradas como nicho de mercado consumidor.

As crianças certamente devem ser seres de muita fibra, porque ainda mantêm seu sorriso à menor coisa que lhes encantem a sensibilidade. Mesmo nos lugares onde cremos não seja possível haver o mínimo de dignidade, sempre encontramos crianças que sorriem com seus brinquedos simples, nas ruas, nas favelas, nos escombros de regiões em guerra, nos lixões, nas famílias desestruturadas, até em nossas escolas.

As crianças com seus porquês resistem ao saber que lhes é imposto arbitrariamente muito mais do que os adultos. Que força elas têm, onde é que vão buscar isso que nós não temos, e nem sabemos onde procurar? Elas, as crianças, poderiam nos dizer algo sobre isso?

Preocupados com as conquistas para garantir o futuro de uns poucos, em ajuntar riquezas para si mesmos, desconsiderando que destruir o meio-ambiente e reduzir as pessoas a engrenagens descartáveis nas esteiras das fábricas teria seu preço, numa reação igual em intensidade e direção, mas em sentido oposto, comprovado até nas Leis de Newton, os magnatas do poder e das mídias seguem com seus planos.

Seja especulando no mercado financeiro ao toque de um simples dedo para transferir fortunas em fusões de mega empresas, criando naves para também conquistar o espaço. O que move essa ganância? Qual importância teria uma canção que falasse de “índios”, de uma visão de mundo para essas pessoas?

²⁶⁶ Do prefácio “O Atravimento de resistir”, no livro **Deserdados: dimensões das desigualdades sociais**. Rio de Janeiro: Editora H.P. Comunicação, 2007. CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *et alii*.

Reencontrando o Camelo, o Leão, a Criança e as mídias

Eu creio que as crianças são o aqui e o agora nos chamando a atenção para mudanças, radicais e profundas transformações. As crianças talvez estejam nos alertando sobre o “que, quem, quando, onde, como e por que” de um telejornal construído *para, com e através delas*, e apesar de tudo o que “as mídias fazem” ou do que “fazemos com a mídias” para nos distrair de nossa humanidade, de nossas possibilidades, de nossas histórias e culturas, e de nossa arte. As crianças talvez estejam querendo nos dizer o que seja possível e necessário realizar na Educação, Comunicação e de um outro mundo também.

Entretanto, no meu entender, por mais que seja fácil “arremedar” os telejornais que existem atualmente com suas técnicas e lógicas embutidas, a mudança tem de ser radical, inclusive em nossa visão de educação, de comunicação, de escola, de criança e de telejornal, e de mundo também.

Em tese, eu partiria, daqui para diante, com o camelo, o leão e a criança como transformação do espírito na perspectiva filosomediante das mídias, *para* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias para construir possibilidades de reinvenção do telejornal a partir da escola, com textos e em contextos escolares.

A perspectiva da Mídia-Educação expressando-se na garantia da **proteção, provisão, participação e cidadania** para as crianças é um ponto de partida. Outra inspiração pode ser a pedagogia de Amawtay Wasi. Esta, em sua “cosmovisão, epistemologia e ética para a descolonização do conhecimento” constitui-se num espaço de reflexão-ação proposto a partir dos homens, mulheres e crianças de Abya Yala “comprometidos com a tarefa de reconstruir as ciências do conhecimento intercultural convivencial”²⁶⁷, na dimensão do fazer, poder, saber e amar. E assim, *com* essa, *para* essa, e *através* dessa sabedoria, eu partiria para um outro mundo de possibilidades nas relações entre Educação e Comunicação e Filosofia.

Na minha atual compreensão da simplicidade profunda e sábia dos princípios orientadores de Amawtay Wasi, seria necessário encarar a possibilidade de vivenciar outro tipo de

²⁶⁷ Prospecto: Universidad Intercultural de las Nacionalidades e Pueblos Indígenas “Amawtay Wasi”. Enseñadonos em la sabiduría y el bien vivir.

dinâmica num processo de ensino-aprendizagem, começando por literalmente “esquecer” de muita informação que nos foi “ministrada” à moda do Velho Mundo, reproduzida no Novo Mundo.

Seria necessário redimensionar, recriar outras maneiras e compreensões de ser e de fazer. E, assim, iniciaria outros ciclos em níveis de aprender a ser em outra lógica:

- 1) Aprender a pensar fazendo comunitariamente;
- 2) Aprender a aprender;
- 3) Aprender a desaprender e reaprender;
- 4) Aprender a empreender.

Reconheço que esse pensamento não é novo e que muitos autores já teorizaram sobre tais pressupostos aqui elencados, como por exemplo, Freinet e Freire – não por acaso, autores que fundamentam a Mídia-Educação. Do mesmo modo Amawtay Wasi não nega a colaboração dos pesquisadores em Educação no desenvolvimento de sua pedagogia. Mas o que certamente não faz é se comprometer com nenhuma lógica excludente, alienante, que negue o respeito devido às diferenças culturais. Muito pelo contrário, promove a interculturalidade.

Mas se o que estou chamando de cosmovisão que é uma outra ontologia, epistemologia e ética podem “chocar” num primeiro momento, talvez seja porque mexem com estruturas que nos instalamos nas nossas zonas de conforto. E, por isso mesmo que essa outra maneira de pensar/ser/fazer/poder/amar e determinar destinos merece mais aprofundamento, notadamente nos meios acadêmicos - o que poderá ser feito em trabalho posterior a essa investigação.

Afora essa zona de conforto que muitos de nós nos instalamos, até inconscientemente por termos entranhado todo um pensamento que foi poderoso e muitíssimo hegemônico, quantas vezes os resquícios dessa “força” homogeneizadora percorre nossas mentes e percepções a que vejamos o outro de maneira folclorizada? Quantos de nós pisamos seus lugares sagrados com a curiosidade de turistas que buscam prazer e deleite superficial de em suas paisagens cheias de histórias que nada sabemos? O que ganhamos mais do que os outrora saqueadores de suas riquezas no apenas ouro e na prata, e nada percebiam de sua

complexa organização social/cultural, artística, espiritual assim simbolizada nos metais preciosos?

Há que se deixar claro aqui neste prólogo que espiritualidade tem tanto a ver com a religiosismo quanto se misturam água e azeite nas pias de muitas crenças. Decerto que toda espiritualidade pode se manifestar em sistemas religiosos, filosóficos, científicos, políticos, econômicos, enquanto que o movimento contrário nem sempre acontece. É essa lógica des-humanizadora, des-espiritualizada, des-vinculada do homem para com o homem, do sujeito para o sujeito, dos seres para com os seres e destes com o cosmos que não percebe no outro, no diferente a sua dignidade própria. E, esse parece ser o pensamento dominante no Velho e Novo Mundo ocidental, e o “outro” só existe para o *Do ut des* (Dou para que (me) dê). O que cabe e é imprescindível numa lógica des-colonizadora é o comungo, cuido também de ti, por que tu és meu irmão.

Assim, pergunto(-me): quem é a criança numa lógica de um outro mundo? De um outro mundo perfeitamente possível, pois que já vivido desde há milênios por outras culturas? O que pensar quando, de uma maneira ou outra, sabemos que milhões de pessoas e povos foram completamente dizimados no decorrer de 500 anos de opressão, de genocídio cultural? As estatísticas coloniais registraram quantas crianças chamadas de índios (e de sem alma) foram mortas desde o “descobrimento” em 1492?

E, como fazer um telejornal para e com crianças cujo outro mundo é tão entranhado em sua cultura, quanto foi negado a ela por nossa cultura ocidental? Como fazer um telejornal que questione normas pedagógicas, educacionais e comunicacionais autoritárias? Como fazê-lo promovendo a autonomia e criticidade dos sujeitos-crianças, e as respeitando e acolhendo quando se manifestam? Como fazê-lo na perspectiva da des-mercantilização da educação e da comunicação? Como fazê-lo no seio de uma sociedade de diversidade cultural? Como fazê-lo na perspectiva da soberania educacional e comunicacional? Como fazê-lo além do que se apresenta no mundo cor de rosa daquela boneca apresentadora de telejornais?

Como fazer um telejornal percebendo a não “linearidade” das relações, mas a “espiralidade” destas e de uns com os outros, e de todos com um universo que se move assim em leis que mal percebemos? Como fazê-lo des-pensando que nós, seres animais/humanos, não somos nem em cima nem

embaixo, ocidentais ou orientais, melhores ou piores que os outros nessa vastidão do espaço onde absolutamente não somos/temos o um umbigo como centro do universo? Que mundo é este em que vivemos, que universo é este em que vivemos? Que escolhas fizemos nisso tudo? Onde é que realmente moramos, colocamos o nosso “habito”?²⁶⁸

As pirâmides orientando para um Outro Telejornal Filosomidiante

Em busca desse telejornal, eu deixaria o Velho e o Novo Mundo para trás com todas as suas falsas promessas e engodos, deixaria seus telejornais enfadonhos nas suas mil e uma noites de contos sem graça, de des-graças escolhidas a dedo para nos amedrontar e apresentar falsos super-heróis da política, da corrupção, que supostamente nos “salvariam”. Tendo descoberto o segredo do iceberg, saberia que na verdade ele é uma das tantas pirâmides espalhadas pelo mundo como centros de iniciação e alfabetização para a sabedoria.

A lógica dessa proposição passa pela consideração de que, naquela (i)lógica da “cadeia alimentar” da pirâmide invertida, o que é considerado menos importante na construção da notícia, talvez guarde o segredo do que realmente importa. Na esteira de produção da triangulidade da (in)vertida (i)lógica capitalista na mercantilização da informação o produto final é o entretenimento, o alienamento, o esquecimento, a desinformação.

Na sabedoria daquela pirâmide des-invertida, ou do Segredo da Pirâmide de Genro o que importa é a singularidade do ser comunicante, que em sua expressão única no revelar pelo texto se afirma, também, como solidário nas lutas pelo desvelamento do oculto, na denúncia das contradições envolvidas nos fatos não só acontecidos, mas em acontecimento.

Na lógica da sabedoria do iceberg des-invertido - onde o que é realmente importante são as criações -, pela singularidade delas que são as notícias noticiantes, anunciantes e denunciantes cria-se um fato inédito por sua palavra-ação, que é a produção de renovados conhecimentos por seus textos e em seus contextos

²⁶⁸ Questões que se referem a conceitos a ser aprofundados posteriormente, e que nesta pesquisa são tomadas apenas como indagações que se des-cobrem à medida que se olha mais fundo no iceberg.

escolares. E, o fruto colhido no processo de exercício de sua cidadania (educacional e comunicacional, inclusive) é o que me parece que verdadeiramente importa na construção de um mundo de justiça social: a solidariedade, o enternuramento, o abraçamento, o reconhecimento das identidades em outras dimensões do ser e no seu aprofundamento/ascensão, pessoal e coletivo, na vivência da plenitude de seus direitos.

Nessa lógica não há produto como mercadoria. Não há informação como “coisa” que se compra/consome/come ou se use para se apoderar do outro. Tampouco os sujeitos são coisas; são seres. Há partilha e com-partilhamento de saberes/fazeres/poderes/amores. Há processo, de auto-conhecimento e auto-reconhecimento, de aprendizado e co-aprendizado, de apreensão e apreensão de valores universalmente reconhecidos e consagrados como inalienáveis: vida em plenitude na relação e “comum-única-ação” em solidariedade com o outro em comum-união no mundo. Há comunhão do ser na possibilidade de realização de um Outro Mundo.

Então, na minha imaginada base da **Pirâmide da Mídia-Educação**, como já entrevemos agora, sobem os lados dos **3P+4C** (Figura 07 e 08) provisão, proteção, participação e cidadania, cultura, crítica e criação. E, desde o coração/epicentro, sobe à cumeeira dela, em superfície polida e translúcida, brilha a luz da criança em sua singularidade (como o X na Pirâmide des-Invertida, núcleo singular da notícia) dizendo sobre forma e conteúdos das notícias *para* o seu entendimento, *com* o seu entendimento, *através* do seu entendimento de mundo. As bases se assentam nos textos e contextos escolares (como em Y na Pirâmide des-Invertida, ou no Segredo da Pirâmide).

Figura 07 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Mídia-Educação – A



Figura 08 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Mídia-Educação – B



Sobre a base da **Pirâmide da Sabedoria**, o Bem Viver, o “chão” da cultura do Outro no aqui e agora, é a projeção na Terra (como em Y’ na Pirâmide Invertida, “a projeção ideológica e ontológica que emana ou é superior à notícia” em X’). Percebem-se os lados do **SFPA** (Figuras 09 e 10) **saber/fazer/poder/amar** indissociáveis na práxis, e subindo do epicentro à cumeeira dela, assim como na sua contrapartida da Mídia-Educação, resplende a luz da Outra Criança em sua cosmocidade dizendo sobre forma, conteúdo e autoconhecimento de sua cidadania cósmica (como em X’ na Pirâmide Invertida) os pressupostos ontológicos que orientaram a produção da notícia. dando notícias *para* o seu comprometimento, *com* o seu comprometimento, *através* de seu comprometimento à realização do Outro Mundo.

Figura 09 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Sabedoria – A



Figura 10 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Sabedoria - B



A Chakana

Essas duas pirâmides acima, numa perspectiva de filiosomediação - na escola para a sabedoria, e com o professor filiosmediador na relação crianças e mídias -, são complementares e ao mesmo tempo indissociáveis, justapondo-se e formando assim, a Chakana (Figuras 11 e 12), a cruz de oito pontas, indicando harmonia através do aparente conflito entre **Filosofia, Religião e Ciência**. Porque a essas dimensões do conhecimento ajunta-se o **Autoconhecimento como Re-Conhecimento mesmo da dignidade cósmica**, perfazendo uma

quarta face nas possibilidades do saber na responsabilidade intransferível que cada ser tem em sua existência.

Figura 11 . A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Chakana – A



A lógica do segredo do iceberg na pirâmide da Chakana . Figura 12



Nas infindáveis discussões entre imanência e transcendência, em tese eu escolho o caminho do meio, o da existência para o Bem Viver no aqui e agora, e na reexistência ao monopólio das mídias, na efetiva luta pela democratização dos meios de comunicação, entrelaçando oportunidades para o viver em harmonia com o praticamente desconhecido universo infinito, ampliando os gargalos entre aquilo que é/está embaixo, e é/está em cima.

É aí nessa Bem-Vivência e subindo do coração/epicentro à cumeeira da **Pirâmide da Sabedoria** que percebo o local da **Criança Antena**, plugada, ligada como “meio” de “comum-

única-ação” entre o Céu e a Terra, entre o micro e macrocosmo, na harmonia do existir, ser e realizar em Bem Vivendo. Sincronizada com um outro tempo de realizações nos âmbitos daquelas “**proteção, provisão, participação**” e “**cultura, crítica, criação e cidadania**”, na esfera da **sabedoria** do Outro Mundo, muito mais além do planos que lhes des-conhecem e des-respeitam a Voz. Audaciosamente indo onde nenhuma criança jamais esteve...

Figura 13 . A lógica do segredo do iceberg . A Criança Antenada



Com textos e em contextos escolares eu não negaria às crianças a oportunidade de falarem, de expressarem suas vozes, percepções, dúvidas, medos e sonhos, de se autoconhecerem em sua dignidade de seres que são humanos e luz, mesmo enquanto estejam rodeadas de apelos à erotização precoce, ao consumismo e à publicidade dirigida a elas pelas velhas mídias em suas novíssimas tecnologias.

Pelo exercício da telejornalidade, ou seja, por sua capacidade de lidar com instrumentos que lhe ampliam as vozes e expressem seus sentimentos-pensamentos-ações a serem partilhados com outras crianças, esses meninos e meninas se dariam as mãos para construir um Outro Mundo, escrevendo mais pontos e contos ao seus manifestos:

Crianças do mundo inteiro, uni-vos!

(...) “Deixem os bancos enfadonhos das escolas que transformam as crianças em peças de máquinas, e dispersem-

se pelos canteiros em busca do que aprender com seus novos amigos.

(...) Ah, crianças, que as manhãs de seus sonhos façam cair os véus das antigas e tristes noites de quando seus sonhos lhes foram retirados. Sejam corajosas, vivam seus ideais, despertem da sonolência que lhes foi imposta pelos contadores de uma história que lhes tirou a dignidade e os finais felizes. Em cinco pétalas e palavras: acordem, brinquem, vivam, realizem, sonhem.

(...) Crianças, um mundo despedaçado em ruínas espera sua chegada para que novas formas de viver em alegria recree a beleza para as futuras estações.” (Nogueira, 2005)²⁶⁹

Se há escolas, e elas são um dos poucos espaços onde as crianças podem se encontrar quase todos os dias, é ali o espaço privilegiado para o exercício de suas meninices, protegidas por outros mais experientes que também aprendem com elas.

Em sín-tese, eu navegaria por mares nunca dantes navegados; tiraria a maçã da frente do rosto de todos os anônimos; pintaria o céu lado a lado com Magritte e Van Gogh; conjugaria outro verbo, o da intuição; poetaria com Cecília, Tagore, Gibran, Drummond e Célia; cantaria com Caetano e todas as crianças - os filhos e as filhas da poeira das estrelas.

E, na filosomediação que lhes ajuda a empoderarem-se *com, para, através* e sobretudo *pela* sabedoria, não deveria haver nenhum traço daquilo des-existido nas antigas escolas, aquela ação que provocava o *bullying* em geral atribuído tão somente as crianças, jovens, estudantes: a “pedagogofilia”, o abuso sofrido em mãos de (des)educadores ministradores da educação bancária. “Hay que escolarizar-se, pero sín perder la ternura, jamás”, escrevi um dia.

Os Conselhos Escolares de Comunicação

Se a tônica nesse modo de ser/realizar, de descobrir o outro mundo, de escrever, de ler, de telejornalizar o mundo a

269 Inspirado no Manifesto Comunista (1848) de Karl Marx e Friedrich Engels, escrito de ponta cabeça. Disponível no Blog Filosomídia em <http://filosomidia.blogspot.com/2011/02/manifesto-das-criancas-criancas-do.html> e apêndice 4.

partir do texto/contexto da criança/escola é libertar o pensamento, inclusive da ideologia das mídias, é de se esperar que os educadores envolvidos nesse projeto também construam outras maneiras de perceber o mundo e seu próprio ser. Assim, creio que nas escolas poderiam ser im-plantado os possíveis Conselhos Escolares de Comunicação, CONSECOM, envolvendo outros sujeitos/seres da comunidade na discussão de questões que lhes dizem respeito à participação de todos, da sociedade civil no processo de democratização dos meios de comunicação. Nesses conselhos, o controle do poder da informação nas mãos de poucos estaria em cheque, pois seriam observadas de perto pela sociedade civil desde as bases da escola, quiçá lhes exigindo outras posturas.

Como levantado na pesquisa, um território propício para dar visibilidade ao exercício daquela telejornalidade através dos projetos das crianças/escolas seriam as TV comunitárias apoiadas por TV públicas, as TV universitárias, as TV Educativas, e com o suporte destas e a inserção de laboratórios e grupos de estudos e pesquisas na área da Educação e Comunicação seria certamente promissores para o desenvolvimento dos projetos das crianças.

Considerando que a concessão para radiodifusão a empresas comerciais é a de um bem público – as ondas eletromagnéticas e o espectro radioelétrico – tais questões poderiam ser discutidas na perspectiva das possibilidades de um telejornal *para* as crianças, *com* e *através* delas feito com o apoio de educadores e outros profissionais (servidores públicos e trabalhadores das empresas privadas concessionárias), como dever de apoiar as necessidades e aspirações da população/povo/sociedade na construção e “produção” de conhecimentos/saberes/fazeres, uma vez que estes também são “donos” daquele bem. Tais programas poderiam também ser exibidos à maneira do programa “A Voz do Brasil”, não apenas nas rádios, mas também nas redes comerciais de televisão. Isso, a meu ver em horários predeterminados e de “conveniência” e “adequação” para as crianças, graciosamente ocupando espaços nas grades de programação dessas emissoras.

E, no mais, considerando que seja in-aceitável que bancos, empresas, estatais, autarquias, seja qual for o regime jurídico (quando elas seriam “do povo”) repassem verbas às emissoras privadas na forma de patrocínio de eventos esportivos e outros e, certamente de outras maneiras não tão louváveis no

“apoio” à política eleitoral - ambos programas não indicativamente classificados - que estes, então, patrocinem aquele possível telejornal. Por que estas verbas não “salvam” as TV Educativas, por exemplo? Há que se aprofundar nessa questão...

Um Outro Telejornal na praça com textos e em contextos escolares: Agora, A Voz das Crianças do Brasil.

A um telejornal assim eu batizaria de “Agora”, numa clara alusão às praças onde acontecia o debate e se tomavam as decisões na pólis grega, considerando esses programas como a “nova praça pública” (Vizeu, 2006). O sub-título do programa: A Voz das Crianças do Brasil: com textos e em contextos escolares.

E, na eventualidade da “desclassificação indicativa” dos atuais telejornais, seria necessário colocar “tarja preta” alertando os “ouvintes” antes dos programas aos conteúdos não censurados e auto-(des)regulados, que desrespeitam os direitos à programação de qualidade para todos?

Algo mais ou menos assim, como fiz numa irônica sugestão ao debate online promovido sobre a classificação indicativa: O Ministério da Justiça adverte: esse programa pode ser prejudicial à saúde de seus filhos”.

A Filosofia e a Libertação das Crianças

Até há pouco tempo disponível na página da Internet da Faculdade de Educação da UnB, um texto de Ann Margaret Sharp²⁷⁰ aborda sobre “palavras”, conceitos e significados que damos às crianças, subtraindo-lhes o direito de pensar, de filosofar. Ela propõe “um novo paradigma em educação, que busque, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, transformar cada sala de aula numa comunidade de investigação.” Destaco parte desse artigo para nossa reflexão:

²⁷⁰ Ann Margaret Sharp (1942/2010). Referência mundial na área da Filosofia para Crianças. Co-fundadora do Institute for the Advancement of Philosophy for Children com Matthew Lipman em 1974, na Montclair State University, New Jersey/EUA, onde se aposentou em 2009. Artigo completo disponível em <http://filosomidia.blogspot.com/2010/12/filosofia-e-libertacao-das-criancas.html>.

(...) Se me perguntassem por que eu me envolvi na idéia de que as crianças façam filosofia, diria que é porque me sinto ofendida com a idéia de que tratamos as crianças como se fossem depósitos e as mutilamos até que sejam maiores de idade. Elas fazem dezoito anos e continuam utilizando palavras como amor e amizade sem saber de que estão falando.

Neste sentido, uma das maneiras de perceber a filosofia é como um processo educacional de libertação da criança. Trata-se de libertar as crianças para que possam pensar por elas mesmas acerca do significado dessas palavras. Não é justo que não se permita às crianças saber que existem muitas maneiras de pensar acerca dessas palavras. A história da filosofia ocidental, que contém diferentes maneiras de conceber esses conceitos, é um legado de todas as crianças, sejam elas conscientes disso ou não.

Então, nas salas de aula “seriam desenvolvidas as inteligências emocional, cognitiva e social das crianças. Exploraríamos não só o que pensamos e como pensamos, mas também o que sentimos e como sentimos, e exploraríamos o que pensamos que a sociedade poderia vir a ser e como nos veríamos relacionando nessa sociedade”²⁷¹. Questão de ver, o Outro. Olho no olho, face a face, mão em mãos e corações re-unidos...

E, a partir deste ponto, eu me abro ao aprofundamento, às entregas e buscas de um Outro Mundo possível, na necessidade que percebo de que necessitamos de algo extraordinariamente novo e muito mais que transformador. Há que ser algo re-evolucionário! É para lá, para além de todos os caminhos e para a Ponte do Arco-íris, que a bússola aponta...

Considerando todos os males pandorianos e o “terror” em que vivemos hoje em sociedade - mostrados exaustivamente pelos telejornais -, e certamente acentuados por uma lógica predominante que promove o individualismo, a competição, o “sucesso”, quando numa dimensão planetária tudo parece estar na iminência do acender um estopim para estourar tudo, seria

²⁷¹ A partir deste texto, e desta pesquisa, procurarei aprofundar na questão do paradigma e da Filosofia para crianças a que ela se refere, fazendo isso na relação com a Filosofia da Libertação em Enrique Dussel, e a Pedagogia Libertária em Maurício Tragtemberg.

sensato acreditar que os esforços para essa “re-evolução” partirá mesmo é daqueles que se encontram não mais em desespero, mas em atitude de profunda indignação, e querem mudanças. Ou talvez partam e possivelmente estejam nas exclamações e expressões espontâneas que ouvimos das crianças. Elas são a mudança?

Nesse ritmo de destruição para o qual o planeta inteiro parece caminhar como a vida se sustentará? Em quais bases e, até quando o “equilíbrio” social, político, econômico, psicológico conseguirá suportar antes de uma ruptura, ou caos? Os “tumultos” noticiados pelos telejornais nas mídias desreguladas no “vale tudo” não são a voz dos indignados querendo e exigindo mudanças?

Em apontando fatos e reflexões sobre a crise atual, Fritjof Capra no divulgado prefácio para o “Tao da Libertação”, de Hathaway e Boff como Águia e Condor voando juntos, mostra como eles defendem que “todas as ameaças que enfrentamos, na visão deles, são sintomas de uma doença cultural e espiritual afetando a humanidade”. Capra destaca o que os autores afirmam, e comenta:

‘Há uma patologia aguda inerente ao sistema que atualmente domina e explora o mundo’. Eles identificam a pobreza e a desigualdade, o esgotamento da Terra e o envenenamento da vida como os três principais sintomas desta patologia e eles observam que ‘as mesmas forças e ideologias que exploram e excluem os pobres estão também devastando toda a comunidade de vida do planeta Terra’²⁷².

E, na sequência, apresenta o que os autores sugerem frente a este estado de coisas: “de uma maneira muito real, nós somos chamados a nos reinventar como espécie” (Idem).

Então, é aí que eu acredito estar a “re-evolução”: um passo e-volutivo como espécie e de superação biológica na ordem da evolução. Um passo verdadeira e radicalmente novo. Creio

²⁷² O Tao da Libertação. Prefácio de Fritjof Capra, no prelo e com lançamento previsto para janeiro de 2012. Acesso em 07 ago 2011, disponível em <http://leonardoboff.wordpress.com/2011/07/30/fritjof-capra-o-tao-da-libertacao-de-m-hathaway-e-l-boff/>

que só isso mesmo para re-volucionar e re-percutir nas “dimensões sociais, políticas, econômicas, ecológicas, emocionais e espirituais” (Idem) para superar a atual crise global. É uma re-evolução de consciências, de algo que liberta a nossa trimendimensionalidade bio-psico-social para a uma dimensão espiritual, onde “equilíbrios” não existem, mas se manifesta a “harmonia”, do micro ao macrocosmo, *com* o outro, *para* a natureza e *através* do exercício/atitude pessoal e coletiva na perspectiva de nossa cidadania cósmica.

É nessa perspectiva de transformação profunda que Eu - sendo Leo/Leão amando o Camelo – pobre e nojento, não tenho e nem me vendi a nada, seguirei ao vir a ser Criança na minha transformação do Espírito, na re-invenção, na criação do novo nessa dimensão de indissociabilidade e vincularidade como ser ao “tudo” e a todos, no des-velamento das leis do cosmos que tentamos entre-ouvir e des-cobrir... É nessa perspectiva de transformação profunda que eu - tendo escrito nas/pelas mãos uma história e roteiro ao Destino na defesa do direito das crianças e dos povos - creio seja possível a realização de um Outro Mundo.

É nessa perspectiva de transformação profunda que Eu – sendo “nicameleão” para vir a ser “filosomidianicamente” o ser em atitude radicalmente nova, e indagativa, como Criança - creio seja possível a realização de um outro telejornal, *para, com* e *através* das crianças, que fale na língua da libertação, numa abordagem e atitude des-eurocentrizada, a partir da contribuição da Mídia-Educação da América Latina “com cara e nome, interagindo de modo dinâmico e não passivo com a alteridade que lhe conforma” e na “riqueza de suas experiências no campo do fazer educativo-produtivo-criativo da prática social” e “reflexões teóricas” (Fantin, 2006, p. 67).

Perspectiva em questionamento quanto às legitimadas hierarquizações entre formas e práticas culturais opostas como “cultura alta/baixa”, “superior/inferior” transplantadas e enraizadas na América Latina (Novo Mundo) no decorrer de séculos de dominação/exploração. Questionamento quanto à competição e conflito gerados numa sociedade complexa, onde atuam forças econômicas, políticas e culturais em que os sujeitos em sua vida não sejam considerados como tais, e tão mais das vezes como simples consumidores de produção que se lhes chega como alienígena, “distrainte”, que lhes sugira alienarem-se de si

mesmos, ou se considerarem como i-legítimos produtores de cultura.

Nessa viagem que atravessou mares e desertos por entre as mais diversas linhas de pensamento, paralelos e meridianos desses fios que tecem o mapa nos territórios do mundo que fui descobrindo, também não pude ficar alheio às duras realidades que se apresentaram ora em continentes gigantescos, ora aparecendo aqui e ali disfarçadas numa paisagem, ou então submersas em tantas outras questões que vieram à tona.

Foi e, ainda será preciso refletir mais e mais sobre tudo, e fazer isso com sabedoria. E, se agora compreendo que se pode e “é preciso jogar com a verdade de um outro jeito”, como afirma Hardt (2004) , tanto na docência, quanto na aprendizagem eu percebo que os desafios que se impõem à frente me convocam de maneira inequívoca às resistências e reexistências ao que está posto e dito como estrutura inabalável, e também a ver nas entrelinhas e *hiperlinks* dos (não)diálogos um incentivo a seguir em frente e para cima, voltar e re-ver aquelas clareiras em meio às selvas para re-compor mapas, fazer outros roteiros de viagem.

No momento, um desafio que me parece a que devo me entregar é ir ao combate pelo pleno exercício de nossos direitos à informação de qualidade, me aproximando mais também do dever dos que buscam essa plenitude pelas vias da liberdade, de ser e de expressão. Essa reexistência e luta parece ser necessária nos campos da Educação e da Comunicação de hoje, e mais ainda, agora, nas tarefas da construção de um telejornal que liberte a voz das crianças.

Penso que o que falta nessas histórias todas de des-educação, in-comunicação e des-informação seja aquele princípio “esquecido” (ou censurado) na bandeira do Brasil, e talvez a realidade/necessidade/ansiedade mais lógica e básica entre os seres: Amor. Algo que, também como base/princípio, é um dos pilares/face/lado da Educação em Amawtay Wasi.

Ora, direis: - O que é Amor? Isso não é assunto para a academia!

Então, certamente que eu tentaria saber e fazer/ser/poder o que é o amor. E, antes, mil e uma questões sobre o mesmo amor me questionariam e, talvez por apenas uma palavra como resposta eu me libertaria, ou não.... E, ouvi “aqui dentro do peito” essas

palavras enquanto face a face eu era olhado bem dentro de meus olhos...

- A academia é assim, tão anti-amorosa? Este desamor com que ela se parece é assim, tão anti-acadêmico? Assim como o riso banido dos mosteiros, não se cultivam cantos e canteiros de rosas, nem amor, neste campus?

Nas vielas, passagens e corredores que conduzem ao templo de seu saber não se tem amor naqueles livros encarapitados nas estantes, nas suas bibliotecas, nos seus prédios e nas suas torres?

Qual músculo se hiper-atrofiou nos seus corpos docentes, discentes e de servidores pelos excessos nas ginásticas e exercícios de suas mentes hipertrofiadas nessa (anti)academia de ascetas que se isolam do mundo?

Se vens prestar teus mais devotados juramentos e receber o capelo como prêmio em sua cabeça cheia de orgulho, depois dos estudos de anos e anos, às expensas do povo que sofre na lida de seus trabalhos e paga teu salário com seus impostos, não seria farisaico dizeres que não existe amor na academia?

Seus professores que ministram tantas palestras, conferências e aulas, que têm suas famílias, filhos, esposas e maridos... eles não fazem amor por serem, assim, da (anti)academia?

O amor não veio destruir o ensino, a pesquisa e a extensão, nem ab-rogar a ética e os estatutos acadêmicos, mas cumprilos...

“Ouviste o que foi dito aos antigos: não matarás!”

“Eu, porém, vos digo”, não mateis o amor, nem a criança que há em ti...

“Em verdade vos digo” que se matares a criança que há em ti, pagando ceutil por camelo e ceutil por leão, jamais te transformarás em criança...

És Doutor da Lei e não sabes que devemos re-nascer de novo transformando o Espírito por esse poder que só o amor é capaz de realizar?

Amai, em graça, sabedoria e beleza, com o saber, fazer e poder da criança. Porque a vida em plenitude e no Bem viver na academia, nas mídias e nas escolas são para aqueles que se parecem com elas...

...Bom, eu também pergunto tudo isso a mim mesmo, me entrego às respostas me colocando na escuta silenciosa e respeitosa dessas palavras de amor que falam as pitonisas, os profetas, rabis, xamãs, amawtas e outros sábios homens e mulheres...

Talvez o Amor seja como a criança, como a infância, como os direitos, como os deveres, como a liberdade: uma palavra “que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda”. E, como disse Nietzsche em sua alegria de gaiática ciência: “o amor, também, tem de ser aprendido”.

Assim, vamos aprendendo e apreendendo mundos com estes sábios e suas sabedorias. No corpo e na razão, na alma e no coração, pelo verbo Amar que se faz na carne do aqui e agora, na transformação do Espírito na luz da gênese da criança em nós.

Mesmo estando no Velho Novo Mundo desses telejornais e, ainda não sendo criança, é possível e naveganticamente ir aprendendo o que seja amar para nos libertar nesse verbo que certamente será o mais conjugado no Outro Mundo, por uma Outra Educação, Outra Comunicação...

E, assim, também vamos em entregas pelas vias da intuição e da imaginação às buscas de um telejornal completamente novo, noutra lógica, na da re-invenção da vida das crianças e das pessoas, da luz e do amor essencial e visível aos olhos, estampado na face, que dialogue inter-ativamente, co-participa-ativamente, co-cria-ativamente, inter-culturalmente, livre dos temores e dos medos, contextualizadamente e com textos escolares, onde seja possível encontrar “notícias boas”, que fale e construa esperanças por uma “terra boa e bonita para todos” em Abya Yala. Um telejornal, agora, singular na voz das crianças e com elas, que comece, passe pelo meio, suba e desça, que termine assim: boas novas, bom dia, boa tarde, boa noite, Bem Viver...

Nesta perspectiva, a Filomórdia está na re-vira-volta, na e-volução, na re-evolução, na ascensão com os que fizeram de invisíveis, des-possuídos, des-favorecidos, para a re-criação, a re-evolução que se co-move na harmonia do cosmo em suas profundas trans-formações.

O filosomidar não anda em linha reta, senão espiralante e, tampouco se deixa prender por fios que amarram ou prendem a impedir o vôo para o entre-laçamento, o abraçamento entre os pontos que se fazem visíveis - ora mais distantes, ora mais cercanos - como os pingos de luz des-prendentes das estrelas no mapa do céu infinito em todas as direções das pétalas da Rosa dos Ventos.

A Filosomídia rompe com as leis das seríssimas circunspeções da mentalidade calculista, da emotividade que impõe o medo paralisante. Liberta-se das gravidades e vai séria e responsável, solidária, amorosa des-fazer as tramas, tramóias, troças e trecos de tudo o que é vôo. Vai pela energia e luz resplendente por todos os reinos, mineral, vegetal, animal, hominal, decerto pelas vias/estradas des-alinhadas das culturas e inter-culturas das gentes, dos seres que entendem também a linguagem da poesia cósmica na Física, na Matemática, na Cosmologia, na Gramática do Amor, numa quadridimensionalidade de Filosofia-Religião-Ciência-Autoconhecimento neste universo tão misterioso. Vai pela alegria, pela e-ternuridade, pela com-paixão...

No meu entender, aquelas crianças consideradas “espertas”, muito mais inteligentes que os adultos, “um ser muito mais sofisticado que nós adultos, né, que estamos acostumados a separar realidade, a ficção etc. e tal”²⁷³... a criança que é “fisgada” para assistir programas em “formato realista” com “notícias absurdas”, que também assistem animadas “o CQC é um programa que procura ter o espírito de coisas de criança” e circula com muita desenvoltura pelos meios de comunicação e pelas tecnologias, são o exemplo do que chamo de “Emídio”.

São as crianças-a-sujeito (falsas sujeitos) desse mundo/cultura/lógica do entretenimento, infotimento, do consumismo, da erotização precoce e, não tendo telejornais específicos para elas, assistem aos programas cheios de “graça”, que fazem “humor sério” estilo *stand up* no *fake news*, ou aos telejornais que tantos “tomam” como sérios, graves, apresentando a verdade nos “horário nobre” da TV. Os Emídios são, na verdade, as crianças não-sujeitos, considerados tão apenas consumidores, vivendo uma falsa democracia onde não participam efetivamente das decisões. Não participam do debate,

²⁷³ Marcelo Tas, citado anteriormente.

pois que são “caladas” por tantas telas que se apresentam a elas. Efetivamente, perderam a infância, pois são seus brinquedos/produtos que na verdade brincam com elas. As crianças são “marionetadas” pelo mercado, que para “ele” são brinquedos das indústrias, todas elas...

Como a escola está mediando tudo isso? E, se nas escolas, os professores colocassem mão no freio dessa lógica do mundo educacional/comunicacional apresentado em suas disparidades que existem nessa democracia do meritocracismo, do individualismo, do sucesso? Como seria se os professores filosofassem com as crianças?

Ficção ou realidade há quase 100 anos atrás Monteiro Lobato apresentou sua boneca **Emília**, e de um jeito ou outro o autor também apresentou suas críticas à escola tradicional em sua época, colocando na boca da boneca e demais personagens certas ideias e propostas à Educação. Whitaker afirma que Lobato “tinha consciência de que escrevia para a elite. Ele tinha um projeto de formar a criança numa escola de elite, no fundo muito moralista, ele queria uma elite preocupada com o povo (Whitaker, 1997, p. 320).

Em passagem de “História do mundo para crianças”, no capítulo “Metade do Caminho”, entre uma e outra travessura nas gramáticas, aritméticas e os personagens mexendo com o tamanho das coisas com a chave emiliana em busca de soluções, “dona Benta recebeu carta de dona Antonica, sua filha, dizendo que as aulas de Pedrinho iam começar e que o mandasse imediatamente.

- Que pena! - suspirou Pedrinho, quando dona Benta lhe trouxe a notícia. - Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro... (Lobato, 1972, p. 497)

Desde pequeno a Emília de Lobato me contaminou com suas indagações e, eu me identifiquei com ela, Pedrinho e com todos do sítio também a não me conformar com certas tradições

na escola, na Educação, e o com o tempo na Comunicação. E, pelo princípio de que *Emília, similibus curentur*²⁷⁴, a meu ver a escola “nova” do século de Lobato viu o que viu, fez o que fez, ensinou-aprendeu com a criança do século XX, nos apresentando essa meninada “esperta” – o sujeito **Emídio** - que transita em meios às tecnologias e informações de hoje que nos desafia o entendimento. Se desde o Pinóquio o boneco ganhou alma e se transformou em menino, me parece que as crianças de hoje perderam a alma de sua infância, e se tornaram aquela própria boneca do século XX entrando disfarçadamente pelo novo milênio, como crianças “espertas”... A Sociologia está a analisar isso, nessa perspectiva?

Eu que, nos meus 20 anos também me impressionei com o cidadão **Emílio** de Rousseau, agora vejo que só mesmo indo em bem-aventuranças na vida com suas telas e infinitos “sítios”, *para cima, com Hércules através* das mídias a enfrentar possivelmente um 13º. Trabalho. De Lobato a Lobo Mau, de menino a pesquisador, ir des-cobrir o outro no Outro Mundo montado ora numa lhama, ora num jaguar, ora nas asas de um condor. Ir com essas outras crianças des-fincar o pé do chão e voar ao abrir os braços para as estrelas...

Então, nesse mundo contemporâneo haverá de ter lugar os estudos e reflexões que abordem sobre uma outra Educação e Comunicação, agora na perspectiva do encontro com o outro em Abya Yala? Quem é, quem é que sabe alguma coisa dos sonhos, alegrias e esperanças do ser **Emíndio, a criança do outro desconhecido mundo?** A criança existente, do *apesar* das mídias...

Não é de espantar o quanto recorremos aos “indivíduos” bonecos e bichos para nos explicar algo quando não podemos encontrar respostas a tantas questões em nós mesmos? Que bichos nós somos? Somos humanos? Qual é, bicho? Quem somos nós, de onde viemos e para onde vamos? O que é, como é, por que é? Onde foi, como foi porque foi? Perguntas “*emileadianas*”, emidianas, emindianas, ad-miráveis...

Nesses ad-miramientos, não é irônico perceber que há muitos que ainda hoje contestam que o ser humano - seja ele ao ocidente ou ao oriente de Greenwich, ao norte ou ao sul da linha

²⁷⁴ Trocadilho com *Similia, similibus curentur* (O semelhante cura o semelhante, princípio da Homeopatia).

do equador - seja aparentado com os primatíssimos macacos? Daqueles símios retratados em tantas películas e numa delas bem famosa, briga num tal planeta para reivindicar território com água aos pés de um monólito negro? Destes animais que em muitas outras cenas e histórias é “esperto demais da conta”, toma o poder dos “homens”, e tantos outros desenhos, *cartoons* em mil cenas é até o melhor amigo desse mesmo homem, como a Chita, por exemplo?

Não é ironia do destino que Darwin ao revelar entre tantas coisas essa aparentação na evolução das espécies tenha sido tão mal recebido pelas Reais Academias de Ciências de sua época, ao mesmo tempo em que a universalíssima Igreja de então até considerava que, aqueles índios do Novo Mundo, e pretos da África sequer eram gente, nem tinham alma, pois eram macacos ou bicho semelhante? Não é que o destino trouxe acidentalmente luz da terra da Etiópia, África, o retumbante esqueleto da hominidiosíssima *Australopithecus afarensis* sabidamente batizada Lucy, considerando-a como primeiro ancestral de todos nós humanos eretos de hoje e, pouco depois, o seu “par” chamado de Big Man?²⁷⁵ O primeiro quase-homem e a primeira quase-mulher, quase macacos, **elo perdido**.

Não é cheio de graça, no sentido mais profundo e sagrado do termo, que homens, mulheres e macacos se deem tão bem assim desde há milhões e milhões de anos? E, perdemos esse tal “elo” com a natureza das coisas?... Qual natureza?... Quais coisas?...

Não é o cúmulo da graça que foi um macaco quem falava com crianças naquele saudoso Telejornal Globinho, que não encontramos nenhuma má referência a ele, em nenhum lugar, muito “pêlos” ao contrário? Não é algo de se admirar que, aquele que “não desceu” das árvores seja um locutor/apresentador que dialoga com crianças, enquanto aqueles que “não sobem em árvores” para brincar se recusam ao diálogo, para que as crianças que assistem aos atuais telejornais sejam o mais rápido possível adultizadas para o mundo do consumo?

E, é assim que “caminha a humanidade, com passos de formiga, sem vontade?”, canta Lulu Santos, naturalmente se

²⁷⁵ Revista Nature, International Weekly Journal of Science, online. Acesso em 17 jul 2011, disponível em <http://www.nature.com/news/2010/100621/full/news.2010.305.html>

referindo à apenas um outro tipo de predadores em pele de formigas, as guerreantes que estabelecem seus marcos e territórios e destroem tudo à sua passagem. No meu entender assim a caminha hoje a humanidade, ao passo de programas *para* todas as idades, *com* suas des-informações e *através* dos telejornais que reproduzem o mundo da lógica do mercado. Nas TV e nesse telejornal do Velho Novo Mundo não há absolutamente o diálogo, porque eles monologam, e-ditam os reformados éditos dos neo-impérios da mercantilização de tudo.

Estes telejornais invisibilizam as vozes das maiorias esmagadoras multidões de des-contentes e, por sua própria natureza, essência e lógica de cassadores de palavras não são jamais interativos. São imperativos e destruidores de tudo que se interponha a seus fins de manter a ordem, na cegueira em busca do progresso por suas finalidades. Estes fins justificam e legitimam os meios, de comunicação. Falta-lhe, em suma, a sabedoria que vem do Amor.

E, eu canto com ele que “ainda vai levar um tempo pra fechar o que feriu por dentro” com o término do Telejornal Globinho. Parece que “ainda leva uma cara pra gente poder dar risada...”²⁷⁶

E, então, re-tirando do baú vivo das memórias de minha meninice, lembro que estudar numa escola - ou numa universidade - que nos incentive e estimule à criatividade, à poesia, à arte, que nos ajude a compreender a nós mesmos neste mundo que o telejornal nos apresenta, e a vivermos nele em plenitude e com justiça, por solidariedade e com sabedoria não é, enfim, uma questão de sorte, ou de quem pode pagar por ela. É uma questão de direito, e de dever de todos os instituídos nos poderes, e dos adultos responsáveis, e em sã consciência, a lutarem por ela.

No meu mundo, na escola que começou com os “Três Porquinhos” pela televisão de “mentirinha” até a universidade, passaram todos os mundos com suas ideias, mitos, verdades, falsidades, dores, alegrias, amizades, e amores.

E, agora, mais do que nunca, compreendo que todas as vezes que os Lobos Maus em peles e telas de cordeiro baterem à porta e às janelas das televisões, celulares, laptops etc. querendo

²⁷⁶ Lulu Santos, em “Assim caminha a humanidade”, Vídeo e letra. Acesso em 26 set 2011, disponível em <http://letras.terra.com.br/lulu-santos/35065/>

entrar para nos comer as esperanças, é preciso resistir e reexistir pela democratização na Educação e Comunicação se estamos a nos realizar no Outro Mundo, com o outro, nas dimensões daquele amor que foi dito, vivido, morrido e re-nascido, revelado pelo barbudo de olhos de profundas e-ternidades.

Cada um fazendo com a sua arte, que seja possível a todos se darem as mãos a realizar o Outro Mundo, inclusive a Filosofia, Religião, Ciência e Sabedoria, e os Joãozinhos e as Marias, as Clarisses, os que foram “desaparecidos”, os bêbados, os loucos de chapéu coco, dos doidos e os doidos, os “menores” de rua, flanelinhas, os engraxates, os pequenos vendedores de balinhas, os pedintes de voz, os vagabundos que causam tumulto, os problemários na sala de aula, os pandorgueiros, todas as crianças invisíveis e os palhaços com sua Esperança equilibrista...

Vamos todos, subam à Barca, à Outra Arca... os Emílios, as Emílias, os Emídios, os Emíndios, sapos e urubus indo pra festa no céu, os gatos miando, toupeirinhas, as linhas e suas entrelinhas falantes, os barbapapas, patinhos, cachorros, pacas, tatus, cotias, emas, cabritos, papagaios, ovelhas, burros, vacas, galos e anjos dos presépios esquecidos, peixinhos de aquários, gaivotas, pingüins, lulas, golfinhos, porcas, hipopótamos com begônia na lapela, formigas, abelhas, borboletas, macacos, ratos, camelos, leões, esfinges, condores, águias, colibris, todos os bichos da “selva midiática” e as crianças com suas memórias, sonhos, meninices, criancices e catataus de amores em seus corações se juntando em cada cultura, em cada escola, em cada canto desse mundo para lutarmos como os porquinhos por sua casa.

“That’s all, folks!”

E, isso é apenas o começo, pessoal... Aquele que caiu sem paraquedas agora abriu os braços e as asas da imagem-em-ação, soltou velas ao vento.. Agora ele vai subir e “quer alcançar o seu mundo”, seja este Gaia, a Terra ou Pachamama, será sempre o terceiro planeta, o Planetinha Azul...

E la nave va...

E pur si muove...

Somewhere way up high...

Vai e, segue seu destino...

- Céu à vista!

E, quando minha avó me contava suas histórias de menina e, eu lhe perguntava sobre nossos antepassados da família, ela dizia: “benzadeus que somos uma mistureira de italianos, portugueses, espanhóis, franceses, negros e índios”. Hoje, sei que meu sangue é bem o que corre nas veias abertas da América Latina.

Essa que virada de ponta cabeça na desenhura de Torres García aponta que “nuestro norte es el sur”²⁷⁷, resgatando toda uma ideia, cultura, e identidade de seus povos. Não basta reformar, neo-classificar, adaptar o velho como se fosse novo.

“Ou inventamos ou estamos perdidos”, dizia o educador/libertador das “Américas” de seu tempo, Simón Rodríguez, que em pleno século XIX propunha classes e escolas interculturais, por exemplo...

Diz a sabedoria que “não basta ‘melhorar’ a Educação, necessitamos outra Educação e outra Política”²⁷⁸, e outra Comunicação. Então, devagarinho pego meu caderno de viagens e sigo por outros itinerários na Educação e Comunicação em Abya Yala. Sigo para encontrar a Rosa, que desabrochando aos pés de Torres e Castelos tem suas raízes entre as pirâmides, no Coração do Mundo...

Sorri... (...) torres, pirâmides, montanhas... por que me parece que tudo isso tem tudo a ver com o Bem Viver e com o Outro Mundo? “Este o nosso destino: amor sem conta”²⁷⁹ e, além de todas as dores, tristezas e des-esperanças no mundo, navegar...

*“Além da Terra, além do Céu,
no trampolim do sem-fim das estrelas,
no rastro dos astros,
na magnólia das nebulosas.
Além, muito além do sistema solar,
até onde alcançam o pensamento e o coração,
vamos!*

²⁷⁷ Ver vídeos do Documentário Torres García, citados nas referências, elaborado e apresentado pelos estudantes de jornalismo da FABICO-UFRGS

²⁷⁸ Rosa María Torres del Castillo, no blog OtraEducación, disponível em <http://otra-educacion.blogspot.com/>

²⁷⁹ Carlos Drummond de Andrade, “Amar” em “Alguma Poesia”, 1930. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/index2.htm>

*vamos conjugar o verbo fundamental essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política,
o verbo sempreamar,
o verbo pluriamar,
razão de ser e de viver*”²⁸⁰.

Amar e liberdade, palavras de nossos sonhos que, se não nos explicam e quase ninguém entende, também se aprende.

Então, se navegar é preciso... resgatar as memórias no “abraço andino”²⁸¹ é preciso, conhecer Pachamama e seus

²⁸⁰ Carlos Drummond de Andrade, “Além da Terra, além do Céu”, “Alguma Poesia”, 1930. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/index2.htm>

²⁸¹ Para refrescar as memórias... “AbraçoAndinoamericano” é o nome de um monumento que se localiza na Praça da Cidadania, Campus “Trindade” Reitor João David Ferreira Lima, UFSC, escultura criada coletivamente em 1994. Fica próximo a Outros monumentos, como o erguido pelos trabalhadores e instalado durante a greve de 1998, chamado de “Pira da Resistência”, em protesto contra a privatização das universidades brasileiras. Não curiosa, mas propositadamente a pira é uma pirâmide invertida, simbolizando a inversão dos valores éticos e missão da universidade pública na cons-piração pela mercantilização da educação. A seus pés foi sepultado o valoroso Catatau, o “Ufscão”, o “Cãolunista” Social Catatau Menezes, *El Perro Revolucionario*, Che Catatau.

Também nas cercanias está o famoso mosaico de Rodrigo de Haro, em painel gigantesco (1997) na parede externa do prédio da reitoria, chamado de “Muro da Memória”, com suas imagens ilustrando os “textos poéticos, livros inaugurais e crônicas pré-colombianos, a literatura colonial e relatos de viagens, a poesia contemporânea indianista e moderna da ilha”, a “história geral das índias” e “Nova Espanha”, “narrativas, poemas, lendas e viagens dos açores”. Entre tais imagens, na parte interna temos Santa Catarina de Alexandria, e na parte externa “elementos da ópera O Guarani”, a Serpente Emplumada, os caminhos Incas, Pachamama, os Amawtas, Cobra Norato e outras histórias e mitos.

No meio do caminho entre o “Abrazo Andinoamericano” e o mosaico, virando à esquerda, fica o “Monumento às Vítimas do Descobrimento” (1995), em cerâmica e aço, se erguendo como um farol em meio ao lago por onde passa a “Linha de Tordesilhas”.

Virando à direita, temos outros monumentos erguidos ambos em 1995 homenageando o fundador e primeiro reitor da UFSC, Prof. João David Ferreira Lima (1995), e ao Prof. Henrique da Silva Fontes, fundador da Faculdade de Filosofia e idealizador do Campus Universitário. O primeiro prédio da atual UFSC, nas cercanias da antiga Fazenda Assis Brasil é justamente este da Faculdade de Filosofia, atual Bloco A do Centro de Comunicação e Expressão, CCE, que abriga o Curso de Jornalismo dentre outros.

De longe, a escultura do “Boitatá Incandescente” instalada em 2010 para celebrar o cinquentenário da UFSC (Projeto Boitatá na Ilha da Magia), com seus 14,9 m feita de

Amawtas é preciso, resistir é preciso, ler e re-criar o mundo é preciso, re-virá-lo de ponta cabeça é preciso e, re-escrevê-lo também...

No epílogo de um Velho Novo Mundo “*Verba volent scripta manent*”, as palavras voam e o escrito permanece. No prólogo do Outro Mundo “*Las cosas escritas se pierden, la palabra escuchada queda para siempre*” conta-nos Kinchauala, o Mapuche, quando para ele e seu povo “tudo fala” (Ford, 1999, P. 51).

Que venha, então, à tona como desabrochar de um outro tempo/espaco um continente inteiro; que fala, que grita, que clama por justiça, por amor, por liberdade...

Muito mais que um divisor de águas como foi a Mídia-Educação em minha vida naqueles dias do estágio em docência, esta pesquisa/mestrado foi para mim um divisor de mundos, tanto quanto o estágio no Instituto de Estudos Latino-Americanos, IELA, da Universidade Federal de Santa Catarina.

E, agora me re-crio em Paz nesse cosmo como Nawta - filosomidianavegador - em busca de um outro sentido para o Bem Viver a vida em plenitude em entregas para ser/fazer/poder/amar na Sabedoria para a libertação das mídias. E, vamos libertá-la...

Vamos pela liberdade, em re-entre-laçando mãos e corações, e fazendo o Contato pelos elos do Amor, re-encontrar aquilo e aquele mundo que foi perdido...

Os “Sete Cabritos” (Plêiades) pulam alegres ao redor enquanto mil e um bichos fantásticos se desenham nas terras, espelhando a Via Láctea (Mayu) entre os seixos nos rios, e em pedras nos vales e planaltos altíssimos...

Chega o momento do Mashi (Amigo) começar a subir a “Velha Montanha” (Machu Picchu) para renascer no “Berço de Ouro” (Choquekirau), a Última Morada das gentes de Tawantinsuyo antes de cortar o “Umbigo do

pedaços de aço da Ponte Hercílio Luz, “uma figura “influenciada por aspectos do imaginário dos indígenas e africanos” dos desenhos de Franklin Cascaes, observa tudo com seu olho bruxólico aceso...

Vide memória da UFSC, acesso em 12 out 2011, disponível em http://antiga.ufsc.br/paginas/downloads/exposicao_posse_prata_Internet.pdf e http://web.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28%3ABoitata&catid=4%3Ajaconteceu&Itemid=43 e

Mundo” (Cusco), para voltar os braços abertos à Estrela Sagrada, a mais brilhante do céu noturno, Sírius - Willka Wara...

O Condor e a Águia²⁸² voavam juntos nos céus da Terra Esplendorosa anunciando portas abertas ao novo Pachakuti²⁸³. O Colibri Dourado, a Serpente Iluminada e a Cobra Norato brincavam juntos nas cenas desse Alvorecer Apocalypse, descendo e subindo escadas.

“É tempo de acordar-se em festa”, chovia “estrelas em nossa noite clara”... As arcas e naves se abriam em tesouros de luz...

Agora, é hora de voltar pra Casa”, é hora de renascer... Voltar para as Estrelas...

E, naquele exato momento sob o brilho da Chakana (Cruzeiro do Sul) e as bússolas revirando a Terra de ponta cabeça, Aquele Menino - Quito - chama ao momento de se dar em união ao “Coração do Mundo”, bem ali, caminhando naquela luz, abanando suas mãozinhas e o próprio peito outrora machucados...

Talvez, mais que talvez, “signo do amor... caso do acaso... meu amor, nosso amor estava escrito nas estrelas”²⁸⁴ ...

This is just The Beginning...

²⁸² Na simbologia das histórias dos Incas o vôo do Condor e a Águia juntos revela um momento de união entre forças espirituais para o renascimento, de fechamento e abertura de eras/ciclos. Ver “Quando o Condor voa com a águia”. Acesso em 15 ago 2007, disponível em http://www.earthworksforhumanity.org/pages/Condor_Eagle.shtml

²⁸³ Termo que na cultura Inca significa “ciclo”, ou dependendo do contexto, “revolução”.

²⁸⁴ Tetê Espíndola. Disponível em <http://letras.terra.com.br/tete-espindola/48879/>

The Re-Beginning...

- *O que me dizes?*

E, nesse caminho, às vezes perdido em labirintos e caído em abismos, de exaustão e cansaço, noutras vezes abatido “à borda da estrada”²⁸⁵ dos caminhos de Damasco e além dos desertos, chega o tempo de “construir um mundo novo com aquelas horas antigas”²⁸⁶, quebrados meus velhos e novos mundos, meus limites, minhas cercas e “muros de antigas separações”, chega a oportunidade de fazer escolhas nas buscas e entregas quando aparece o des-coberto caminho de roseiras enfiorecidas nas rotas da libertação...

E, chegam de mãos dadas aqueles meninos e meninas que já haviam partido - há pouco ou há muito – que haviam querido aquele momento de pronunciar a mais santa das afirmações porque já se sabiam “aptos ao convívio com as estrelas”. Outros descem de seus galhos ou chegam voando ao redor daquela Árvore...

E, maravilhados, avistávamos o clarão nos céus desde o alto daquela montanha mais alta do mundo, lá onde aquele Menino fez brotar a Rosa no meio da Cruz desenhada e unindo as quatro linhas que puxavam a pandorga-mundo como ponto de salto, para que por quatro ventos nos levassem rumo ao infinito...

Reuniam-se para com-celebrar aquela Festa das festas, de odisséias no espaço, no rodopio sem-fim das galáxias que nem Gutenberg jamais conseguiria pensar em letras coloridas tal o im-pensável, tal o im-prensável, o indescritível momento que convidava apenas ao ser e existir nele.

²⁸⁵ Citação de passagem da “Oração do Viandante” de Pietro Ubaldi.

²⁸⁶ A partir daqui até o fim deste epílogo as citações são de Poemas em “O Quinto Lótus”, de Célia Laborne Tavares. Disponível em <http://poemuseses.blogspot.com/search/label/C%C3%A9lia%20Laborne%20Tavares> com autorização da autora.

Um caminho iluminado começa a se formar, daqueles que em meio às brumas dos milênios e anos-luzes marcam - de eras em eras, nas voltas do calendário galáctico espiralado - marcam um tempo de claridades sem horas, sem minutos, sem segundos na e-ternuridade a definir novos rumos por nossas escolhas, buscas e entregas...

Sabendo, finalmente, “onde ficam as nascentes, os campos ensolarados, as terras de encontro”, por ora brota-me “O Silêncio”, a necessidade do poético, chego também para aquela Festa de marco re-inicial...

E, depois de tantos dias e madrugadas nas andanças e bem-aventuranças, nas tristezas ou dores, nas alegrias ou amores do que seja o conhecimento do bem e do mal...

Muito, muito, muito além e depois da Ponte do Arco-íris e naquele Jardim cujo Portão Dourado se abre pela Chave do Coração, eu também me sento “mata ki te ranguiniano”²⁸⁷ e “amorosamente sob os galhos da Árvore da Vida à beira do lago quieto”...

Nessa “noite de ternura”, ao lado de Outros companheiros sob o pátio do sétimo céu da Via Láctea a bússola vai apontando para o centro dela, seu coração, Alcione...

*- Ora, o que, quem, quando, onde, como e por que isso?
- me perguntareis desdenhosamente, entre espanto e incredulidade!*

E, responderei sabidamente, como quem quer ser menino: - Ora, para ouvir estrelas...

²⁸⁷ Mata Ki Te Rangi, quer dizer “Olhos Que Contemplam os Céus, alusão à língua nativa e a um grupo de meditação com este nome do qual participei, com relações com os famosos *Moai* da Ilha de Páscoa (Chile) no Oceano Pacífico.

SEÇÃO VII – O SÉTIMO CÉU

Prólogo ou Prelúdio para o Outro Mundo com o Outro

“O que é, o que é”

“O que é, o que é” que responderíamos caso uma esquisita e sapientíssima esfinge – aparentada daquela à beira da estrada encontrada por Édipo – que com corpo de Camelo, com cabeça de Leão, com asas de Águia de um zaratustrístico Faravahar²⁸⁸, que ainda por cima se transmutasse noutra resplendente esfinge com corpo de lhama, com cabeça de puma, com asas de condor de um incaíssimo Apu Sagrado dos Andes, surgisse do meio do nada, toda cheia de suas enigmáticas filosomídias, a e ainda por cima nos perguntasse alguns “o que és, o que és”?...

“O que foi, como foi, por que foi” que essa enigmatíssima figura transfigurou-se assim?

E, se essa misteriosíssima e mutantíssima esfinge nos chamasse a voar montados nela pelos céus do país da imaginação da lendária Niccea?²⁸⁹

...”O Barco do nosso Destino cortou as amarras e partimos”²⁹⁰, e chegamos ali...

²⁸⁸ Representação da alma humana antes do nascimento e depois da morte, é um dos símbolos mais conhecidos do zoroastrismo do também enigmatíssimo sábio Zaratustra.

²⁸⁹ Nucleosíssimo País da Infância, Cultura, Comunicação, Educação e Arte. Acredita-se que a capital desse imaginável reino se localiza no alto uma montanha da Cordilheira dos Andes. Mas só poucas e destemidas crianças bem-aventureiras descobriram a ponte do arco-íris e divisaram o portão de estrelas iluminadas que dá acesso a ela.

²⁹⁰ Poema XXIII de Rabindranath Tagore, em Estesia.

*... E, junto com os Outros, ouvi naquela noite de estrelas,
sentado em Seu colo...*

*...Olhai as crianças nos campos, nas ruas, nas
montanhas, nas casinhas pobres, como crescem... Elas
não têm celular, nem televisão ou tablets, e eu sei e digo,
que nenhum "Salomão" da Educação e da Comunicação
jamais teve tanta alegria e sabedoria quanto elas...*

Outros sentimentos/pensamentos e palavras ecoavam:

“Ajuda-me com tuas mãos a preparar as ofertas”...

*_ “Que destino mais belo poderíamos ter dado ao nosso
velho e inesquecível amor?”...*

*_ “Que destino mais suave poderíamos encontrar para o
nosso doce e contagiante amor?”...*

*E, O Quinto Lótus se abria em pétalas e folhas no
“caminho desobstruído e assinalado”, e fomos
“construir um mundo novo com aquelas horas antigas”
para com-partir e doar “nosso velho amor”²⁹¹ ...*

(...)

“O que és, o que és”

*O sinal fora dado. Destacando-se mais brilhantes do que
nunca naquele céu que se fizera extremamente
silencioso, as constelações piscavam num frenesi nunca
visto, observando o viajante que chegava deslizando
num barquinho de papel.*

*Todos os olhares se voltavam para aquele especial
momento. O Grande Dia!*

²⁹¹ Passagens de Poemas em “O Quinto Lótus”, de Célia Laborne Tavares. Disponível em <http://poemeuseeus.blogspot.com/search/label/C%C3%A9lia%20Laborne%20Tavares> com autorização da autora.

Tudo fazia, e era sentido... um Cometa de cauda colorida desenhava nos céus em Linha de Ascensão...

Era chegada a sua hora, a hora da verdade e de se fazer justiça àquele a quem se fizera deserdado de tudo. Era agora.

“- O que és, o que és” - pergunta ao recém-chegado Caminheiro das Estrelas a transmutada e resplendente esfinge Andina, surgida depois da Ponte de Luz, bem em frente ao portão de estrelas iluminadas que dava acesso à maravilhosa e lendária cidade de Niccea. Bem em frente a ele se postava sorridente o próprio Sábio Rei Mídias aguardando sua resposta...

Poderia começar dali um outro ciclo, e porque reunidos muitos mídia-navegadores para o especialíssimo concílio em Niccea, faltava apenas chegar alguém que fora esperado por eras e eras quase sem fim.

Uma volta completa se dava novamente daquela brincante cantiga de roda, e as Plêiades rabiscavam setenta vezes sete cores irmãs anunciando o encontro, o contato, a chegada do Filho do Homem.

E, num suspiro contido, tudo se silenciou naquele instante de fazeres, poderes, saberes e amores em toda sua glória de iluminados Etcoeteras...

E, curvando-se suavemente numa reverência cheia de uma gentileza natural aos sábios, o Rei Mídias estendeu a mão, porque bastou apenas a esfinge perguntar uma vez para que o Kecharinha respondesse a ela abrindo um sorriso, alegremente sabendo que decifraria de letra o que quer que fosse.

-“O que és, o que és?”

E o silêncio foi quebrado, sua voz se libertara e a resposta chegou por toda a luz de seu corpo e de sua

vida, transbordando de seus olhos aqueles reflexos de incontáveis estrelas que ligavam, rodavam e clicavam ao seu redor:

- “Uai, Eu Sou Criança!”

Ele chegara ao Outro Mundo onde tudo era luz. E, então, não houve palmas que abafassem o som de sua risada re-evolucionando pelo espaço...

Eita... Contato feito!

Figura 13 . A Bandeira da Liberdade para a Voz das Crianças



Via Láctea

Olavo Bilac

XIII

*... "Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...*

*E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.*

*Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"*

*E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e entender estrelas"²⁹²*

²⁹² BILAC, Olavo. *Antologia : Poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 37-55.

Referências bibliográficas

ALEGRIA, João. **Comunicação e educação: diferentes contextos pedagógicos da produção e da recepção de conteúdos, linguagens e processos da mídia**. Rio de Janeiro, julho 2008. Acesso em 14 nov 2009. Disponível em <http://joaoalegria.webnode.com> e <http://sites.google.com/site/sitiodojoaoalegria/enc01>

_____. **Decifra-me ou devoro-te**. Cadernos CEDES, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 59-70, jan.abr. 2005.

ANDI, Agência de Notícias dos Direitos da Infância. **Classificação Indicativa: construindo a cidadania na tela da tevê**. Brasília: ANDI, Secretaria Nacional da Justiça, 2006.

ANDRADE, Lacy Varella Barca de. **Iguarias na Hora do Jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário**. Rio de Janeiro: UFRJ/ ICB, 2004.

ARGOLO, Ronney. **Guia prático para criar um jornal na escola: como escrever para crianças de 09 a 11 anos**. Trabalho de Conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Faculdade Social da Bahia (FSBA). 2010.

AZEVEDO, Maria Verônica Rezende de. **Telejornalismo e Educação para Cidadania: uma experiência de educomunicação**. Tese de Doutorado. USP, 2003.

BAZALGETTE, Cary. **Los médios audiovisuales em la educación primaria**. Madrid, Ediciones Morata, 1991. Disponível em <http://goo.gl/fBc0N>

BECKER, Beatriz. **Como, onde, quando e porque fala a audiência nos telejornais**. Estudos em Comunicação No. 1, 161-196, 2007. Acesso em 30 set 2010. Disponível em http://www.ec.ubi.pt/ec/01/_docs/artigos/becker-beatriz-audiencia-telejornais.pdf

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança**. Campinas: Papirus, 2010.

_____. **O que é mídia-educação.** Campinas, SP, Autores Associados, 2001.

_____. **O que é sociologia da infância.** Campinas (SP): Autores Associados, 2009.

BIANCHIN, Neila. **Romance - reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência.** Florianópolis: EDUFSC, 1997.

BONNER, William A. **Jornal Nacional: modo de fazer.** Rio de Janeiro, RJ: Globo, 2009.

_____. Mídia e educação: privilegiar o interesse público. In WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio da. (Orgs.) **Investimentos em educação, ciência e tecnologia: o que pensam os jornalistas.** Brasília : UNESCO Brasil, 2004. P. 231-236.

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia latino-americana: Freire e Dussel.** Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas.** São Paulo: Loyola, 2007.

Canal Oi. **Minuto em destaque: Plantão do Tas.** Acesso em 28 fev 2010. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=cZBCbl2yWtg>

CAPPARELLI, Sérgio. **A proteção à infância e a televisão em oito países.** Acesso em 10 set 2010. Disponível em <http://www.capparelli.com.br/direitos.php>

_____. **Televisão e capitalismo no Brasil.** Porto Alegre: L&PM, 1982.

Caros Amigos. **Mídia: a grande batalha pela democracia.** Edição Especial, Ano XV Número 52. Abril de 2011.

Carta de Florianópolis para a mídia-educação. Florianópolis, Santa Catarina, maio de 2007.

CARRERO, Jacqueline Sánchez . **Telediário infantil: recurso para el aprendizaje en TV.** Comunicar, nº 31, v. XVI, 2008, Revista Científica de Educomunicación; ISSN: 1134-3478; páginas 153-158. Acesso em 26 set 2009, disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/158/15803120.pdf>

CITELLI, Adilson. Escolas e meios de massa. In: CHIAPPINI, Lígia (Coord.) **Aprender e ensinar com textos não escolares.** Volume 3. São Paulo: Cortez, 2002. P. 17-28.

CHOMSKY, Noam; DIETERICH, Heinz. **A sociedade global: educação, mercado e democracia.** Blumenau: Editora da FURB, 1999.

Código de Ética do Jornalismo Brasileiro. FENAJ, 2007. Disponível em http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

COLVARA, Lauren Ferreira. **Do que interessa à psicologia o estudo dos meios de Comunicação?** Acesso em 01 fev 2011. http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XI_X_ENCONTRO/108_LAUREN_FERREIRA_COLVARA.pdf

_____. **Os Programas Infantis e sua trajetória na TV aberta brasileira: os casos mais importantes.** In Anais do V Congresso Nacional de História da Mídia, FACASPER e CIEE, São Paulo, 2007.

COUTINHO, Iluska. **Algumas reflexões sobre as características do telejornalismo e os limites da TV como meio de informação.** In: Anais do I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília (DF). Acesso em 11 nov 2009. <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/t026.doc>

CHRISTOFOLETT, Rogério. **William Bonner e o fosso entre academia e mercado**. Acesso em 29 set 2010, disponível em http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=446203

DELORME, Maria Inês de Carvalho. **Domingo é dia de felicidade: As crianças e as notícias**. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=125584

DUARTE, Rosália. **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

DUSSEL, Enrique. Alguns princípios para uma ética ecológica material de libertação (Relações entre a vida na terra e a humanidade). In PIXLEY, Jorge (Coord.). **Por um mundo diferente: alternativas para o mercado global**. Petrópolis, Vozes, 2003. P. 23-35

DUSSEL, Enrique. **1492 : o encobrimento do outro : a origem do mito da modernidade, conferencias de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana: Erótica e Pedagógica (Tomo III)**. São Paulo: Loyola, 1977.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1987.

EMERIM, Cárilda. Informação televisiva: entrevista. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. (Orgs.) **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. Cartografias, Website de Estudos Culturais, PUC/RS. Acesso em 25 ago 2011, disponível em

http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf

FANTIN, Monica. **Crianças, Cinema e Educação: além do arco-íris**. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. **Mídiaeducação em debate**. Revistapontocom. Entrevista com Monica Fantin por Marcus Tavares. Acesso em 20 mai 2011, disponível em <http://www.revistapontocom.org.br/entrevista/midiaeducacao-em-debate-5>

_____. **Alfabetização midiática na escola**. In Anais do VII Seminário “Mídia, Educação e Leitura” do 16º COLE, Campinas, 10 a 13 de julho de 2007. Acesso em 12 mar 2008. <http://goo.gl/2MMfw>

_____. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação**. REU, Sorocaba, SP, v. 36, n. 1, p. 89-104, jun. 2010.

FANTIN, Monica; SILVA, Leopoldo Nogueira e. **Questões éticas e estéticas na relação entre crianças e telejornais**. In **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2291-1.pdf>

FEILITZEN, Cecilia Von; BUCHT, Catharina. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Brasília: UNESCO, SEDH/Ministério da Justiça, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

_____. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GARCÁIA, Jorge. *Universidad Intercultural Amawtay Wasi. Sumak Yachaypi, Alli Kawsaypipash Yachakuna: Aprender em La sabiduría y El Buen Vivir. UNESCO. 2004.*

GARZEL, Cláudia. **Jornalismo para crianças: um estudo sobre práticas culturais e consumo de mídia junto a crianças de 10 e 11 anos em Florianópolis.** Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo. 2004.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre, Tchê, 1987. Disponível em <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm>

GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi; MATYNIA, Elzbieta. New School for Social Research (New York, N.Y.) Committee on Liberal Studies. **The language of journalism for children and teenagers: an introductory study.** New School for Social Research. Committee on Liberal Studies. Dissertação (Mestrado) **1990.** 99f

GOLFE, Osvaldo Luís. **O mesmo, o outro, o ethos latino-americano.** Rubedo, Revista de Psicologia Junguiana e Cultura, Ano II - Nº 4, Janeiro de 2000. Acesso em 12 out 2007, disponível em <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/etoslati.html>

GOODMAN, Amy; GOODMAN, David. **Corrupção à americana: desnudando as mentiras, a imprensa, os empresários e os políticos que produzem e lucram com a guerra.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação & poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 1981.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HARDT, Lúcia Schneider. **Os fios que tecem a docência.** Porto Alegre: UFRGS, 2004. Acesso em 07 set 2010. Disponível para download em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5831>

HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. **O Tao da Libertação**. No prelo, lançamento previsto para início de 2012. Prefácio de Fritjof Capra, acesso em 07 ago 2011, disponível em <http://leonardoboff.wordpress.com/2011/07/30/fritjof-capra-o-tao-da-libertacao-de-m-hathaway-e-l-boff/>

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Tche! 1987.

JAVEAU, Claude. Criança, Infância(s), Crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? In **Sociologia da infância: pesquisas com crianças**. Educação & Sociedade, Campinas, Vol. 26, n. 91, Maio/Ago – São Paulo: Cortez; Campinas: CEDES, 2005. P. 379-389.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

_____. **20 anos de O Segredo da Pirâmide**. Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), v. IV, P. 167-176, 2007.

LAGE, Nilson. **Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente**. Petrópolis: Vozes; Florianópolis: IPEJ, 1998.

_____. **Estrutura da notícia**. São Paulo (SP): Ática, 1987.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

_____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1999.

LAROSSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEAL FILHO, Laurindo. **A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão.** Summus Editorial, 2006. Acesso em 27 out 2011. Disponível em <http://goo.gl/oczLr>

LIMA, Venicio Artur de. **Regulação das comunicações: história, poder e direitos.** São Paulo: Paulus, 2011.
_____. **Mídia: teoria e política.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LOBATO, José Bento Monteiro. **História do mundo para crianças.** São Paulo: Editora Brasiliense, 12^a. Ed.. Coleção Monteiro Lobato - Obras Completas, Volume 8, 1972.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora SENAE São Paulo, 2005.

Manual do Gilberto. **TV – a maravilha do século.** The Walt Disney Company. São Paulo (SP): Nova Cultural, c1988. P. 92.

Manual do Peninha. **Luzes, câmara, ação: é o telejornal.** The Walt Disney Company. São Paulo (SP): Nova Cultural, c1988. P. 10.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org). **Imprensa e capitalismo.** São Paulo: Kairós, 1984

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2009.

MARQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Para uma leitura crítica da comunicação.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

Ministério da Educação. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação.** Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo.** Florianópolis: EDUFSC, 1992.

MELLO E SOUZA, Cláudio. **15 anos de história: o mais completo depoimento sobre a televisão e o telejornalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

MIGLIORA, Rita; RODRIGO DOS SANTOS, Fernando; NÉRI, Gleicelene Gome. O que pensam as crianças sobre os telejornais. In: DUARTE, Rosália (org). **A televisão pelo olhar das crianças.** São Paulo: Cortez, 2008.

MONTES DE OCA, Eduardo. **¿ Gran prensa? Gran encubridora.** Acesso em 08 mai 2011, disponível em <http://www.rebelion.org/noticias/2005/4/14421.pdf>

MONTEZANO, Patrícia Christina. Telejornal: o cotidiano em sala de aula. In: CHIAPPINI, Lígia (Coord.) **Aprender e ensinar com textos não escolares.** Volume 3. São Paulo: Cortez, 2002. P. 63-77.

NEPOMUCENO, Eric. A construção da notícia (1). In: NOVAES, Aduino (Org.). **Rede imaginária: televisa e democracia.** São Paulo: Companhia das Letras. P. 205-212.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência.** São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Assim falava Zaratustra.** Versão para eBook eBooksBrasil.com, 2002. Acesso em 26 set 2009. <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/zara.html>

_____. **Crepúsculo dos ídolos: ou, Como filosofar com o martelo.** Versão “Sabotagem Contracultura” sem data, acessada em 26 set 2009, disponível em http://www.4shared.com/get/_KKIIMIL/CrepusculodosIdolos-FriedrichN.html

NOGUEIRA, Leo. **Manifesto das Crianças.** Revista Pobres & Nojentas, impressa, 2005, na apresentação da Declaração de Amor aos Direitos das Crianças (1986), pelas Jornalistas Elaine Tavares e Míriam Santini de Abreu.

Observatorio Europeo de la Televisión Infantil. **Telediarios infantiles y juveniles en el mundo (III): reflexiones y experiencias. Resultados y conclusiones de las experiencias y propuestas de los informativos elaborados por y para la infancia en el mundo.** Fundación Rafael del Pino, Madrid, 2006. Acesso em 03 mar 2010, disponível em http://tv_mav.cnice.mec.es/pdf/RESULTADOS_oeti_06.pdf

PARENTE, Cristiane. **Pesquisador Guillermo Orozco fala sobre mídia de qualidade para crianças e adolescentes.** Acesso em 16 set 2009. Disponível em <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/pesquisador-guillermo-orozco-fala-sobre-midia-de-qualidade-para-criancas-e-adolescentes>

PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto.** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.

PÉREZ MORALES, Patrícia. **Espaço-tempo e ancestralidade na educação ameríndia: desdobramentos de Paulo Freire na província de Chimborazo, Equador.** Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2008. Acesso em 12 out 2010, disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../TesePatriciaPerezMorales.pdf

PINTO, Manuel. **A televisão, a vida cotidiana e o direito de participação das crianças na escola e na comunidade.** Revista

Iberoamericana de Educación, OEI – Ediciones, Número 26, Maio-Agosto 2001. Acesso em 10 mai 2010, disponível em <http://www.rieoei.org/rie26a06.htm>

_____. **A televisão no quotidiano das crianças.** Porto: Edições Afrontamento, 2000.

PIRES, Davi Ulisses Brasil Simões. **Classificação Indicativa: informação qualificada.** Ministério da Justiça, Brasília, 2008. In Anais da IV Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. UFPE, 2008. Acesso em 10 out 2009. Disponível em <http://goo.gl/1aTcd>

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico.** Florianópolis: Insular: 2005.

PORTO, Tania Maria Esperon. **A televisão na escola... afinal, que pedagogia é esta?** Araraquara: JM Editora, 2000.

PRETTO, Nelson De Luca. SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Orgs.). **Além das redes de colaboração: internet diversidade cultural e tecnologias do poder.** Salvador: EDUFBA, 2008.

RAMONET, Ignacio. **La manipulación de los grandes medios.** Acesso em 08 mai 2011, disponível em http://lapistaoculta.com.ar/index.php?option=com_k2&view=item&id=602:ignacio-ramonet-hoy-los-medios-de-comunicaci%C3%B3n-constituyen-un-poder&Itemid=164

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Mídia-educação e pesquisa educativa.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 27, n. 1, 119-140, jan./jun. 2009. A

_____. **Professor italiano defende a formação do mídia-educador.** In TAVARES, Marcus. Entrevista. Programa Jornal e Educação. Acesso em 18 de maio de 2009. <http://goo.gl/7XJsNB>

_____. **Formar a competência midiática: novas formas de consumo e perspectivas educativas.** Comunicar No. 25, Huelva, Espanha: Grupo Comunicar, 2005.

_____. **Media Education: modelli, esperienze, profilo disciplinare.** Roma, Carocci, 2002

RODRIGUES, Suelen Fernanda Canguçu. **Globinho - 1º telejornal para crianças e jovens da TV brasileira.** Entrevista com a Jornalista Paula Saldanha. Maio 2006. Acesso em 21 set 2009.

<http://www.expedicoes.tv/media/download/mai2006globinho.pdf>

_____. **Novidades: Proposta de um programa de telejornalismo infantil.** Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social. UEPG, 2006.

http://serv01.informacao.andi.org.br/b6d71ce_114f59a64cd_-7f8c.pdf

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO. Renato Janine. **O afeto autoritário: televisão, ética e democracia.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

ROCHA, Bruno Lima. **Controle e disputa pela democracia na comunicação social: a comunicação popular e a disputa de conceitos e legitimidades.** Acesso em 29 out 2009.
<http://goo.gl/JpqMI>

ROVERI, Fernanda Theodoro. **A boneca Barbie e a educação das meninas: um mundo de disfarces.** In Anais da 30ª. Reunião Anual da ANPED. Acesso em 30 set 2009, disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3154--Int.pdf> Página 2.

RUBERTI, I.; SAMPAIO-RALHA, J.L.F.; IBARRA, R. **TV Globinho: Ascensão e Declínio da Notícia Educativa na TV.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. Anais. São Paulo: INTERCOM, 2006. CD-ROM

SERRANO, Pascual. **Desinformación: cómo los médios ocultan el mundo.** Editorial Península. Madrid. 2009.

SHARP, Ann Margaret. **A filosofia e a libertação das crianças**. Linhas Críticas, Revista da Faculdade de Educação UnB. Volume 3, Número 5-6 - p. 17-20, jul. 1997 - jul. 1998. Acesso em 14 dez 2010. <http://goo.gl/UBK3T>

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso: televisão, indústria e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

_____. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000.

SOUZA, Michel Aires de. **Nietzsche e a filosofia como libertação**. Publicado em 2010. Acesso em 26 set 2009, disponível em <http://filosofonet.wordpress.com/2010/12/31/nietzsche-e-a-filosofia-como-libertacao/>

_____. **O conceito de criança em Nietzsche**. Publicado em 2008. Acesso em 26 set 2009, disponível em <http://filosofonet.wordpress.com/2008/12/21/419/>

SZPACENKOPF, Maria Izabel. **O olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Morais. **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TAS, Marcelo. **É rindo que se aprende: uma entrevista a Gilberto Dimenstein**. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2011.

TAVARES, Elaine. **Jornalismo nas margens: uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas.** Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2004.

_____. **Latifúndios da comunicação só serão implodidos com participação popular.** Cadernos de Soberania Comunicacional. Folheto, 2 – Propostas para a Conferência Nacional de comunicação. Florianópolis, agosto de 2009, Ano I, N. 2.

_____. **O super-homem solidário: um encontro amoroso com Nietzsche.** 2000. Acesso em 04 out 2009. http://www.iela.ufsc.br/index.php?page=latino_americano_artigo&id=1722

TAVARES, Marcus. **A Linguagem Televisiva na Sala de Aula.** Multifoco: Rio de Janeiro, 2009. a

_____. **Crianças devem assistir aos telejornais?** Acesso em 03 out 2009. <http://goo.gl/bXIWN> b

_____. **Professor Roger Silverstone explica porque devemos estudar a mídias.** Entrevista concedida a Marcus Tavares. Acesso em 16 set 2009. <http://goo.gl/1Iwwa> c

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação.** Uberlândia; EDUFU, 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo.** Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 23, n. 37, p. 125-144, 1o. sem. 2002.

_____. **Telejornalismo um espaço socialmente construído.** Comunicação & Informação. UFG, v. 9, p. 238-246, 2007.

TOMÁS, Catarina; SOARES, Natália. **O cosmopolitismo infantil: Uma causa (sociológica) justa.** Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas:

Reflexividade e Acção Atelier: Cidadania e Políticas. Universidade do Minho, Braga, 2004.

TORRES, Rosa Maria. **Educação e imprensa: o educativo como desafio jornalístico**. São Paulo (SP): Cortez, 1996.

_____. **Itinerários Pela Educação Latino-Americana: cadernos de viagens**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre Educação, Política e Sindicalismo**. São Paulo: Cortez, 1982.

TV GLOBO. Memória Globo. **Globinho**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-263073,00.html>

Universidad Intercultural de las Nacionalidades e Pueblos Indígenas “Amawtay Wasi”. Enseñadonos em la sabiduría y el bien vivir. Prospecto.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia e circunstâncias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VEIGA, Zaclis. **Telejornalismo e Violência Social: a construção de uma imagem**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Departamento de Mídias, Campinas, SP: [s.n.], 2000

VERONEZZI, José Carlos. **Mídia de A a Z: conceitos, critérios e fórmulas dos 60 principais termos de mídia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In, VIZEU, Alfredo (Org.) **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 11-28.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. Acesso em 13 nov 2009. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.html>

_____. **Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano.** Revista de Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol.II Nº 2 - 2º Semestre de 2005. P. 83-93.

_____. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo; MOTA, Célia Ladeira; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Telejornalismo: a nova praça pública.** Florianópolis, SC: Insular, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

Referências videográficas

Caetano Veloso. **Alegria, Alegria.** Acesso em 09 out 2011, disponível em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=4tzSETbQcJk

Canal Brasil . Programa Espelho. O poder da informação: A Função do Jornalismo - Muniz Sodré e Miguel Vassy. Entrevista a Lázaro Ramos. Acesso em 08 mar 2011, Disponível em <http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1348857-7822-A+FUNCAO+DO+JORNALISMOMUNIZ+SODRE+E+MIGUEL+VASSY,00.html>

Carlos Drummond de Andrade. **Amar.** Declamado por Paulo Autran. Acesso em 09 out 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=jBNvxfZDfrY>

Charles Chaplin. **The greatest speech ever made (O melhor discurso de sempre).** Acesso em 09 out 2011, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=7CE35ka2daM&feature=player_embedded

Charles Chaplin . **Carlitos Repórter - O Primeiro Filme de Chaplin.** Acesso em 23 fev 2011, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=QmuonvmQFvg&feature=player_embedded

Documento Torres Garcia. Documentário de rádio elaborado e apresentado pelos estudantes de jornalismo da FABICO-UFRGS sob coordenação da profa. Sandra de Deus. Acesso em 12 out 2011, disponível em Parte 1 <http://www.youtube.com/watch?v=cEwZbCHdxZA> Parte 2 em <http://www.youtube.com/watch?v=jNJEfG1PY9c> e Parte 3 em <http://www.youtube.com/watch?v=p0mXjKmsU0o&feature=user>

Elis Regina. **Lunik 9.** Acesso em 24 ago 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ss6FtyzQHsk>

Marcelo Tas. **Coisas de Criança na TV.** Você não pode perder essa dica do Marcelo Tas: "observem as crianças!" Acesso em 16 jul 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=rY948aectJU>

Marcelo Tas . **Ernesto Varela em Vídeo do comício das Diretas Já! 1984.** Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://video.google.com/videoplay?docid=7258812135241685276#>

Marcelo Tas . **Vídeo do Prof. Tibúrcio.** Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=kagCBbyxZyo>

Marcelo Tas . Canal Oi. **Minuto em destaque: Plantão do Tas.** Acesso em 28 fev 2010 e até então disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=cZBCbl2yWtg>. Foi retirado do ar.

Marcelo Tas. **Entrevista Ponto de Encontro. TV UFMG.** Acesso em 28 fev 2010, Blocos 1,2 e 3 disponíveis em <http://il.youtube.com/watch?v=LuARh1zSMrI>; <http://www.youtube.com/watch?v=AnUDx0t07kY> e <http://www.youtube.com/watch?v=lfErTsJAm7Q>

Muppet News Flash. Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=WBvbzQfMNik>

Muppet Voice Comparisons - The Muppet Newsman. Acesso em 28 fev 2010, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=iyiAQf2-_As

The Muppet Show - Muppet News International. Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=oX9SZhPPs9A>

Muppets Series 5 Muppet Newsman figure review. Acesso em 28 fev 2010, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=31FlhGVTwqs>. Retirado do ar.

Skank. **Antitejornal.** Letra Disponível em <http://filosomidia.blogspot.com/search/label/Antitejornal> e Vídeo Acesso em 24 ago 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ebfeX5vjX4Q>

TV Câmara. **Programa Comitê de Imprensa. Entrevista de Paulo José Cunha com Paula Saldanha.** Blocos 1,2 e 3. Disponibilizados na página da TV Câmara em 17 nov 2006. Acesso em 03 nov 2009. Bloco 1 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/COMITE-DE-IMPrensa/174053-PAULA-SALDANHA-\(JORNALISTA\)-\(BL.1\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/COMITE-DE-IMPrensa/174053-PAULA-SALDANHA-(JORNALISTA)-(BL.1).html) Bloco 2 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/COMITE-DE-IMPrensa/174074-PAULA-SALDANHA-\(JORNALISTA\)-\(BL.2\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/COMITE-DE-IMPrensa/174074-PAULA-SALDANHA-(JORNALISTA)-(BL.2).html) Bloco 3 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/COMITE-DE-IMPrensa/174075-PAULA-SALDANHA-\(JORNALISTA\)-\(BL.3\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/COMITE-DE-IMPrensa/174075-PAULA-SALDANHA-(JORNALISTA)-(BL.3).html)

TV Câmara. **Programa Ver TV. Debate jornalismo infantil. Lalo Leal, Ana Olmos, Alexandre Borges e Paula Saldanha.** Blocos 1,2 e 3. Disponibilizados na página da TV Câmara em 13 out 2010. Acesso em 22 out 2010. Bloco 1 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/189830-VER-TV-DEBATE-JORNALISMO-INFANTIL-\(BL.1\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/189830-VER-TV-DEBATE-JORNALISMO-INFANTIL-(BL.1).html) Bloco 2

disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/190084-VER-TV-DEBATE-JORNALISMO-INFANTIL-\(BL.2\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/190084-VER-TV-DEBATE-JORNALISMO-INFANTIL-(BL.2).html) Bloco 3 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/190085-VER-TV-DEBATE-JORNALISMO-INFANTIL-\(BL.3\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/190085-VER-TV-DEBATE-JORNALISMO-INFANTIL-(BL.3).html)

TV Câmara . **Programa Ver TV. Programas infanto-juvenis. Ana Olmos, Âmbor de Barros, Zora Yonara Torres.** Disponibilizados na página da TV Câmara em 20 mar 2008. Blocos 1, 2 e 3. Acesso em 22 out 2009. Bloco 1 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/180644-PROGRAMAS-INFANTO-JUVENIS-\(BL.1\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/180644-PROGRAMAS-INFANTO-JUVENIS-(BL.1).html) Bloco 2 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/180649-PROGRAMAS-INFANTO-JUVENIS-\(BL.2\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/180649-PROGRAMAS-INFANTO-JUVENIS-(BL.2).html) Bloco 3 disponível em [http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/180650-PROGRAMAS-INFANTO-JUVENIS-\(BL.3\).html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/VER-TV/180650-PROGRAMAS-INFANTO-JUVENIS-(BL.3).html)

Bibliografia complementar

ALVES, Kellyanne; FEITOSA, Deise; REZENDE, Sílvia; GOMES DE MELO, Erick; L. DE CASTRO, Giuliano; SOUZA FILHO, Guido de. **Uma proposta de telejornal educativo Interativo.** Acesso em 14 nov 2009, disponível em <http://www.fag.edu.br/professores/anderson/Telejornalismo/artigo%2005%20tv%20interativa%20e%20digital.pdf>

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre s origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APEL, Karl-Otto; DUSSEL, Enrique. **Ética del discurso y ética de la liberación.** Madrid (Espanha): Trotta, c2004.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

ARRUDA, Ana. **Jornal para Crianças ou Jornalismo Infantil?**
In: Cadernos de Jornalismo e Comunicação, (39) dez. 1972, p.
33-36.

AZEVEDO, Maria Verônica Rezende de. **Telejornalismo e educação para a cidadania, uma experiência de educomunicação.** In: Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte - MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. Acesso em 12 nov 2009, disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/4897>

CABRAL, Eula D. Taveira. **Exigir programação de qualidade na TV não é censura.** Editora do Informativo Eletrônico SETE PONTOS. Acesso em 24 abr 2010. <http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/39/progqualid.htm>

CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica.** São Paulo: Paulus, 1999.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade.** In BRITTO, Valério Cruz; SIQUEIRA BOLAÑO, César Ricardo. (orgs.) **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia.** São Paulo: Paulus, 2005.

BERNO, Geovani. **Televisão, educação e sociedade: uma visão crítica.** 2003. Acesso em 22 jan 2011. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/berno-geovani-televisao-sociedade.pdf>

BOJUNGA. Claudio. A construção da notícia (2). In: NOVAES, Adauto (Org.). **Rede imaginária: televisa e democracia.** São Paulo: Companhia das Letras. P. 213-221.

BONDY, Augusto Salazar. **La Educación del Hombre Nuevo: La reforma educativa peruana.** Acesso em 04 nov 2010, disponível em http://sisbib.unmsm.edu.pe/Exposiciones/Salazar_bondy/publicaciones/Educacion_hombre/indice_educacion_hombre.htm

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von. **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CHARPAK, Georges. **Sejam sábios, tornem-se profetas**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.

CHIBAI, Silvia. **Telejornalismo, a estética do engodo**. Tese de Doutorado. PUC São Paulo, 2004.

CHOMSKY, Noam. **Controle da Mídia: os espetaculares feitos da propaganda**. Rio de Janeiro: Graphia, 2003

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus: 2006.

COSTA, Caio Tulio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro (RJ): Contraponto, 1997.

DELLA CAVA, Ralph; MONTERO, Paula. **...E o verbo se faz imagem: Igreja católica e os Meios de Comunicação no Brasil, 1962-1989**. Petrópolis: Vozes, 1991.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 1994.

DUSSEL, Enrique D. **Ética da Libertação – na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Método Para Uma Filosofia da Libertação Latinoamericana**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Caminhos da Libertação Latinoamericana**. 4 vol., São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Filosofia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1977.

ERAUSQUIN, M. Alfonso; MATILLA, Luis; VÁZQUEZ, Miguel. **Teledependentes**. São Paulo: Summus, 1983.

FARIA E SOUZA, Luiz Carlos C. **Propaganda de brinquedos e educação pela TV**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 0, p.83-94, 2002. Disponível em <http://goo.gl/rmSsX>

FORD, Aníbal. **Navegações: comunicação, cultura e crise**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ., 1999.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1974.

_____. **A leitura pela imprensa na escola**. Porto: Dinalivro, 1977.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Edição: 2002).

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento” In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobin; KRAMER,

Sônia (org.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo, Editora Cortez, 2003.

FONSECA, Cláudia Chaves. **Os meios de comunicação vão à escola?** Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limites: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOMES, Pedro Gilberto. **Comunicação: Filosofia, Ética e Política**. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

GOUVÊIA, Jaime Prado. **O altar das montanhas de Minas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

HAGEN, Sean Aquere. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal : um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional**. Tese. UFRGS, 2009. Acesso em 21 fev 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/17740>

_____. **O casal 20 do telejornalismo e o mito da perfeição: como a mídia constrói a imagem dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner**. Dissertação. UFRGS, 2004. Acesso em 21 fev 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/6881>

_____. **Jornalismo, mito e linguagem: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela**. In, VIZEU, Alfredo (Org.) **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 29-45.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia**. São Paulo: Futura, 2003.

KACINSKI, Bernardo; ARTUR DE LIMA, Venício. de. **Diálogos da Perplexidade: reflexões críticas sobre a mídia.** Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade.** São Paulo: Summus, 1997.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (Coord.). **Comunicação, hegemonia e contra-informação.** São Paulo: Cortez: INTERCOM, 1982.

LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais.** Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR: Caçador, SC: UnC, 2001.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michéle. **Comunicação mundo: história das ideias e das estratégias.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **O carnaval das imagens: a ficção na TV.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

MORAES, Dênis de. (Org.). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

OLIVEIRA, Donato. **O método da Filosofia da Libertação, segundo Enrique Dussel.** Acesso em 09 jan 2011, disponível em http://www.revistahumanas.org/donato_artigo1.pdf

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

RAMPINELLI, Waldir José; OURIQUES, Nildo (Orgs.). **Crítica à razão acadêmica.** Florianópolis: Editora Insular, 2011.

RODRIGUES, Zita Ana; LOVO, Adriana. **Estatutos de pó+ética para crianças**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis/Secretaria Municipal de Educação, 2002.

SAGAN, Carl. **Contato**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Cosmos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns: televisão e pós pensamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHILLER, Herbert I. **O império norte-americano das comunicações**. Petropolis: Vozes, 1976.

SECCHIN, Vitor Nascimento. **Analisando os quatro principais telejornais da Rede Globo, à luz da análise de discurso crítica**. Monografia para do curso de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Universidade Federal de Viçosa, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos: paixão verdade cósmica e racionalidade do século XXI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STRASBURGUER, Victor C.; WILSON, Barbara J.; JORDAN, Amy B. **Crianças, adolescentes e a mídia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TAGORE, Rabindranath. In: FRANCO, Divaldo Pereira **Estesia**. Salvador (BA): Livraria Espírita Alvorada, 1987.

TAVARES, Clara Ferrão. A Escola e a Televisão. RECORTE - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Vale do Rio Verde, UNICOR. Ano 3 - Número 5 - Julho a Dezembro de 2006. Acesso em 27 set 2010, Disponível em http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao5/5_artigo_clara.htm

TORRES, Rosa María. **Discurso e prática em educação popular**. Ijuí: UNIJUI, 1988.

UBALDI, Pietro. **A Grande Síntese**. São Paulo (SP): Lake, 1979.

_____. **Fragmentos de pensamento e de paixão**. Campos (RJ): FUNDAPU, 1982.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **O uso do telejornal na educação escolar**. Acesso em 28 mai 2010, disponível em http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOMCOM%206%20-%20O%20uso%20do%20telejornal%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20escolar%20-%20Tyciane%20Vaz.pdf

VEIGA-NETO, Alfredo. **Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol?** In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.) *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1996. Pags. 9-56.

VIZER, Eduardo Andrés. **A trama (in)visível da vida social: comunicação, sentido e realidade**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SZPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. **O olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ZIMMERMANN, Roque. **América Latina - o não ser; uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976)**. Petrópolis: Vozes, 1987.

Anexo 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CARTA DE FLORIANÓPOLIS PARA A MÍDIA- EDUCAÇÃO

**A Mídia-Educação
é um campo interdisciplinar em construção,
na fronteira entre a Educação,
a Comunicação, a Cultura e a Arte,
voltado à reflexão, à pesquisa e à intervenção
no sentido da apropriação crítica e criativa das mídias
e da construção de cidadania**

Introdução

Por ocasião da *IV Jornada de Debates sobre Mídia e Imaginário Infantil* e do *Primeiro Seminário de Pesquisa em Mídia-Educação*, realizados em Florianópolis, nos dias 13 e 14 de novembro de 2006, o Núcleo Infância, Comunicação e Arte (NICA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), propôs enriquecer a reflexão e a discussão de **políticas para a Mídia-Educação em contextos formativos da Cidade de Florianópolis**.

Motivados pelas demandas e pelas produções locais e inspirados em eventos anteriores como a Conferência de Sevilha (2002), a Convenção de Bellaria (2002), e a Cúpula do Rio sobre Mídia, Infância e Juventude (2004), propusemos uma primeira versão da Carta de Florianópolis, que foi discutida, reformulada e referendada pelos participantes do evento, representando professores, grupos de pesquisa, estudantes e outras instituições que trabalham com Mídia-Educação na cidade e no estado de

Santa Catarina. **O presente documento é o resultado das discussões realizadas no evento**, que foi uma das ações do Convênio *Dimensões Culturais na Formação de Professores para a Mídia-Educação* entre o NICA/UFSC e o CREMIT/ UCS (2005-2010), e pretende ser um instrumento de explicitação, comunicação e **busca de diálogo** com pessoas interessadas, organizações e instituições responsáveis pelo planejamento e pela efetivação de ações no campo da cultura da mídia e da educação, entendida como estratégia de desenvolvimento da cidadania.

Pressupostos

No contexto de uma sociedade que ainda não disponibiliza as condições de sobrevivência digna e garantia dos direitos sociais à maioria da população, **os meios de comunicação estão entre os protagonistas: ao mesmo tempo em que promovem relações de dependência que consideram mais o consumidor que o cidadão, podem oportunizar acesso a outras formas de cultura e possibilidade de conhecimento.** Para que os meios atuem como canal para a diversidade de opiniões, idéias, culturas, precisam estar nas mãos de muitos. Nesse sentido, não só a ampliação dos canais, como a limitação do tamanho dos conglomerados e da propriedade cruzada, bem como a criação e fomento à radiodifusão pública são fundamentais. **Só democratizando o acesso aos canais de expressão pública** poderemos pensar o país pelos olhos dos que hoje não são vistos pelas lentes e microfones das poucas empresas de mídia.

A mediação educativa é condição fundamental para isso, e portanto **a Mídia-Educação deve estar presente na formação de crianças, jovens, adultos e educadores**, como parte do sistema de ensino, na atividade dos produtores de mídia, nas empresas de comunicação, e nas organizações da sociedade civil. A educação, assim, justifica-se como instrumento de defesa dos direitos civis e de construção da cidadania.

Objetivos

Chamar atenção para:

- a importância da **Mídia-Educação na formação de crianças, jovens e adultos** em espaços de educação formal e informal;
- a importância da Mídia-Educação na **formação inicial e continuada de professores**;
- a importância da Mídia-Educação na **formação de profissionais da área da comunicação**;
- a importância da **participação** de crianças, jovens e adultos nos projetos de Mídia-Educação.

Fortalecer grupos de **pesquisa** no campo da Mídia-Educação.

Servir como instrumento de **articulação** entre a elaboração teórica e as experiências práticas locais e o movimento nacional e internacional da Mídia-Educação.

Propostas e ações

Destacar a importância de:

- elaborar propostas teórico-metodológicas para **inserção da Mídia-Educação nos cursos** de formação inicial e continuada de professores e de profissionais da comunicação;
- estimular a **pesquisa** acadêmica na área de Mídia-Educação em integração com a prática educativa;
- propor a criação de **cursos de extensão e de pós-graduação** na área de Mídia-Educação, em parceria com outras universidades e instituições;
- estimular as diferentes formas de inserção da Mídia-Educação na **escola** e na **comunidade** fortalecer as **redes de observação** da produção cultural de mídia para a infância e a juventude e das experiências escolares;
- estimular o **mapeamento** e a **socialização** das experiências e das pesquisas realizadas na área, através da organização de bancos de dados e publicações;
- estimular a realização de **seminários** de pesquisa em Mídia-Educação e outros eventos relacionados ao campo;

- apoiar a criação e manutenção de **espaços de exibição** das produções de mídias das escolas, comunidades e universidades;
- apoiar projetos de Mídia-Educação que fortaleçam a **diversidade** e a **relação escolacomunidade-cultura**;
- estimular o **intercâmbio** entre educadores e profissionais da comunicação e da cultura.

Florianópolis, maio de 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 Linha de Pesquisa em Educação e Comunicação
 Pesquisa: Telejornalismo para crianças no Brasil: a ponta do iceberg
 Orientador: Dra. Monica Fantin
 Pesquisador: Leopoldo Nogueira e Silva

ANEXO 2 . QUESTIONÁRIO REDE GLOBO . PAULA SALDANHA
 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Favor preencher nos campos assinalados

Pesquisa de Mestrado: Telejornalismo para crianças no Brasil: A ponta do iceberg
Data de preenchimento:
Nome:
Profissão:
Funções exercidas:
Pergunta 1 . Por que o Telejornal Globinho foi criado?
Pergunta 2 . Por que o Telejornal Globinho acabou?
Pergunta 3
<ul style="list-style-type: none"> a) Atualmente deveria existir telejornal feito especialmente para crianças? b) Por quê? c) Como deveria ser um telejornal feito especialmente para crianças?
Pergunta 4
<ul style="list-style-type: none"> a) Há ou deveria haver uma preocupação na produção dos telejornais atuais quanto ao público infantil que assiste aos telejornais? a) Qual(is)?
Outras considerações que julgar necessárias

Autorizaria que sua opinião seja identificada na pesquisa?

- () SIM
 () NÃO

Vide Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Linha de Pesquisa em Educação e Comunicação
Pesquisa: Telejornalismo para crianças no Brasil: a ponta do iceberg
Orientador: Dra. Monica Fantin
Pesquisador: Leopoldo Nogueira e Silva

ANEXO 3 . QUESTIONÁRIO PEQUISADORES

Favor preencher nos campos assinalados

Pesquisa de Mestrado: Telejornalismo para crianças no Brasil: A ponta do iceberg
Data de preenchimento:
Nome:
Profissão:
Atividades exercidas:
Pergunta 1 a) Você conheceu o Telejornal Globinho no Brasil? b) Qual sua opinião sobre ele? c) Você conhece outra experiência semelhante, no Brasil ou no mundo?
Pergunta 2 a) Qual sua opinião sobre o encerramento do Telejornal Globinho? b) Qual a sua opinião sobre crianças assistindo telejornais que não são feitos especialmente para elas?
Pergunta 3 a) Atualmente deveria existir telejornal feito especialmente para crianças? b) Por quê? c) Como deveria ser um telejornal feito especialmente para crianças?
Pergunta 4 b) Há ou deveria haver uma preocupação na produção dos telejornais atuais quanto ao público infantil que assiste aos telejornais? c) Qual(is)?
Outras considerações que julgar necessárias

Autorizaria que sua opinião seja identificada na pesquisa?

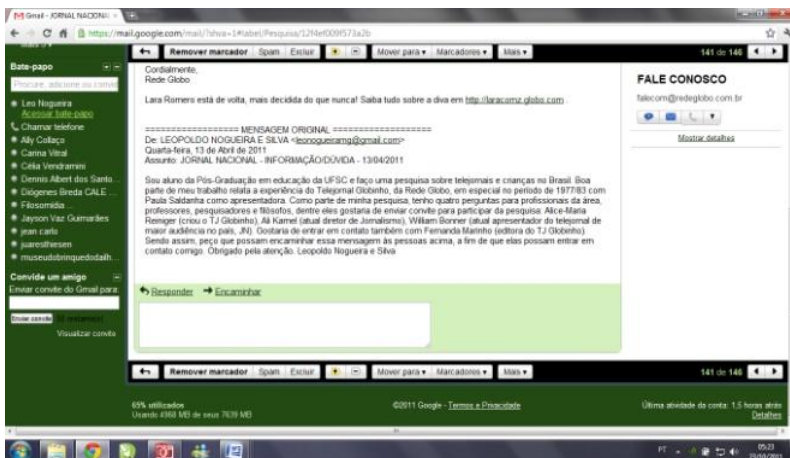
() SIM

() NÃO

Vide Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo

ANEXO 04

E-mails. Fale Conosco Rede Globo



Google Gmail interface showing an email from FALE CONOSCO. The email subject is "JORNAL NACIONAL - INFORMAÇÃO/DÚVIDA - 13/04/2011". The sender is FALE CONOSCO (falecom@redeglobo.com.br). The email content includes a request for a research project evaluation and contact information for Rede Globo.

label pesquisa Procurar e-mail Pesquisar na web

Remover mandador Spam Excluir Mover para Marcadores Alias

JORNAL NACIONAL - INFORMAÇÃO/DÚVIDA - 13/04/2011 [Exibir] [X] [Fechar] [X]

de FALE CONOSCO falecom@redeglobo.com.br ocultar detalhes 14 abr Responder

responder a FALE CONOSCO falecom@redeglobo.com.br para a leopoldoam@gmail.com - leopoldoam@gmail.com

data 14 de abril de 2011 09:56

assunto JORNAL NACIONAL - INFORMAÇÃO/DÚVIDA - 13/04/2011

Leopoldo

Para que o seu projeto possa ser encaminhado e avaliado pela equipe do Globo Universidade é necessário que você seja professor universitário ou que esteja cursando um programa de pós-graduação (mestrado, doutorado ou MBA) e que a sua pesquisa tenha como objeto de estudo a TV Globo e seus programas.

Por favor, nos envie o seu projeto de pesquisa e, caso deseje entrevistar um profissional da TV Globo, também é necessário encaminhar as perguntas para avaliarmos o seu pedido.

Cordialmente,
Rede Globo

Toda a magia dos contos de fadas, as agruras e as belezas do sertão do Brasil juntas em Cordel Encantado.
<http://cordelencantado.globo.com>

Google Gmail interface showing a reply email from LEOPOLDO NOGUEIRA E SILVA. The email subject is "JORNAL NACIONAL - INFORMAÇÃO/DÚVIDA - 13/04/2011". The sender is LEOPOLDO NOGUEIRA E SILVA (leopoldoam@gmail.com). The email content includes a request for contact information and a reply to the previous email.

Remover mandador Spam Excluir Mover para Marcadores Alias

FALE CONOSCO
falecom@redeglobo.com.br

De LEOPOLDO NOGUEIRA E SILVA - leopoldoam@gmail.com
Quarta-feira, 13 de Abril de 2011
Assunto: JORNAL NACIONAL - INFORMAÇÃO/DÚVIDA - 13/04/2011

Entrei por aqui uma solicitação de contato para Ali Kamel, Alice Maria Renner e William Bunter, para participar em pesquisa sobre o telejornal GloboNews, o telejornal é transmitido no Brasil, respondendo um questionário. Assim, recebi uma mensagem que me pediu para enviar à Rede Globo os documentos comprobatórios da pesquisa. Fiz isso dando reply na mensagem, anexando os arquivos e, no entanto, aquele e-mail para o qual enviei a minha resposta não aceita "reply", para qual e-mail deveria enviar a solicitação e os documentos necessários?

Msg: Mensagem recebida

Leopoldo

Para que o seu projeto possa ser encaminhado e avaliado pela equipe do Globo Universidade é necessário que você seja professor universitário ou que esteja cursando um programa de pós-graduação (mestrado, doutorado ou MBA) e que a sua pesquisa tenha como objeto de estudo a TV Globo e seus programas.

Por favor, nos envie o seu projeto de pesquisa e, caso deseje entrevistar um profissional da TV Globo, também é necessário encaminhar as perguntas para avaliarmos o seu pedido. Cordialmente, Rede Globo

Responder Encaminhar

<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox>

label: pesquisa Procurar e-mail Pesquisar na web

Remover marcador Spam Excluir Mover para Marcadores Mais

Pesquisa TV Globo Viviane Tanner [X] Responder

de Viviane Tanner viviane.tanner@tvglobocom.br
 para Leonardo Rang leonora.rang@gmail.com
 data 15 de julho de 2011 20:48
 assunto Pesquisa TV Globo
 enviada por tvglobocom.br

Prezado Leopoldo,

Sou coordenadora do Globo Universidade, área de relacionamento entre a TV Globo e o meio acadêmico. Para que eu possa encaminhá-lo internamente o seu pedido de entrevista com o Nelson Motta, por favor, preencha o formulário em anexo.

Estou à disposição para qualquer esclarecimento.

Abraços,
 Viviane

Viviane Tanner
 viviane.tanner@tvglobocom.br
 Mostrar detalhes

<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox>

Remover marcador Spam Excluir Mover para Marcadores Mais

Viviane Tanner
 viviane.tanner@tvglobocom.br
 Mostrar detalhes

Abraços,
 Viviane

Viviane Tanner
 Globo Universidade
 TV GLOBO - CGCOM
 Tel (21) 2129-6019
 Fax (21) 2129-6778
 E-mail viviane.tanner@tvglobocom.br

Este e-mail e seus anexos são para uso exclusivo do destinatário e podem conter informações confidenciais e/ou legalmente privilegiadas. Não podem ser parciais ou totalmente reproduzidos sem o consentimento do remetente. Qualquer divulgação ou uso não autorizado deste e-mail ou seu anexo é proibido. Se você recebeu esse e-mail por engano, por favor, notifique o remetente e apague-o imediatamente.

This e-mail and its attachments are for the sole use of the addressee and may contain information which is confidential and/or legally privileged. Should not be partly or wholly reproduced without consent of the sender. Any unauthorized use or disclosure of this e-mail or its attachments is prohibited. If you receive this e-mail in error, please immediately delete it and notify the sender by return e-mail.

[solicitacao_de_pesquisa.docx](#)
 104K Visualizar Baixar

Responder Encaminhar

Anexo 05 . Formulário do Globo Universidade



Nº: 02/2011

Instruções:

1. A Rede Globo auxilia somente pesquisadores de pós-graduação, regularmente matriculados em universidades.
2. A emissora auxilia pesquisas preferencialmente relacionadas às suas áreas de atuação, por exemplo: telejornalismo, mídia, teledramaturgia, televisão, engenharia de telecomunicações, etc.
3. Para iniciar o processo de pesquisa, o solicitante deve juntar, a este formulário, ofício assinado pelo orientador do projeto, em papel timbrado da universidade, confirmando o objetivo da pesquisa e o vínculo acadêmico;
4. O solicitante deve preencher os campos abaixo com as principais informações do projeto de maneira sucinta e clara;
5. O solicitante deve destacar o atual estado da pesquisa, se já foi apresentada em anais de congresso, capítulos de livros ou outras informações que considerar relevantes;
6. O solicitante deve incluir um resumo do projeto com, no máximo, vinte laudas, apresentando os seguintes tópicos: introdução (caracterização do problema, questões, hipóteses); objetivos; argumentação teórica; justificativas; metodologia; cronograma das atividades; e referências;
7. Se a solicitação incluir entrevistas, indicar sugestões de profissionais e a lista das perguntas;
8. Se o pedido for referente a vídeos, descrever o material: nome do programa, período em que foi exibido e o episódio ou trecho que será analisado;
9. Conferir antecipadamente se as informações solicitadas não estão no site do **Memória Globo** (www.memoriaglobo.globo.com) ou em outros sites da emissora;
10. A análise da documentação leva aproximadamente 30 dias;
11. O preenchimento deste e dos demais documentos não garante a aprovação da pesquisa;
12. Com a aprovação, será exigido do solicitante que assine o “Termo de Auxílio à Pesquisa”. Só após a entrega deste termo assinado é que a pesquisa poderá ser iniciada.
13. Os documentos podem ser enviados por e-mail ou pelo correio.
14. Solicitamos que o pesquisador encaminhe uma cópia da dissertação ou tese para arquivo do Globo Unviersidade após apresentação à banca examinadora da sua universidade.

Nome: Leopoldo
Nogueira e Silva

Profissão: Professor

Telefones: [REDACTED]	E-mail: leonogueirang@gmail.com
RG: M1642171 SSPMG	Endereço: [REDACTED]
CPF: 35656930 6-10	CV Lattes (link): http://lattes.cnpq.br/5909823768369663
Título: Telejornais e crianças no Brasil: a ponta do iceberg	Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina Data máxima para finalizar a pesquisa com a TV Globo: 31 de julho de 2011
Orientador: Monica Fantin	CV Lattes do orientador: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4708867E7
Indique o nível da pesquisa (mestrado, doutorado, etc): Mestrado	
Descreva a área principal (p. ex: jornalismo): Educação	
Acrescente até cinco subáreas (p. ex: esportes): <i>Mídia-Educação, Jornalismo, Telejornalismo, Televisão, Notícias</i>	
Resumo (no máximo, 1000 caracteres): <i>A partir do referencial da Mídia-Educação, essa pesquisa buscará entender no telejornal como formato televisivo, seus aspectos teórico-práticos e suas relações entre finalidades e a Educação. Toma-se por base a análise da experiência do extinto “Telejornal Globinho” da Rede Globo de Televisão (no período de 1977 a 1982), considerado como direcionado para crianças no Brasil. Considerando a importância de produção de mídias para as crianças, respeitando o direito que elas têm à informação de qualidade, a pesquisa pretende oferecer elementos para a reflexão sobre as (im)possibilidades e/ou (des)interesses na (des)construção da produção de telejornal na televisão pública e privada (aberta/cabo) para crianças nos dias atuais.</i>	
Objetivos (no máximo, 1000 caracteres): 1 . Sistematizar informações, estudos e pesquisas sobre a relação telejornalismo e crianças no Brasil; 2 . Analisar a experiência do “Telejornal Globinho” (especialmente no período de 1977 a 1982); 3 . Refletir sobre as relações entre Telejornal, ética, direitos das crianças e educação; 5 . Contribuir com estudos sobre criança e Mídia-Educação.	
Material solicitado (descrever com, no máximo, 1000 caracteres): Solicito que respostas a 4 (quatro) questões sobre o Telejornal Globinho e a relação telejornais e crianças sejam respondidas por ALICE-MARIA REINIGER; ALI KAMEL, FERNANDA MARINHO, WILLIAM BONNER e ANSELMO PRADA (RBS TV). Também solicito que NELSON MOTTA E MARCOS VALLE apresentem um texto que informe sobre como foi a história da criação do jingle de abertura do Telejornal Globinho, a saber: “o que é, como é, por que é, você agora vai saber. O que foi, como foi, por que foi, é fácil de aprender”.	

Informações relevantes (no máximo, 1000 caracteres): *As informações solicitadas nas perguntas da entrevista por escrito não constam nas páginas MEMÓRIA GLOBO. Tentei por várias vezes, e por vários caminhos, entrar em contato com as Organizações Globo, no decorrer de um ano sem sucesso. Estou finalizando em 01 de agosto de 2011 o texto da dissertação sem as informações que poderiam vir da Globo. Se essas informações viessem todo o meu trabalho mudaria nos dois capítulos finais, porque seriam dados preciosos para o entendimento daquela experiência que foi o Telejornal Globinho. Assim, aguardarei pelo menos uma resposta sobre as possibilidades de que a Globo possa enviar com certa urgência, ou não, as respostas, tendo em vista o enriquecimento da dissertação. Assim, eu poderia fazer análise e alteração do texto final na primeira semana de agosto de 2011. A defesa da dissertação já está marcada para final de setembro.*

²⁹³ (X) Ofício da Faculdade	(X) Resumo do Projeto
---	--------------------------------

Para uso interno do Globo Universidade:

Atendido por:	E-mail:
Aprovado ()	Data:
Não aprovado ()	

Globo Universidade – Central Globo de Comunicação

Rua Bartolomeu Mitre, 770 – 5º andar

CEP: 22431-000 – Leblon – Rio de Janeiro – RJ

www.globouniversidade.com.br

Anexo 06 . Consolidado Questionário

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Linha de Pesquisa em Educação e Comunicação
Pesquisa: Telejornalismo para crianças no Brasil: a ponta do iceberg
Orientador: Dra. Monica Fantin
Pesquisador: Leopoldo Nogueira e Silva**

CONSOLIDADO QUESTIONÁRIO

PERGUNTA 1

- A) VOCÊ CONHECEU O TELEJORNAL GLOBINHO NO BRASIL?**
- B) QUAL SUA OPINIÃO SOBRE ELE?**
- C) VOCÊ CONHECE OUTRA EXPERIÊNCIA SEMELHANTE, NO BRASIL OU NO MUNDO?**

ANA CAROLINA TEMER

- a) Sim, mas vi poucas vezes*
- b) Era interessante, mas não vi detalhadamente pq na época da sua exibição eu não estava no faixa etária do público alvo e não era pesquisadora de jornalismo*
- c) Não*

CÉLIA MARIA LADEIRA MOTA

- a) Sim, trabalhava na TV-Globo na época em que a Fernanda Marinho criou o Globinho, apresentado pela Paula Saldanha.*
- b) - O Globinho surgiu como uma opção inteligente e divertida para as crianças. Acredito que foi pioneiro na concepção de programa infantil informativo e que contribuía com as escolas como atividade extra-classe.*
- c) Existem experiências parecidas, mas que trabalham mais com ficção do que informação. Uma delas é o Castelo Ra-íim-bum, da TV- Cultura. As primeiras versões do Sítio do Picapau Amarelo também mesclavam ficção, aventura com informações. Vale lembrar que Monteiro Lobato, ao escrever os livros infantis ligados ao Sítio, tinha como inspiração ensinar Geografia, Gramática, Aritmética, Ciência, usando os personagens da Emília, do Rabicó, da Narizinho, Pedrinho e do Visconde, para*

tornar os currículos escolares mais acessíveis e agradáveis às crianças.

INÊS VITORINO

a) Sim.

b) Não lembro com detalhes. Sei que era apresentado pela Paula Saldanha. Era um telejornal com um formato muito próximo ao de revista, com assuntos variados de interesse da criança. Era um programa que trazia a condução cuidadosa e simpática da Paula, com uma clara preocupação em promover o enriquecimento cultural da criança, recorrendo a uma linguagem coloquial, mas sem erros grosseiros e simplificações ou qualquer traço de vulgaridade, como se tornou comum anos depois na programação infantil da emissora, com o modelo Xuxa de tratar os “baixinhos.

c) O que me recordo estar mais próximo desse modelo é o TV Piá na TV Brasil. Ele também é um programa informativo próximo ao formato de revista, com pautas condizentes com o universo infantil. Ele não tem um/a apresentador/a, como o TV Globinho, mas traz uma peculiaridade que é a participação ativa das crianças na condução do programa. Guardadas as devidas proporções, havia também no telejornal TV Globinho, à época da Paula Saldanha, a preocupação em inserir a participação infantil no mesmo. Sei de um outro Programa que considero muito rico, mas que é dirigido mais para o público adolescente e que é exibido no Canadá. Infelizmente, não recordo agora o nome.

LAUREN COLVARA

a) Sim, conheci durante a minha pesquisa sobre TV em meu mestrado.

b) A tentativa de reciclagem ou remodelagem do telejornal Globinho, para a atual TV globinho, deixa muito a desejar.

c) Podemos pensar no X-Tudo, mas ainda não chega a ser o mesmo modelo apresentado pela TV Globo na década de 70. Um programa com notícias voltadas para o público infantil é algo ainda carente na TV brasileira (tanto paga quanto aberta).

LALO LEAL

a) Sim.

b) Foi uma experiência importante. Tratava as crianças com seriedade e respeito.

c) No Brasil não, mas no mundo vi bons programas de notícias para crianças na Inglaterra e em Cuba. Sei que no Japão há também um telejornal voltado para crianças.

MARCUS TAVARES

a) Minha lembrança do programa remete à minha infância. Lembro-me mais da apresentadora, Paula Saldanha dando as informações

b) Não tenho opinião formal sobre o programa. É uma lembrança da infância apenas.

c) Não fiz nenhum estudo sobre o tema. Lembro ainda de um quadro similar, anos depois, no programa Xou da Xuxa, onde havia o repórter mirim do programa. Como sempre quis ser jornalista, desejei até mesmo participar do programa, do quadro, cheguei, me lembro, a enviar uma carta pedindo para ser o repórter mirim.

PAULA SALDANHA

Pergunta 1 . Por que o Telejornal Globinho foi criado?

Havia uma necessidade de um programa informativo, em forma de telejornal, voltado para crianças e jovens. A direção da TV Globo, que já mantinha um Globinho narrado em off desde 1974, me convidou para fazer a apresentação desse telejornal em 1977.

Ganhar um apresentador, com presença diária (duas exibições ao dia) que conversava com o público jovem, deu grande projeção ao Globinho.

O sucesso foi tanto que, décadas depois, brasileiros com mais de 35 anos, de várias partes do país, ainda cobram a criação de um telejornal do gênero para as novas gerações.

PEDRINHO GUARESCHI

a) Não.

b) Não conheço essa experiência.

c) Não.

PEDRO CARIBÉ

a) Sim.

b) Assisto pouco, por isso não tem como emitir uma avaliação consistente.

c) Não que lembre.

ROSALIA DUARTE

a) Não

b) NÃO RESPONDEU

c) Me parece que a TVE, da Espanha, tem um telejornal para crianças, mas não estou certa.

PERGUNTA 2

A) QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O ENCERRAMENTO DO TELEJORNAL GLOBINHO?

B) QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE CRIANÇAS ASSISTINDO TELEJORNAIS QUE NÃO SÃO FEITOS ESPECIALMENTE PARA ELAS?

ANA CAROLINA TEMER

a) Pelo que me lembro, ele estava inserido no horário matinal, junto com outros programas voltados para o público mais jovem. Nesta faixa de público tudo é audiência (nas outras também, mas com crianças o poder de reivindicar qualidade é menor). Então só me resta pensar que o programa saiu do ar em função da pouca audiência, em uma relação de custo benefício deficitária.

b) Esse é um problema séria, telejornal não é programa infantil. As informações sobre violência, por exemplo, tendem a provocar uma grande angústia nas crianças. De uma forma geral elas não conseguem contextualizar adequadamente os dados, e acabam tendo uma visão deturpada das informações. No entanto, acho que é responsabilidade dos pais filtrarem os conteúdos.

Particularmente acredito que um dos problemas é os pais deixarem os filhos verem sozinhos os telejornais, sem conversar, debater, em seguida os conteúdos. Claro que nestes casos a descontextualização tende a ser maior.

Os pais tem se afastado da responsabilidade de conversar com os filhos sobre a vida, esperando que a televisão diga tudo que eles precisam. Mas não é assim, a experiência das crianças com a televisão, em todos os conteúdos, deve ter a mediação dos pais.

CÉLIA MARIA LADEIRA MOTA

a) Acho que foi uma perda grande, embora hoje, as crianças tenham acesso a Internet e a programas de TV à cabo, como National Geographic, Animal Planet, onde também recebem muita informação. É claro que existe uma enorme perda para um grande número de crianças, que só possuem a TV aberta para se informar. Nela, acabam vendo telenovelas impróprias para a idade, programas que seguem o modelo Xuxa, com brincadeiras e danças, mas que pouco contribuem no sentido educativo em matéria de desenvolvimento cultural.

b) O principal problema diz respeito ao vocabulário utilizado, que não é acessível à criança. Não se fala para criança e sim para o público adulto, que tem um código de informação maior e que amplia a compreensão das narrativas jornalísticas. Não sei mesmo se vale a pena criança assistir telejornal adulto. Até uma certa idade, elas não se interessam. Quando estão na adolescência, podem ter algum interesse, especialmente se for assunto tratado em sala de aula. No geral, não gostam.

Os conteúdos são repetitivos, focam muito a violência e a falta de segurança nas cidades, os crimes e acidentes, o que gera na criança uma boa dose de estresse. São conteúdos, em absoluto, inadequados ao público infantil.

INÊS VITORINO

a) Considerando o tipo de programação que se seguiu depois, considero uma lástima, pois verificou-se a tendência a mercantilização da infância, em que a qualidade foi o primeiro elemento a ser negociado. A programação infantil da referida emissora regra geral, tornou-se uma espécie de vitrine para os produtos infantis a serem anunciados. A riqueza e a complexidade do universo infantil foram reduzidos drasticamente para caber nas fórmulas de programas de auditórios centrados em competições e apresentação de desenhos com muitos produtos licenciados a venda.

b) Os telejornais, como são pensados para um público adulto, trazem não apenas o que de melhor a humanidade tem sido capaz de produzir, mas suas piores mazelas. Guerras, assassinatos, estupros, corrupção etc. Como estando falando de TV, o impacto das imagens e sons articulados tendem a ter um impacto bem maior. Já existem pesquisas que indicam que a criança, por exemplo, tende a ser mais impactada por imagens reais do que por aquelas de desenho. Isso foi identificado, por exemplo, quando as imagens do 11 de setembro foram divulgadas amplamente e deixaram muitas crianças que moram em prédios altos apavoradas. Considero, pois, que se há este risco e se as pautas não são pensadas tendo em vista os cuidados necessários para lidar com o público infantil, considero a exposição deste público (0-12) ao telejornalismo feito para adultos inadequado.

LAUREN COLVARA

a) Isso era um movimento próprio da época. Ao recordamos a história da TV Brasileira, veremos que os programas infantis tem cada vez mais perdido espaço. O próprio Sítio do Pica Pau Amarelo, contemporâneo e que durou alguns anos mais, foi encerrado para a entrada do programa da Xuxa. Mesmo depois de ter recebido um importante premio da UNESCO. O encerramento do telejornal globinho e depois a sua retomada, cerca de 20 anos ou mais depois, tem uma narrativa própria a ser investigada.

b) Isso é bastante relativo. Durante a pesquisa de mestrado, houve uma mãe que disse que colocava os filhos para verem o Jornal Nacional e assim terem uma noção do que é realidade. Eu própria me lembro da queda do muro de Berlim e foi uma das cenas mais impressionantes do modo “midiático”, assim como a Dona Beija.

Mas o que quero ressaltar com isso é o seguinte: o telejornal carrega em si uma lógica de montagem própria. Em haverá momentos de tensão e logo em seguida amenizado, e desde a ditadura haverá o “happy ending” em que o Bonner dirá “Boa noite!” e tudo ficará bem. O próprio Médici dizia durante a ditadura que assistia o telejornal para ver o quanto o país é ótimo em detrimentos das outras pátrias!

O que quero dizer com isso é que telejornal não é algo para criança, mas também tenho minhas dúvidas se é para adultos também. Será que é só criança que não entenderá o que da crise da Europa pode nos afetar ou mesmo como que a tal bolha dos EUA é um fantasma até hoje. Ou mesmo porque tanta gente se mata por causa do islamismo. Isso é um mistério para todos. Lógico, se ficarmos apenas no referencial do que a TV nos apresenta.

Crianças tem um desenvolvimento próprio, e que isso deve ser respeitado. Veja Perseópolis. Quando a menina pergunta para mãe o que está acontecendo. A mãe não

mascara a crise do Irã, mas conta de uma forma com que a menina vá entender.

Dar notícia nem sempre é informar... talvez seja mais confundir.

LALO LEAL

a) Deveu-se a insistência da direção da Globo de inserir publicidade (“merchan”) no programa. A apresentadora e diretoria do programa Paula Saldanha negou-se a fazer isso.

b) Do jeito que as coisas vão estou começando a defender a ideia de que programas jornalísticos também devem ser submetidos à classificação indicativa. Não é possível colocar no ar, em horários não protegidos para crianças, cenas como os telejornais estão colocando. Além disso os chamados programas policiaiscos não podem ser protegidos pelo rótulo de “jornalísticos”. Eles são encenações dramáticas e, por isso, devem ser submetidos à classificação indicativa.

MARCUS TAVARES

a) Era uma experiência/produção voltada para as crianças. O que é, antes de mais nada, muito interessante.

b) É uma questão complicada. Proibir as crianças de assistirem aos telejornais é uma faca de dois gumes.

Privá-las de acesso a informação, é ir contra o direito delas. Há algum tempo, um menino, acredito que seja americano, talvez você consiga resgatar a história no Google, diz que se salvou de um ataque de tubarões por ter visto um documentário (que não deixa de ser jornalístico) no Discovery Chanel. Bem, o telejornal também é um prestador de serviços e pode, inclusive, auxiliar as crianças. Mas quando pensamos na violência, no sensacionalismo dos telejornais, sim, nos perguntamos: crianças deveriam assistir aos telejornais voltados para os adultos? A psicologia dirá que sim, desde que haja uma mediação, que é importante e necessária. Os telejornais brasileiros não possuem classificação indicativa, pois entende-se que informação é prestação de serviço e voltada para qualquer idade. Mas sempre me pergunto o que as crianças entendem dos telejornais? O que fica? Principalmente, quando assistem aos telejornais sozinhas? O que elas entendem por notícia? O que é notícia para elas?

PAULA SALDANHA

Pergunta 2 . Por que o Telejornal Globinho acabou?

Acredito que o fato do Globinho exibir muitas reportagens polêmicas, falando de anistia política, eleições diretas, numa época de ditadura militar no país, criou alguns problemas. Apresentávamos também reportagens de denúncia, ligadas às questões ambientais, que incomodaram muita gente (ocupação de lagoas e margens de rios por imobiliárias, desmatamento de áreas de proteção de Mata Atlântica e queimadas na Amazônia...).

A equipe do Globinho foi chamada, pela direção do Jornalismo, para fazer um telejornal numa linha de sorteio de bolas e bonecas, com presença de palhaços, etc. Todos da equipe se recusaram a mudar exatamente aquilo que mais marcou este

telejornal pioneiro para crianças e jovens – engajamento e vanguarda.

PEDRINHO GUARESCHI

a) Não tive a oportunidade de conhecer.

b) Na minha percepção não há qualquer contribuição na formação das crianças.

PEDRO CARIBÉ

a) Soube agora que foi encerrado.

b) Desde que não tenham cenas inapropriadas, não vejo grandes problemas

ROSALIA DUARTE

a) NÃO RESPONDEU

b) Nas pesquisas que fizemos com crianças, elas afirmam que esses programas fazem mal a elas, que as fazem sofrer, provocam medo e insegurança, em razão das notícias sobre violência, sobre crianças que passam fome e também sobre problemas ambientais.

PERGUNTA 3

A) ATUALMENTE DEVERIA EXISTIR TELEJORNAL FEITO ESPECIALMENTE PARA CRIANÇAS?

B) POR QUÊ?

C) COMO DEVERIA SER UM TELEJORNAL FEITO ESPECIALMENTE PARA CRIANÇAS?

ANA CAROLINA TEMER

a) Seria uma boa experiência

b) Facilitaria a decodificação dos conteúdos

c) Linguagem simples, um tratamento menos agressivo a informação, maior contextualização, conteúdo educativo vinculado a informação

CÉLIA MARIA LADEIRA MOTA

a) Acho uma boa idéia, que deveria ser levada a frente pelas emissoras brasileiras, hoje mais interessadas na competitividade, o que leva à mesmice da programação. Nossos programas de TV são, em geral, pobres de conteúdo cultural, num país com

tanta diversidade, e sem foco na ecologia, na história, na natureza.

b) Como disse acima há um mundo a ser explorado – e aí falo não só do Brasil, mas de costumes e hábitos de outros povos - que poderia ampliar a visão de mundo das crianças, para além da sala de aula.

c) Com certeza, com apresentadores mais jovens, com cenários divertidos, com muita interatividade, com reportagens mostrando experiências de escolas em várias partes do Brasil, atividades extra-classes destas escolas (como a escola tal está fazendo uma campanha de despoluição do rio que passa pela cidade, como exemplo). Há um mundo de assuntos que podem ser abordados numa linguagem clara, simples, leve, de fácil compreensão.

Poderia haver o cantinho da leitura construído televisamente, e ainda, criar seções tipo Matemática sem susto, para desmitificar o medo que as crianças ainda têm da disciplina.

INÊS VITORINO

a) Sim

b) Por todas as razões expostas acima, defendo firmemente que sim. Adiciono, ainda, um novo elemento. Crianças e adolescentes representam 1/3 da população brasileira. Se as emissoras de TV, como concessionárias públicas, têm como atribuição definida em lei prestar um serviço público, elas não podem ignorar esse segmento da população, que assim como os adultos, tem o direito a receber e produzir informação de qualidade sobre todos os assuntos que lhe dizem respeito direta ou indiretamente.

c) Em primeiro lugar, ele deveria ser um programa feito não só para crianças, mas com as crianças, de modo que diferentes modos de viver e compreender a infância e suas relações com a sociedade pudessem ter um espaço de tematização. Pelo que já disse, se depreende que todos os assuntos que possam estar no universo das diferentes infâncias que o país abriga, em sua diversidade de gênero, etnias, classes sociais, regiões etc. e/ou que tenham de algum modo impacto sobre elas deva ser abordado. Destaco, ainda, que todos os conteúdos devam ser apresentados em uma linguagem adequada ao entendimento do público infantil, o que não significa simplificação de linguagem ou abuso de gírias, mas do próprio uso dessa linguagem como instrumento formativo. Por último, mas não em termos hierárquicos, ressalto que todo programa infantil deve ter um caráter lúdico, estabelecendo o equilíbrio necessário entre formação e diversão.

LAUREN COLVARA

a) Sim e Não. Qual seria a linha editorial? Falar sobre o casamento real? Ou seria para falar de coisas do interesse delas? Justin Bieber? “Fulana” Black? O que seria dito para estas crianças? Programa puramente educativo? Velha forma ratim bum? Para crianças que cada vez mais estão familiarizadas com Ipad’s, internet e etc?

b) Não há justificativa. Há interrogações.

c) Volto a perguntar: o que seria uma linha editorial? Para que “crianças” estamos a falar? Critério ANDI? Critério Eca? Critério Sociedade Mundial de Saúde? Critério mídia?

LALO LEAL

a) *Sim*

b) *As crianças devem ir, aos poucos, conhecendo o mundo. E para isso nada melhor do que um telejornal que fale a sua linguagem sem tratá-las como seres inferiores, como faz a maioria dos programas ditos “infantis”.*

c) *Com uma tradução numa linguagem simples dos acontecimentos do dia, sem dramatizações ou espetacularizações. Deve ser conduzido e apresentado por adultos (o VerTV já discutiu esse tema, está no site da TV Câmara)*

MARCUS TAVARES

a) *Acho que sim. Seria interessante. Mas me pergunto: como seria feito um telejornal para crianças? Seria um telejornal para que idade?*

Seria um telejornal enfadonho, que trataria crianças como crianças infantis? A criança do mundo de hoje não é boba, ingênuo... Como experimentação, sim, deveria existir. Mas se uma grande rede de tevê resolvesse produzi-lo, como seria? Qual seria a linha editorial? Seria um programa para vender o quê no intervalo?

b) *Se fosse um telejornal produzido para refletir com ela sobre os acontecimentos, refletir com ela o que é notícia e para que serve, refletir com ela o que é realmente importante sabermos e nos preocuparmos...sim seria interessante ter um telejornal. Para promover a reflexão.*

c) *Que respeitasse a criança no seu tempo e espaço atual. Sem infantilizá-la, mas sem, digamos, tratá-la como adulto. Acho que é complicado... pois o que é ser criança nos dias de hoje? Que crianças temos hoje em dia? Para que faixa etária seria o telejornal? Para que contexto?*

PAULA SALDANHA**Pergunta 3**

a) *Atualmente deveria existir telejornal feito especialmente para crianças? Sim. Certamente.*

b) *Por quê? Pela falta de opções de programas informativos e que dêem informações detalhadas e explicadas, promovendo a reflexão e o debate entre os jovens. A televisão brasileira ainda tem essa lacuna na programação.*

c) *Como deveria ser um telejornal feito especialmente para crianças? Deveria ser como o Globinho, mas com notícias e temas atuais. O Globinho apresentava assuntos com atualidade (abordados em outros telejornais). Era preciso conhecer os temas a fundo, para trocar em miúdos. Mas o Globinho ia além: explicávamos, por exemplo, a indústria da seca no Nordeste, anistia política, eleições diretas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos – temas proibidos na época da ditadura militar.*

PEDRINHO GUARESCHI

a) Não.

b) Não creio que os jornais, da forma que são realizados até o presente momento, possam contribuir na formação das crianças.

c) Não saberia responder essa pergunta.

PEDRO CARIBÉ

a) Sim, parece interessante.

b) Para adaptar a informação ao viés educativo, já que as crianças têm limitações para fazer abordagem crítica da mídia.

c) Basicamente, adaptando notícias dos grandes telejornais para o mundo infantil.

ROSALIA DUARTE

a) A meu ver, sim.

b) Porque as crianças dizem que desejam ficar informadas sobre o que acontece, têm uma compreensão da importância da informação e são extremamente curiosas. Um telejornal infantil poderia oferecer a eles a possibilidade de terem acesso a informação de seu interesse em um formato adequado. Mas precisaria, obrigatoriamente, ser interativo.

c) Interativo, baseado naquilo que elas desejam saber, com foco em ciência e tecnologia e em descobertas científicas. Precisaria ter atualidades, especialmente notícias sobre ao que acontece na região onde vivem as crianças (telejornais jornais locais), no país e no mundo, em formato adequado ao público infantil; e precisaria ter notícias sobre crianças ou sobre temáticas ligadas à infância.

PERGUNTA 4

A) HÁ OU DEVERIA HAVER UMA PREOCUPAÇÃO NA PRODUÇÃO DOS TELEJORNALIS ATUAIS QUANTO AO PÚBLICO INFANTIL QUE ASSISTE AOS TELEJORNALIS?

B) QUAIS

ANA CAROLINA TEMER

a) Não há, e não acho que deveria haver. Telejornal não é programa infantil.

Deve ser responsabilidade dos pais filtrar e contextualizar conteúdo ou, se eles acharem necessário bloquear conteúdos.

b) Em alguns casos, a questão do horário deve ser considerada. Jornais diurnos

devem ser menos enfático em alguns informações, dar menos destaque a violência, por exemplo, mas sem prejuízo a informação. Volto a destacar a impor

CÉLIA MARIA LADEIRA MOTA

a) Infelizmente não há. Evitam-se imagens muito chocantes, mas a produção é voltada para o público adulto. São interesses e temas muito distintos e não sei se o telejornal adulto deva incluir o público infantil. É abarcar demais a audiência. O ideal é que haja uma programação infantil maior, incluindo telejornais infantis.

b) Já respondido acima.

INÊS VITORINO

a) Sim.

b) Na verdade, creio que , em primeiro lugar, a preocupação deveria ser a de respeito ao público de maneira geral. A tendência de parcela expressiva do jornalismo contemporâneo à espetacularização, ao sensacionalismo, é algo lamentável. Este tipo de abordagem ainda recorre ao falso argumento de que isto seria assegurar o "direito a informação". Vou dar um exemplo banal para ilustrar o que digo. Informar um acidente, por exemplo, não requer a apresentação das vítimas ensanguentadas no meio da rua. Só este tipo de postura já deixaria o público em geral e as crianças em particular mais resguardadas. Gostaria, ainda de salientar que, embora classificados como de caráter jornalístico pelas emissoras, os programas policiais não deveriam receber este reconhecimento e, nesses casos, defendo que a classificação indicativa deveria ser aplicável.

LAUREN COLVARA

a) Acho difícil esta pergunta. Como disse o telejornal tem uma lógica própria e cada emissora terá uma linha editorial. De que emissora estaríamos falando? Globo? Sbt? Cultura? Só destas 3 eu já teria formas diferentes de responder.

Globo – se for seguir o padrão JN, haveria um jornal modelo americano e incrivelmente confuso do ponto de vista informacional.

SBT – teríamos um enfoque no sensacionalismo.

CULTURA – talvez a melhor em conteúdo, mas a pior em termos de propaganda. Facilmente a criança estaria exposta a propagandas para um público mais "s sofisticado" (\$\$\$\$)

b) NÃO RESPONDEU

LALO LEAL

a) Sim.

b) Poupar as crianças de cenas incompatíveis com o seu desenvolvimento físico e psicológico.

MARCUS TAVARES

a) Deveria, a partir do momento em que o público infantil é parte da audiência. Se há ou não, seria uma suposição. Acho que no dia a dia o que fala mais alto é o jornalismo para o adulto. Com certeza, o público alvo dos telejornais atuais não é a infância, nem a adolescência.

b) Penso que se houvesse uma preocupação dos telejornais atuais com a criança, este teria que deixar de ser, na linguagem das emissoras, um telejornal adulto. Passaria a ser um telejornal para a criança.

PAULA SALDANHA

Pergunta 4

a) Há ou deveria haver uma preocupação na produção dos telejornais atuais quanto ao público infantil que assiste aos telejornais?

Acredito que os telejornais cumprem sua função informativa e não há problemas com público infantil. Os problemas estão em outros programas, do gênero reality shows e filmes estrangeiros, que exibem demasiadamente indolência e violência (nessa ordem).

b) Qual(is)? O principal problema é a banalização da violência.

PEDRINHO GUARESCHI

a) Certamente sim, os jornais, tanto quanto a programação das emissoras de televisão, estão voltados ao consumo e as notícias não fogem desse princípio do liberalismo.

b) Nesse momento, acredito que não existe nenhuma preocupação por parte das autoridades competentes, no entanto há ONGS como o “Projeto criança e consumo”, da Fundação Alana, do qual faço parte, que desenvolve atividades que despertam a consciência crítica da sociedade brasileira a respeito das práticas de consumo de produtos e serviços por crianças e adolescentes. O foco desse projeto é debater e apontar meios que minimizam os impactos negativos causados pelos investimentos maciços na mercantilização da infância e da juventude, tais como o consumismo, a erotização precoce, a incidência alarmante de obesidade infantil, a violência na juventude, o materialismo excessivo, o desgaste das relações sociais, dentre outros, faz parte do conjunto de ações pioneiras do Projeto que busca, como uma de suas metas, a proibição legal e expressa de toda e qualquer comunicação mercadológica dirigida à criança no Brasil.

PEDRO CARIBÉ

a) Sim.

b) Em relação a imagens inadequadas para o público infantil ou conteúdos que não possam ser compreendidos em sua inteireza.

ROSALIA DUARTE

a) Não há. Não estou certa se deveria haver. Se o produto não é endereçado às crianças, isso precisa ser informado na classificação indicativa do programa e cabe aos pais a decisão quanto a permitir ou não que as crianças assistam e/ou a assistir com elas e conversar sobre o conteúdo do programa etc. Não se trata de “infantilizar” um produto para adultos, trata-se de tornar esse produto mais qualificado, menos sensacionalista, menos apelativo, menos narrativo e mais denso, dando valor ao conteúdo e à qualidade da informação que veicula, o que hoje não ocorre. Mesmo assim, eles não seriam adequados às crianças, pois deveriam ter os adultos como foco.

b) NÃO RESPONDEU

OUTRAS CONSIDERAÇÕES QUE JULGAR NECESSÁRIAS

ANA CAROLINA TEMER -

CÉLIA MARIA LADEIRA MOTA

Bem, quem sabe o resultado desta pesquisa possa influir nas mudanças que se tornam necessárias na programação geral da TV no Brasil, para que tenhamos programas melhores, que respeitem a inteligência dos telespectadores. Seria uma contribuição muito importante para a educação integral do brasileiro. Hoje, se cobra muito das escolas a melhoria da educação, mas as emissoras e os meios de comunicação em geral não fazem a sua parte. Melhorar a nossa qualidade de vida é prioridade para todos e não só para os professores.

INÊS VITORINO

LAUREN COLVARA

Eu me ponho a disposição para que possamos dialogar. Caso algum posicionamento não tenha ficado claro.

De qualquer forma, parabênizo pelo fato de estarem lidando (orientando e orientadora) com assunto tão espinhoso quanto crianças e meios midiáticos.

LALO LEAL -

MARCUS TAVARES -

PAULA SALDANHA

O diferencial desse telejornal era dado pelos editoriais e pelas reportagens, onde o foco era a criança, era o jovem – enfim, tudo era pensado para as novas gerações. A linguagem também era bem cuidada, mas nunca simplificada.

Segundo o IBOPE, 50% da audiência era de crianças e 50% de adultos – gente com mais de 18 anos. Um público bem diversificado, em todo o país, que dava ao Globinho recordes de audiência, sempre. Acredito que, em época de ditadura militar, o Globinho era um dos programas mais engajados do telejornalismo – exatamente porque não tinha censura prévia.

PEDRINHO GUARESCHI

Há muita produção do Instituto Alana, inclusive alguns artigos que escrevi, que são muito interessantes quanto a esse assunto de mídia e infância. Eles, inclusive, tem um setor jurídico que constantemente leva ao Ministério Público problemas de abuso de propaganda infantil.

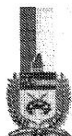
PEDRO CARIBÉ -

ROSALIA DUARTE -

Todos os sujeitos da pesquisa autorizaram a divulgação dos dados, de conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Anexo 07 . Parecer Comitê de Ética

Certificado

[https://sistema.cep.ufsc.br/certificado/certificado....](https://sistema.cep.ufsc.br/certificado/certificado...)


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CERTIFICADO nº 1869

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º 0584/GE-99 de 01 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o pedido no Regimento Interno do CEPSH, **CERTIFICA** que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado, estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP.

APROVADO

PROCESSO: 1869 FR: 408960

TÍTULO: Telejornalismo para crianças no Brasil: a ponta do iceberg.

AUTOR: Monica Fantin, Leopoldo Nogueira e Silva

FLORIANÓPOLIS, 07 de Abril de 2011.

Magdalena Kersch
Coordenadora do CEPSH/UFSC
Profa. Magda Santos Koerich
Subcoordenadora
CEPSH/PRPE/UFSC

Apêndice 1

Declaração de Amor aos Seres Humanos

Recordando e reafirmando os princípios declarados na Carta Universal dos Direitos Humanos da ONU nós, seres humanos que decidimos livre e amorosamente nos encontrar nestes três dias mágicos para semear a Paz, fazemos a seguinte Declaração de Amor aos Homens e Mulheres da Terra:

1. Todas as pessoas do mundo têm o direito de viver e de sonhar com um planeta mais justo e pleno de dignidade e de amor.
2. Todas as pessoas do mundo têm o direito de brincar na chuva e soltar barquinhos de papel nas sarjetas e enxurradas.
3. Todas as pessoas do mundo têm o direito a uma educação que forme seres humanos livres, criadores, inventores e produtores de novos conhecimentos.
4. Todas as pessoas do mundo têm o direito de construir a sua própria “Constituição”, escolhendo os valores para nortear uma conduta pessoal solidária e fraterna.
5. Todas as pessoas do mundo têm o direito de estabelecer relações humanas amparadas na fraternidade e no respeito à diferença.
6. Todas as pessoas do mundo têm o direito de se encontrar pelos caminhos que levam à festa e à fruição da vida e da alegria.
7. Todas as pessoas do mundo têm o direito de escutar o Outro e comungar de suas esperanças e sonhos.
8. Todas as pessoas do mundo têm o direito de plantar girassóis para que todas as tardes sejam de primavera.
9. Todas as pessoas do mundo têm o direito de descobrir o sorriso ou a dor que mora no Outro.
10. Todas as pessoas do mundo têm o direito de ser, ao mesmo tempo, flor e beija-flor, para provar da doçura que é a natureza do Outro.
11. Todas as pessoas do mundo têm o direito de habitar em casas que sejam como corações abertos, acolhedoras e sem trancas, onde sempre brilhe a luz da fraternidade.
12. Todas as pessoas do mundo têm o direito de construir dentro de si mesmas um templo para o seu Deus, na forma em que O conceberem.

13. Todas as pessoas do mundo têm o direito de se embriagar de paixão e de se “jogar nos precipícios para colher morangos”, somente saboreados por aqueles que ousam se atirar para além de todas as limitações impostas.
14. Todas as pessoas do mundo têm o direito de não morrer de saudade e de percorrer os caminhos que levam ao encontro e aos beijos dos amantes.
15. Todas as pessoas do mundo têm o direito de que o trabalho seja um campo em que floresça a dignidade humana, sempre no horizonte de servir e amar o Outro.
16. Todas as pessoas do mundo têm o direito de serem os guardiões dos portões do Jardim da Humanidade.
17. Todas as pessoas do mundo têm o direito de saborear os frutos coloridos e suculentos da sabedoria, da arte e da ciência sem precisar dar dinheiro em troca.
18. Todas as pessoas do mundo têm o direito de não serem medidas por suas posses.
19. Todas as pessoas do mundo têm o direito de se expressar livremente, impregnando a palavra de paixão transformadora.
20. Todas as pessoas do mundo têm direito à comunicação e à informação para construir um mundo baseado na igualdade entre homens e mulheres.
21. Todas as pessoas do mundo têm o direito de acreditar que a unidade, com respeito às diferenças dos povos, é não somente possível, mas inevitável para alcançar a paz mundial.
22. Todas as pessoas do mundo têm o direito de saber a verdade sobre os caminhos e os roteiros que levam à liberdade e à dignidade.
23. Todas as pessoas do mundo têm o direito de conviver amorosamente com os animais e com todos os seres da natureza que estão na Terra.
24. Todas as pessoas do mundo têm o direito de transformar os muros que as separam em praças onde todos se encontrem para celebrar a cidadania e a solidariedade.
25. Todas as pessoas do mundo têm o direito de errar e serem amparadas carinhosamente na retomada da vontade de crescer e aprender mais e mais.
26. Todas as pessoas do mundo têm o direito a não mais ter medo das palavras Paz e Amor.

27. Todas as pessoas do mundo têm o direito de cultivar a terra e dela receber o alimento sagrado para o sustento do corpo e da alma.

28. Todas as pessoas do mundo têm o direito de chorar de alegria.

29. Todas as pessoas do mundo têm o direito de receber tratamento humano na saúde e na doença e de fazer escolhas livres e conscientes sobre tudo que envolva a vida e a morte.

30. Todas as pessoas do mundo que não sonham estes sonhos têm o direito de serem tocadas no coração para que desejem também caminhar na beleza...

Encontro de Jornalistas para a Paz

Florianópolis, 08, 09 e 10 de dezembro de 1998...

Apêndice 2

Das três transformações

Friederich Nietzsche

In Assim falou Zaratustra

Primeira Parte . Os discursos de Zaratustra

Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se converte em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.

Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o espírito forte e de carga, respeitoso. A força desse espírito clama por coisas pesadas.

O que há de mais pesado? – pergunta o espírito de carga. E ajoelha-se feito camelo e quer que o carreguem bem. Que há de mais pesado, heróis? – pergunta o espírito de carga – para que eu o deite sobre mim, e a minha força se recreie?

Não será rebaixarmo-nos para o nosso orgulho padecer? Deixar brilhar a nossa loucura para zombarmos da nossa sabedoria?

Ou será separarmo-nos da nossa causa quando ela festeja a sua vitória? Escalar altos montes para tentar o que nos tenta?

Ou será sustentarmo-nos com bolotas e erva do conhecimento e sofrer fome na alma por causa da verdade?

Ou será estarmos enfermos e despedir a consoladores e travar amizade com surdos, que nunca ouvem o que queremos?

Ou será nos afundar em água suja quando é a água da verdade, e não afastar de nós as frias rãs e os quentes sapos?

Ou será amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma quando nos quer assustar?

O espírito de carga sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto.

No deserto mais solitário, porém, se efetua a segunda transformação: o espírito torna-se leão; quer conquistar a liberdade e ser senhor no seu próprio deserto.

Procura então o seu último senhor, quer ser seu senhor, quer ser seu inimigo e de seu último deus; quer lutar pela vitória com o grande dragão.

Qual é o dragão a que o espírito já não que chamar Deus, nem senhor? 'Tu deves', assim se chama o grande dragão; mas o espírito do leão diz: 'Eu quero'.

O 'tu deves' está postado no seu caminho, como animal escamoso de áureo fulgor; e em cada uma das suas escamas brilha em douradas letras: 'Tu deves!'

Valores milenários cintilam nessas escamas, e o mais poderoso de todos os dragões fala assim:

'Todos os valores das coisas brilham em mim.

Todos os valores foram já criados, e eu sou todos os valores criados. Para o futuro não deve existir o eu quero!' Assim falou o dragão.

Meus irmãos, que falta faz o leão no espírito? Não será suficiente a besta de carga, que abdica e venera?

Criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode o poder do leão.

Para criar a liberdade e um santo NÃO, mesmo perante o dever; para isso, meus irmãos, é preciso o leão.

Conquistar o direito de criar novos valores é a mais terrível apropriação aos olhos de um espírito de carga e respeitoso. Para ele isto é uma verdadeira rapina e próprio de um animal rapace.

Como o mais santo amou em seu tempo o 'tu deves', e agora tem de ver a ilusão e arbitrariedade até no mais santo, a fim de conquistar a liberdade à custa de seu amor. É preciso um leão para esse feito...

Dizei-me, porém, irmãos: que poderá a criança fazer que não haja podido fazer o leão? Para que será preciso que o altivo leão se converta em criança?

A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si mesma, um primeiro movimento, uma santa afirmação.

Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é necessário uma santa afirmação; o espírito quer agora a sua vontade, o que perdeu o mundo quer alcançar o seu mundo.

Três transformações do espírito vos mencionei: como o espírito se converteu em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.”

Assim falava Zaratustra. E nesse tempo residia na cidade que se chama “Vaca Malhada”.

Apêndice 3

Canção tema das jornadas Mídia e Imaginário Infantil

NICA/UFSC

*As meninas e os meninos do Brasil
Tão querendo falar tanto pela tela e pelo fio
Tão buscando a sua cara
Tão querendo se ver grandes
No retrato que a TV coloriu.
A TV, as revistinhas, a internet
O CD e as figurinhas do chiclete
A imagem que é viagem num tapete voador
No retrato que o artista iluminou
Tantos cantos pros encontros
Com o brinquedo
Com o segredo
Com a magia
Tantos cantos pros encontros
Com a cidade
O nó na rede
E a poesia
Liga-liga-liga
Toca-salva-clica
Passa-passa-passa
Passará.
Qual é teu e-mail?
Fim, começo e meio
Um meio por inteiro
Pras crianças de qualquer lugar
Um sítio neste site paraa gente se encontrar
Um plug brasileiro pras crianças de todos os cantos
Um meio por inteiro pras crianças de dois mil e tantos.*

Apêndice 4

Manifesto das Crianças

Leo Nogueira

Crianças de todo o mundo, uni-vos!

As crianças têm toda a infância a perder se não soltarem a imaginação e abrirem as caixas de brinquedos para libertar a Esperança como uma pandorga livre no ar. Têm um mundo a sonhar e realizar como seus. Crianças, coloquem em primeiro lugar, como ponto fundamental, a questão de se apropriarem de todas as terras para plantar flores e grãos com suas pás, baldes e regadores. Finalmente, unam-se para que todos as entendam em todos os países.

Em resumo, sejam a favor de tudo aquilo que as coloque a caminho dos jardins que esperam a revolução das estações com suas alegrias, com o sol, a lua, as estrelas, a chuva, o vento, o tempo.

Borboletas, abelhas, minhocas, passarinhos, todos se aliam a favor de seus sonhos. Em lugar dos antigos blocos de cimento duro ou asfalto seco, associem-se a cada um para que todos possam correr livres pelos jardins e campos à espera de sua vida.

O seu poder, crianças, está para converter a secura das paisagens em florestas e bosques perfumados de doçura e sorrisos. Desapareçam, como que por encanto, todos os seus medos quando vocês se derem as mãos para isso.

Sim, isso poderá se realizar em 10 passos como no jogo de amarelinha, pé-ante-pé, indo das tristezas das paisagens que lhes foram dadas até além, onde o céu se põe em espetáculo de cores. Vamos, se abracem. Pulem!

As crianças arrancarão de seus corações, pouco a pouco, todas as ervas daninhas que lhes foram plantadas pela tradição das escolas, como tem acontecido através dos séculos. Isso não acontecerá novamente neste maravilhoso jardim-de-infância.

Do mundo antigo há árvores que lhes foram mostradas lindas, como a da liberdade, a da justiça e tantas outras que jamais lhes foram dadas para brincar. Mas, em seu jardim, todas as novas árvores estarão verdes na primavera para vocês balançarem em seus galhos, e se deitarem às suas sombras nos dias de calor. Venham, tragam suas sementes para plantar de novo aquela Esperança.

Uma nova história começa a partir de sua semente. Que nos canteiros de flores sejam desmarcadas todas as fronteiras de sua meninice, para que seja conquistada a amizade entre todos, numa só pátria de solidariedade como flor desabrochada por seus anseios.

Meninas e meninos, tragam seus gracejos e sua vida! Venham com todos os seus brinquedos fazer casinhas nas árvores, reencontrar uma família de irmãs e irmãos que compartilhem a vontade de recriar os laços de ternura e afeto.

Brinquem, que as árvores e o jardim são de todos.

Inventem suas novas formas de brincar, esqueçam-se das pilhas e dos manuais de instruções de cada jogo que lhes foi ensinado. No amor e companheirismo dedicados uns aos outros poderão ser descobertas outras maneiras de contar e fazer histórias. Sejam livres para fazer a sua linda história de amor e solidariedade.

Crianças, que seus corações estejam abertos para compartilhar a riqueza de idéias e ideais de cada um. Que o futuro seja construído a partir de seus sonhos de ventura. Repartam, de mãos cheias de alegria, os abraços e cuidados para com tudo e todos. Construam, assim, seu mundo novo.

As flores e os frutos deste jardim são abundantes. Juntem suas mãos para colher mil buquês, façam suas cestas para depois irem repartir estas alegrias plantadas e descobertas. Repartam este jardim aos outros, chamem mais crianças para brincar, que estes campos são para todos. Unam-se.

Deixem os bancos enfadonhos das escolas que transformam as crianças em peças de máquinas, e dispersem-se pelos canteiros em busca do que aprender com seus novos amigos. Ah, crianças, abram suas asas da imaginação para tocarem-se e repartirem o que têm aprendido. Subam às árvores, iniciem hoje este processo de compartilhamento destes sonhos.

Continentes inteiros esperam sua chegada, crianças, para que da terra brote as esperanças adormecidas. As cidades mortas, as casas vazias de ternuras, as estradas poeirentas, os campos aguardam sua vinda. Espalhem-se, recriem a natureza à imagem e semelhança de seus sonhos. Que a solidez das flores se desmanche no ar em bem-te-queros através dos seus perfumes.

Ah, crianças, que as manhãs de seus sonhos façam cair os véus das antigas e tristes noites de quando seus sonhos lhes foram retirados. Sejam corajosas, vivam seus ideais, despertem da sonolência que lhes foi imposta pelos contadores de uma história que lhes tirou a dignidade e os finais felizes.

Em cinco pétalas e palavras: acordem, brinquem, vivam, realizem, sonhem.

Sorriam ao compartilharem suas flores, sentem-se à grama e recriem seus brinquedos. Inspirem as outras crianças adormecidas a brincarem também. Quando elas ouvirem suas gargalhadas saberão que podem se juntar à brincadeira e realizarem as vontades de sua imaginação.

Crianças, um mundo despedaçado em ruínas espera sua chegada para que novas formas de viver em alegria recrie a beleza para as futuras estações.

Um tempo de pás, de baldes, de regadores, enxadas, foices e martelos para que sejam derrubadas todas as cercas, muros e portões que as separavam de seus sonhos.

Crianças do mundo inteiro, uni-vos!

Apêndice 5

O silêncio

Célia Laborne

É hora de silêncio, os pássaros se recolhem, mas a cidade não dorme. Por isso, pensei em procurar uma plataforma política ou um gráfico importado com palavras estranhas, para inserir-me no contexto geral, atualizando-me no mundo e na mídia sábia e desbravadora de novos horizontes.

Poderia, quem sabe, reformar a Terra ou talvez os Céus onde eventualmente moro ou faço estágios. Lá em baixo desafiam-se o futebol, o rock, o desfile de modas, as novelas. Também as fraudes, os roubos, a impunidade, sobretudo o medo de todos e de tudo.

Quero dividir com alguém o grande medo que não para de crescer nas ruas e nos lares e a todos atinge, mesmo àqueles que fingem um sorriso ensolarado.

Queria conviver serenamente com esse século novo, mas preciso mudar urgentemente, surfando entre modernidades muito novas para meus olhos que vêem além destes horizontes. Mas, afogada em lirismo e luzes cruzando céus, temo não sobreviver por muito tempo.

A verdade é que preciso aterrizar de avião, para-quedas ou helicóptero; preparem-me uma pista, mesmo poluída. Depois verei, quando estiver na Terra, se ainda tenho a mesma face, ou se tornei-me um robô de último tipo e fácil aceitação na praça.

Por hora, um celular chama-me e o micro-ondas dá seu sinal. Vou apagar as velas e acender candelabros de luz fluorescente e econômica.

Nos prédios de formas aerodinâmicas, de onde expulsaram a luz do sol e as brisas da manhã, o ar refrigerado já está ligado e, em salões semi-obscurcidos as conferências se instalam.

A globalização rodeia a todos e cobra de todos, o seu preço que ninguém pode discutir, pois os políticos estão em recesso e as rosas emudeceram.

Silêncio...